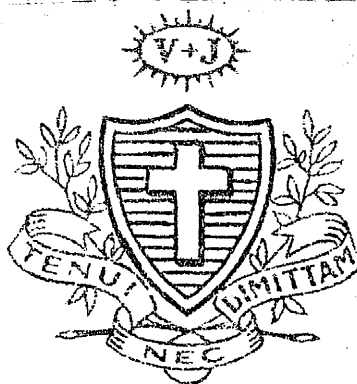


CAPÍTULOS

do Reverendíssimo Padre LUÍS BRISSON O.S.F.S.



Capítulos 1873 -1887

1

Paróquia Stº Antônio - Palmeira das Missões - RS - outubro 1986

Í N D I C E - C A P Í T U L O S 1 8 7 3 - 1 8 8 7

	pág.
Prólogo	9
<u>CAPÍTULOS 1873</u>	
Apresentação do Trabalho do Revm ^o Padre Jacob	11
Intenções Gerais para os Oblatos de São Francisco de Sales	12
O Levantar dos Irmãos	13
A Meditação	14
A Reta Intenção nos Afazeres	16
O Ofício Divino	18
A Assistência à Santa Missa	18
O Exame da Consciência	18
As Refeições	19
<u>CAPÍTULOS 1874 - 1875</u>	
<u>CAPÍTULOS 1875 - 1876: O Espírito dos Oblatos de São Francisco de Sales</u>	26
<u>CAPÍTULOS 1878 - 1879</u>	
O Levantar dos Irmãos	29
A Meditação	31
A Reta Intenção	33
Como se deve participar da Santa Missa	34
O Exame da Consciência	35
A Refeição	36
O Recreio	38
O Silêncio	40
O Deitar - A Confissão	42
A Maneira de administrar o Sacramento da Penitência	43
A Santa Comunhão	44
A Pregação	46
As Provações - Conselho sobre o Diretório	47
As Obrigações dos Noviços para com seu Mestre	49
Os Deveres para com o Mestre de Noviços e o Superior	50
Ensinamentos muito úteis	52
A Atitude Exterior - A Caridade - A Vontade de Deus	54
A Admissão dos Religiosos	56

As "Culpas" e a Regra	58
A Obediência	60
A Obediência e a Castidade	63
As "Culpas" e o Diretório - O Superior	65
O Diretório - O Assistente - O Ecônomo e os Bens Materiais	67
O Mestre de Noviços - A Prestação de Contas - Irmãos - Obras dos Oblatos	68
As Leis Civis sobre o Ensino - As Ocupações Diárias	70
O que se deve fazer semanalmente	72
O que observar cada mês - A Meditação	73
A Atitude Exterior e Interior	76
O que se deve observar cada mês e cada ano	78
Fidelidade à Observância	79
Caridade Cordial	81
A Atitude Exterior e Interior	83
A Obediência	84
A Observância	85
Ensinamentos sobre diferentes pontos da Regra	86
O modo de agir com as pessoas de fora	88
A Obediência - Os Doentes	89
O Prefácio do Diretório	90
A União com Deus, finalidade de nossa vida	92
O Diretório, meio de Santidade	94
O Diretório - Anelos especiais	95
 <u>CAPÍTULOS 1880</u>	
A Meditação	96
A Sinceridade para com Deus	98
O Jejum	99
Caridade - Humildade - Firmeza	101
Fidelidade ao Diretório	102
O Diretório	104
 <u>CAPÍTULOS 1881</u>	
Os nossos Votos	105
A Obediência	106
A Pobreza e a Castidade	108
Amar a Nosso Senhor	110

As "Culpas" - Amar a Jesus Cristo	110
-----------------------------------	-----

CAPÍTULOS 1882

O Prefácio do Diretório	113
O primeiro Artigo e o primeiro Anelo	115
A Confissão	116

CAPÍTULOS 1885

As diversas Funções da Congregação	117
Retiros e Missões	120
A Ordem do Dia	122
O que se deve observar cada dia	125
O que se deve observar cada dia	127
O que se deve observar cada semana	128
A Madre Maria de Sales	130
A Descrição	131
O Diretório	133
O Espírito da Congregação	134
Não façamos política - A Lei Militar - A Ordenação	137
O Diretório - A Regra	138
Natal	139

CAPÍTULOS 1886

O Processo da Boa Madre - O Espírito dela	140
Nossa Finalidade	142
Obediência ao Superior - Fidelidade à Regra - Nossas Obras	145
Os Irmãos Leigos - O Trabalho - Os Maçons - As Vocações -	
O Postulado	148
Os Noviços - A Direção Espiritual - As Vocações	152
O Noviciado - Os Votos	155
O Noviciado - A Pobreza	157
O Obediência	161
A Obediência - A Paixão	164
A Castidade - As Cartas e as Relações com o Mundo	166
O Espírito e as Virtudes da Congregação - A Doutrina de São Francisco de Sales	170
A Doutrina de S. Francisco de Sales e as Virtudes Principais da Congregação	173

A Meditação - O Horário - O Diretório	174
A Meditação	177
A Visita ao SS. Sacramento - A Presença de Deus - Os Exames	180
O Diretório (Manual) - A Meditação - A Reta Intenção	182
A Obediência - A Caridade	184
Amor à Comunidade - A "Vida" (da Boa Madre)	187
A "Vida" da Boa Madre	190
Os Exames de Consciência - O Ofício - O Estudo	193
O Retiro - O Diretório (Manual)	197
Nosso Espírito	199
A maneira de agir para consigo mesmo	201
As relações mútuas entre os Oblatos de São Francisco de Sales	204
 <u>CAPÍTULOS 1887</u>	
A maneira de agir com os estranhos	208
Relacionamento mútuo dos Oblatos de São Francisco de Sales	212
Preparação à Festa de São Francisco de Sales	216
A maneira de agir perante pessoas estranhas	217
Quaresma - Os Doentes	220
A maneira de agir perante estranhos	223
Os Doentes	226
A aprovação iminente das Constituições	229
Os Doentes - Os deveres do Instituto ante a Igreja e perante a Papa	230
Os deveres do Instituto perante a Igreja e a Santa Sé	233
A Finalidade do Instituto - Os Padre e os Irmãos Coadjutores -	
	A Admissão Inicial 237
Renovação pessoal	240
A união à Igreja e entre nós	242
Firmeza em contratempos	243
Fidelidade, baluarte em contratempos	245
Firmeza nas provas	247
Preparação ao Retiro	248
Adesão a Deus e à Obediência, concretamente	252
Regimento Interno - Férias - Promoção Vocacional	257
Espírito de Comunidade - Mortificação constante - O Estudo - Re-	
lacionamento com os alunos - A Biblioteca	262
União a Deus	266

O Vínculo da Caridade .	269
União com Deus - Mementos - Pobreza .	272
União a Deus - Vivência da Pobreza	275
A Meditação: Filotéia, Tratado do Amor de Deus, Diretório, Pales- tras Íntimas e.o.	278
A Preparação para o dia	281
A Meditação	283
A Meditação - A Reta Intenção	286

-0-0-0-0-0-0-0-0-0-0-

P R Ó L O G O

Acabamos de completar a reprodução dos Capítulos, dos Retiros e das Alocuções do Reverendíssimo Padre Brisson; ele mesmo tinha-nos incumbido da tarefa de transcrevê-los e de mandá-los aos nossos Padres. O Presente trabalho abrange o período do ano 1885 até o fim, ou seja, até os anos 1902, 1903. As palavras do nosso Bom Padre foram recolhidas, em seguida autografadas sobre massa gelatinosa, primeiro com tinta roxa; depois, seguindo processos diferentes, com tinta preta. Uma parte menor, também, pôde ser impressa nos anos 1894 - 1895. Terminamos, pois, bem recentemente este imenso trabalho no tocante aos retiros de 1890 e 1891, que já há trinta e dois anos estavam guardados no meio de nossos papéis; não podíamos encontrar o tempo para sistematizá-los definitivamente e pô-los em dia.

Tudo o que assim se reuniu sobre o nosso venerável Padre foi trabalho pessoal nosso, pelo menos na maior parte; mas algumas vezes, especialmente nos últimos anos, tivemos alguma ajuda amiga. Agora, então, está tudo publicado. São uns trinta cadernos bastante volumosos. Mas também, já leva trinta e sete anos esta publicação! Os primeiros Capítulos autografados, em 1885 - 1886, tiveram uma tiragem de uma dúzia de exemplares e, às vezes, nos custou muito para chegar a isso!... Pouco a pouco, o número aumentou; o processo de autografia se tem aperfeiçoado. Acontece que um número bastante grande de exemplares dos Capítulos, Retiros e Alocuções está esgotado. Verdade é que, uma vez que se pensar imprimi-los, como já existem transcritos e publicados, será fácil reproduzi-los. Falta ainda um trabalho para fazer: é este que assumimos. Desde os primeiros anos da fundação do Instituto, já se sentia a necessidade de conservar o texto original dos ensinamentos do nosso venerável Padre. Mais tarde, quando "São Bernardo" se disseminou e se fizeram novas fundações, se queria que cada obra aproveitasse do que o nosso Padre dizia aos Oblatos de "São Bernardo". É verdade que, no começo, não havia a preocupação de reproduzir com a máxima fidelidade, como estenografando, a própria palavra do nosso Fundador, mas pelo menos se tratava de apresentar o mais fielmente possível o sentido e a síntese. Reencontramos essas preciosas lembranças, os nossos primeiros tesouros, podemos dizer; e com eles queremos beneficiar todos os nossos irmãos.

As primeiras redações foram elaboradas por Padre Jacob, o primeiro Mestre dos noviços. Relatam os noviciados do Reverendíssimo Padre Brisson nos anos 1873, 1874, 1875.

Após a fundação do colégio "São Francisco de Sales" em Macon e, mais tarde, da escola "Santa Ana" em Saint-Ouen, o nosso venerável Padre encarregou ao Padre José Maréchaux e, quando este impedido, ao Padre José Lebeau, nosso atual venerável Padre Superior Geral, para que coletasse e multiplicasse os Capítulos. Fizeram isso a partir de 1877 e nos anos seguintes. Nos anos 1884 - 1885 ficou encarregado o Padre Noirot. Eu mesmo fui destinado para isso em outubro de 1885; é a partir do Retiro Geral de 1884 e dos Capítulos de 1885 - 1886 que comecei a reprodução mais fiel possível das próprias palavras do nosso venerável Padre.

Eis, portanto, o trabalho realizado do Padre Jacob, do Padre Maréchaux e dos Padres Lebeau e Noirot.

Albano, 29 de janeiro de 1922.

R. Pernin, sênior

CAPÍTULOS DE 1873APRESENTAÇÃO DO TRABALHODO REVMO. PE. JACOB

Depois da Congregação dos Oblatos de São Francisco de Sales ter sido fundada canonicamente pelo Exm^o Senhor Bispo de Troyes no domingo, dia 14 de outubro de 1873, os membros, a partir dessa época, tomam a peito a observância perfeita de todos os pontos de sua Regra e fazem questão que as Assembléias, chamadas de Noviciado Mor, se realizem todas as semanas, enquanto o Revm^o Padre Brisson explica a Regra e forma seus religiosos. Mas é importante que palavras tão suaves e firmes, que saem da boca do nosso Revm^o Padre Superior, que nutrem tão divina e maravilhosamente nossos espíritos, sejam anotadas, pelo menos substancialmente, para que não se percam, nem para nós, nem para os que virem para esta Congregação depois de nós.

Alimentado e vivendo por muitos anos do espírito de São Francisco de Sales, estando diariamente, durante 35 anos, em contato com a comunidade da Visitação, onde reina tão vigorosamente esse espírito, o Revm^o Padre Brisson é o homem escolhido por Deus para comunicar-nos o espírito de nossa santa vocação. É evidente, além disso, que Deus está com nosso Padre de uma forma admirável e que frequentemente o inspira com pensamentos que o homem sozinho já não pode ter sem intervenção divina.

Aqui não serão reproduzidos textualmente os colóquios do nosso Padre; contentar-nos-emos em dar um resumo exato e conciso.

Deus seja bendito!

I N T E N Ç Õ E S G E R A I SP A R A O S O B L A T O S D E S Ã O F R A N C I S C O D E S A L E S

O fim dos Oblatos é o de unir-se a Deus. Nossa vida nesta Congregação deve ser a vida de união com o nosso divino Mestre Jesus Cristo. Esta é a idéia cristã na sua totalidade, na concepção como Nosso Senhor mesmo no-la ensinou ao dizer: "Eu sou a videira; vós sois os ramos" (Jo 15,5). Como o ramo não pode dar fruto, se não permanece na videira, assim vós não podereis produzir frutos, se não ficardes em mim.

Viver sobre a terra em união com Deus de maneira que Deus esteja em nós e nós nele; que ele realize em nós todas as coisas e que seja ele a vida de nossas almas: esta é a nossa vocação. É a vida do céu antecipada porque no céu estaremos em Deus e nele viveremos.

Tudo o que os Oblatos fizerem, portanto, deverá ser divino, porque tudo será feito com Deus e em Deus. As boas obras, as orações, os trabalhos deles deverão, por assim dizer, sair do Coração de Deus, para produzir os frutos que Deus deseja. E se vê que essas obras tão santas produzirão esses frutos em grande abundância, conforme os desígnios de Deus, seja em prol da Igreja, seja para a salvação do próximo.

Que sejam santos, pois, os filhos de São Francisco de Sales e que sejam santos no Coração de Deus. O Coração de Jesus é a morada que o nosso Padre São Francisco de Sales indicou para as suas filhas da Visitação; é a morada, igualmente, de seus filhos, os Oblatos! É aí, na fornalha do amor e da vida, que hemos de morar e viver! Que vida santa!

É o que nosso Santo Fundador propõe a todos nós e é por isso, para alcançar esse fim, que ele nos apresenta suas aspirações no começo deste livro.

Ele nos deseja o amor mútuo, que é a união entre todos. A união das nossas almas deve ser a consequência da nossa união com Deus. Nosso Santo Fundador deseja que Nosso Senhor mesmo escreva nesse livro da Congregação dos Oblatos o nome de todos! Que ninguém ingresse nesta Congregação por própria conta ou por meio de outros, mas somente pela inspiração de Deus! A idéia da vocação divina para esta Congre-

gação está gravada no espírito do nosso Bem-aventurado Padre. E que sempre se saiba que não é permitido entrar por si ou trazer alguém por si nesta Congregação, da qual Deus é a vida, e conseqüentemente o Mestre. Aqui, o homem não é nada, porém Deus é tudo, tanto em cada um como em todos.

O nosso Santo Fundador promete, em seguida, toda a espécie de bênçãos para seus verdadeiros filhos, chamados por Deus! Promete-lhes suas orações e sua comemoração. Quanto não deve pensar no céu em seus filhos que o céu lhe dá e com quanto amor não deve apresentá-los diante de Deus. Porque, se ele prometeu às suas filhas de rezar por elas, enquanto estava na terra, não se pode conceber que não reze mais ainda por suas filhas e seus filhos, agora que está no céu.

Os últimos desejos de São Francisco de Sales em favor de seus filhos nos encantam e mostram como ele ama aos que lhe pertencem.

-0-0-0-0-0-0-0-0-0-0-

S O B R E O L E V A N T A R D O S I R M ã O S

É importantíssimo, afirma nosso Padre, que todos os Irmãos e Padres assumam os pensamentos do Diretório e se acostumem a dirigir a Deus segundo a maneira de São Francisco de Sales.

Mesmo que possamos pensar em Deus de outra forma, se não pensarmos do modo de São Francisco de Sales, não seremos Oblatos. Precisa, portanto, que nos formemos todos nesse molde, sujeitando-nos a esse método, sobretudo no começo. Mais tarde, a quantidade destes atos espirituais não nos pesará mais, pois a multiplicidade se reduzirá a uma simplicidade que abarcará todos os atos em questão.

Sem essa submissão do nosso espírito a esse método, a essa sequência de atos interiores, não teremos o característico dos Oblatos! Seremos regulares, cristãos, e até religiosos, mas não seremos religiosos de São Francisco de Sales. Os Oblatos têm algo particular: seu Diretório espiritual foi traçado por São Francisco de Sales. Observando-o bem, imitaremos intimamente nosso bem-aventurado Fundador.

Cada um, pois, se esforce a tomar os pensamentos do levantar

como estão indicados neste artigo do Diretório. Não há necessidade de fórmulas nem de palavras, porque se trata de pensamentos e elevações do coração para Deus. Sendo nossa vida uma vida de união, é justo que no primeiro momento de nosso dia vamos lançar-nos em Deus e mergulhar-nos no Coração de Jesus, nossa morada. Os outros pensamentos devem seguir amorosamente esse primeiro pensamento de amor.

A Ave Maria ou o Angelus se deveria tocar alguns minutos após o levantar. Cada um deve rezá-lo nesse instante, ainda que não se toque. A Ave Maria é seguida pela oração da manhã, que se reza com muita fé, deixando-se penetrar pela Santa Majestade de Deus, que nos rodeia. É particularmente importante, que essas primeiras elevações do coração para Deus sejam vivas, ardentes como fogo. Assim os Oblatos estejam totalmente em Deus desde o início do dia.

Recomenda-se especialmente a prontidão e a presteza no levantar. Doar tudo a Deus, e muito vivamente, no primeiro instante, ao começar o dia, é um ato delicado de amor que toca o Coração de Deus e atrai numerosas bênçãos sobre o dia todo; é um meio, também, para achar-se forte e disposto a todas as ações que seguirem. Pois, sendo mole no começo, a gente cochila, por assim dizer, durante o dia todo. Que cada um, pois, se levante ao primeiro sinal, assim Deus, e não o diabo, tendo o primeiro instante de nossa vida depois do descanso.

-O-O-O-O-O-O-O-O-O-O-

S O B R E A M E D I T A Ç Ã O

A meditação inicia vinte minutos após o levantar. Ainda que o Diretório afirme que a formação na oração se realizará conforme as instruções da "Introdução", do "Tratado do Amor de Deus",... o nosso Remo Padre Superior faz-nos entender que não há método propriamente dito para a oração.

A oração, sendo um colóquio e um diálogo com Deus, se faz com simplicidade e sem preparativos. Que as almas vão simplesmente, com toda humildade e boa vontade e que permaneçam junto a Deus com os pensamentos, que mais as tocarem e que melhor as unirem a Nosso Senhor Jesus

Cristo.

Se se mencionam, mesmo nas obras de São Francisco de Sales, a preparação à oração, as considerações, os sentimentos de afeição e propósitos, etc..., não se deve considerar necessário passar sucessivamente por todas essas etapas, com medo de deixar as considerações e passar logo aos sentimentos. Fala-se de tudo isso somente, porque tudo isso acontece normalmente em cada diálogo com Deus. Porém, não se deve prender-se no modo. A gente se aproxima de Deus, colocando-se na presença divina; depois a gente conversa, dando largas a seu coração conforme a atração particular, e sobretudo conforme a inspiração do Espírito Santo. Pois, sendo nossa vida uma vida de união com Deus, o Espírito Santo estará em nós quando rezarmos e ele dirigir-nos-á conforme a sua vontade.

Assim acontecerá que a alma será capaz de dizer na oração o que lhe convém, e prontamente. Se, logo depois de pôr-se na presença de Deus, ela reza, continue rezando enquanto puder, ainda que não faça consideração alguma, nem formule sentimento algum. Se a alma se inspira no amor, no temor ou no arrependimento, que se entregue a Deus nesses sentimentos e lhe diga o que experimenta de aspirações, de movimentos de vontade ou de outra forma. Se se encontra simplesmente em admiração ou em atitude de gratidão, que continue nisso; pois é extremamente útil ocupar-se com esses santos pensamentos em honra da divina Majestade. Se uma virtude a leva a ardentes desejos, se um defeito lhe arranca lágrimas de arrependimento, que siga esses sentimentos e se alimente disso todo o tempo que lhe prouver. Se diversos pensamentos lhe forem mais convenientes, que se sirva deles; se um só lhe bastar, não procure outros.

Poderá acontecer também, que a alma prefira um pensamento que lhe é muito pessoal e querido como tema de oração: que o aproveite sem medo. Pois o importante é o diálogo com Deus e se precisa regular este colóquio conforme as necessidades particulares, sobretudo segundo o desejo do próprio Deus, manifestado através da atração, que se experimenta. O Oblato manifestará aos Superiores o caminho que segue comumente na oração, para que nos possam orientar segundo a necessidade.

Insiste-se nesses conselhos importantes, porque diversos fizeram da oração um exercício de inteligência e esforço de vontade, onde se força a alma, enquanto a oração é a união da alma com Deus. E importa deixar a alma atalhar o caminho ao encontro do seu Bem-Amado, sem

detê-la mil vezes pelo caminho.

Realizada assim, a oração é fácil para todos, especialmente tendo-se um sincero desejo de pertencer a Deus e de amá-lo sobre tudo. Pois, não será fácil, então, de ocupar-se com Deus, visto que tanto se ama a ele?

Acontece muitas vezes, entretanto, que a alma está distraída e árida na oração. Isso não é motivo nem de se preocupar, nem de se admirar. Nesse caso, se reconduz a alma suavemente a Deus todas as vezes que ela se encontrar dispersa. Quanto às orações a realizar, quando na aridez não se sente nada, devem limitar-se a certas aspirações, que se repitam, ou então a gritos de aflição, dirigidos à Misericórdia divina. Por exemplo: "Meu Deus, tende piedade de mim!" "Meu Deus, quero-vos!" "Meu Deus, salvai-me!" "Converti-nos, dai a todos o que necessitam!" Repitam-se continuamente esses suspiros, mesmo que causem aborrecimento. Esse modo de proceder agradará muito a Deus, que nos vê e nos ouve. Mais vale agir assim, repetindo aspirações do que correr atrás de pensamentos e de considerações frias, que nos fogem continuamente e não nos levam a nada, porque o espírito não consegue saborear, nem compreendê-los. Convém lembrar-se, segundo o nosso Padre, de que a melhor oração é a que se faz assim na aridez, contrariado e no aborrecimento.

-O-O-O-O-O-O-O-O-O-O-

S O B R E A R E T A I N T E N Ç Ã O N O S A F A Z E R E S

Todos os religiosos se propõem a santidade e a imitação de Jesus Cristo. Mas, afirma o nosso Padre, uns imitam de um modo particular uma virtude do Salvador, outros uma outra, assim que a virtude escolhida e preferida brilhe com uma luz especial entre outras, suas irmãs.

O nosso Santo Fundador quer que seus filhos sejam imitadores de Jesus Cristo todo inteiro. Esse nos dá todo o Evangelho para realizar com perfeição e apresenta a Nosso Senhor em todas as ações dele como modelo.

Portanto, nosso caminho é o de Nosso Senhor. E entre nós tudo deve e há de tornar-nos outros Jesus Cristos... Os verdadeiros Oblatos devem esforçar-se por reproduzir a Jesus Cristo e reproduzi-lo tão perfeitamente que Jesus Cristo viva neles, porque a união da divindade de com a humanidade é o caminho seguido por Deus para santificar-nos.

Assim, o Verbo se une hipostaticamente a uma natureza humana e é ele que é tudo nessa natureza! Opera nela obras divinas, pois sua união com ela é pessoal. Ora, cada cristão será como outro Cristo; só alcançará sua santidade, se Deus habita nele. Portanto, mais viveremos em Deus, mais Deus estará em nós, mais seremos semelhantes a Jesus Cristo. A vida de Jesus Cristo deverá ser, portanto, a nossa vida; o próprio Jesus Cristo deve viver em nós.

Ora, o meio de fazer Deus viver em nós é fazer tudo por ele e nele, por meio da reta intenção. Cada irmão se aplique a colocar-se em Deus e com Deus, como está expresso no artigo referido do nosso Diretório, no início de cada tarefa e assim viverá com Deus.

Essa retidão de intenção, que não requer nenhuma fórmula especial, consistirá mormente em se unir a Deus, para que Deus venha a nós e se digne, por assim dizer, a trabalhar em nosso lugar. Pedimos que Nosso Senhor nos ajude ou, melhor ainda, que ele aja em nós como nele mesmo; oferecemo-lhe tudo, o agradável e o desagradável, pois é ele, em adiante, que manda em nós.

Não tenhamos medo de doar a Deus, assim, todas as coisas, por mais insignificantes que sejam. Que felicidade fazer Deus viver na gente. O nosso Padre aprovaria essa maneira de dirigir nossa intenção: "Tudo por Deus, tudo com Deus, tudo em Deus, ó meu Senhor Jesus Cristo". Ou esta outra: "Estai comigo e em todas minhas obras, Jesus Cristo, meu Senhor; vivei em mim, tomai tudo em mim e agi em meu lugar". Ou qualquer outra maneira de expressar-se serve, desde que nos lance em Deus... Precisar-se-á acusar-se no capítulo das culpas, se houver faltas na direção de intenção. Essa prática representa o embasamento da nossa vida em Deus. Esse é o meio para mergulhar-nos em Deus continuamente e vivermos em Jesus Cristo. Que todos os Oblatos ajam dessa maneira e Nosso Senhor será o Mestre de toda a Congregação; ele mesmo agirá, pois tudo será por ele e nele.

S O B R E O O F Í C I O D I V I N O

Os sacerdotes rezam o Ofício divino, a liturgia das horas, como está indicado no Diretório, assim como os Irmãos rezam o Ofício de Nossa Senhora.

Vale assinalar que os pensamentos do Diretório em relação ao Ofício divino obrigam menos que os para o levantar e para a direção da intenção. Mesmo assim, convém procurar observá-los.

Corresponde ao espírito da Regra não oferecer a reza do ofício por outro motivo que não seja o da própria Regra.

Pode-se somente pedir por este ou aquele fim, enquanto se reza o Ofício.

-O-O-O-O-O-O-O-O-O-O-

S O B R E A A S S I S T Ê N C I A À S A N T A M I S S A

O método indicado no Diretório para a Santa Missa serve maravilhosamente para a alma. O importante é agir conforme e isso, ponto por ponto. Entretanto, a obrigação nesse particular é menos rigorosa do que no que diz respeito aos pensamentos para o levantar.

Os sacerdotes Oblatos têm uma parte especial do Diretório para a celebração da Santa Missa.

-O-O-O-O-O-O-O-O-O-O-

S O B R E O E X A M E D A C O N S C I Ê N C I A

Deve-se fazer todos os dias os dois exames, conforme o indicado no Diretório.

O primeiro se faz pelas dez horas.

O segundo se realiza à noite. Ainda não se determinou uma hora exata.

O exame particular não é prescrição da Regra.

-O-O-O-O-O-O-O-O-O-O-

S O B R E A S R E F E I Ç Õ E S

Este ponto da Regra é um dos mais importantes e o Diretório, neste caso, obriga os irmãos, ponto por ponto.

A vida de penitência e de mortificação deve ser-nos extremamente importante e querida.

Devemos mortificar-nos em todas as coisas, seja quando sozinhos, seja quando trabalhando, etc. Sempre o pensamento da mortificação deve acompanhar-nos. Mas sobretudo no refeitório, a natureza deve ser mortificada.

Quase não dá para acreditar quanto vigor e que profundidade de vida religiosa nos proporcionará o santo e freqüente exercício da mortificação.

-O-O-O-O-O-O-O-O-O-O-

C A P Í T U L O S D E 1 8 7 4 - 1 8 7 5

O que segue é uma coletânea de várias anotações, escritas dia a dia, por ordem do nosso Padre.

N O V I C I A D O D O D I A 2 9 D E O U T U B R O D E 1 8 7 4

O nosso Padre anunciou-nos a impressão do Diretório e fez-nos uma palestra introdutória sobre o Diretório, convidando-nos à gravidade religiosa e à modéstia em todas nossas atitudes. O nosso Padre está profundamente compenetrado do pensamento religioso e sabe bem o que é um religioso.

-o-o-o-o-o-o-o-o-o-o-

N O V I C I A D O D O D I A 1 2 D E N O V E M B R O D E 1 8 7 4

No Noviciado, o nosso Padre nos falou sobre a comunidade, sobre a união entre os irmãos. Inspirou-nos muita confiança em Deus e nos afirmou que a presente união entre os irmãos na nossa pequena Congregação, nesses tempos de desconcertos, é um milagre de primeira ordem.

-o-o-o-o-o-o-o-o-o-o-

N O V I C I A D O D O D I A 1 9 D E N O V E M B R O D E 1 8 7 4

No Noviciado Mor, o Revmº Padre Superior recebeu, a título de primeira experiência, ao Senhor Henrique Leclère, nosso ex-aluno. Em seguida, fez uma maravilhosa palestra sobre a mortificação. O Oblato de São Francisco de Sales deve querer bem a mortificação e praticá-la continuamente e em todas as ocasiões. Esta mortificação é o alimento da vida religiosa: é como a alma desta. Consiste antes no espírito de renúncia contínua a si mesmo do que na prática de atos extraordinários.

O Oblato deve guardar sempre uma atitude digna na sua apre-

sentação, a qual seja de recolhimento, sem busca da acomodação melhor. Deve apreciar a falta de alguma coisa e aceitar disposto pequenos incômodos e dorzinhas. Até deve chegar a essa sublime mortificação de espírito, que consiste em repelir todos os pensamentos, imaginações e recordações, que não sejam para Deus ou em relação com seu dever.

Esta palestra surtiu um grande efeito para diversos Padres, que compreenderam essa linguagem e sentiram que Jesus Cristo, daqui em diante, lhes pede essa mortificação espiritual. Reconheceram nisso um chamado de Deus a uma maior santidade.

-O-O-O-O-O-O-O-O-O-O-

RENOVAÇÃO DAS PROMESSAS BATISMAIS -

21 DE NOVEMBRO

Tivemos uma pequena cerimônia muito tocante para a renovação das promessas clericais e batismais. O nosso Padre falou-nos, inspirado por Deus; sua alma estava inflamada. O Senhor Bispo tinha permitido a bênção do Santíssimo.

-O-O-O-O-O-O-O-O-O-O-

NOVICIADO DO DIA 26 DE NOVEMBRO DE 1874

No Noviciado Mor, o nosso Padre recomendou-nos particularmente a obediência religiosa, que deve estar baseada na única Vontade de Deus, manifestada pela Regra, a sineta ou a vontade dos Superiores. Não devemos obedecer porque a ordem nos parece acertada ou razoável, mas porque nos chega pelo representante de Deus. O Superior não tem mesmo a pretensão de mandar o que há de melhor e de mais sábio conforme a ciência e a razão. Pode haver, pois, homens mais sábios e mais prudentes do que ele, mas ele manda em nome de Jesus Cristo e é à sua autoridade, que se deriva de Deus, que o Oblato se deve submeter, mesmo quando a gente não entende.

Muito se falou sobre a obediência dos antigos Padres do deserto e se nos disse que nossa vida deve chegar a igualar-se à desses

antepassados em tempos tão remotos.

-O-O-O-O-O-O-O-O-O-O-

NOVICIADO DO DIA 20 DE DEZEMBRO DE 1874

No Noviciado, o nosso Padre recomenda-nos um tríduo de preparação para o Natal, a fim de acompanhar, em quanto possível, a Visitação, que faz três dias de retiro.

Nosso Padre recomendou-nos três "Veni Creator" (Vem Criador) e uma meia hora de meditação suplementar, que se pode fazer durante o trabalho, especialmente oferecido durante uma meia hora. Para facilitar o cumprimento dessas recomendações, o Padre Mestre dispôs, que o primeiro Veni Creator seja rezado após a oração da manhã, o segundo, depois do primeiro exame; o terceiro, seguido à oração da noite.

Pede também que se prolongue as duas leituras de alguns minutos e que se reflita sobre essas leituras. Essa prolongação da leitura é uma espécie de oração. Assim a comunidade poderá viver como em retiro durante três dias. A oração da noite ou a Visita ao Santíssimo Sacramento dura cinco minutos a mais, durante esses três dias.

-O-O-O-O-O-O-O-O-O-O-

NOVICIADO DO DIA 23 DE DEZEMBRO DE 1874

No dia 23 de dezembro, o Padre reuniu a comunidade para dar-lhe sérios conselhos sobre a obediência, lembrando a alguns irmãos a obrigação de ser religiosos. Nessa oportunidade, distribuiu Diretórios encadernados para todos os irmãos.

Desde o início da Congregação, a prática do Diretório para as ocupações diárias tem sido a principal finalidade de nossos esforços. O nosso Padre repetiu-nos mil vezes que este Diretório é o que molda as religiosas da Visitação. Mas para nós foi difícil praticá-lo em todos os seus detalhes, porque os irmãos não tinham cópia. Só ouviam a leitura repetidas vezes e tinham algum excerto. O Padre Mestre, no mês de setembro, explicou para o nosso Padre que seria melhor fazer imprimir esse Diretório. Este o encarregou imediatamente desta incum-

bênça, recomendando-lhe , que tomasse palavra por palavra o Diretório da Visitação, em quanto aplicável a uma Congregação masculina. Isso foi fácil, pois, faz muito tempo, o nosso Padre tinha mandado fazer um primeiro trabalho deste tipo, sob seus cuidados. O manuscrito do Diretório, do qual a comunidade se servia até agora, era quase igual àquele, que agora está impresso. O Padre Mestre submeteu ao nosso Padre algumas pequenas modificações, que foram aprovadas.

O nosso Padre quis que se acrescentasse alguns capítulos novos, mas especificamente para religiosos, particularmente para sacerdotes, e quis que se aproveitasse unicamente os próprios escritos e as mesmas palavras de São Francisco de Sales, nosso Santo Fundador.

Assim foram compostos três capítulos, a saber:

1. Sobre o modo de celebrar devota e frutuosa o Santo Sacrifício da Missa;
2. Sobre o modo de administrar santamente o sacramento da Penitência;
3. Sobre a pregação.

Para compor a artigo sobre o modo de celebrar a Missa, se sintetizou com fidelidade o opúsculo de nosso Fundador sobre esse assunto, conservando meticulosamente as expressões, como se pode verificar, ao consultar as obras de São Francisco de Sales.

No entanto, foi preciso abreviar notavelmente o livrinho, adaptando também o estilo para harmonizar com os outros capítulos do Diretório.

O nosso Padre acha que mais tarde se poderá imprimir todo o opúsculo, com as meditações e orações, para o uso dos religiosos.

O artigo sobre o sacramento da Penitência foi composto com maior dificuldade! Foi tirado de uma instrução de São Francisco de Sales, dirigida aos confessores. Na medida do possível, se aproveitou desse escrito do Santo os conselhos espirituais. Essa instrução é como um tratado sobre a Confissão, e os Oblatos deverão estudá-lo. Quanto ao Diretório que se acabou de compor, este propõe uma série de pequenas práticas piedosas e um método espiritual, muito apropriados para dar aos confessores o toque de São Francisco de Sales.

Lendo o escrito de São Francisco de Sales, ver-se-á que foi necessário acrescentar-lhe algumas palavras para relacioná-lo com os outros capítulos do Diretório.

O capítulo sobre a pregação foi composto a partir da carta do nosso Santo, dirigida ao Senhor Arcebispo de Bourges, sobre a pregação, com alguns acréscimos de palavras, parecidas às quais já mencionei com referência à confissão. Um acréscimo especial, entretanto, se realizou aqui: refere-se ao oferecimento que o Oblato deve fazer antes de subir ao púlpito. Esse oferecimento foi extraído, palavra por palavra, de São Francisco de Sales, não da sua carta sobre a pregação, mas da meditação, que ele apresenta sobre as pregações de Jesus Cristo, como preparação à Santa Missa. (Ver o opúsculo sobre a Santa Missa.)

Conforme a ordem de nosso Padre, além desses três capítulos, se completou o capítulo sobre o deitar com a oração da noite de São Francisco de Sales. Aproveitou-se a tradução de Migne a respeito dessa oração.

Finalmente, como suplemento do Diretório, se acrescentou vários artigos importantes sobre o desapego de si próprio..., sobre a maneira de rezar o terço, algumas orações para a Missa que São Francisco de Sales indica no seu opúsculo...

Achou-se que todas essas coisas fossem extremamente úteis para os religiosos.

Trabalhou-se na colação e na impressão do Diretório durante todo o mês de outubro e o mês de novembro. O nosso Padre pôde, finalmente, entregá-lo brochado durante o retiro da Imaculada Conceição, sexta feira, 11 de dezembro, às duas horas da tarde.

Todos os irmãos anelavam, já muito tempo, por seu livrinho. No dia 23 de dezembro, o nosso Padre deu-nos os Diretórios encadernados.

Desde a manhã daquele dia, o Padre Mestre tinha pedido ao nosso Padre a licença de oferecer um Diretório dos Oblatos à Boa Mãe da Visitação, que tanto nos quer. Esta Boa Mãe faz para nós maravilhas de bondade e de generosidade.

-O-O-O-O-O-O-O-O-O-O-

NOVICIADO DO DIA 14 DE JANEIRO DE 1875

O nosso Padre inicia o Noviciado, anunciando que chegou o tempo para a comunidade praticar a Regra em muitos pontos, que não tinham vigorado até agora. Ele ensina-nos que, nos Noviciados, os re-

ligiosos devem humilhar-se e pôr-se de joelhos, quando o Superior ou o Mestre dos noviços lhes faz uma correção pessoal ou quando chama a atenção para uma virtude ou um defeito, um ponto em que um religioso cometeu uma falta. Deus nos conduz, pouco a pouco, na prática das observâncias e vemos claramente que nos faz avançar cada dia. O homem não é nada aqui, Deus é tudo.

O nosso Padre explica, em seguida, o primeiro anelo do Diretório e insiste sobre a caridade fraterna.

-O-O-O-O-O-O-O-O-O-O-

NOVICIADO DO DIA 18 DE FEVEREIRO DE 1875

Nosso Padre, no Noviciado, falou-nos admiravelmente sobre a meditação e nos aconselhou que fizéssemos muitos atos de união com Deus e orações durante a meditação.

Houve recomendações para o mês de março e para o fim do tempo da Quaresma. O nosso Padre quis que, todos os dias do mês de março, rezássemos a São José. Duas vezes ao dia, após a meditação e depois da oração da noite, a comunidade deverá rezar a invocação, três vezes repetidas: São José, rogai por nós.

O nosso Padre recomendou-nos de forma particular as práticas durante o tempo da Quaresma, desejando que, pela nossa fidelidade, possamos obter sucesso na sua viagem a Roma, e conseguir a aprovação das Constituições, e também um resultado feliz de uma viagem próxima do Padre Mestre.

A gente tem sido fiel às recomendações de nosso Padre.

-O-O-O-O-O-O-O-O-O-O-

CAPÍTULOS DE 1875 - 1876

(Resumo de dois Noviciados do nosso Venerável Padre, escrito por Padre Rollin, sem data.)

O ESPÍRITO DOS OBLATOSDE SÃO FRANCISCO DE SALES

- I -

Todas as Ordens Religiosas têm algo em comum e também alguma coisa, que é própria a cada uma. Têm em comum os três votos, da pobreza, da obediência e da castidade; o que lhes é próprio é seu espírito. Os distintos religiosos da Igreja formam uma única, grande família. Se não tivessem um espírito próprio para cada um, ou melhor, um espírito particular, não seriam Ordens ou Congregações. A prática dos três votos faz a religioso; o espírito suscita e constitui a Congregação.

O espírito, que sopra em cada Congregação, é diferente. Para umas é a perfeição na pobreza; para outras é o zelo pelas almas; para esta, a austeridade na penitência; para aquela, a vida contemplativa. Também os Oblatos, pois, devem ter o seu espírito. Ora, esse espírito não é o fruto das especulações de quem o funda, mas é um espírito já todo feito, é o espírito de São Francisco de Sales.

Não se deve pensar que esse espírito se encontra nos escritos desse grande Santo e que basta se compenetrar dele para tê-lo. Naturalmente, é bem o espírito de São Francisco de Sales, que anima esses escritos. Mas não é só ali que está; encontra-se, sobretudo, na tradição, que o perpetua e o pratica. Acha-se na Ordem da Visitação. O espírito da Visitação, afirma São Francisco de Sales, é um espírito de humildade para com Deus e de doçura para com o próximo. Esse espírito encontrou uma perfeita expressão na pessoa da Madre Maria de Sales. Isso nos garante não só a vida santa dela, mas também o testemunho do Institu-

to inteiro, que viu e reconheceu nela o órgão do Espírito Santo; além disso, o testemunho de um número considerável de pessoas destacadas, que a conheceram; o de muitos bispos e do nosso próprio Santo Padre, como se manifesta pela acolhida benévola que preparou ao nosso Padre, falando-lhe sobre essa Santa Madre. Esse espírito de humildade para com Deus, em relação com o próximo e para conosco mesmos, nela se revestia da característica de união perfeita com Deus, - e era uma união íntima e permanente com Deus. Esse espírito realizou o que queria São Francisco de Sales, que desejava fundar uma Ordem religiosa, que só tivesse o vínculo do amor: o que colocaria as almas num estado de perfeição e tornaria perfeitos todos os atos delas. Eis a nascente onde os Oblatos devem haurir seu espírito, a saber a união com Deus. Muitas vezes, a Madre Maria de Sales tomava o nome do Salvador na boca: andar junto com o Salvador; aderir à inspiração do Salvador; abrir cancha em nós para o Salvador..., palavras, que mostram que esta união com Nosso Senhor como Redentor era o fim, a vida e a aspiração constante dessa santa alma. É esse o espírito dos Oblatos, que é bem o de São Francisco de Sales. Pois, com quem jamais se comparou esse grande Santo, se não com Nosso Senhor? Testemunhou-se que ele era a reprodução mais perfeita de Nosso Senhor. Esse divino modelo era o centro ao redor do qual girava a alma dele, como suas afeições e sua vida inteira; isso mostra mais uma vez como o espírito da nossa Boa Madre era realmente a verdadeira, total e perfeita expressão do de São Francisco de Sales. A vida dos Oblatos é, portanto, a vivência íntima, contínua com o Salvador. Essa união deve chegar a ceder neles lugar ao Salvador até o ponto de desaparecerem eles mesmos, para neles deixar livre o Salvador com todo o seu amor. Isso levará necessariamente à imitação dos atos de Nosso Senhor, seja em relação com Deus, seja para com o próximo, de maneira que a Boa Madre pôde dizer e o disse com acerto, falando sobre os Oblatos: Ver-se-á novamente ao Salvador, caminhando ainda sobre a terra... Unir-se ao Salvador, imitá-lo, identificar-se com ele através de uma união íntima, uma fidelidade constante e uma morte total à natureza, eis a vocação, eis o espírito dos Oblatos de São Francisco de Sales.

- II -

A união com Deus é dupla: a união ao Ser divino, ao íntimo de Deus, conforme a expressão da Boa Madre Maria de Sales; e a união com Deus pelas obras externas de Deus, as obras externas da criação, da redenção, da salvação das almas etc... A união com o Ser divino se realiza pela oração, pela prática do Diretório e dos exercícios da vida religiosa: essa união não consiste no pensamento em Deus, mas numa disposição da alma, num estado habitual da vontade, que mantém a alma constantemente unida a Deus em todas as suas atividades. Por essa união, a alma fica totalmente desprendida de si mesma, de suas preferências e de tudo o que não é Deus. Isso não acontece tanto através dos esforços pessoais, como por um dom de Deus, o qual é graça da vocação para os Oblatos e para os filhos de São Francisco de Sales. Estes tornam a ação de Deus possível e eficaz neles através de uma dependência contínua, um desprendimento completo de todas as coisas.

A união com Deus nas obras externas acontece pela dedicação total da alma à Vontade de Deus, que delas é o princípio. Nestas atividades, a alma não se prende à obra como tal, mas à Vontade de Deus, que a determina. A criatura, as coisas externas se tornam para a alma um meio de comunicação com Deus. Daí, um profundo respeito por tudo o que está a serviço do homem e do religioso. A alma vê a Deus em tudo. Ele a rodeia e está, de certa maneira, ao alcance da percepção dela. Essa união com Deus na vivência íntima se desenvolve poderosamente na união com Deus como Salvador e Redentor; e é nisso que consiste a vocação dos Oblatos. Trata-se de uma re-impressão do Evangelho todo inteiro, conforme as palavras da Boa Madre Maria de Sales, para a realização do pensamento do divino Redentor. Os Oblatos, por essa união ao Salvador, devem desaparecer eles mesmos, para ceder lugar a Nosso Senhor e depender totalmente da inspiração dele: agir, quando ele age; falar, quando ele fala; calar, quando ele cala. Nisso se encontra o segredo das obras duradouras: fazer tudo pelo Salvador, ou melhor, deixar que o Salvador aja por meio de nós.

Assim surgiram as conversões de São Francisco de Sales, surpreendentes quanto ao número, mais admiráveis ainda quanto a sua duração e perseverança não desmentida. Todas as outras obras, onde o homem colocou algo seu, não agradam totalmente a Deus e acabam por desapare-

cer. Eis a vida da Madre Maria de Sales. Eis o programa que deve executar o Oblato, o mandato de sua vocação que lhe toca copiar e realizar.

-0-0-0-0-0-0-0-0-0-0-

CAPÍTULOS 1878 - 1879

(Coletados pela maior parte por Padre José Marécheaux)

CAPÍTULO DO DIA 19 SETEMBRO DE 1878

O LEVANTAR DOS IRMÃOS (Revdº Pe. Lebeau)

O nosso Padre, depois da leitura do capítulo sobre o levantar-se, como consta no Diretório, diz-nos: Quero antes de mais nada fazer-lhes uma observação geral sobre o Diretório. É que para corresponder à sua vocação, devem esforçar-se por praticá-lo o mais perfeitamente possível, porque é toda a nossa vida que nele está contida. Não temos nenhuma mortificação corporal, como o jejum, o cilício, ou outra coisa parecida, mas nossa mortificação consiste em unir-nos a Deus, como o Diretório no-lo ensina. Não se deve confundir estas três palavras: o pensamento em Deus, a presença de Deus, a união com Deus; o sentido é diferente. O nosso Diretório não somente nos dá o pensamento em Deus, mas nos dá a presença de Deus; muito mais ainda nos dá a união com Deus, isto é, em consequência de um prolongado exercício, chegamos a tal ponto que tudo o que fazemos, o fazemos para agradar a Deus, como se o próprio Jesus Cristo o fizesse. As Irmãs Visitandinas de Amiens estão muito convencidas da verdade do que acabo de lhes dizer, depois de experimentarem seriamente a prática disso, porque antes não acreditavam tanto nisso, dizendo que um determinado outro meio era mais didático.

Hoje vamos falar sobre o levantar-se.

O nosso Sento Fundador pôs aqui diversos pensamentos; devemos tomá-los todas as manhãs, pelo menos um deles, senão todos; e esses de preferência, antes de qualquer outro, ainda que seja bom, porque é àqueles que está ligada uma graça particular. Quanto à preparação ao exercício da manhã, façam-no como recomendado; pensando nas faltas cometidas no dia anterior, pedimos perdão a Deus, ao fazermos propósitos para não cair mais nisso. Com razão, o nosso Santo Fundador formulou uma pequena oração para logo depois do despertar. Não é este o momento de longas orações, ainda não; isso se fará na hora da meditação; no entanto, esse exercício da manhã nos é muito útil: atira-nos nos braços de Deus e será suficiente vestir-nos tranqüilamente, aguardando o momento da meditação.

Os Senhores perguntam-me, meus filhos, se, no início, quando se experimenta bastante dificuldade para acostumar-se a essa quantidade de exercícios, se se pode suprir essas deficiências involuntárias por uma outra prática mais geral. Pois bem, respondo que sim. Tomem, segundo o parecer do seu Diretor Espiritual ou do seu Mestre de Novícios, um pensamento, que os atrai. Alimentem-se com ele, esperando o momento que o pensamento do Diretório lhes ocorra.

Meus Filhos, rezem nesta semana pelo Pároco de São Vicente de Macon que faleceu ontem, quarta-feira, ao meio-dia. Com isso a comunidade de Macon perdeu um dos seus benfeitores; peçamos um sucessor que nos seja favorável.

Ainda algumas obediências que foram dadas faz alguns dias:

- Primeiro, as necessidades da comunidade, o seu crescimento.
- O segundo mosteiro da Visitação de Paris, onde umas Irmãs se encontram doentes.
- O sínodo, o Bispo, os sacerdotes participantes.
- Uma vocação já muito adiantada.
- As intenções do nosso Padre.
- Uma pessoa que pede insistentemente orações da comunidade.
- Pelo nosso Padre.
- Pelos ordenandos.

-0-0-0-0-0-0-0-0-0-0-

C A P Í T U L O D E 3 O U T U B R O D E 1 8 7 8S O B R E A M E D I T A Ç Ã O

Neste Capítulo, dois postulantes foram admitidos na Congregação: o Padre Latour, cujos exemplos de piedade confirmavam os bons testemunhos que dele se recebia e o Padre P., que tinha iniciado seu noviciado com os Padres Jesuítas.

O parecer da comunidade foi favorável ao requerimento de admissão desses dois pretendentes. O nosso Padre lhes dirigiu algumas palavras, apresentando-lhes as lutas interiores que haveriam de enfrentar e que compensariam amplamente a ausência de austeridades corporais. Perguntou-lhes se estavam dispostos, de antemão, a submeter-se a essas lutas. Os dois postulantes responderam afirmativamente e ocuparam seus lugares.

Depois disso, o nosso Padre falou-nos ainda sobre a meditação. Disse-nos que esse exercício, para nós, não é um exercício isolado, mas que se estende e continua durante o dia todo. A meditação, pois, não deve ser uma especulação gratuita, mas sobretudo prática e frutífera. Para tanto, precisa ser afetuosa e cordial: é o coração que fale e não só a inteligência.

Pois bem, os Oblatos devem parecer-se com Nosso Senhor não tanto na sua vida exterior, quanto na sua vida interior. Devem, portanto, imitar a perfeita submissão de Nosso Senhor à Vontade do seu Pai. Nisso deve consistir o espírito de suas ações e de seus exercícios. Se, pois, a meditação deve influenciar frutuosamente nossas ações e vivificá-las, deve estar embebida dessa submissão à Vontade divina. A metade, então, da meditação deverá consistir num descanso de nossa vontade na de Deus. Nesses momentos, só o coração fale e somente o Coração de Deus nos responda. Assim era a meditação de Nosso Senhor: "Ita, Pater." (Sim, Pai) (Mt 11,26) Não se faça minha vontade, mas a tua. (cf. Mt 26,42) Não vemos outra coisa nos Evangelhos. Santa Joana de Chantal afirma que as almas, que estão nesse caminho, estão no caminho da perfeição. Assim devemos meditar. Poderá ser difícil, porque significa a morte de nossa vontade; entretanto, importa aplicar-se nisso ardorosa e corajosamente.

O nosso Padre exorta-nos a rezar à venerável Madre Maria de Sales para aprendermos o caminho da meditação. Assim ela meditava e alcançou uma perfeição eminente, mesmo que sua vida exterior em nada se distinguia da das outras religiosas. Durante todo o período de ser Superiora, nunca se ouviu que ela expressasse a mínima queixa contra quem quer que fosse. Tanto receava o que podia ferir a caridade.

Depois dessas poucas palavras, o nosso Padre conduziu-nos à capela, onde agradecemos a divina bondade pela recitação do Magnificat, por aumentar-nos a Congregação e nos demos o abraço da paz aos nossos novos irmãos, desejando-lhes a bênção divina sobre a vida religiosa que estavam empreendendo generosamente.

* * * * *

OBEDIÊNCIAS:

- 21 de Setembro: O nosso Padre recomenda-nos ao Padre Sêguin, que fez a promessa de entrar na Congregação, se fosse curado de uma doença.
- 28 de Setembro: Nosso Padre recomenda-nos o nosso Padre Ceyte, que lhe escreveu que nos mandaria alguns novos religiosos; e, de forma geral, a vocação das almas, chamadas para nossas fileiras.
- 29 de Setembro: Ainda a vocação e a graça por Oblatos de uma vida santa.
- 30 de Setembro: Recomendou que se pedisse para os alunos e professores a graça da luz e da submissão de que precisam.
- 1º de Outubro: Nova intenção pelos alunos e professores.
- 2 de Outubro: Recomendou rezarmos aos anjos da guarda para vigiarem sobre alunos e professores.
- 3 de Outubro: Nova intenção pelos alunos e professores.

-O-O-O-O-O-O-O-O-O-O-

C A P Í T U L O D E 1 5 D E N O V E M B R O D E 1 8 7 8

S O B R E A R E T A I N T E N Ç Ã O

(Revmo? Pe. Lebeau)

O nosso Padre fez, primeiramente, uma observação sobre as "culpas", dizendo-nos que, se se dá somente pequenas penitências, é para condizer com o espírito do nosso Bem-aventurado Fundador e que, se não se aplica advertências e admoestações, cabe, por nosso lado, que nos acusemos sem dó e que o culpar-se seja feito num espírito de muita humildade e arrependimento.

Depois de abrir o Diretório no capítulo da reta intenção, insistiu sobre estes dois pontos: oferecer todo o bem que estamos por fazer e assumir o sofrimento de todas as dificuldades e mortificações que nele encontrarmos. Particularmente, quis fazer-nos entender bem esse último ponto, dizendo-nos que nunca devia ser, que alguém de nós fizesse qualquer coisa no mundo sem ter algo que sofrer. Importa que imitemos a Nosso Senhor. Ele carregou sua cruz durante toda sua vida, a cruz da pobreza por exemplo. Também nós temos que ter sempre alguma coisa para sofrer. Se, ocasionalmente, os Senhores fizerem um trabalho sem nele encontrar pelo menos um pouquinho de sofrimento, terão o direito de exclamar, dizendo: Ai, Senhor, então não me quereis mais, já que me estais tirando toda a possibilidade de sofrer convosco! Esse sofrimento que aceitamos de antemão tem, além disso, uma recompensa bem maior do que acolhendo-o no momento mesmo. O próprio Nosso Senhor aceitou sua cruz não somente na hora de carregá-la, mas no jardim das Oliveiras, dizendo: Fiat voluntas tua (Mt 26,42) (faça-se a tua vontade).

* * * * *

Durante toda esta semana, na hora da obediência, tínhamos a mesma intenção: era pelos alunos, para que o Senhor lhes dê fé e temor de Deus.

-o-o-o-o-o-o-o-o-o-o-

C A P Í T U L O D E 1 2 D E D E Z E M B R O D E 1 8 7 8C O M O S E D E V E P A R T I C I P A R D A S A N T A M I S S A

O nosso Padre nos falou sobre a Santa Missa. Primeiro, nos diz que é uma grande mortificação interior o fato que os nossos exercícios estejam assim marcados, de maneira que não possamos fazer nenhum segundo nossa inclinação pessoal. Ninguém pode ter a certeza de que sua oração seja agradável a Deus: ninguém pode atrever-se a afirmar isso. Só nós podemos afirmá-lo e temos a ousadia de dizê-lo, pois a nossa forma de oração não é nossa: é-nos dada pela obediência. A oração, feita assim, assume uma dimensão infinita, não porque é preferida por nós, que somos finitos, mas porque procede de Deus e leva a Deus.

Dediquemo-nos a esse modo de oração; tomemos o próprio texto do Diretório para conformar-nos inteiramente à obediência. Dessa maneira corresponderemos às intenções do nosso Santo Fundador. Para tanto convém fazer um pequeno resumo do Diretório e fazer constar as orações aí indicadas, por exemplo as do Evangelho: o Cristo foi obediente (Jo 6,38), etc. Na hora da elevação, devemos oferecer-nos "quant et luy". Essa expressão é muito forte. Quer dizer: com ele, assim como ele, tão totalmente como ele, sem reservas. Não há nada que São Francisco de Sales tanto recomende como o oferecimento de nós mesmos a Deus. Ofereçamo-nos, pois, sem reservas. Finalmente, nunca devemos deixar de fazer a comunhão espiritual, se não comungamos realmente. Convém termos uma fórmula para tanto, pois uma fórmula fixa torna estáveis nossas práticas interiores. Seria de desejar que se aproveitasse a fórmula das Visitas ao Santíssimo Sacramento de São Liguori, muito bonita e valiosa, tanto porque é tão amplamente aceita, como pela santidade de seu autor.

O nosso Padre termina com uma palavra aos sacerdotes. São Francisco de Sales, na Missa, recomendava fervorosamente a Deus todos os participantes para que a Missa fosse uma perfeita renovação do sacrifício da cruz, onde Nosso Senhor se oferecia por todos os presentes. Façamo-lo igualmente. Que os nossos Padres rezem pelos que não o são. O poder do sacerdote é imenso. Dois ou três sacerdotes bastariam para atrair graças abundantes sobre a Congregação.

* * * * *

Durante esta semana, o nosso Padre recomendou-nos que rezássemos pelos alunos que iam fazer um retiro.

-o-o-o-o-o-o-o-o-o-o-

C A P Í T U L O D E 2 D E J A N E I R O D E 1 8 7 9

O E X A M E D E C O N S C I Ê N C I A

(Revm? Pe. Lebeau)

O nosso Padre Superior fez-nos uma palestra sobre a maneira de fazer o exame de consciência, de que trata o Diretório. Após a leitura do capítulo correspondente, teceu-nos algumas reflexões, como seguem. É neste exame, disse-nos, que consiste a oração da noite propriamente dita. Para fazê-la bem precisamos ter uma fórmula para depois aprender e decorá-la. O exame mesmo deve ser feito com muita atenção e não somente de uma forma geral, dando uma olhada rápida e superficial sobre o nosso dia que passou, mas é preciso observar com cuidado todas as nossas ações, os lugares onde estivemos, as pessoas com quem falamos, ver também se desempenhamos bem nossas tarefas, sem interferir nas dos outros. Esse tempo de exame deve ser bem atendido, pois é um momento precioso. No momento em que cometemos uma falta devemos, segundo a recomendação do Diretório, descobrir também o motivo que nos fez cair: se é por orgulho, por vaidade, por falta de cuidado; em seguida, importa humilhar-se perante Deus, pedindo-lhe perdão e gravar tudo isso na memória para lembrar-se das faltas no exame da noite e depois acusar-se disso na confissão. Geralmente, os religiosos cometem muitas faltas por amor-próprio e de orgulho. Não se orgulhem; cuidem bem disso, porque, creiam-me, tanto mais humildes nos corresponde ser, na medida que recebemos mais graças do que muitos outros; e uma quantidade de gente menos boa, menos honesta, menos piedosa vale muito e muitíssimo mais do que nós, porque cada um deve responder às graças que Deus lhe dá.

Sejamos, pois, muito humildes e tenhamos muito cuidado de conservar os dons de Deus.

Quanto ao exame particular, de que trata no final deste capítulo, é preciso fazê-lo com muito esmero, quando o Superior o dispõe como obediência, porque seria uma falta grave atender com nada mais do que indiferença o que se nos prescreve. Caso que não encontremos nenhuma falta durante o nosso exame, devemos humilhar-nos disso, porque então é que não o fazemos bem. É que não prestamos a devida atenção à realização de tudo que a obediência nos manda. Precisamos, então, examinar muito meteticulosamente nossas ações e, certamente, nos encontraremos sempre culpáveis. Recomendo-lhes muito esse exercício.

* * * * *

OBEDIÊNCIAS:

Segue o resumo daquilo que o nosso Padre nos disse na hora da obediência, nesta semana.

Primeiro, pedir noviços e depois rezar pelos ordinandos, pedindo também a Deus que renove em nós as graças já recebidas nas ordenações, nas quais tomamos parte.

-O-O-O-O-O-O-O-O-O-O-

C A P Í T U L O D E 16 D E J A N E I R O D E 1879

S O B R E A R E F E I Ç Ã O

O nosso Padre falou-nos sobre a refeição. Disse-nos que as almas de vida interior encontram a Deus no refeitório de uma maneira muito especial. Esses ágapes fraternos, tomados em silêncio, nutridos por uma leitura edificante, elevam o espírito. No entanto não se deveria fazer meditações durante a comida, porque a atividade do coração nos prejudicaria a saúde nesses momentos. Não se deve ir ao refeitório somente para comer, mas também para acusar-se de suas culpas e receber

advertências. Estas se realizam como segue. Um irmão reparou que tal outro pratica mal determinado ponto da Regra. No refeitório, ele o avisa perante todos, dizendo: Aviso humildemente o irmão N.N. desta ou daquela coisa. Mas nisso, como em qualquer outra assunto, se depende da obediência. Quem notou a falta, deve prevenir ao Superior ou ao Mestre dos noviços; estes julgam, se cabe fazer essa recomendação. Pode ser que a falta seja somente de aparência. Não deveria acontecer que um irmão seja advertido por engano. Depois convém que a gente simplesmente se atenha ao parecer do Superior. Isso é um meio excelente para acabar com a sobreestima de si mesmo e prevenir que nos baseemos em outra coisa se não nas advertências. Quando um irmão comunica uma falta ao Superior, isso oferece a oportunidade ao Superior para dizer: Mas o Senhor mesmo falta a esse ponto. Sem demora, vamos tratar de praticar esse ponto da Regra.

"Fazer mortificações." Essas consistem, por exemplo, em comer no chão, em beijar os pés dos Padres, que entram e outras coisas parecidas.

"Que não saiam sem ter-se mortificado..." Essa mortificação deve estribar-se na qualidade e não na quantidade. Cada um deve comer conforme o seu apetite. Ninguém se regule pelo estômago do outro. Quem têm muito apetite, não se devem guiar pelos que comem pouco.

"Tomando indiferentemente..." É este o ponto fundamental do espírito de São Francisco de Sales, não somente quanto à comida, mas em todas as coisas. Ao comer, devemos lembrar-nos que somos pobres. Devemos considerar-nos como trabalhando por nosso pão e, conseqüentemente, contentar-nos alegremente com a comida simples e frugal que se nos apresenta, a modelo do Nosso Senhor na casa de Nazaré. Além disso, o espírito de pobreza deverá reinar em tudo entre nós. A pobreza não consiste só em não possuir nada, mas também em privar-se cuidadosamente de todas as pequenas comodidades no uso das coisas terrenas, desfrutando-as o menos possível. Em tudo, limitemo-nos bastante. Deus não nos recompensará pelo que ele nos tiver dado, mas pelos sacrifícios que nós lhe tivermos oferecido. Aliás, a vida do Oblato deve ser um sacrifício contínuo. Nunca o Oblato deve estar sem sofrimento. Se passa uma hora sem sofrer, é uma hora perdida. Lembremo-nos sempre disso e que Nosso Senhor, que se fez pobre por nós, nos dê o amor para esse feliz desapego.

OBEDIÊNCIAS:

As principais intenções do nosso Padre foram pelas almas que nos são confiadas e para conseguirmos o espírito de humildade e a correspondência fiel ao que Deus nos pede.

-O-O-O-O-O-O-O-O-O-O-

C A P Í T U L O D E 23 D E J A N E I R O D E 1879

S O B R E O R E C R E I O

"Os irmãos pedirão a Nosso Senhor..." Se devemos fazer a reta intenção em todas as nossas ocupações, mais ainda devemos fazê-la antes do recreio, onde encontramos mais ocasiões de pecar contra a humildade ou a caridade. Não se deveria falar sobre assuntos políticos. Afastando essas questões, tão próprias para dissipar o espírito e dividir os corações, se obtém muita graça.

"Deve-se evitar as gargalhadas, que pouco convêm a religiosos, desviando-se também de falar sobre si mesmo para ser estimado. É o que São Francisco de Sales chama de imodéstias, contra as quais nos previne com a invocação do Espírito Santo e do Anjo de Guarda.

"Que não pensem que isso seja pouca virtude..." São Francisco de Sales dizia que há três maneiras de ser úteis ao próximo: através da mortificação, ou por meio da oração ou, sobretudo, pelo recreio. É muito importante, pois, contribuir para proporcionar a todos o benefício do recreio: todos estamos obrigados em consciência a colaborar. Se não se pode através de uma conversação interessante, que se o faça por meio de uma atitude gentil e amável. Experimentando alguma dificuldade e aversão para ajustar-nos assim, ofereçamo-lo a Nosso Senhor, e nosso sacrifício será de grande proveito para o próximo. Como algumas religiosas se queixavam diante do nosso Santo Fundador do procedimento de uma coirmã, o Santo lhes recomendou muita doçura e caridade para com essa irmã, que as incomodava, dando-lhes a certeza de que dessa forma lhe

mudariam o coração e foi o que aconteceu. Tanta influência perante Deus tem o carregar com o peso do próximo.

"Um irmão lembrará a presença de Deus..." Teremos o cuidado de praticar este ponto do Diretório. Mas, se só um dos nossos Padres tivesse essa incumbência, o encarregado se encontraria frequentemente ausente do recreio. Seria melhor, pois, estabelecer que, entre os religiosos reunidos, o mais antigo terá sempre o dever de lembrar a presença de Deus e de dizer, no final, alguma palavrinha boa e edificante, isso é uma sentença ou pensamento, tirado do Evangelho, da Imitação, do Diretório ou de alguma outra leitura. Essa obrigação, sem dúvida, custa um pouco, mas se deve oferecer generosamente esse sacrifício a Nosso Senhor.

Não somente no recreio, mas em qualquer outro lugar, é necessário imitar a nosso Santo Fundador, que sempre tratava ao próximo com humildade e respeito. Assim fazem os que, vazios de si próprios, estimam aos outros acima de si mesmos. Este respeito não deve consistir em exterioridades ou palavras obsequiosas, pois devemos ser simples, mas consista em nossa atitude interior. Assim devemos agir perante pessoas estranhas e subalternos, nunca lhes fazendo sentir uma como distância entre eles e nós. Nossa autoridade em relação com os alunos, por exemplo, pode ser firme, mas nunca impositiva ou de desdém. Assim, quando São Francisco de Sales falava a seus serventes, parecia antes manifestar um pedido do que uma ordem. Que esse grande Santo, cuja festa se aproxima, nos obtenha sermos como ele, tanto exterior como interiormente, uma imagem viva de Nosso Senhor Jesus Cristo.

* * * * *

OBEDIÊNCIAS:

O nosso Padre recomendou-nos a obediência de rezar para sermos verdadeiros religiosos, correspondendo perfeitamente ao espírito dos nossos Santos Fundadores. Depois nos pediu que recomendássemos a Deus os nossos alunos, para que se preparem bem à festa de São Francisco de Sales.

-O-O-O-O-O-O-O-O-O-O-

C A P Í T U L O D E 30 D E J A N E I R O D E 1879S O B R E O S I L Ê N C I O

Neste Capítulo foram apresentados dois religiosos novos. A esse propósito, o nosso Padre fez-nos considerar que não é necessário que os postulantes sejam admitidos depois de consultada a comunidade, mas, conforme o parecer do Tribunal de Roma, a decisão do Superior, e essa sozinha, já bastaria. Entretanto, para aproximarmo-nos o mais possível da Visitação, podemos continuar o costume de consultar a comunidade. O Padre Foin foi admitido primeiro. O nosso Padre recomendou-lhe que se entregasse às mãos de Deus, que lhe proporcionaria convenientemente as mortificações e humilhações necessárias, coisas essas, que o nosso Santo Fundador chama de sinais de amor de Deus para conosco. Depois se acolheu ao I. S... A alma simples e humilde de um Irmão, assim nos afirma o nosso Padre, atrai frequentemente graças importantes sobre uma comunidade.

Em seguida, o nosso Padre falou-nos sobre o silêncio. Com exceção dos recreios, estamos sempre em silêncio. É a isso que, muitas vezes, não damos a devida atenção. Claro que podemos dizer tudo o que nosso ofício requer, mas não se dá atenção a uma palavra a mais para satisfazer-se a curiosidade ou o impulso do momento. Entrando no recinto do trabalho, precisa-se compenetração especial para pôr-se na presença de Deus... Esse é um ponto muito importante. O nosso Santo Fundador não nos impõe uma hora de oração; pretende fazer de toda nossa vida uma oração. Quando, portanto, os Padres entram na sala da comunidade para preparar suas aulas, devem pedir a Nosso Senhor que lhes abençoe os trabalhos de maneira que, em união com ele, estes possam ser de proveito, comunicando-lhes novas forças. Mais perfeitamente isso acontece nos trabalhos manuais, o que significa uma grande vantagem para os Irmãos sobre os Padres.

No Diretório, se indica algumas elevações espirituais que São Francisco de Sales mais apreciava. Seria bom tê-las copiadas diante de si durante o estudo para aproveitá-las. Entretanto não se deveria cansar o espírito; nos momentos de fadiga, que se descanse o espírito

em Deus, entregando-lhe a própria vontade, ao dizer, por exemplo: "Meu Deus, quero fazer a vossa Vontade; sou todo vosso..." E permaneça-se nessa entrega, pois, o que se prescreve, é justamente a união com Deus.

O nosso Santo Fundador recomenda, em seguida, os pensamentos das horas. Assegura que esses exercícios nos conduzirão à perfeição do amor de Deus. Observemo-los com perfeição, respeitando essa promessa de um Santo e Doutor da Igreja. São Felipe Neri também dizia que se responsabilizava pela salvação de uma alma, que elevava, vinte vezes ao dia, uma aspiração a Deus.

Esses exercícios valer-nos-ão a assistência de Nosso Senhor na hora de nossa morte. É um fato, afirma o nosso Padre, que sempre tenho constatado entre as Religiosas Visitandinas, para que a morte sempre foi como o início da felicidade do céu.

Finalmente, em nossas dificuldades, sejamos fiéis em considerar a Nosso Senhor na Gruta de Belém, no Jardim das Oliveiras, na Cruz. Saberemos por experiência, como diz São Francisco de Sales, quanta luz e força essa consideração nos proporciona.

* * * * *

OBEDIÊNCIAS:

1. Por um aluno doente há alguns dias, que parecia de boas disposições e dizia que morreria de bom grado, estando em estado de graça;
2. Para o Pe. P. e sua viagem a Paris;
3. Para pedir a nosso Santo Fundador que nos torne seus verdadeiros imitadores e que nos dê seu espírito, interior e exteriormente;
4. Para que os alunos se preparem bem para a festa de São Francisco de Sales.

-O-O-O-O-O-O-O-O-O-O-

C A P Í T U L O D E 6 D E F E V E R E I R O D E 1 8 7 9S O B R E O D E I T A R - S O B R E A C O N F I S S Ã O

Nosso Padre falou-nos do deitar. É preciso que se faça esta ação com toda a modéstia que o Diretório nos recomenda, porque nela, como em todas as outras, devemos muito respeito à presença de Deus. É um pensamento muito bom o de louvar a benigna bondade de Nosso Senhor. A este propósito, no que diz respeito ao nosso descanso, como em qualquer outro assunto, se tivermos alguma coisa a sofrer nesta vida de comunidade, a qual nos tira toda a liberdade e nos impede de tomar o repouso que poderíamos desejar, lembremo-nos que esse sacrifício é muito meritório aos olhos de Deus.

Também é muito bom lembrar-se de que, um dia, se estará estendido no túmulo. São Bernardo dizia que não podia pensar na morte sem ser reduzido a pó.

Finalmente, se acordarmos durante a noite, rezemos pelos pobres pecadores, como está marcado no Diretório.

O nosso Padre falou-nos, em seguida, sobre a confissão. A confissão, feita conforme ensina o Diretório, tem um grande poder. Precisa retomar brevemente o que se encontrou nos exames de cada dia. Normalmente, os religiosos se acusam primeiramente das faltas contra suas Regras e Constituições, como sendo a matéria mais comum de suas faltas; depois acrescentam as outras faltas, se há, contra os mandamentos de Deus. É bom agregar algum evidente pecado do passado. Normalmente, não deve ser um pecado muito grave, como um pecado contra o sexto mandamento por exemplo, porque, a menos que a alma tire muito proveito da humilhação como consequência, tal acusação não deixa nada de bom na memória.

De resto, deve-se observar bem o que está indicado no Diretório, considerando ao sacerdote como enviado de Deus, guardando-lhe muito respeito. Importa observar com muito cuidado tudo o que ele nos diz, porque os conselhos dados na confissão têm uma força todo particular.

* * * * *

OBEDIÊNCIAS:

Durante a semana, o nosso Padre recomenda-nos que peçamos a Deus uma perfeita união com a sua santíssima Vontade.

-O-O-O-O-O-O-O-O-O-O-

C A P Í T U L O D E 20 D E F E V E R E I R O D E 1879

S O B R E A M A N E I R A D E A D M I N I S T R A R O S A C R A M E N T O D A P E N I T Ê N C I A

Os confessores devem compenetrar-se bem da importância do ministério que exercem, assim como indicado no Diretório. De fato, a santidade não é necessária para batizar, nem tampouco para distribuir a comunhão, mas é indispensável para quem ouve confissões, não para comunicar-lhe o poder de absolver, mas para que exerça seu ministério frutuosa e plenamente.

A experiência o prova. Assim, as pessoas, que se confessavam com o Cura de Ars, disso tiravam muito proveito. Um de seus penitentes tinha ido fazer-lhe uma confissão geral. O Cura de Ars disse-lhe: Pretendeis fazer uma confissão geral; entretanto, naquela época de vossa vida, fizestes tal coisa e nada disso me contaís. Se quereis fazer uma confissão geral, é preciso que o seja verdadeiramente.

Os Padres devem ter uma grande pureza de consciência e eles mesmos devem estar muito arrependidos.

Também precisa rezar pelas pessoas, que se apresentam na confissão, rezar por elas com todo amor e do profundo do coração. Deve-se cuidar também de manter modos muito suaves para com os penitentes. Não se deve ter com eles um procedimento de juizes terrenos, mas, tratando-se de almas resgatadas pelo Preciosíssimo Sangue de Jesus Cristo, é preciso ter um respeito religioso por elas. Ainda é necessário ter para com elas sentimentos e modo de proceder de um pai. É verdade que, certas almas importunam por sua tardança, sua demora..., mas deve-se aceitar alegremente essas mortificações, que encontramos no caminho, como para suprir as austeridades que não temos.

Nesses pontos e em todos os outros, os Padres devem ser muito cumpridores e muito fiéis a tudo o que é recomendado no Diretório, para recolher para si e para seus penitentes todos os frutos, que serão certamente o resultado dessa humilde fidelidade. Nisso, como em todos os outros pontos, sigamos invariável, sincera e convencidamente ao nosso Santo Fundador.

Já se começou a coletar a doutrina teológica dele; quando tudo completado, aderir-lhe-emos sem medo de errar.

Pelo que diz respeito à confissão, um grande arcebispo afirmava que, apesar de todas as misérias, a religião reviveria, se houvesse bons confessores. Pois bem, podemos ter a certeza de obter esse detalhe tão importante, ao formar confessores no espírito e na escola de São Francisco de Sales.

* * * * *

OBEDIÊNCIA:

Desde o último Capítulo, o nosso Padre tem-nos recomendado que fôssemos muito generosos, oferecendo-nos a Deus para cumprir a missão da qual somos encarregados junto às almas; recomenda-nos especialmente a missão à que somos chamados a realizar no meio dos alunos.

-O-O-O-O-O-O-O-O-O-O-

C A P Í T U L O D E 27 D E F E V E R E I R O D E 1879

S O B R E A S A N T A C O M U N H ã O

"A intenção principal dos irmãos na Santa Comunhão..."
A união com Deus, é esse o assunto, ao qual o Diretório volta continuamente. Não nos esqueçamos de preparar-nos antes de comungar. Essa preparação não requer muitos atos. Importa dirigir um pouco o pensamento a Nosso Senhor por meio de um ato de amor, de confiança, de respeito e de alegria espiritual.

O Diretório nos propõe um exercício excelente depois da comunhão, a saber: trazer nossas forças e nossos sentidos aos pés de Nosso Senhor para pedir-lhe as ordens e prometer fidelidade. Finalmente, é necessário recolher cuidadosamente as santas aspirações, que se encontram no final do capítulo para aproveitá-las durante todo o dia. Este capítulo do Diretório deverá ocupar um lugar importante entre nossas práticas. É importante afeiçoar-se a ele de maneira todo particular. Os sacerdotes ainda mais que os outros estão obrigados a isso. Admitidos tão freqüentemente à felicidade de receber ao Nosso Senhor, não deve acontecer que a comunhão se torne para eles algo costumeiro ou comum; que lhe dêem tanta mais atenção, quanto mais freqüentemente a recebam. Além disso, a devoção ao Santíssimo Sacramento deve ser a devoção privilegiada dos Oblatos de São Francisco de Sales, porque ela era particularmente querida ao nosso Santo Fundador.

Depois de receber a Nosso Senhor, conservemo-lo cuidadosamente, não lhe permitindo que nos deixe. Ele está conosco; que fique. Lembremo-nos de que está conosco. Isso não é imaginação, mas é a realidade. Mesmo não estando mais corporalmente, estamos certos que sua presença corporal, tantas vezes renovada, deixa um lugar ainda muito quente de amor em todo nosso ser, em nosso alma, e até no corpo. Para dizer a verdade, em toda a parte, Nosso Senhor é esquecido e abandonado. Quem pensa nele? Quem vai a ele? Aceitemos, recebamos a missão de desagrar-vá-lo por nossa fidelidade, nosso amor e nossa busca de agradar-lhe.

* * * * *

OBEDIÊNCIAS:

Durante a semana, o nosso Padre recomendou-nos que praticássemos fielmente nossa Regra, fazendo sempre, momento por momento, o que Deus quer de nós para tornar-nos bons religiosos. Recomendou uma vez rezarmos em prol da Igreja.

-O-O-O-O-O-O-O-O-O-O-

C A P Í T U L O de 13 DE MARÇO DE 1879S O B R E A P R E G A Ç Ã O

O nosso Padre recomendou-nos, primeiramente, que nos aplicássemos, especialmente durante a Quaresma, à fiel observância de nossas Regras para render a homenagem a Deus, a qual de nós deve de esperar.

Depois nos falou sobre a pregação. Os Padres não devem nunca pregar sem se lembrar de Nosso Senhor. É essa a primeira recomendação do Diretório para mostrar-nos como Nosso Senhor, recebido na Santa Comunhão, deve vivificar e fazer frutificar não somente a pregação, mas todos os nossos atos.

Os Padres devem ter o coração muito puro. De fato, na pregação, nada se saberia dar, salvo o que a gente tem. Seria bom copiar a oração, que consta no Diretório para oferecer a Deus Pai os trabalhos de Nosso Senhor Jesus Cristo. Finalmente, precisa pregar com amor. Observemos, entretanto, que o Diretório trata somente das disposições interiores. Porém existe também a preparação espiritual à atividade exterior; devemos preparar-nos cuidadosamente, não deixando nada para atender, da maneira melhor possível, uma incumbência tão importante.

O nosso Padre falou-nos sobre a venerável Madre Maria de Sales e relatou-nos este fato milagroso. Queriam fazer passar um canal pelo jardim da Visitação; propunham fazer uma passagem por cima através de trabalhos especiais, ou por baixo por meio de um túnel, que teria custado muito caro. Ela dizia a respeito: Não quero nada de tudo isso. Quero que seja o Salvador, que nos dê o nosso jardim. Nossas Irmãs precisam dele.

O tempo se ia e ela perseverava na sua confiança contra toda a aparência humana. Finalmente, ela disse que tinha visto o Salvador, que a levava atrás dele pelo jardim e disse a ela que sempre se passaria por onde ele mesmo passava. E abriu o caminho, andando na frente dela. De fato, saiu uma ordem para dar uma grande volta ao canal e o jardim da Visitação se conservou.

C A P Í T U L O D E 20 D E M A R Ç O D E 1879S O B R E A S P R O V A Ç Õ E S - C O N S E L H O S O B R E O D I R E T Ó R I O

O nosso Padre recomendou-nos, inicialmente, uma confiança completa na maneira como a Providência nos conduz no meio de todos os acontecimentos, que se poderão dar, sem falar, nem pensar nunca neles, senão para abandonar-nos a Deus. Aconteça o que acontecer, estamos certos de que tudo servirá para o nosso maior bem espiritual e que encontraremos nisso um meio de salvação, que nunca poderíamos achar em outras circunstâncias. Para mim, disse nosso Padre, creio que Deus disporá tudo para o nosso bem, mesmo o bem material. Mas, pelo menos, estamos certos de um grande proveito espiritual, tanto para a Congregação, quanto para cada um de nós em particular. Antes da Grande Revolução, as Congregações Religiosas estavam numa espécie de apatia moral. Ora, é evidente que a perseguição estimulou e reanimou. Verdade é, que a provação sempre tem sido útil aos filhos de Deus. Quando eu estava aos pés de Sua Santidade, o Papa Pio IX, dizia-lhe que se estava rezando muito para que se terminassem as provações dele. Ele me respondeu: O que estais dizendo? Não se deve rezar para que eu não tenha provações. Dizei a todos aos quais contardes que visitastes o Papa, que ele não quer que se reze por isso, mas para que Deus lhe dê as graças necessárias para governar bem a Igreja. Portanto, se a provação sobrevier, que isso só nos leve a refugiar-nos numa fiel observância do nosso Diretório e das nossas Regras.

Em seguida, o nosso Padre nos leu uma parte do Diretório. Quando as famílias eram bem cristãs, as almas, destinadas à vida religiosa, já podiam, no próprio lar, preparar-se para a sua vocação. Vinham para o mosteiro, preparadas faz muito e trazendo já uma arraigada vivência de união com Deus. Entretanto, o nosso Santo Fundador afirma que convém, no início, ter os espíritos ordenados e ocupados até chegar a um dos três estados que ele indica. No primeiro, do amor de complacência, a alma aceita com satisfação interior tudo o que encontra: desgostos, consolações, frieza, aridez, saúde, doença, tudo como sendo en-

viado por Deus. É um estado muito perfeito, entretanto, é somente o primeiro da vida espiritual. No segundo, o amor de confiança, a alma não só aceita o que provém de Deus; confia-se a isso, como não podendo ser, senão algo muito bom e proveitoso; lança-se nos braços de Deus, entregando-lhe todas as suas preocupações. Finalmente, o último estado é o da união do coração à Vontade de Deus; a alma somente deseja o que Deus quer.

Só a esse preço, o nosso Santo Fundador nos dispensa das práticas do Diretório. Certamente, quando a alma chegou a não querer mais nada, senão a Deus somente, ela não precisa mais preparar-se longamente à Santa Missa, ao Ofício, à meditação.

São Francisco de Sales, ao terminar esta parte, deixa liberdade ao Mestre dos noviços de conduzir as almas por um outro caminho. Sabia que pode haver almas privilegiadas com seu caminho especial. Mas essas almas são raras. Seria uma ousadia tomar a responsabilidade de conduzir as almas por um caminho particular. Mais vale ater-se ao que diz São Francisco de Sales no fim, a saber, que a experiência ensina que o caminho do Diretório é útil e excelente.

+ + + + +

OBEDIÊNCIAS:

O nosso Padre, durante esses quinze dias, recomendou-nos que fôssemos muito fiéis, aceitando da mão de Deus tudo o que se apresenta e realizando, momento por momento, o que ele quer de nós, até nas mínimas coisas.

-o-o-o-o-o-o-o-o-o-o-

C A P Í T U L O D E 27 D E M A R Ç O D E 1879S O B R E A S O B R I G A Ç Õ E S D O S N O V I Ç O S P A R A C O M S E U M E S T R E

Precisa cultivar um amor cordial para com o Mestre dos Novícios. A respeito disso, como em todos os outros pontos, não nos devemos surpreender por experimentar relutância ou tentações. Lembremo-nos que a tentação é o elemento essencial da vida religiosa. É um sinal de vocação, porque é a indicação de trabalho e de luta. Fora da nossa vocação, não teríamos nem luta, nem relutância; só teríamos indiferença. É preciso, portanto, que sejamos tentados, e isso contra a observância.

Devemos manifestar ao Mestre dos novícios gratidão e respeito. Essas virtudes são freqüentemente esquecidas nas famílias. A esse respeito, a vida religiosa deve proporcionar como uma nova educação. Deve-se obedecer ao Diretor espiritual com muita disposição e simplicidade. Se formos verdadeiramente obedientes, Deus fará milagres. Um dia, o monge S. Frobert recebeu a ordem por parte do seu Superior de trazer-lhe uma determinada coisinha, chamada "molaria", para servir-lhe de compasso. Não compreende muito bem; procura por todos os lados, e finalmente encontra num recanto uma grande mãe. Pensando que fosse isso o que o Superior lhe tinha pedido, a "molaria", não vacila, carrega a mãe e a leva no ombro. O Superior reúne a comunidade para mostrar a todos, de que a obediência cega é capaz.

Fielmente, os novícios prestarão as contas de seu interior. Nesta prestação de contas importa dizer em que estado a gente se encontra, como se comportou em relação com o próximo, como se praticou o Diretório e pedir, se necessário, esclarecimentos, estímulo, de forma que esse exercício redunde em novas forças para servir a Deus.

Os novícios, muito humildes, devem servir e respeitar a cada um. Essas duas palavras merecem atenção particular. Devem servir-se uns aos outros, naturalmente não com uma presteza importuna, mas cordialmente. Igualmente, é importante serem muito respeitosos, para conseguir os relacionamentos mútuos de amor e de caridade que São Francisco de Sales quer encontrar entre nós.

+ + + + +

OBEDIÊNCIAS:

Durante a semana, o nosso Padre nos recomendou ainda a fidelidade a Deus. Disse-nos que Deus é um bom Pai, que dispôs em tudo o que nos acontece os meios para nos santificar. É preciso, pois, aceitar com amor todas as circunstâncias desta vida, como designadas por Deus, para o nosso maior bem, desde toda a eternidade.

-o-o-o-o-o-o-o-o-o-o-

C A P Í T U L O D E 17 D E A B R I L D E 1879

S O B R E O S D E V E R E S P A R A C O M O M E S T R E D O S N O V I Ç O S E O S U P E R I O R

O nosso Padre nos lembrou os deveres para com o Mestre dos noviços e o Superior, dizendo-nos que diversas faltas foram cometidas neste ponto. Essas faltas não podem ser praticadas por almas dedicadas a Deus, sem uma grave obcecação do espírito, se a gente segue não compreendendo-lhe a gravidade, ou então sem uma vontade seriamente desviada... Essas faltas são de atrair as maldições divinas, não digo as maldições eternas, mas talvez a perda da vocação. Ora, continua nosso Padre, posso citar o exemplo da Visitação. Durante vinte e cinco anos, nenhuma religiosa se deteve voluntariamente num juízo próprio contrário ao que fazia a Mestra das noviças ou a Superiora. Será que isso não é uma coisa maravilhosa? Isto não significa, entretanto, que as Superiores fizessem tudo perfeitamente bem. Não digamos tampouco que as mulheres se submetem mais facilmente que os homens; elas têm seus caprichos. E ainda, será que todas aquelas religiosas eram santas religiosas e que a casa de Troyes era citada como uma casa modelo?

É necessário, pois, habituar-se à obediência, mas a uma obediência não passiva, mas altamente ativa. Porque obedecer dessa forma é o ato supremo da vontade, é um ato tanto mais potente por fazer a vontade de outrem. Os anjos e os bem-aventurados no céu estão extremamente ativos, porque sua vontade está em perfeita harmonia com a Von-

tade de Deus. Se tivéssemos somente um grão de fé, deslocaríamos montanhas. O próprio Jesus afirma isso. E essa fé não é a fé nos mistérios,... esta temos, mas é a fé na obediência. Baseados nesta fé, iríamos plantar uma couve de cabeça para baixo, as raízes para cima. Bem, para fazer uma coisa assim se precisa da onipotência divina, tamanha é essa façanha. Mas para plantar uma couve de maneira normal, o homem basta.

Em outro lugar, talvez não encontraremos o mesmo tipo de provações, mas haverá..., outras..., austeridades que não temos aqui, orações mais demoradas, menos sono, jejuns. Se não nos aplicamos a praticar inteiramente a vida religiosa de nossa maneira, o que é que estamos fazendo aqui? Somos felizes e estamos em paz, estamos bem alimentados e abrigados e fazemos a nossa vontade desde a manhã até à noite. Sejamos, pois, ajuizados e sensatos. Querendo ser religiosos, sejamo-lo inteira e perfeitamente, nada de meia tigela. Se não queremos, vamos embora, não amanhã, agora mesmo. Se queremos, realizemo-lo, e isso com todo o empenho.

Um dia, a Santa Madre Francisca de Chantal perguntava a São Francisco de Sales: Mas, Padre, o Senhor nos fundou a nós religiosas. Por que não forma também padres conforme o seu espírito? E o Santo respondeu: A grande dificuldade é que nos ensinam demasiadamente a raciocinar. O raciocínio mata ao espírito de Deus. Santa Joana replicou: Mas se houvesse homens que querem... E o nosso Fundador: Ah! Sim, quando o homem quer!...

De fato, quando um homem quer, pode submeter-se e se submete melhor que uma mulher. Naturalmente, teremos dificuldades, mas, lendo a Vida da Madre Maria de Sales, a achamos admirável. Não pensemos, porém, que ela tenha chegado a esse estado de perfeição sem esforços, sem dificuldades. Nenhuma religiosa teve mais problemas para abraçar a vida religiosa. Exatamente por ter um juízo tão aguçado, era propensa a julgar. No entanto, nunca julgou o que suas Superiores faziam, enquanto era súdita, isso é, durante a metade de sua vida. Cada um, pois, deve prometer a Deus entregar-lhe o juízo e a vontade e isso inteiramente e sem reservas.

Devemos rezar muito uns pelos outros, para alcançar de Nosso Senhor resuscitado esta vida, que não está mais sujeita à morte, essa vida imutável da ressurreição.

OBEDIÊNCIAS:

Após o último Capítulo, nosso Padre recomendou que nos uníssemos à Vontade de Deus com fidelidade, momento por momento.

Na Sexta-Feira Santa, ele nos disse que não deixássemos a Nosso Senhor sozinho na Cruz, mas que lhe oferecêssemos tudo o que nos acontecer.

Sábado Santo. Ele recomendou muito ressuscitarmos com Nosso Senhor e perseverarmos para não recair no tumulto das nossas faltas e das nossas imperfeições, pois lhe prometemos sair dessas.

No dia de Páscoa, recomendou-nos que fizéssemos conforme o que nosso Santo Fundador deseja nesta festa: esquecer a nós mesmos para festejar Jesus Cristo ressuscitado.

Os dias seguintes, recomendou-nos que pedíssemos boas férias para os alunos, sem perigos.

Quinta-feira, nos disse que era necessário ficar firmes para resistirmos à tentação, que hoje em dia se generalizou, e para seguirmos a voz de Deus, quando fala. Da nossa fidelidade depende nossa santificação e, talvez, nossa salvação.

-O-O-O-O-O-O-O-O-O-O-

C A P Í T U L O D E 23 D E A B R I L D E 1879

E N S I N A M E N T O S M U I T O Ú T E I S

O nosso Padre leu-nos o artigo intitulado: Ensinamentos muito úteis. O nosso Santo Fundador recomenda, antes de mais nada, que não se procure absolutamente nenhum meio de santificação fora do patrimônio espiritual do Instituto. É bastante notável que São Francisco de Sales, sendo tão suave e condescendente, neste ponto se manifesta tão categórico. Ele tinha criado, pois, alguma coisa nova, porque não se dá o título de Doutor a não ser aos que tenham desenvolvido um ou outro ponto doutrinário ou moral. E ele não quer, de forma alguma, que alguém se afaste disso. Uma coisa assim não acontece em nenhuma outra Ordem Religiosa. Em qualquer outro lugar, se um meio é bom e santificador em

si, é permitido servir-se dele. Por que, então, São Francisco de Sales não nos permite fazer nada fora do Instituto? É que ele não quer deixar nada à nossa iniciativa particular: quer que o religioso esteja sujeito, de saída, a uma obediência, que engloba tudo. Fora da obediência à Regra, nem tentemos achar santificação. Para nós, a obediência se estende a tudo e nos ocupa totalmente. Se tomamos alguma coisa, por excelente que seja além disso, estamos fora da obediência. Como as mortificações exteriores, aproveitemos as que a Regra nos propõe.

O nosso Santo Fundador, pois, quer, dessa forma, fazer morrer continuamente a nossa vontade, impondo-lhe sempre alguma coisa que não foi ela que inventou, quer fazer morrer sempre o nosso juízo, fazendo-o passar por modos de ver, que não sejam os dela. Essa morte da vontade é difícil, porque a vontade é que resiste por mais tempo. Quanto a nós, devemos começar onde outros terminam. Parece que essa dependência absoluta estorve a atividade do homem. Nada é menos verdade. Quando o homem está entregue a sua iniciativa própria, sua atividade é limitada. Mas quando liberado e devotado à Vontade de Deus, se torna imensamente capaz, pois participa do poder de Deus.

Entreguemo-nos, portanto, à obediência. Dos nossos três votos, a obediência domina e engloba todos os outros. Não nos consagrando a ela totalmente, perdemos o nosso tempo. Após longos anos, veremos que o que tivermos feito por nós mesmos, é pouca coisa e que esse pouco que realizamos, está mal feito.

Os irmãos devem abrir-se ao Superior. Isso se faz através da prestação de contas. Nisto não se trata de pecados, a não ser aqueles que acarretam a violação da Regra. Quanto aos itens das Constituições, sendo que estas não obrigam por si sob pena de pecado, também não se está obrigado a declará-los. A prestação de contas não consiste, portanto, detalhar, mas antes em criar confiança junto ao Superior ou Mestre dos noviços, descobrindo-lhe singelamente os pensamentos de sua vida interior. Esta segunda lei é a consequência da primeira. Eis as duas grandes bases sobre as quais devemos construir, segundo São Francisco de Sales: a obediência e a confiança para com os Superiores.

Os irmãos devem continuamente aspirar à verdadeira humildade de coração. O nosso Santo Fundador não fala em humildade de espírito, mas de humildade de coração. Tomemos um exemplo. Imaginem um homem, repleto de ciência e erudição. Seu espírito dificilmente se humilhará; não pode facilmente persuadir-se que seja um ignorante. Precisa, por-

tanto, que ele se humilhe de coração, dizendo: Eu sei alguma coisa, é verdade, mas isso aumenta minha culpabilidade diante de Deus. Aceitarei, portanto, alegremente todas as humilhações, que se me apresentarem, como minha porção, como algo que me convém, como algo que me é devido. Esse é o sentido em que devemos aspirar à humildade. Muita gente se imagina que, para ser humildes, deve-se fazer atos forçados, para persuadir-se que a gente é muito inferior a todos os outros, enquanto, em certos pontos, evidentemente superior. Não. Pratiquemos a humildade, acolhendo com alegria as humilhações; não é sempre fácil, a natureza se opõe. Mas, com isso, imitaremos Nosso Senhor; ele não podia ter a humildade de espírito, mas praticou excelentemente a humildade de coração.

* * * * *

OBEDIÊNCIAS:

Durante a semana, o nosso Padre recomendou-nos que fôssemos muito fiéis na observância. Pediu-nos que o fizéssemos pelos nossos pais, que devem ocupar um lugar privilegiado em nossas intenções, conforme São Francisco de Sales. Convidou -nos a fazê-lo também por aqueles dos quais estamos encarregados, pois expressamente a eles o devemos. Recomendou-nos, finalmente, cuidar muito até da mínima observância para sermos agradáveis a Deus.

-O-O-O-O-O-O-O-O-O-O-

C A P Í T U L O D E 2 D E M A I O D E 1 8 7 9

A T T I T U D E E X T E R I O R - C A R I D A D E - V O N T A D E D E D E U S

Neste Capítulo foram recebidos dois novos postulantes, que acabavam de fazer um retiro com os Trapistas. O nosso Padre os previne de que, se os Oblatos de São Francisco de Sales não têm as austeridades dos fervorosos religiosos Trapistas, é preciso que sejam muito mais

exigidos por provações interiores. Esta é uma provação, disse-lhes, que nos é peculiar e que todos nós temos: não ver o que estamos fazendo. Parece-nos que não estamos fazendo nada, que não servimos para nada. Mas, se olhamos mais de cima, temos a certeza de que Deus surge e nos dirá: "Euge, serve bone (Mt 25,21.23)! (Muito bem, servo bom)

O nosso Padre Superior recomendou-nos, em seguida, a atitude exterior. Essa é muito importante para nós, porque, não tendo austeridades exteriores, pelo menos devemos dedicar-nos às pequenas práticas, que para nós são de Regra.

Recomendou-nos ainda a caridade fraterna, lembrando-nos também que o nosso Santo Fundador não queria fundar sua Congregação a não ser sobre a caridade, sem a obrigação dos três votos. Conheço, assim nos disse, uma Congregação, que tinha uma quantidade de imperfeições e misérias. Teve-se a boa idéia de que todos os seus membros fizessem o voto de caridade. A partir daquele momento, a Congregação refloresceu. Não fazendo o voto, pelo menos façamos a Deus a promessa de caridade.

Finalmente, o nosso Padre recomendou-nos que oferecêssemos de bom grado nossa vontade a Deus, acrescentando que essa renúncia à vontade própria é o ato supremo da vontade. Deus já deu muitas provas para mostrar quanto estima e apóia esses atos de renúncia. Não devemos fazer essa renúncia, como se tratasse de uma façanha, mas por um ato simples e humilde, dizendo a Deus: Sim, Senhor..., de maneira que nada apareça.

Rezemos, finalmente, por nossos irmãos recém-chegados, para que eles não dêem vez ao desânimo, mas se mantenham firmes no serviço de Deus.

Todos os participantes do Capítulo foram rezar o "Magnificat" e abraçaram aos dois postulantes.

* * * * *

OBEDIÊNCIAS:

Quinta-feira, véspera da volta. Devemos recorrer mais seguidamente ao nosso Diretório, quando muito ocupados, porque então é que temos mais necessidade de Deus.

Sexta-feira. Em tudo o que fizermos, relacionemo-nos com a Vontade de Deus, porque um ato feito para corresponder à Vontade de Deus, vale mais do que todos, até os mais imponentes atos.

Sábado. Ofereçamos a Deus, de bom grado, tudo o que nos custa, porque os religiosos, mais que os outros, estão obrigados a oferecer a Deus uma reparação, sacrificando-se a si próprios.

Domingo. É preciso entregar-se a Deus sem reservas no que diz respeito à obediência e à observância. Às vezes, seria melhor recusar do que entregar incompletamente, embora não se deve recusar nada a Deus.

Segunda-feira. Mantenhamo-nos sempre dispostos para atender prontamente as manifestações da Vontade de Deus. Se não cumprimos inteiramente a Vontade de Deus em assuntos importantes, cumpramo-la nos pequenos, pois é isso o que nos santifica.

Terça-feira. Devemos robustecer-nos na fidelidade a Deus: peçamos-lhe frequentemente ajuda, para obter a coragem da qual incessantemente temos necessidade, pois faltamos só, porque a nossa vontade não está em perfeita harmonia com a Vontade de Deus.

Quarta-feira. Na ausência do nosso Padre, o Padre Assistente nos disse que nos submetêssemos à Vontade de Deus a exemplo de Maria, que disse: "Ecce ancilla Domini" (Lc 1,38). (Eis aqui a serva do Senhor)

Quinta-feira. Oferecer as nossas intenções pelos dois aspirantes.

-O-O-O-O-O-O-O-O-O-O-

C A P Í T U L O D E 8 D E M A I O D E 1 8 7 9

S O B R E A A D M I S S Ã O D O S R E L I G I O S O S

O nosso Padre explica-nos o capítulo da Regra, que trata sobre a admissão dos religiosos. A Regra não permite que se recebam postulantes antes dos 16 anos, mas não estabelece a idade que, estando ultrapassada, seja obstáculo para a admissão dos religiosos, como acontece em outras Congregações. Isso porque nosso Santo Fundador não baseia a obra da nossa perfeição sobre nós mesmos, sobre nossos esforços, mas

sobre o que Deus dispôs. Assim, ao fazermos uma boa ação, a decisão que para tanto tomamos é uma coisa boa, capaz de aumentar nosso mérito, mas não é essa decisão, que nos faz agir; necessitamos, simultaneamente, a ajuda de Deus. Sendo que as fraquezas da velhice também são uma disposição de Deus, São Francisco de Sales não achou conveniente fixar um limite de idade para a Ordem da Visitação e nós o acompanhamos no que ele fez.

Quem se apresenta para ser recebido, deverá esperar alguns dias. Esses dias têm a finalidade de experimentá-lo; e se supera o aborrecimento de ser, de certa forma, abandonado, já é um sinal de vocação; é um sinal de que esta atração, segundo São Francisco de Sales própria de vocação, persiste. A ajuda que o postulante deverá oferecer se estabelece de acordo com as necessidades da comunidade, etc... Quanto a nós, trabalhando com as próprias mãos na obra de elevar as almas dos jovens, erguemos tendas, destinadas a receber a Nosso Senhor.

Temos a praxe, imitando nisso a Visitação, de receber os postulantes diante de toda a Congregação reunida, inclusive os noviços. Podemos continuar esse costume que será fácil modificar, quando conveniente for. Os noviços são recebidos pelo Capítulo. O noviciado é de dois anos. Geralmente, nas Congregações religiosas, é só de um ano. Mas a Regra de São Francisco de Sales é tal que, sendo praticada desde o começo integralmente, o religioso estaria esmagado e esgotado dentro de 15 dias. Convém, então, que o noviço avance pouco a pouco, segundo as inspirações e as graças que lhe vêm do alto, e chegue gradativamente ao cumprimento perfeito da sua Regra. Por isso se lhe dá dois anos completos. Por outra parte, entre nós não é como numa outra Ordem, onde a meditação é dividida em diversos pontos, considerações, imaginações, sentimentos, onde se deve aplicar, de determinada forma, tanto a inteligência, como a imaginação, etc... Essa maneira de fazer meditação não só não nos é recomendada, mas tampouco é conforme nosso espírito. Quanto a nós, o nosso caminho é ir a Deus simplesmente, lançando-nos nele sem método, nem sistema. Para tanto é preciso adquirir um fundo de vida interior, o que requer tempo.

Os noviços devem ser exercitados na prática dos três votos e do Diretório. Ao redigir o Diretório, o nosso Santo Fundador escreveu sua vida, descreveu a sua maneira de ir a Deus.

Temos que estar bem unidos ao nosso Fundador. Certamente, os Fundadores de Ordens não limitaram sua ação ao que fizeram na terra,

mas a continuam no céu através de sua intercessão. Isso se aplica particularmente quanto a São Francisco de Sales, pois é um fato experimentado, que ele ajuda poderosamente as almas, que a ele se devotam.

* * * * *

OBEDIÊNCIAS:

Sexta-feira: Cuidar das pequenas observâncias para sempre estar na prática da obediência.

Sábado: O nosso Padre nos recomenda, de novo, que sejamos fiéis a Deus.

Domingo: A obra do Salvador não termina na Cruz; deve perpetuar-se através dos tempos, o que acontece particularmente por meio dos religiosos. Mantenhamo-nos bem unidos à Vontade de Nosso Senhor, para cumprir bem a obra que ele nos solicita.

Segunda-feira: É preciso sermos fiéis a Deus como ele próprio é fiel: fiel nas suas promessas, fiel em suas graças.

Terça-feira, quarta, quinta: Corresponder bem à Vontade de Deus.

-O-O-O-O-O-O-O-O-O-O-

C A P Í T U L O D E 15 D E M A I O D E 1879

S O B R E A S "C U L P A S" E S O B R E A R E G R A

O nosso Padre ainda nos recomendou que fizéssemos bem o exercício das "culpas", que perdoa não somente as faltas aí acusadas, mas também todas as outras. São Tomás, assim ele nos disse, distingue duas ordens na Igreja: uma composta dos prelados e dos religiosos, a outra incluindo o resto dos cristãos. Ora, não há dúvida que a primeira destas duas ordens recebe muitas graças. Assim os Bispos recebem importantes graças, não somente para a boa administração dos seus cargos, mas também para a sua santificação pessoal. O mesmo acontece com os religio-

sos. Encontram-se num caminho, onde recebem profusamente as graças divinas, se não tiverem faltas a censurar, que impedem a liberalidade divina. Ora, como está fora do alcance não cairmos, temos que reparar as faltas pelo meio, próprio da vida religiosa, a saber, a acusação das culpas; devemos, pois, praticá-la bem, em espírito de humildade.

A exemplo de São Bernardo, que dava a todos os seus penitentes um "Pai Nosso" para rezar, é bastante normal que demos essa oração aos que acusam suas culpas, quando não há nada de especial.

Depois, o nosso Padre explicou a Regra. Disse-nos que, no início da Regra, tinha-se colocado uma explanação dos motivos, que originaram a fundação dos Oblatos. Entre esses motivos, se pôs primeiramente os votos de São Francisco de Sales e de Santa Joana de Chantal e as instâncias diversas de Bispos. Bem, a Cúria Romana riscou tudo isso. É que a Santa Sé aprova ou reprova por sua própria autoridade: é juíza independente, não tendo necessidade de outros motivos, a não ser a sua própria decisão.

Quanto aos nossos bens, a Regra deixa-nos a propriedade da raiz. Se, por exemplo, temos uma casa, não podemos nem vendê-la, nem alugá-la, nem consertá-la, nem fazer qualquer outra coisa. É a comunidade que dispõe dessa casa. Entretanto, está em nosso nome nos documentos civis. Se quiséssemos dispor dela, precisar-se-ia pedi-lo à Santa Sé.

Um Oblato de São Francisco de Sales não pode ter nada para seu uso sem o Superior o saber e sempre deve estar pronto a deixá-lo, bastando um leve sinal, sem precisar uma ordem do Superior. Deve empenhar-se por gostar de sentir os efeitos da pobreza e preocupar-se para que nada se perca do que lhe é confiado.

Finalmente, a nossa pobreza deve ser nossa, isto é, deve atingir a nós e não incomodar aos outros. Observemos bem tudo isso, a exemplo do nosso Santo Fundador, que praticou essa virtude excelentemente. Uma vez, a Santa Joana de Chantal queria dar-lhe duas batinas, mas ele não quis aceitar mais do que uma só, dizendo que ele era somente um pobre Bispo.

+ + + + +

OBEDIÊNCIAS:

Oferecer-se por amor e por gratidão, em reparação dos agravos cometidos contra Nosso Senhor.

Sábado: Intenções especiais para os alunos.

Domingo: Há muitos santos em nossos países, muitas almas santificadas.

Precisamos continuar sua obra: é o dever, que nos cabe.

Segunda-feira: Rezemos de maneira todo especial à Boa Madre Maria de Sales.

Terça-feira: O Padre Assistente do noviciado lembrou-nos que devemos estar continuamente numa atitude de gratidão para com Deus.

Quarta-feira: O mesmo Padre recomendou-nos que conservássemos bem a presença de Deus e mergulhássemos nossa vontade nele.

Quinta-feira: O nosso Padre recomendou rezarmos muito por nossa pátria.

-o-o-o-o-o-o-o-o-o-o-

C A P Í T U L O D E 2 9 D E M A I O D E 1 8 7 9

A O B E D I Ê N C I A

O nosso Padre leu-nos o capítulo da Regra sobre a obediência. A obediência deve ser inteira e, conforme São Francisco de Sales, não deve ser passiva, mas ativa. O religioso deve aprender a gostar do que lhe é mandado e cumpri-lo prontamente, com alegria e amor. E isso se deve fazer, como diz São Francisco de Sales, com a fina ponta do espírito, porque, muitas vezes, nos seria difícil de fazê-lo a nível mais baixo. Além disso, não se nos diz que estamos obrigados a gostar da coisa mandada em si mesma e a forçar as energias de nossa vontade, impondo-lhe que queira o que não quer. Mas devemos gostar da coisa mandada, enquanto nos é mandada e sendo conseqüentemente agradável a Deus, ao executarmola.

Nas outras Ordens religiosas, se manda submeter a vontade da gente à obediência; na Regra de São Francisco de Sales há algo mais: manda-se-nos submeter o nosso juízo próprio. Isso parece muito

forte e muito difícil, ao recebermos uma ordem contrária à nossa maneira de pensar e ao nosso entender. Então se deve dizer: Resolvi dobrar-me em todas as obediências, que me forem dadas, portanto submeto-me totalmente também a esta; subordino-lhe o meu juízo próprio. Pode ser que ainda nos venha o pensamento de que a coisa foi mal mandada; desviamos esses pensamentos, como afastamos os contra a fé ou contra a santa virtude. Ora, não é muito difícil afastar-se de um pensamento contra a fé; não é impossível rejeitar um pensamento contra a castidade. Igualmente, um religioso obediente pode repelir as sugestões do seu juízo próprio. São Bernardo dizia que, quando nos baseamos em nosso juízo, nos confiamos a um doido. Quem dessa forma se agarra cegamente à obediência fará milagres e há muitíssimos fatos maravilhosos a esse respeito. Um dia, um Padre Jesuíta recebe a notícia por carta, que seu pai está nas últimas e que só ele seria capaz de convencê-lo a confessar-se. No entanto, o Superior diz ao religioso: O Senhor não irá. Submeter o juízo era difícil. O religioso conhecia a seu pai. Além disso, a distância era de poucas léguas. Apesar de tudo, o religioso se submete. Pouco depois, rezando a Missa, lhe é revelado que seu pai acabou de falecer e estava salvo. De fato, logo depois chega uma carta, que informa que o pai do religioso se tinha confessado com o seu Vigário e tinha falecido com disposições maravilhosas. A Madre Maria de Sales afirmava que, quando o homem se submete e se apaga tão absolutamente, não é mais ele, que age, mas é o Salvador, que toma o lugar dele. Finalmente, São Tomás declara que essas renúncias interiores do juízo e da vontade nos adquirem uma glória e um mérito iguais à glória e ao mérito do martírio.

Que Jesus obediente à Nossa Senhora, obediente às autoridades da terra, nos ensine a obedecer.

* * * * *

OBEDIÊNCIAS:

Sexta-feira: Correspondamos à Vontade de Deus, para oferecer-lhe a parte dos méritos, dos trabalhos e dos sacrifícios que de nós espera.

Sábado: Queiramos bem o propósito de atender a Vontade de Deus, momento por momento, Vontade que ele nos manifesta através da observância, através dos Superiores e através das circunstâncias.

Segunda-feira: Peçamos o nosso pão cotidiano, sobretudo as inspirações

e as forças de que precisamos a todo momento para corresponder à Vontade divina.

Terça-feira: Alegremo-nos por levar o jugo de Nosso Senhor, aceitando gozosamente o que encontrarmos de dificuldades.

Quarta-feira: Pensemos na Ascensão. Elevemos nossos pensamentos à Cidade, onde passaremos não o tempo, mas a eternidade.

Quinta-feira: Rezemos especialmente à Madre Maria de Sales.

Sábado: (Pe. Rollin) Nada se opõe mais à nossa união com Deus do que a nossa vontade própria. Superemo-la, pois, com fidelidade.

Domingo: (Pe. Séguin) Unamo-nos aos Apóstolos no Cenáculo.

Segunda-feira: (Pe. Séguin) Peçamos o Espírito de Deus para que nos oriente a vida.

Terça-feira: Lembremo-nos que nossa observância é o único caminho por onde possamos chegar a Deus.

Quinta-feira: Submetamo-nos à Vontade de Deus, pois ele dispõe tudo para o nosso bem e sabe o que precisamos para conduzir-nos à santidade.

-O-O-O-O-O-O-O-O-O-O-

C A P Í T U L O D E 5 D E J U N H O D E 1 8 7 9

A O B E D I Ê N C I A E A C A S T I D A D E

O nosso Padre nos lembrou ainda que as "culpas" bem realizadas não somente perdoam as faltas que acusamos, mas também todos os pecados veniais. É importante, pois, suscitar uma verdadeira contrição ao acusar-nos, de maneira que nossos Capítulos sirvam para purificar-nos.

Também nos lembrou o preço da obediência. Esta é o que mais custa e, conseqüentemente, o que mais nos santifica. Bem Santo Agostinho o afirma, como encontramos expressado nas leituras do Ofício. É pouca coisa renunciar aos bens materiais e até mesmo aos prazeres, mas é algo grande renunciar a si próprios. "Abnegare semetipsum," (cf. Mt 16,24) São Bernardo diz que o inferno é a vontade própria; o paraíso é a adesão à Vontade de Deus.

O nosso Padre explicou-nos o capítulo da Regra sobre a castidade. Não devemos ir a nenhuma parte sem estarmos rodeados de nossa castidade, como que por uma muralha impenetrável. Porém, isso sem perder a naturalidade. Na rua, devemos olhar a uma distância conveniente, sem baixar os olhos a ponto de chamar a atenção. É preciso saber ver sem olhar. Nas conversações, não se deve permitir-se o que teria a aparência do mal, porque o que é leviandade para os outros, para nós é uma blasfêmia. Em nosso interior, cortemos todo o pensamento, que poderia embaciar a limpidez do nosso espírito. Ainda que não se trata de uma coisa proibida, é sempre perigosa, já pela distração que nos origina. Ora, é certo que Deus recompensa com o cêntuplo os sacrifícios que, nesse sentido, lhe oferecermos. E se não conseguimos nada na meditação, se Deus aí não se nos manifesta, devemos culpar só a nós mesmos.

Quanto ao nosso coração, não tenhamos outro amor a não ser o para com Deus. Devemos querer bem as almas que nos são confiadas, mas importa que Deus seja a alma dessa afeição, que seja ele a nossa única dileção. É assim que devemos cuidar da nossa atitude exterior, de nossos pensamentos e dos nossos sentimentos.

Não esqueçamos a mortificação do refeitório. Busquemos uma

certa inventividade para mortificar-nos. Aliás, não é somente nas refeições, isso se aplica também aos recreios, a tudo que fizermos, sempre Deus tenha a sua parte. Não temos a coragem de praticar grandes austeridades, mas então que as pequenas mortificações, mil vezes repetidas por dia, somem o peso das grandes mortificações dos Cartuxos ou dos Trapistas. Sejam generosos na aceitação dos sacrifícios.

Finalmente, lembremo-nos bem de uma coisa: sem dúvida, o céu é um grande bem, mas agradar a Deus é um bem muito maior, imensamente maior, infinitamente maior. De fato, o céu é para nós, mas agradar a Deus é para Deus.

+ + + + +

OBEDIÊNCIAS:

Sexta-feira: Peçamos o Espírito Divino para nós.

Sábado: Rezemos para que o Espírito Divino reine em nós e em redor de nós, nestes tempos em que o mal age com uma atividade devoradora.

Domingo: Ofereçamo-nos em reparação das ofensas horríveis que se cometem contra Nosso Senhor e contra o Espírito Santo.

Segunda-feira: (Pe. Rollin) Rezemos ainda ao Espírito Santo e ofereçamo-nos em reparação.

Terça-feira: (Pe. Rollin) Peçamos ao Espírito Santo que nos ilumine e nos inflame para cumprir bem a Vontade de Deus.

Quarta-feira: Sejam fiéis na observância.

Quinta-feira: A Madre Maria de Sales, segundo o testemunho de um de seus confessores, chegou ao grau de perfeição que alcançou somente através da prática comum da observância. Lembremo-nos de que esse é o nosso caminho também para chegar a Deus.

-o-o-o-o-o-o-o-o-o-o-

C A P Í T U L O D E 1 9 D E J U N H O D E 1 8 7 9A S " C U L P A S " E O D I R E T Ó R I O - O S U P E R I O R

O nosso Padre recomendou não acusarmos nossas culpas sem o firme propósito de não cometer mais as faltas que reconhecemos. Pois bem, o Diretório tem uma eficácia absoluta para a santificação das almas. Em outras palavras, não é possível que uma alma pratique o Diretório sem chegar a um grau elevado de união com Deus, pela mui simples razão que o Diretório nos põe em união contínua com Deus. É importante, pois, que nos embebamos no nosso Diretório, o que faremos, tomando um firme propósito de praticá-lo melhor nos pontos que reconhecemos falhos.

Em seguida, foi apresentado um novo postulante, o Senhor Poitevin, ao qual o nosso Padre recomendou eliminar tudo o que visse contrário à Regra.

O nosso Padre continuou a leitura da Regra. Leu-nos o que se refere ao Superior. Este deve ser um homem de bom senso. Não seria necessário, em geral, que seja um homem intelectual, no sentido como geralmente se entende, porque a inteligência, nesse conceito, nem sempre vem acompanhada de um reto juízo. É preciso que o Superior tenha, até certa altura, as virtudes de bondade e de humildade. O Superior deverá consultar frequentemente o seu Conselho. Há coisas que não poderia resolver sozinho, como a fundação de uma casa nova.

Concluindo, o nosso Padre citou-nos uma palavra muito consoladora da Madre Maria de Sales, que assegurou que, quando tudo parecesse fracassar, Deus sempre estaria conosco. Lembrou-nos ainda que ela disse que, quando a Congregação crescer, será como que Nosso Senhor de volta no mundo.

* * * * *

OBEDIÊNCIAS:

Sexta-feira: Nossa vida é uma vida de mortificação e de contínua vigi-
lância: mantenhamo-nos muito apegados a isso.

Sábado: Não esqueçamos nossas "culpas", que nos purificarão das
faltas que acumulamos cada dia.

Domingo: Rezemos pelos alunos do Colégio de S. Ouen, que, proximamente,
serão admitidos à Primeira Comunhão. O Reino dos Céus é com-
parado a um negócio: não percamos a ocasião de obter pequenos
lucros, não podendo fazer grandes.

Segunda-feira: (Pe. Seguin) Sujeitemos, de bom grado, a Nosso Senhor
todas as nossas aptidões.

Terça-feira: (Pe. Seguin) Façamos, freqüentemente, a comunhão espiritual.

Quarta-feira: (Pe. Seguin) Lembremo-nos as palavras de São Tomás de A-
quino: "Manducat Dominum pauper servus et humilis." (O pobre,
humilde servo consome ao Senhor)

Quinta-feira: Amor e respeito ao Santíssimo Sacramento.

Sexta-feira: Submetamos, de bom grado, a nossa vontade à de Deus.

Sábado: (Pe. Seguin) A mesma intenção.

Domingo: Voltemos, freqüentemente, o nosso pensamento ao sacrário; re-
zemos a Nosso Senhor que os objetivos dos malvados não se rea-
lizem.

Segunda-feira: Rezemos pela mesma intenção.

Terça-feira: Façamos a Vontade de Deus, momento por momento, para que
ele nos dê também o que necessitamos.

C A P Í T U L O D E 2 6 D E J U N H O D E 1 8 7 9O D I R E T Ó R I O - O A S S I S T E N T E - O E C Ô N O M O E O S B E N S M A T E R I A I S

O nosso Padre recomendou-nos ainda a prática fiel da observância, especialmente do Diretório. É o Diretório que perfaz ao Oblato de São Francisco de Sales. O resto é só matéria bruta da qual se faz uma estátua. O Diretório é o molde, molde que tem um poder maravilhoso de imprimir uma mesma forma a muitas almas, unindo-lhes os espíritos e os corações. E esta fusão aparece até exteriormente. Por isso que não se poderia distinguir uma Visitandina de Paris de uma da Prússia. A Regra de São Francisco de Sales, mais do que as outras, é capaz de conformar as almas numa única harmonia. O Diretório não parece nada, no entanto para nós é tudo e o que produz é a santidade. Ainda que nos leve dez anos para praticá-lo bem, empreguemos, então, dez anos, mas acrescentando cada dia alguma coisa.

O nosso Padre continuou a leitura da santa Regra. O Assistente deve substituir ao Superior ou ser solicitado para tudo o que o Superior julgar oportuno confiar-lhe. No entanto, deve ocupar-se especialmente da capela e da biblioteca. Além disso, é o encarregado de atender a gente de fora, para evitar que o Superior seja desviado por demais da direção interna da casa. O Assistente deverá manter o Superior ao par de tudo que é de seu cargo e não fazer nada sem que o Superior o saiba.

O ecônomo deve administrar os bens materiais da Congregação. Deve-se pedir a ele o que se precisa. A este propósito, lembremo-nos que sentirmos falta de alguma coisa é penhor de uma valiosa bênção. Não deveria faltar nada do necessário, mas, fora disso, se nos falta alguma coisa, é o que oferecemos a Deus; devemos gostar muito disso, sabendo que Deus nunca abandona a alma que aceita a falta de alguma coisa por amor dele.

Precisaria que o ecônomo fosse um santo, porque os bens materiais santamente administrados ocasionam muita graça.

É preciso que cada um considere, não como próprio, tudo o que está a seu serviço, mas que o respeite como pertencente a Deus, quem,

na sua bondade, no-lo deixa para o nosso uso. Ao fazermos assim, Deus tomaria conta do nosso bem e as coisas materiais colaborarão vigorosamente para santificar-nos. Isso não deve estranhar, pois os sacramentais nos santificam. Os alimentos que comemos santificam-nos, porque recebem a bênção do sacerdote antes da refeição. Acostumemo-nos, pois, a não servir-nos de nenhum objeto a não ser consciente de que pertence a Deus, e veremos como essa prática nos preenche de Deus, nos impregna dele. A Madre Maria de Sales afirmava que, se o Filho nos santifica pela Redenção, o Espírito Santo pela habitação em nossas almas, o Pai nos santifica também pelo criado, se o empregarmos santamente. Façamo-lo, pois, com todo carinho em honra da Santíssima Trindade, que nos santificará e nos conduzirá à vida eterna.

* * * * *

OBEDIÊNCIAS:

Durante a semana, o nosso Padre recomendou rezarmos pelos que estavam por ordenar-se; recomendou-nos, outrossim, que rezássemos pelos assuntos para fora e que fôssemos fiéis ao nosso Diretório.

-O-O-O-O-O-O-O-O-O-O-

C A P Í T U L O D E 3 D E J U L H O D E 1 8 7 9

O MESTRE DOS NOVIÇOS - PRESTAÇÃO DE CONTAS - IRMÃOS - OBRAS DOS OBLATOS

O nosso Padre leu-nos na Regra o que se refere ao Mestre dos noviços. Esse cargo é tão importante que o Padre, que o deve desempenhar, é escolhido pelo Capítulo Geral. Deve ter 35 anos de idade e 10 anos de profissão. Ele tem a direção interior e exterior dos noviços e dos aspirantes, deixando-lhes, ao mesmo tempo, a liberdade de comunicar-se com o Superior. Os noviços deverão, portanto, prestar as contas de sua vida interior ao Mestre. No que diz respeito à prestação de con-

tas, já houve abusos em algumas comunidades femininas. Tinha-se entendido essa prestação para lá do estabelecido pela Regra, já entrando no terreno da observância do decálogo. Em si não haveria nada de pior se uma religiosa descobrisse singelamente até seus pecados à Superiora. No entanto, as Superiores abusavam. Quando uma religiosa se abria menos do que uma outra nesse ponto, ficava menos estimada. Daí, preferências e distanciamentos. Por isso a Cúria Romana proibiu aos Superiores que exigissem a confissão de seus religiosos. Entretanto, para nós, religiosos Oblatos, não devemos ter medo de fazer nossa prestação de contas com demasiada abertura. Primeiro, já que o Mestre dos noviços é sacerdote e confessor dos seus religiosos, é evidente que a inconveniência não se situa como entre religiosas. Ademais, nossa Regra compromete antes de mais nada o interior, e não dizendo nada do nosso interior, nossa prestação de contas não seria mais do que superficial.

Devemos praticá-la, portanto, com confiança sincera, franca, singela, simples e ingênua. Convém ser como uma criança diante de seu pai. Se não nos tornarmos como crianças, não entraremos no Reino dos Céus (cf. Mt 18,3). A prestação de contas é um exercício que ocasiona muita paz à alma. Importa aproveitar todas as vantagens que ela é chamada a nos proporcionar. O Mestre dos noviços, assim reza a Regra, deve formar seus religiosos com os meios de São Francisco de Sales, sem empregar demasiadamente outros recursos. Essa palavra "demasiadamente" não foi acrescentada pela Cúria Romana, mas somente a pedido de alguns clérigos. Pode-se, certamente, ficar inflexível nisso, a exemplo de São Francisco de Sales, que, no Diretório, proíbe tudo o que é alheio ao Instituto.

Os Irmãos Leigos. Devem lembrar-se de que sua parte é a melhor (cf. Lc 10,42). É eles que recebem mais graças, porque não há nada tão propício para conservar a alma no espírito de oração do que o trabalho manual. Isso era tão reconhecido na Idade Média, que muitos da nobreza, ao entrar no mosteiro, solicitavam os ofícios mais humildes, de maneira que se viram obrigados a instituir uma ordem de Irmãos Leigos. Os Irmãos numa comunidade são melhores ou piores do que os outros, porque têm mais ocasiões seja de corresponder à graça, seja de abusá-la.

Devem servir com carinho, tendo em vista a Nosso Senhor na pessoa de quem atendem e alimentar um amor cordial uns com os outros, como também prestar obediência muito simples ao Ecônomo de quem dependem, no tocante a seus cargos.

Sobre as obras, às quais nos devemos dedicar. Essas obras são, em primeiro lugar, as da educação da juventude. Devemos educar nossos alunos segundo os princípios de São Francisco de Sales, formando-os como cristãos, com a disposição fundamental de desprender-se de si mesmos.

Os professores devem evitar dois excessos, que seriam de nunca falar aos alunos sobre o que concerne à fé, ou de falar-lhes de maneira contínua, o que provocaria enjoio e indiferença. Deve-se seguir o nosso Santo Fundador, que é propulsor da Comunhão frequente. No entanto, não se deve exagerar nisso com jovens, que estão destinados a viver no mundo. A Comunhão deve ser um pouco merecida. Antes de executar todas essas coisas, devemos-nos formar a nós mesmos. Trabalhem com afinco nessa formação interior e pessoal.

* * * * *

OBEDIÊNCIAS:

Usemos santamente das coisas materiais, para que nos santifiquem.

Sábado e Domingo: Unamos nossa vontade à de Deus.

Segunda-feira: Ação de graças por um benefício material. Tenhamos o espírito de pobreza.

Quarta e Quinta: Fiel observância.

-O-O-O-O-O-O-O-O-O-O-

C A P Í T U L O D E 1 0 D E J U L H O D E 1 8 7 9

AS LEIS CIVIS SOBRE O ENSINO - AS OCUPAÇÕES DIÁRIAS

(As anotações deste capítulo não são do Pe. Maréchaux.)

Nosso Padre, depois de comunicar o voto da Câmara dos Deputados, adotando as leis sobre o ensino secundário, transmite à comunidade as esperanças do Senhor Bispo. Este espera poder preservar a Con-

gregação das conseqüências dessas leis. Pede que todos se unam em oração para esse fim. O nosso Padre dispõe, conseqüentemente, uma novena durante a qual a comunidade rezará todos os dias três pais-nossos e três ave-marias, como também três invocações aos nossos Santos Fundadores. Além disso, pede que cada um dirija, com a mesma finalidade, uma invocação mental à Boa Madre Maria de Sales.

Depois disso, o nosso Padre continua a leitura da Regra. As ocupações que devemos atender cada dia: esse foi o assunto dos comentários do nosso Padre.

As ocupações diárias devem ser regidas por um horário, que é comum em todas as casas da Congregação. É o horário como em uso em "São Bernardo". Se, por um motivo ou outro, uma casa necessita derrogar esse horário, somente será possível com autorização especial e expressa do Superior Geral.

Uma das práticas mais importantes da Congregação é a da presença de Deus. Entretanto, não sendo possível que esse pensamento na presença de Deus esteja continuamente presente em nosso espírito, especialmente durante o estudo, se faz necessário que, de vez em quando, voltemos à presença do Divino Mestre. Dessa forma, nossa vontade, nosso juízo, todas as nossas faculdades estarão sempre presentes diante de Deus, mesmo quando o nosso espírito esteja ocupado nos trabalhos ou estudos, impostos por nosso encargo.

A Regra determina a duração do estudo. Todos devem trabalhar sete horas por dia. O tempo das aulas está compreendido nesse tempo de trabalho; mas os que não têm uma tarefa determinada, devem dedicar sete horas por dia ao estudo. Evidente que esses estudos devem ser variados, como indicados também pelos Superiores, que devem estabelecer para cada um a maneira de que esse tempo deve ser aproveitado e o tipo de estudo, no qual cada um se deve empenhar. O nosso Padre terminou, lendo o horário como consta na Regra, horário que estabelece a hora e a duração dos exercícios principais.

C A P Í T U L O D E 1 7 D E J U L H O D E 1 8 7 9S O B R E O Q U E S E D E V E F A Z E R S E M A N A L M E N T E

O nosso Padre leu-nos a artigo da Regra sobre o que se deve fazer todas as semanas. Deve haver, primeiro, uma reunião dos religiosos, na qual se trata particularmente sobre a renúncia à vontade e opinião próprias, etc. A renúncia à vontade própria não implica na destruição em nós da faculdade de querer. Muito pelo contrário, essa aptidão se torna ilimitadamente mais forte e generosa. De fato, querendo alguma coisa por nós mesmos, dispomos de nossa vontade com todo o seu poder natural; mas se dez pessoas apoiam a nossa decisão, então nossa vontade se torna dez vezes mais forte, e adquire um novo vigor pelo apoio dos outros, como sendo determinação própria. Ora, o religioso entrega sua vontade a Deus e essa vontade, apoiada em Deus, se reveste de uma força divina. A Madre Maria Salesa acabava de perder uma religiosa, espiritualmente muito achegada a ela; lançou-se aos pés do crucifixo e reza : Sim, meu Deus, fizestes minha vontade, porque a minha vontade era, que se cumprisse a vossa. O religioso é a pessoa mais livre de todos, porque faz sempre o que quer. Se nele há resistências, essas não se situam na sua vontade, pois esta está absorta em Deus. Um dia, o Padre Mestre dos noviços num mosteiro de Cartuxos recriminava um dos seus religiosos e lhe dizia que só servia para se jogar nos espinhos. O noviço, que era doutor em teologia, atirou-se logo numa moita de espinhos. E como outros se admiravam disso, asseverou que para ele a palavra do seu Superior era igual à de Deus.

Também a renúncia à opinião própria não é uma destruição. Manda-se-nos uma coisa, que nos parece absurda; São Francisco de Sales quer que a gente se baseie, imediatamente, no ponto de vista verdadeiro, dizendo: Mesmo que meu parecer fosse bem melhor que o do Superior, sem dúvida, eu não teria as graças para uma boa realização, a não ser na obediência.

Todas as semanas, deverá haver ainda palestras sobre a doutrina, sobre casos de consciência e problemas pastorais. É por esses meios que a gente se esclarece mutuamente e que se aplica na prática o espí-

rito de uma Congregação.

Cada religioso, além disso, deverá praticar uma mortificação todas as semanas, em sua cela. Os exercícios, destinados a humilhá-lo, se realizam no refeitório. Os Oblatos de São Francisco de Sales devem observar a Regra, não havendo mais do que um prato, na refeição das sextas-feiras.

Finalmente, o nosso Padre nos disse que não tivéssemos medo algum dos acontecimentos, contanto que rezemos muito e nos esforcemos para tornar-nos religiosos, cada vez melhores.

* * * * *

OBEDIÊNCIAS:

Nestes dias, o nosso Padre recomendou rezarmos muito e sermos fiéis a Deus, de maneira muito especial para que nos proteja no meio dos acontecimentos. Disse-nos que Deus pode ter condicionado a salvação de diversas almas à nossa fidelidade.

-O-O-O-O-O-O-O-O-O-O-

C A P Í T U L O D E 2 4 D E J U L H O D E 1 8 7 9

O Q U E S E D E V E O B S E R V A R C A D A M Ê S - A M E D I T A Ç Ã O

O nosso Padre falou-nos sobre o que se deve observar cada mês. O Superior deve fazer, todos os meses, a correção fraterna. A prática desse ponto da Regra supõe que já se adiantou bastante. Também, em certos mosteiros da Visitação recém-fundados, esse exercício, às vezes, foi adiado. É o que acontece entre nós, mas agora poderíamos começar com isso sem muita demora.

Além disso, a Regra diz que o religioso poderá prestar as contas do que ele possivelmente ganhasse ou perdesse na prática da sua

Regra e das virtudes , que lhe foram especialmente recomendadas. Ela acrescenta que esse ponto é facultativo. É a Cúria Romana, que retirou toda a obrigação nesse detalhe, devido a abusos, que houvera. Entretanto, mesmo não sendo obrigados, não devemos nunca ter medo de ser demasiadamente abertos na nossa prestação de contas; devemos dizer simplesmente o que nos molesta e do qual desejamos ser libertados ou o que nos pode levar a sintonizar espiritualmente com o nosso Superior.

Cada mês, o religioso terá também um diálogo com a assistência espiritual, que lhe será dada. Essa conversação requer uma certa prudência e não reveste as mesmas características da prestação de contas. Deve desenrolar-se com muita cordialidade e caridade e não aconteça, como também acontece, que os religiosos se empenem um contra outro.

Finalmente, cada mês, o religioso relerá sua Regra e tomará nota dos pontos cuja prática tiver sido falha por parte dele.

Isso é o que se deve observar cada mês.

Cada ano, terão lugar os exercícios espirituais do deserto, conforme os ensinamentos de São Francisco de Sales, no que diz respeito ao exercício da presença de Deus e à maneira de meditar. O exercício da presença de Deus não é um ato de nossa inteligência ou de nossa imaginação, mas antes da vontade. Não é necessário representar-nos a Deus diante de nós; mas a gente está na presença dele, querendo-o; estar unido a ele, fazendo-lhe a Vontade.

Podemos muito bem estar na presença de alguém sem representar-nos suas feições. Esse exercício não consiste num pensamento, mas numa simples presença, que se renova por meio da reta intenção e das outras práticas do Diretório, as quais têm precisamente como finalidade guardar-nos nesta presença. Daí que, ainda que absortos num trabalho, poderemos manter-nos perfeitamente na presença de Deus.

Quanto à meditação, é um diálogo afetoso da nossa alma com Deus. Deve-se distinguir a meditação propriamente dita, que é uma conversação carinhosa de nossa alma com Deus sobre assuntos nossos e a contemplação, que é um colóquio com Deus sobre as coisas divinas, como a infinidade, a grandeza dele, etc...

Há diversos métodos de fazer a meditação propriamente dita. O primeiro é o de ocupar-se, com Deus, do próprio dia, preparando-o com ele. O segundo é aquele que versa sobre os mistérios, como aparece na "Introdução à Vida devota". Um outro seria o de conversar com Deus ao seguirmos a atração da inspiração divina. O nosso Padre recomendou-nos espe-

cialmente o primeiro método. Trata-se quase de um exame de previsão, como faria um banqueiro que, de manhã, considera quais as operações que vai fazer, se é seguro fazendo assim, como pode tirar vantagem deste ou daquele negócio... Que o desenrolar de nosso dia seja coerente com o plano traçado durante a meditação, de maneira que se possa reconhecer nossa meditação no decorrer de nossa jornada. Essa programação, realizada com antecedência perante Deus, é especialmente recomendável aos sacerdotes em relação com as obras de seu ministério, para que estas sejam santificadas e fecundas, graças a Deus.

Finalmente, existe ainda uma meditação bem mais preferível a todas as outras, infinitamente mais agradável a Deus e vantajosa para a alma: é a oração de impotência, para quando estamos num estado de aridez e de sofrimento. Se não pudermos aglentar essa situação, que tomemos um livro. Mas, tendo a coragem de ficarmos nesse estado e de sofrer, isso vale mil vezes mais. Pois, o único bem que nos pertence é o sofrimento; o restante não é nosso. É pelo sofrimento que alcançamos mérito. O grande São Vicente de Paulo ficava em meditação durante uma hora e dizia: Fico escutando a Deus; se não me fala, permaneço em adoração perante sua justiça para comigo. Santo Afonso de Liguori dizia: Na meditação estendo minha alma toda diante de Deus, dizendo-lhe: Senhor, é estrume que eu ostento perante vós, mas esta estrumeira precisa ser inflamada por vós. Certamente, uma alma, que se humilha dessa maneira diante de Deus e assim lhe adere com fervor, tornar-se-á, em breve, muito agradável a Deus.

* * * * *

OBEDIÊNCIAS:

Durante a semana, o nosso Padre recomendou-nos que oferecêssemos, cada dia, nossos trabalhos a Deus pelos alunos, a fim de que os proteja durante as férias.

-o-o-o-o-o-o-o-o-o-o-

C A P Í T U L O D E 7 D E A G O S T O D E 1 8 7 9A A T I T U D E E X T E R I O R E I N T E R I O R

O nosso Padre leu-nos na Regra sobre o que diz respeito à atitude exterior e interior. Sendo que os Oblatos de São Francisco de Sales são chamados a representar a vida de Nosso Senhor sobre a terra, devem manifestar até exteriormente a imitação desse divino modelo. Devem abster-se de uma liberdade demasiada nos olhares. Por exemplo, na rua, não precisa ostentar uma modestia afetada, nem girar a cabeça para todos os lados. Quanto à nossa aparência, devemos evitar igualmente tanto o relaxamento, quanto a afetação. Cabe-nos muito cuidado com a nossa roupa e com tudo o que nos é confiado. O capricho é um adorno do estado eclesiástico e mais ainda do estado religioso. Sem dúvida, custa sermos caprichosos. Os que vivem no mundo, têm seus empregados à disposição para a limpeza. Mas o religioso, que quer ser ordenado, deve pôr empenho. Se notamos uma mancha na roupa, devemos tentar tirá-la. Isso se consegue, muitas vezes, com um pedacinho de tecido de lã ou de outro tipo, embebido em água ou gasolina. É um recurso de pobres. Se a nossa roupa está rasgada, não esperemos até que o rasgão se abra mais. Se a nossa cela está desarrumada, ponhamo-la em ordem. Não há nada tão santificador, quanto essas pequenas práticas, porque, continuamente, nos sujeitam a Deus. Proporcionam maior proveito à nossa alma do que uma hora de meditação por dia a mais.

O nosso Padre contou-nos que, na oportunidade de uma visita num mosteiro de Cartuxos, viu um religioso, um príncipe antes de ser religioso, que tinha que varrer diversas salas com uma pequena vassoura todo gastada. O Mestre dos noviços, para exercitá-lo, censurou-lhe o relaxamento e tinha pendurado sua vassoura na parede da cela dele. E ... levavam-lhe a comida numa tigela furada e o recriminavam por deixar algumas manchas no assoalho.

Finalmente, temos que estar atentos a eliminar todo o pensamento vão e inútil. Se estamos cansados e há um pensamento, que nos possa distrair e decansar, fiquemos com ele, pedindo licença a Deus. Fora disso, devemos pensar naquilo que nos diz respeito, seja quanto

ao nosso trabalho, seja quanto à nossa santificação. Isso habituar-nos-
á grandemente a dominar a nós mesmos.

Rezemos muito à Madre Maria de Sales, que encontrou no uso das
coisas materiais uma fonte abundante de santificação.

Rezemos também à Irmã Maria Genoveva, que contribuiu muito pa-
ra a nossa fundação por sua intercessão no Céu. Ela afirmava que Deus
dava ao nosso Santo Fundador uma grande influência neste mundo e lhe
confiava uma missão muito mais extensa do que a que tivera, enquanto no
mundo, a saber a missão de fazer conhecer e amar a Deus, como ele mes-
mo o tinha conhecido e amado. Dessa maneira se veria reviver o nosso
Santo Fundador. E ela mesma nos ofereceu uma como personificação viva
de São Francisco de Sales.

* * * * *

OBEDIÊNCIAS:

Durante a semana, o nosso Padre recomendou que renovássemos
freqüentemente nossos compromissos de fidelidade para com Deus.

-O-O-O-O-O-O-O-O-O-O-

C A P Í T U L O D E 22 D E A G O S T O D E 1879O Q U E S E D E V E O B S E R V A R C A D A M Ê S E C A D A A N O

O nosso Padre tratou do capítulo da Regra, que diz respeito ao que se deve observar cada mês e, no primeiro lugar, com referência à correção fraterna.

Combina com o espírito de São Francisco de Sales que o Superior possa julgar o que deve ser observado a partir de agora e o que deve ser deixado para mais tarde. Pois bem, até este momento, não temos praticado a correção fraterna, porque esta supõe que as almas estejam bem em condições para recebê-la. Ora, o grande mal das almas, como afirmava a Madre Maria de Sales, é a ignorância da inteligência. É um mal, que constitui um obstáculo, para os religiosos, muito mais temível do que a concupiscência da carne, pois é um mal que nos impede de compreender que o nosso bem consiste em pertencer totalmente a Deus, enquanto essa ignorância exatamente nos impede de doar-nos inteiramente ao serviço dele. É de temer, portanto, que muitos religiosos não compreendam que, tratando-se de Deus, devem estar decididos a suportar o que representa o mais difícil à natureza. O meio para dissipar essas trevas é a prática da correção fraterna: por esta aprenderemos cada dia até alcançarmos a plenitude da luz.

Cada mês se deve fazer a prestação de contas. A Cúria Romana não quer que se imponha uma obrigação, que estenderia a prestação para lá do referente à Regra, por motivo dos abusos, que disso resultaram em várias comunidades femininas. Entretanto, não tenhamos medo de fazer nossa prestação de contas com demasiada abertura. Nisso, o importante é sermos simples.

Além disso, deve existir ainda o colóquio de assistência espiritual, quando há. Esse encontro deve realizar-se com muita franqueza e cordialidade. A assistência espiritual, antes de mais nada, deve evitar um tom de superioridade autoritária.

Ademais, cada religioso deve reler, cada mês, suas regras e suas constituições: o que faremos depois das nossas Constituições

impressas.

Cada ano haverá os exercícios espirituais de deserto. É muito importante não afastar-se, no retiro, do espírito do Instituto. Se um religioso já precisava uma direção alheia, não se deveria prender a ela durante os dias de seu retiro.

Cada ano, se deve sortear as celas dos religiosos, suas cruzes, etc...; esta prática conserva o espírito de pobreza.

Finalizando, o nosso Padre recomendou-nos que tivéssemos muita devoção ao Sagrado Coração de Jesus. É aí que devemos morar, para lá que a nossa observância nos conduz. É à nossa família que Nosso Senhor o revelou.

* * * * *

OBEDIÊNCIAS:

O nosso Padre recomendou, nesta semana, redobrarmos a fidelidade para com Deus, na intenção dos nossos irmãos ausentes e dos nossos alunos; não esqueçamos que a oração que fazemos pelas almas, das quais estamos encarregados, é altamente eficaz junto a Deus.

-O-O-O-O-O-O-O-O-O-O-

C A P Í T U L O D E 28 D E O U T U B R O D E 1879

F I D E L I D A D E À O B S E R V Â N C I A

O nosso Padre não pôde estar conosco por mais do que uns poucos momentos. Disse que fazia questão desta reunião para lançar o convite de aferrar-nos mais do que nunca à nossa observância, porque está muito claro, que uma tempestade está sacudindo a Igreja da França. Podemos aplicar-nos as palavras do Apóstolo: O justo santifique-se mais; o impuro pratique ainda impurezas (cf. Ap 22,11). Estamos atra-

vessando um tempo em que a luta está desencadeada; não se pode ficar mais neutro, indeciso ou indiferente. A árvore da Santa Igreja é fortemente chacoalhada e é preciso, que os frutos que, já machucados e não resistindo mais, caiam por terra. Daí a necessidade de tornarmo-nos bons e fervorosos religiosos, custe o que custar, a necessidade de agarrar-nos do lado de Deus.

O nosso Padre citou-nos as palavras de um pregador sobre a conversação dos homens consagrados a Deus. É necessário que essa conversa seja santa. Sem dúvida, é permitido dizer coisas indiferentes a título de distração. Mas quando um sacerdote se descuida, dizendo palavras, que ofendem a caridade o ferem o respeito e a obediência, devidos à autoridade, ele se priva de imensas graças. Tenhamos, portanto, o cuidado de não profanar-nos a boca por nada, de forma alguma desagradando a Deus, a quem estamos consagrados.

* * * * *

OBEDIÊNCIAS:

O nosso Padre, no início desta semana, recomendou-nos que rezássemos pelos alunos. Nos dias seguintes, mandou-nos rezar que Deus abençoe os trabalhos dos nossos Padres, que organizam os currículos de estudo e a disciplina, porque não valem nada a não ser com a ajuda de Deus e a serviço dele.

-O-O-O-O-O-O-O-O-O-O-

C A P Í T U L O D E 4 D E S E T E M B R O D E 1 8 7 9C A R I D A D E C O R D I A L

O nosso Padre, vendo-nos reunidos em número maior do que de costume, falou-nos sobre as relações que devemos manter uns com os outros. Não devemos esquecer que São Francisco de Sales queria fundar sua Congregação sobre a caridade como o único vínculo, sem obrigação dos votos. Se ele não conseguiu realizá-lo, pelo menos o espírito, com o qual queria fazê-lo, deve permanecer. Ele sabia muito bem e o dizia que o religioso, que cumprisse bem com esse ponto, chegaria a uma santidade muito elevada, porque cumpriria toda a lei.

Devemos tratar-nos com cordialidade, evitando tudo o que poderia machucar, por menos que fosse, ao nosso irmão. Devemos relacionar-nos com respeito; as nossas relações mútuas devem dar-se como sob o olhar de Deus. Não esqueçamos isso em tudo o que fizermos, até mesmo em nossa maneira de alcançar ou receber um objeto. Somos sacerdotes ou, pelo menos, religiosos; estamos todos consagrados a Deus e como tais devemos acatar uns aos outros de acordo com o estado ao qual pertencemos, sendo que Deus distingue esse estado, concedendo-lhe um número maior de anjos de guarda e reservando-lhe um lugar de honra no céu. Começamos, com a graça de Deus, a praticar essa caridade cordial, mas há graus diferentes e devemos empenhar-nos para subir.

Um bom meio para praticar essa caridade é a correção fraterna. Se um irmão disser alguma coisa não consoante com a Regra, enquanto o vemos preocupado com outras coisas ou dominado por alguma paixão, é melhor deixá-lo. Mas se o virmos recair freqüentemente na mesma falta, enquanto parece que não se dá conta do que está fazendo, convém avisá-lo a respeito com toda a caridade e simplicidade. Será melhor fazê-lo frente a toda a comunidade? Não, mas podendo falar-lhe a sós, que se o avise caridosamente. Quem dessa forma for aconselhado, não se incomodará; lembrar-se-á que custa mais ao seu irmão fazê-lo ver do que para ele receber o reparo. Que receba, portanto, nesse espírito a advertência, mesmo que esta fosse um pouco severa, porque então ele a-

proveitará a humildade.

Para praticar a caridade cordial, devemos rezar uns pelos outros. Que particularmente os sacerdotes o façam, acostumando-se a nomear alguns dos seus coirmãos no momento dos vivos. Que mencionem ao Superior, ao Mestre dos noviços e aos que ocupam os cargos de maior responsabilidade; que enumerem uns e outros alternativamente. Que todos sejamos coesos em nossas orações e em nossas práticas.

Um novo ano letivo está para começar. Mais um ano de trabalho. Nossa vida é uma vida de trabalho. Temos que trabalhar durante dez meses e, muitas vezes, também durante as férias. Aceitemo-lo com muita generosidade, lembrando-nos que, ao trabalhar, fazemos a obra mais eficaz de expiação. Todos temos faltas a expiar.

* * * * *

OBEDIÊNCIAS:

Durante a semana, o nosso Padre recomendou-nos que uníssemos a nossa vontade com a de Deus quanto a nosso trabalho, e em relação com nossos alunos.

-o-o-o-o-o-o-o-o-o-o-

C A P Í T U L O D E 1 1 D E S E T E M B R O D E 1 8 7 9A A T I T U D E E X T E R I O R E I N T E R I O R

O nosso Padre leu-nos na Regra o que diz respeito à atitude exterior. Os Oblatos de São Francisco de Sales devem ser a imagem viva de Nosso Senhor sobre a terra. Ora, Nosso Senhor, segundo os Padres, não quis ser distinto de forma alguma dos outros homens no seu exterior; nada nele chamava a atenção. Aliás, o nosso Santo Fundador afirma que o aspecto exterior deve ser como o da água, que, sendo boa, não tem sabor algum. Tendo um gosto qualquer, mesmo agradável, não é boa água. Devemos apresentar, em todos os lugares, uma simplicidade, longe de qualquer fingimento. Ao passarmos pela cidade, evitemos tanto o observar tudo, como o baixar os olhos exageradamente. Podemos ater-nos à regra dos militares, que devem olhar a quinze passos em sua frente, para dar ao corpo um porte natural. Em casa, podemos baixar os olhos um pouco mais, quando não há necessidade de olhar. Uma coisa é certa: Deus dá muito recolhimento interior aos que praticam essa excelente mortificação dos olhos.

Quanto à nossa roupa, devemos evitar tanto o relaxamento, como o amaneiramento. Santo Agostinho afirma que a roupa de Nosso Senhor demonstrava o máximo asseio. Nesse ponto, todos temos algo a nos censurar. Cuidemos, pois, de manter nossa roupa, nossos livros, tudo o que temos em nosso uso com a limpeza e a ordem, que correspondem ao estado religioso. Para limpar nossa roupa, que tenhamos um paninho que, embebido em água, tirará pelo menos o mais grosso da mancha.

No tocante à nossa vida interior, deveremos manter um diálogo todo celestial. Pode-se demorar num pensamento a título de distração, quando cansado, sem dúvida; mas isso se faça à maneira de recreio. Nunca se deveria perder tempo, ocupando o espírito com assuntos vãos. Devemos pensar em Deus, mesmo com uma certa largueza de espírito, e no que se refere à obediência.

Estas pequenas práticas nos substituem a falta de austeridades corporais. Supondo que devemos oferecer a Deus um quilo de morti-

ficação por dia, não fazemos como as Ordens dos penitentes, que entregam um meio quilo de uma só vez pela manhã e outro meio quilo pela noite. Nós pagamos, como debulhando, o que devemos a Deus, soltando grama por grama. Os religiosos penitentes fazem jejuar seus estômagos, evocando dele a quantia da mortificação necessária para conseguir a pedra preciosa da perfeição (cf. Mt 13, 46). Nós, pelo contrário, solicitamos essa soma um pouco dos sentidos, um outro pouco da nossa imaginação, sobretudo da nossa inteligência e nossa vontade, sabendo que, como afirmava o nosso Santo Fundador, a mortificação interior da nossa vontade vale incomparavelmente mais do que a mortificação exterior. Será que isso significa que nós somos mais santos do que os religiosos penitentes? Não, e a prova está na falta de coragem nossa para fazer o que eles fazem. Mas nós vimos atrás deles e procuramos obter através dos sacrifícios da vontade o que nos falta para alcançá-los.

O nosso Padre lembrou-nos ainda o que afirmava a Irmã Genoveva, dizendo que o que o nosso Santo Fundador tinha feito durante a vida não era a não ser o prelúdio do que ia fazer do alto dos céus. Asseverava que então não se poderia imaginar o quanto as pequenas coisas seriam capazes de prestar homenagem a Deus. Dediquemo-nos, pois, à prática dessas pequenas observâncias, tão grandes aos olhos de Deus.

-O-O-O-O-O-O-O-O-O-O-

C A P Í T U L O D E 2 D E O U T U B R O D E 1 8 7 9

S O B R E A O B E D I Ê N C I A

O nosso Padre reúne-nos durante alguns momentos. Para o início do ano letivo, recomendou sermos totalmente fiéis à obediência. Esta obediência deve-se prestar a todos os que têm autoridade sobre nós: o Padre Mestre dos noviços, o Ecônomo para os Irmãos, o encarregado da disciplina, o responsável dos estudos. Só fazendo assim, teremos

as graças para acertar. Se fizéssemos tudo contra o senso comum, mas em prol da obediência, Deus abençoaria a nós e nosso trabalho. Fazendo tudo bem fora da obediência, agiremos sem Deus. De coração, façamos o propósito de cumprir com a obediência e ser religiosos sem reservas.

Além disso, não esqueçamos a prática do nosso Diretório, no meio das ocupações do reinício do ano letivo. É a hora do esforço: é necessário apegarmo-nos com todo o empenho a nosso Diretório. Façamos-lo de coração e Deus estará conosco.

-O-O-O-O-O-O-O-O-O-O-

C A P Í T U L O D E 23 O U T U B R O D E 1879

S O B R E A O B S E R V Â N C I A

O nosso Padre recomendou-nos que nos renovássemos com todo o esmero na nossa observância, ao passo que as nossas ações se multiplicam e chegam a absorver toda a nossa atenção. É sobretudo nesses momentos que devemos aferrar-nos ao nosso Diretório. De manhã, não deixemos de fazer a meditação, ou, se não pudermos, tenhamos muito cuidado de supri-la. Supramos e isso oferecendo, então, a Deus de modo especial, em compensação, o que fazemos normalmente no tempo da meditação. Substituamos a meditação também durante o dia, pensando mais frequentemente em Nosso Senhor. Que os sacerdotes rezem a Missa com a máxima devoção. Que os outros assistam a ela totalmente. Um Oblato, ao assistir à Missa, deverá estar absorto nela, por completo, sem preocupação alguma do mundo exterior.

Durante o dia, para refazer-nos em Deus, pratiquemos, de vez em quando, um pequeno descanso espiritual, exercício tão recomendado por São Francisco de Sales. Pensemos um pouco em Deus; renovemo-nos nele por um ato de submissão à Vontade dele, um ato de complacência e de amor. Isso se faça brevemente; experimentaremos como não só o nosso

espírito, mas também o corpo nisso encontrará descanso.

Depois, o nosso Padre leu-nos um capítulo da Regra: os irmãos devem tratar-se com respeito e amor. Faremos bem, examinando diante de Deus como estamos praticando este ponto tão importante. Se encontramos, a esse respeito, algumas dificuldades ou tentações, será oportuno pedir ao nosso confessor a licença de fazer, para algum tempo, o voto de caridade. Uma comunidade pouco fervorosa se transformou depois de que seus membros fizeram o voto de caridade.

Não se deve fazer muito barulho ao caminhar, abrindo ou fechando as portas. Nada é tão agradável a Deus como o silêncio das mãos e dos pés. Os Cartuxos costumam dizer que o religioso, fazendo muito barulho ao abrir ou fechar as portas, faz os anjos levantarem voo. Conta-se que Santa Terezinha caminhava um dia recolhida, totalmente compenetrada desse pensamento, quando ouviu os passos de uma criança. Maravilhada perguntou-lhe donde vinha. A criança, por seu lado, perguntou-lhe o nome. Ela lhe responde: Sou Terezinha de Jesus. E eu, repliquei a criança, eu sou Jesus de Terezinha.

Não se poderia imaginar quanto essa prática atrai as bênçãos e as graças de Deus.

-O-O-O-O-O-O-O-O-O-

C A P Í T U L O D E 30 D E O U T U B R O D E 1879

ENSINAMENTOS SOBRE DIFERENTES PONTOS DA REGRA

O nosso Padre leu-nos ainda sobre o relacionamento dos irmãos entre si. Precisa evitar falar sobre tudo o que poderia prejudicar a reputação da comunidade, sobretudo a dos Superiores. Também devemos manter o silêncio sobre nossas dificuldades interiores; não as comuniquemos aos outros. Todos temos dificuldades; do contrário, teríamos entrado em vão na vida religiosa, sendo essas, pois, as úni-

cas cruces que temos e nosso único acesso a méritos. Todas essas dificuldades estão sujeitas à possível comunicação e se a gente as conta de um para outro, seria necessário acusar-se na "culpa" e confessar-se.

Da mesma forma, devemos calar sobre o que acontece no Capítulo. Uma indiscrição cometida a esse respeito é punida em todas as Ordens religiosas com a supressão das reuniões do Capítulo, o que prova a gravidade dessa falta, caso que acontecesse.

Não devemos falar sobre a direção da casa. No entanto, a Regra quer que peçamos, com toda a simplicidade, o que necessitamos. Isso não para procurarmos nossa comodidade, mas porque São Francisco de Sales estima tanto a obediência que não quer que pratiquemos nem uma mortificação fora da mesma obediência. Essa privação voluntária, pois, de uma coisa necessária seria uma mortificação desconhecida dos Superiores e para o qual não teríamos pedido a autorização.

Quanto aos acontecimentos políticos, devemos acostumar-nos a confiar na Providência.

Finalmente, em tudo assumamos com afinco o espírito de São Francisco de Sales, formando-nos nele, fazendo como ele fazia. Chegaremos lá pela prática do nosso Diretório e pela obediência. Identifiquemo-nos cuidadosamente com ele a ponto de parecer verdadeiras cópias desse modelo. Assim é que poderemos realizar o bem e chegar onde Deus quer que cheguemos.

Para finalizar, rezemos pelas almas do purgatório: sejamos generosos para com elas; se nos acontece alguma contrariedade, alegremo-nos com essa oportunidade de um proveito, com o qual poderemos beneficiá-las.

C A P Í T U L O D E 6 D E N O V E M B R O D E 1 8 7 9S O B R E O M O D O D E A G I R C O M A S P E S S O A S D E F O R A

O nosso Padre relembrou-nos mais uma vez que o exercício das "culpas" serve para purificar-nos a alma. Devemos, portanto, praticá-lo nas condições exigidas para adquirir essa pureza de alma, uma das condições indispensáveis para atrair-nos a presença de Deus.

Em seguida, abordou a maneira de comportar-se com as pessoas de fora. O nosso exterior precisa pregar. Quem não conhece este detalhe da vida de São Francisco de Assis? Vamos pregar, disse ele um dia ao Frei Leão. Passam silenciosos por toda a cidade. Na volta, o Frei Leão lhe pergunta: Mas, Padre, cadê o sermão que devíeis fazer? E o santo lhe responde: Será que não pregamos, mostrando-nos assim, ao praticar publicamente a doutrina do Evangelho? É assim que muitos santos reconduziam as almas a Deus, através de seu exemplo e nada mais. Também nós devemos fazer o mesmo, e levar até aos de fora algo de nossa união com Deus. Nossa atitude deve ser simples e parecer com água que, como afirma São Francisco de Sales, só é boa, não tendo gosto a nada. Devemos evitar ocupar-nos de negócios, de política, de comércio, de casamentos. São outras tantas coisas, que nos dissipariam a alma. Isso vale, menos no caso que o cargo obriga, como, por exemplo, pode acontecer para o Ecônomo.

Não devemos manter relação alguma com os de fora sem pedir licença aos nossos Superiores; também devemos dizer-lhes, se o acharem apropriado, os motivos pelos quais a gente mantém esse relacionamento.

Finalmente, sejamos antes de mais nada homens de vida interior. Que não passe um quarto de hora ou meia hora sem dirigirmos a Deus um ato de amor ou de confiança nele, sem o invocarmos ou unirmo-nos a ele de uma forma ou outra. É a isso que o Diretório leva de maneira admirável.

C A P Í T U L O D E 1 3 D E N O V E M B R O D E 1 8 7 9A O B E D I Ê N C I A - O S D O E N T E S

O nosso Padre lembrou-nos que devemos ser verdadeiros obedientes, no que se refere às tarefas, às aulas ou vigilância, que nos são confiadas. Isso há de ser assim, se quisermos que tudo funcione em harmonia e alcance sucesso. Sobretudo lembremo-nos que só disporemos da graça para acertar sob a condição de agir conforme a obediência, nossa única força, nossa exclusiva potência. É uma doutrina segura que um bom religioso pode fazer o que for mandado, e executá-lo com toda a perfeição. São Tomás só vê um obstáculo para a obediência: a falta de juízo. Mas os que têm um senso comum, são capazes de obedecer e, se necessário, pela obediência, fazer milagres. É o que aconteceu com São Mauro, caminhando sobre a água, por ordem de São Bento. É assim que fez um religioso que, depois de receber a ordem de São Frobert de buscar um compasso, pela coincidência do nome em latim, lhe trouxe uma mó de moinho.

Depois, o nosso Padre falou-nos sobre os doentes. A Regra diz que são uma bênção para a comunidade. Isso não é uma crença piedosa, é uma doutrina. Devemos cuidar deles de todo o coração, proporcionando-lhes não só o necessário para o restabelecimento deles, mas também o que os possa alegrar, como flores, alguma folhagem, no verão.

É preciso, além disso, por motivo do espírito de obediência, seguir à risca, as indicações médicas. O enfermeiro não poderá fazer nada além disso, por conta própria. Os doentes, em caso de perigo de morte, devem ser assistidos por um sacerdote, segundo o ritual.

O que se deve fazer, quando a gente se sente doente? Precisa-se muita fé para que Deus se encarregue de curar; é preciso rezar, fazer rezar, usar água benta. Sobre vinte e cinco casos, vinte e quatro terão resultado dessa maneira. Além do mais, é uma coisa tão boa ser sarado pelo próprio Deus! É um contato tão íntimo com a bondade dele! E isso nos une tanto a ele...

Além disso, nada é tão contrário ao espírito religioso como

o ocupar-se e ocupar a outros de si mesmo, a todo o momento, fazendo-se lamentar e cuidar sem necessidade. Mas, supondo que a gente está verdadeiramente doente, o caso é diferente. Far-se-ia um ato de propriedade muito maior para consigo mesmo, não tomando o cuidado de conservar-se bem a serviço de Deus e em prol da comunidade. Importa, pois, tomar os remédios, que também receberam sua eficácia unicamente de Deus. É ele que toma cuidado de nós. Não nos confiemos nem nos nossos remédios, nem tampouco em qualquer outro recurso humano, a não ser em quanto a Vontade aí se encontra. Tal é a confiança que os doentes devem e que os enfermeiros lhes devem inspirar. Que Deus nos seja tudo. Assim nossa vida religiosa será verdadeiramente o noviciado para o céu, como o chama São Bernardo, já que o céu consiste na contemplação de Deus.

-O-O-O-O-O-O-O-O-O-O-

C A P Í T U L O D E 27 D E N O V E M B R O D E 1879

O P R E F Á C I O D O D I R E T Ó R I O

Depois de comentar as Constituições, o nosso Padre retoma a explicação do Diretório, exortando-nos mais uma vez a praticar com esmero as Constituições, as quais, sem dúvida, não obrigam por si próprias, porque um homem não pode obrigar a um outro, mas as quais seria difícil transgredir sem pecar, porque é mau o princípio dessa infração.

O nosso Santo Fundador, no prefácio do Diretório, utiliza as palavras de Nosso Senhor, dirigidas a São João no Apocalipse, demonstrando quão grande confiança tem na eficácia do que ele fez e ensinou; de fato, não há ninguém, que se tenha entregado ao seu Diretório sem ter chegado à perfeição do seu estado.

Ocasionará amargura no nosso interior, mas será mais doce do que o mel na nossa boca (cf. Ap 10,9). Indubitavelmente, essa prá-

tica é penosa, porque nos sujeita e mortifica; ocupa o nosso parecer, a nossa vontade e a nossa liberdade. Mas Deus não demorará no cumprimento das promessas que nos faz pela boca do nosso Santo Fundador; retribuir-nos-á amplamente pelos sacrifícios que lhe tivermos oferecido.

É o que aconteceu a São Francisco de Sales. Já durante a sua vida o chamavam de bem-aventurado, vendo tanto brilhar nele uma alegria interior e ele próprio reconheceu que Deus o inundava e o envolvia nas delícias de sua divindade. Contemos com essa liberalidade de Deus e queiramos bem as consolações divinas, não as que possam lisonjear o amor próprio de nossa alma, voltando-se sobre si mesma, mas as consolações, que nos inundam de Deus. Sejamos fortes e constantes nessa prática. Após permanecer aí por muito tempo, fiquemos nisso mais ainda. É assim que seremos unidos, que teremos um só coração e uma só alma. Os militares executam o mesmo exercício corporal, mas não por isso estão unidos; o nosso Diretório, porém, nos une as almas e os corações; é aí que as nossas vontades se encontram. Pratiquemos, então, cuidadosamente, o Diretório: é esse que nos fará repletos de Deus.

As almas, formadas nessa vida, obtêm um substrato de união íntima e de comunicação incessante com Deus; elas se encontram nesse estado, ainda que não pensem em Deus de forma consciente. Todas as nossas ações, mesmo as mais comuns, e as mais dispersantes, são ungidas e seja o que fizermos, ainda sem dizer nada, comunicamos o perfume dessa unção aos outros.

As outras almas procuram o seu caminho e pedem direção no tribunal da penitência. Nós sabemos o que nos toca fazer; estamos plenamente seguros de que, praticando o Diretório, nos encontramos, momento por momento, na execução da Vontade de Deus.

C A P Í T U L O D E 4 D E D E Z E M B R O D E 1 8 7 9

A U N I Ã O C O M D E U S , F I N A L I D A D E D A N O S S A V I D A

Que toda a vida e todas as atividades deles sejam para unir-se com Deus. É essa a finalidade de toda a nossa vida, e é certo que nosso Santo Fundador nos propõe para tanto meios altamente eficazes. Ele próprio dizia que, se tivesse sabido algo mais perfeito, o teria ensinado. Sem desprezar as Ordens Penitentes, que parecem ter o privilégio dos milagres, nem outras Ordens, tão agradáveis a Deus por seu zelo, mas a Igreja testemunha de São Francisco de Sales que é ele, que nos conduz à perfeição por um caminho seguro e simples. Ora, sem a perfeição da caridade, até os milagres, as profecias, as penitências não são nada. Sem dúvida, as obras exteriores nos encaminham à perfeição, mas, aperfeiçoando nosso interior, chegaremos aí mais seguramente, enquanto essas mesmas obras recebem daí impulso e vida. (cf. 1 Cor 13,2)

Então é que, vivificados por este potente sopro, nossos trabalhos poderão ajudar a Santa Igreja de Deus e a salvação do próximo. Deixemo-nos penetrar profundamente por Deus mediante o nosso Diretório, Deus sendo-nos tudo. Que ele assuma todo o nosso dia. Nisso está a nossa força. Assim como a tenra flor, submergida em certos líquidos, se petrifica e se torna resistente, da mesma forma, segundo a comparação de São Francisco de Sales, nós, perdidos em Deus, tornar-nos-emos resistentes e capazes de vencer a tentação.

Temos exemplos do que o Diretório é capaz entre as Visitandinas. Pois bem, o Diretório pode ainda muito mais para homens, que são mais estáveis no seu opinar e querer e que, livres de tamanha instabilidade, não se podem comprometer definitivamente com a prática do Diretório, sem disso colher frutos de santidade.

A tentação virá. Então parecer-nos-á que essas práticas são vãs e inúteis. Vamos lá mesmo assim; deixemos passar a tentação. Do Diretório, praticado a contra-gosto, provém a santidade. Durante vinte anos, Santa Teresa experimentou uma repugnância invencível aos exercícios da comunidade e tamanha foi a violência da sua resistência, que

foi acometida de uma dolorosa neuralgia.

Por fim, o fundamento do Diretório é a mortificação: submeter e sujeitar a mente sem cessar. Um verdadeiro Oblato deve sempre encontrar alguma mortificação a praticar. Priva-se de um pequeno prazer. É tão fácil de fazê-lo, sem que ninguém se dê conta. Fraco demais para pagar de uma só vez os dois quilos de mortificação que deve a Deus, ele repete milhares e milhares de vezes suas práticas até somar o total solicitado. O Diretório é como pinturas, que só se podem aplicar a uma superfície lisa e ininterrupta: a mortificação.

Rezemos muito a São Francisco de Sales, Santa Joana de Chantal, nossa venerada Madre Maria de Sales e a boa Irmã Maria Genoveva, para que sejamos herdeiros deles nesses assuntos e seremos felizes.

-O-O-O-O-O-O-O-O-O-O-

C A P Í T U L O D E 11 DE DEZEMBRO DE 1879O D I R E T Ó R I O , M E I O D E S A N T I D A D E

O nosso Padre insistiu em aplicarmo-nos ao nosso Diretório. O Diretório não fica incompatível com as ocupações intelectuais mais intensas. A prática dele, para quem está acostumado, não interrompe o trabalho, mais do que a respiração. Pelo contrário, ela conforta e tranqüiliza. Outrossim, as almas, que praticam o Diretório, cumprem com tudo o que têm que fazer quanto à perfeição.

Tenhamos muita fé no nosso Diretório. Não é somente uma coleção de aspirações piedosas, mas um sistema, um método para ir a Deus. O alimento melhor é a comida simples, não sobrecarregada de coisas picantes. Igualmente o Diretório não nos oferece nada que possa ser o objeto de elevada contemplação. No entanto, forma santos e quem o tiver praticado bem, será digno de canonização.

De fato, em que consiste a santidade? Na união de nossa vontade com a de Deus no momento presente. Está tudo aí. Pois, o passado não nos pertence mais, o porvir não está ao nosso alcance, só dispomos do momento presente. É este o que devemos santificar. Bem, fazendo o que, em cada instante, o Diretório nos prescreve, estamos certos de fazer em cada momento a Vontade de Deus. Ainda que não compreendamos o caminho por onde nos leva o Diretório, não vendo nem o porquê, nem o como, vamos lá mesmo assim. Confiemo-nos nas afirmações do nosso Santo Fundador, nas promessas de Deus.

É o paraíso antecipado. Os santos do céu estão continuamente dependentes da Vontade de Deus. O Diretório faz-nos alcançar esta feliz dependência.

Qual o santo na terra que esteja certo de fazer a Vontade de Deus em todo o momento? Ninguém no mundo. Só o Oblato fiel ao Diretório pode dizer, aplicando a si as palavras de Nosso Senhor: Pater meus usque modo operatur et ego operor (Jo 5,17) et quae placita sunt ei facio semper (Jo 8,29). (Meu Pai continua agindo até agora, e eu ajo também (Jo 5,17) e faço sempre o que é do seu agrado (Jo 8,29)).

Significa isso que nós somos melhores do que os outros? Certamente não. Temos bastantes provas disso. Mas Nosso Senhor quis dar-nos essa graça por pura bondade sua.

Rezemos aos nossos Santos Fundadores, que nos dêem a compreensão e a execução dessas coisas. A alma do nosso bem-aventurado Padre nunca deixava a Deus, conforme a afirmação da Santa Joana de Chantal. Quando um dia lhe perguntaram quanto tempo tinha ficado sem pensar na presença de Deus, respondeu: um quarto de hora.

-O-O-O-O-O-O-O-O-O-O-

C A P Í T U L O D E 1 8 D E D E Z E M B R O D E 1 8 7 9

O D I R E T Ó R I O - A N E L O S E S P E C I A I S

O nosso Padre lembrou-nos as recomendações que nos tinha feito, da última vez, sobre o Diretório, dizendo-nos que temos tanto maior obrigação na medida em que a nossa vida de comunidade fica fraccionada e interferida pelas ocupações exteriores. Não temos nem o refeitório, nem mesmo a sala de trabalho somente para nós. É preciso, então, que encontremos um centro onde nos possamos reunir. E este centro faltando exteriormente, será a prática interior de nosso Diretório. Aliás, esta prática ocasiona à alma luzes muito abundantes. É um fato que simples mulheres adquiriram, através dessa prática, a compreensão dos mistérios de Deus.

São Francisco de Sales começa por cortar todos os laços, menos o vínculo da dileção. De fato queria para a sua Congregação somente a obrigação voluntária do amor sem a dos três votos, na convicção de que, quem se exercitasse bem nessa prática, chegaria à perfeição da vida cristã. Seria bom que fizéssemos todos o voto de caridade até Páscoa. Não seria um voto que nos obrigasse sob pena de pecado, mas somente como uma promessa feita a Deus, à qual não quiséssemos

faltar. Estaremos bem com isso. A Boa Madre apreciava muito o fazer votos: é o que a conservava perto de Deus.

Nos anelos que o Santo Fundador formula antes do Diretório, ele não se serve das palavras que geralmente utilizam os fundadores de Ordens. Não manifesta sua insuficiência, mas, como iluminado por uma inspiração divina, antevê os frutos que seus ensinamentos trarão. É um hino profético que ele entoa antecipadamente.

Acrescentemos à prática do Diretório a paciência nas pequenas adversidades diárias, como, por exemplo, as do frio. Se tinha os pés gelados, ele pedia perdão a Deus por todos os passos feitos não totalmente conforme a santa Vontade dele. Se tinha os dedos frios, rezava que lhe perdoasse as ações que se tinha permitido sem o beneplácito da divina bondade.

-O-O-O-O-O-O-O-O-O-O-

C A P Í T U L O D E 8 D E J A N E I R O D E 1 8 8 0

A M E D I T A Ç Ã O

O nosso Padre fala-nos sobre a meditação. Diz-nos, primeiro, que esta para nós não é o exercício de uma meia hora, mas se estende sobre todo o nosso dia. A reta intenção, pois, os pensamentos das horas e os outros exercícios do dia são uma continuação, uma prolongação da meditação, ou melhor, é essa a própria meditação nossa.

Entretanto, importa saber como devemos aproveitar a meia hora especialmente consagrada a esse exercício.

Há um método, ensinado pelo nosso Santo Fundador na Introdução à Vida Devota, que nos induz a fazer a meditação sobre os mistérios que a alma se propõe intelectualmente através da reflexão; com esses a alma se inflama, passando depois a fazer firmes propósitos.

Há um outro método, que consiste em ocupar-se com Deus sobre

os assuntos da gente e, particularmente, os do próprio dia. De fato, os meses são uma sequência de dias, os anos uma de meses, e a vida não é senão uma série de anos. Portanto, reformar bem nossa jornada é retificar bem toda a nossa vida.

Para nossa meditação, podemos muito bem dirigir nossa atenção ao Diretório, iniciando, por exemplo, com o levantar. Vejamos se estamos aproveitando bem os pensamentos do levantar; reparemos bem o que estamos deixando; humilhemo-nos perante Deus por ainda não ter praticado talvez nem um só ponto do nosso Diretório e peçamos-lhe a graça. Como a meditação não deve terminar em alguma coisa vaga, façamos um propósito firme e eficaz de emendar-nos. É assim que reformaremos, pouco a pouco, o nosso dia e a nossa vida. Será que temos alguma dificuldade especial, algum transe difícil de superar ou que não nos deixa aproximar-nos de Deus? Com quem trataríamos dos nossos assuntos a não ser com ele? Mas, não seria uma distração pensar numa aula difícil, no decorrer da meditação? Não, uma vez que falemos com Deus, pouco importa o assunto do qual tratamos. Se nos ocupamos com um assunto muito elevado, por exemplo com a virtude de um grande santo, não por isso estaremos mais concentrados do que quando falando com Deus sobre nossos assuntos pessoais.

Talvez, durante a meditação não tenhamos a luz, imediatamente após ter consultado a Deus. Poderá parecer-nos que Deus não nos diz nada. Não nos dizendo nada durante a meditação, responder-nos-á, quando a dificuldade se apresentar. Ele não prometeu aos mártires uma sabedoria, à qual ninguém poderia resistir (cf. Mt 10,19)? Mais ainda, é de preferir não ouvir sensivelmente a voz de Deus durante a meditação, porque então a ajuda dele será tanto mais eficaz. Permanecemos, portanto, numa profunda prostração espiritual e humildade perante Deus, dizendo-lhe: Não sou digno de ouvir a vossa voz, mas não vos deixarei até receber vossa bênção. Pelo contrário, acontece que, depois de sermos confortados na meditação, Deus permite, para nos humilhar, que sejamos infiéis aos propósitos que tomamos com tanto fervor sensível; é o que aconteceu a uma senhora que, depois de uma fervorosa meditação sobre a paciência, de início, acolhe caridosamente a sua empregada, mas, incomodada por esta, acaba, contra seus propósitos e contra seus costumes, dando-lhe um sopapo.

C A P Í T U L O D E 22 D E J A N E I R O D E 1880A S I N C E R I D A D E P A R A C O M D E U S

O nosso Padre disse que, hoje em dia, a tentação é generalizada. As épocas agitadas como a nossa não perturbam somente o exterior, mas sacodem sobretudo as almas. As vontades são debilitadas, as inteligências escurecidas e a alma não sabe tomar decididamente o caminho por não distingui-lo com clareza. O que cada um de nós experimenta agora, é um fenômeno universal e Deus permite estes momentos de crise para ver quanto valem os frutos bons permanecerão na árvore; mas os que não estiverem firmes, não resistirão às chacoalhadas que os galhos sofrerem.

Ora, o remédio contra essa tentação geral é a sinceridade para com Deus, virtude muito rara, porque a gente se engana a si mesmo e mente a Deus. Omnis homo mendax (S 115,11; Rom 3,4). (Todo homem é mentiroso) É preciso, pois, ser sinceros para com Deus. O que é que ele quer de nós? O que é que nos pede? Qual é seu desígnio em relação conosco? É isso o que devemos nos perguntar com toda a sinceridade e é isso a que temos que dar-nos leal e totalmente. Não se deve fazer as coisas pela metade, nem por três quartos, mas fazê-las integralmente.

Sejamos, pois, sinceros com a nossa observância, com o nosso Diretório, com tudo o que Deus nos pede. Era essa a virtude de São Pedro. Ele cometeu faltas, negou a seu Mestre (cf. Mt 26,70.72.74), no entanto esta vontade, mesmo desviada algumas vezes, procura sempre lealmente a seu Mestre. Logo que o reconheceu sobre o mar (cf. Mt 14,28 s), se apressa ao encontro dele. Nós também, desde que o reconhecemos, seja rodeado de ondas, seja no meio dos infernos, devemos ir direto a ele.

Peçamos, então, uns para os outros essa retidão; que seja essa a graça principal que procuraremos obter do nosso bem-aventurado Padre para o dia da festa dele.

Documentos colecionados recentemente testemunham que nenhum santo teve que sofrer mais do que ele. Há, em Annecy, uma peça toda

cheia de papéis, que certificam as perseguições contra ele, referentes à fundação da Visitação. Isso sim, de fato, é de assumir ou de largar.

Se queremos entrar nesse caminho, contemos com a provação; e esta será tanto mais temível, quanto mais fiéis formos. De preferência, sobrevir-nos-á na ocasião da festa do nosso bem-aventurado Padre e talvez de forma extraordinária e inesperada.

-o-o-o-o-o-o-o-o-o-o-

C A P Í T U L O D E 1 2 D E F E V E R E I R O D E 1 8 8 0

O J E J U M

O nosso Padre falou-nos sobre o jejum quaresmal. Não o podemos observar por motivo de nossa condição de professores. Mas essa impossibilidade em si é muito lamentável. Temos que ter fé no que a Igreja pretende e acreditar no que a Igreja nos ordena. Se as circunstâncias em que nos encontramos nos impossibilitam o jejum, no entanto, deve ser doutrina da Congregação que a Igreja tem razão, sempre tem razão; que o jejum é proveitoso não só à nossa alma, mas também para o nosso corpo. Os médicos, geralmente, proscrevem o jejum, porque muitos querem que a gente se nutra de carne, como alimento principal e indispensável, o que é contra o Espírito Santo. Nós, porém, não tenhamos confiança como eles nessas coisas, mas em Deus, na ordem, na expressão da Vontade dele.

Tenhamos esta confiança sobrenatural em nossas doenças. Estendamo-la também aos sacramentais, porque nunca, nessas coisas, ela poderia ser grande demais. Digamos como os santos: Medicinam carnalem corpori meo nuquam adhibui. (Nunca apliquei uma medicina carnal ao meu corpo).

Finalmente, tenhamos cuidado para suprir o jejum; essa é a intenção formal da Igreja. A dispensa dela é uma concessão que nos faz,

mas com a condição que substituamos. Por isso faz da esmola uma obrigação na quaresma. Ora, a esmola custa. Devemos, portanto, considerarnos rigorosamente obrigados a fazer algo mais, na quaresma, do que no tempo comum. Todas as Ordens religiosas se aplicam, mais do que nunca, na sua observância. Assim temos que lembrar-nos frequentemente que estamos na quaresma. Se, por exemplo, de manhã, nos deixamos levar um pouco pela preguiça na hora do levantar, redobremos o esforço para superar-nos. No refeitório, pratiquemos mais fielmente a mortificação.

Entremos generosa e alegremente nesta santa quaresma; vamos lá sem olhar para trás. Que em nossas confissões, o nosso exame não só se dirija aos mandamentos, mas vejamos detalhadamente também quais tenham sido nossa fraquezas e indecisões. Observemos se tenhamos ficado firmes e constantes.

Sigamos as pisadas do nosso bom Mestre, que jejuou e teve fome. Queiramo-lo bem, não só com um amor afetivo - isso já é muito - mas sobretudo com um amor efetivo, que acolhe avidamente todas as palavras dele, sem perder alguma e as pratica à risca. Consolemo-lo, dessa forma, dos esquecimentos, das friezas, das ofensas que ele suporta todos os dias. A ele a glória e honra por todos os séculos.

-O-O-O-O-O-O-O-O-O-O-

C A P Í T U L O D E 19 D E F E V E R E I R O D E 1880

O nosso Padre nos reteve somente por alguns instantes. Nestes tempos de provações, temos que mostrar-nos, aos olhos de Deus, como verdadeiros religiosos. Será que a comunidade sobreviverá às provações, que a estão assaltando? Certamente; e a nossa fidelidade contribuirá muito para a sua prosperidade.

Saibamos amar a Nosso Senhor e estaremos decididos a ir até aonde ele nos levar, mesmo, se for preciso, até a morte. Deus, assim espero, dar-nos-á a todos essa graça de segui-lo até o fim.

Invoquemos para isso os Santos Apóstolos, para que nos comuniquem suas graças de luz e força. Era o que nos dizia nosso Santo Padre, o Papa Pio IX: Tereis a graça dos primogênitos da Igreja.

-O-O-O-O-O-O-O-O-O-O-

C A P Í T U L O D E 16 D E F E V E R E I R O D E 1880

C A R I D A D E - H U M I L D A D E - F I R M E Z A

O nosso Padre disse-nos que nestes tempos de lutas, que estamos vivendo, devemos aferrar-nos ao espírito religioso, no que há de geral e no que há de particular para nós, isto é na caridade, na humildade e na firmeza.

É notável como, neste tempo, em todas as almas, a caridade se esfria. É uma constatação dolorosa que todos fazem, que se ocupam com o ministério das almas. É preciso, portanto, que nos embebamos nessa caridade; para isso, devemos rezar muito uns pelos outros. Não nos dirijamos nunca a Deus sem recomendar os nossos irmãos juntamente conosco.

Em segundo lugar, pratiquemos fielmente a humildade, aceitando a humilhação, donde nos provier. Aceitemos mansamente a quem nos hu-

milha, fazendo-nos ver as faltas, as lacunas do nosso espírito, nossas fraquezas ou o que nos diminui em nossa própria opinião e na dos outros. Nada encanta tanto o Coração de Deus como essa suave aceitação. Não se poderia imaginar quanto ele se regozija ao vê-la. Ele gosta de que recebamos assim a humilhação que a sua mão nos envia, muito mais do que se nós fizéssemos atos de humildade de nossa própria escolha.

Finalmente, sejamos firmes, não por confiar em nós mesmos. O nosso Santo Fundador diz que São Pedro só foi punido tão terrivelmente, porque tinha tanta presunção de si mesmo. Entretanto, não podia ele confiar em si, após ter demonstrado tanta fidelidade para com Jesus Cristo? Quanto a nós, confiemos em Deus. Digamos-lhe: Deus in adiutorium meum intende. (Deus vem em meu auxílio) Não se poderia imaginar como essa prática dá força e firmeza à alma.

-o-o-o-o-o-o-o-o-o-o-

C A P Í T U L O D E 11 D E M A R Ç O D E 1880

F I D E L I D A D E A O D I R E T Ó R I O

O nosso Padre recomendou-nos que rezássemos por uma obra que está para se concluir: a constituição formal de um noviciado. Seria bom que mesmo nossos Padres, os professores, passassem aí por algum tempo para renovar-lhes o fervor.

Este ano, o medo das leis tinha impedido o noviciado, além de outras diversas provações que Deus nos enviara, provações necessárias a todo o começo. Estamos aliviados de um grande peso. Foi duro para nós não poder continuar a nossa obra a não ser renunciando à nossa qualidade de religiosos perante os homens, mesmo tendo um noviciado, e resolvemos sacrificar antes os colégios do que a nossa vida religiosa. Deus não o quis e por isso devemos bendizê-lo por nossa fidelidade.

Sejamos muito fiéis ao nosso Diretório. Para nós, tudo aí se encontra. Sejamos os filhos de nosso Santo Fundador. Ora, junto a ele tudo está bem, como dizia um religioso.

A vida interior nos coloca continuamente em contacto com a Vontade de Deus, de maneira que um Oblato, que cumpre perfeitamente o seu Diretório, está certo de fazer, em cada instante, a Vontade de Deus. Há nisso uma dependência espiritual de Deus tão grande, quanto entre os Bem-aventurados, supondo, evidentemente, que as nossas disposições sejam idênticas às deles. Mas, virtualmente, essa obediência ao Diretório, considerada como expressão da Vontade de Deus, conduz-nos a uma união com Deus tão pronunciada como a do céu. Sem dúvida, as outras Ordens têm sua Regra que lhes traduz a Vontade de Deus. Mas essa Regra tem intervalos nos quais o religioso está sem compromisso e se arruma a vida. Para nós, Deus nos prende continuamente a ele. Evidentemente, a natureza preferiria agir por si mesma; quando se age, a gente é si mesmo. Mas não; nós deixaremos Deus tomar conta de todo o nosso ser para empregar-nos, a seu agrado, para dar aula, para confessar, etc.

Bendigamos esses suaves vínculos, que nos unem ao nosso Salvador. Deixemo-nos prender por eles com muita generosidade. Assim a nossa união com Deus só poderá aumentar.

-O-O-O-O-O-O-O-O-O-O-

C A P Í T U L O D E 1 9 D E A B R I L D E 1 8 8 0O D I R E T Ó R I O

Todas as Ordens têm como finalidade e pretensão a união da alma com Deus. Para nós, além dessa finalidade geral, temos uma coisa mais particular: dar nossa vontade a Deus. Não é o exercício de um determinado momento, mas um exercício que sempre devemos fazer: interiormente, pela prática do Diretório; exteriormente, através da obediência. Vejam como esse exercício é muito concreto; o Diretório mostra-nos em cada instante, qual é a Vontade de Deus. Pratiquemo-lo, pois, com amor, desde o primeiro momento do dia, no levantar; pratiquemo-lo antes de dormir e, durante a noite, se nos acordarmos, aproveitemos algumas aspirações dele. Mas isso é fastidioso! Não, porque quando falamos com Deus, é cada vez com novo gosto, com novo sabor, mesmo quando repetindo as mesmas palavras.

Perguntaram a Madre Maria de Sales se não se cansava, fazendo todos os dias os mesmos exercícios; ela dizia que nunca tinha feito outra coisa e se vivesse ainda quarenta, cinquenta ou sessenta anos, não faria nada diferente. É um livro, ela gostava de dizer, que não se lê, mas que se pratica. Ela tinha formado tão bem suas noviças nesse espírito, que se passaram anos inteiros na Visitação, sem que freira alguma tivesse o mínimo problema contra a submissão, devida à Regra. De fato, poder-se-ia formar noviços só com o Diretório. Caso que houvesse um noviciado a cem léguas daqui, os noviços, praticando bem o Diretório, voltariam para cá com o mesmo espírito, os mesmos pensamentos como nós.

Tenhamos, portanto, muita fé no Diretório. Essa fé ajudar-nos-á que o pratiquemos. Isso serve para mulheres! Não, porque entre homens é mais eficaz, porque os homens têm maior estabilidade no seu pensar. Não foi a prática do Diretório, que formou a nosso Santo Fundador?

C A P Í T U L O D E 4 A G O S T O D E 1 8 8 1O S N O S S O S V O T O S

O nosso Padre aproveitou o fato de encontrar-nos reunidos em número maior para dirigir-nos algumas palavras. Primeiramente, falou-nos sobre a obrigatoriedade de nossos votos religiosos. As circunstâncias são muito difíceis; somos obrigados a esconder-nos para observá-los. Atacados por todos os lados, talvez tenhamos pensado que pudéssemos afrouxar em alguma coisa. É um engano, é uma tentação. A tentação não faz mal, quando a gente a rejeita; pelo contrário, ela fortifica a nossa vontade. Mas essa tentação, se a gente cede, se torna muito perigosa e pode levar-nos a uma grande infidelidade perante Deus. Fizemos votos. No foro externo, sô são votos de um ano de duração; mas, no foro interno, são votos perpétuos. Não existem verdadeiros e sérios votos de um ano só; de outra forma, são simples promessas de noviciado. Esses votos, portanto, mantêm-nos ligados estreitamente. A prova está no que Roma agora quase não dispensa dos votos. Se uma necessidade urge, antes comuta de alguma forma os votos. O Senhor não pode obedecer ao seu Superior, obedeça ao seu confessor, ao seu Vigário, ou a alguém, porque, afinal, o Senhor se comprometeu por votos. Sendo assim a obrigação dos votos, somos responsáveis de toda a omissão perante a justiça de Deus e perceberemos as conseqüências, senão no inferno, pelo menos no purgatório ou até mesmo no céu. Sim, no céu; será sempre o céu, mas não teremos o lugar que poderíamos ter ocupado. Há muitos graus, muitas moradas no céu; se na sociedade há muita desigualdade de posição, no paraíso há uma diferenciação bem maior entre os graus mais elevados e os graus menos destacados. Mas, se não temos liames exteriores, qual será a nossa ligação, que nos manterá unidos à observância dos nossos votos? Não há outro a não ser o vínculo do amor. Esta dileção já se dirige a Deus. Observem bem isto: o amor de Deus simplesmente necessitamos. É preciso amar a Deus. Mui poucos o amam e esses poucos o querem com pouco vigor. É, ademais, o que Nosso Senhor prediz sobre o fim dos tempos: o esfriamen-

to da caridade no coração de muita gente.

Entretanto Deus merece que o amemos, que façamos tudo por amor a ele. Se o amássemos de verdade, será que abandonaríamos nossa Regra por tão pouco? Quando dois cônjugues estão unidos pelo amor mútuo, será que dissolverão sua união, quando sobrevier um problema? Se alguém se comprometeu com uma dívida, será que cessa sua obrigação diante de uma desgraça? Assim, amando a Deus, não nos preocuparemos mais com a questão até quando durarão nossas obrigações para com ele.

Examinemo-nos, portanto, muito seriamente e reconheçamos que não estamos amando a Deus suficientemente; e comecemos a amá-lo. Digamos-lhe freqüentemente: Meu Deus, fazei que o ame! Meu Deus, fazei eu amá-lo mais! Não o amo bastante. Batamos muitas vezes à porta do Sagrado Coração de Jesus e peçamos-lhe que nunca mais saíamos dali.

-o-o-o-o-o-o-o-o-o-o-

C A P Í T U L O D E 5 D E O U T U B R O D E 1 8 8 1

A O B E D I Ê N C I A

Em cada Ordem religiosa, a obediência tem seu carácter particular. Também tem o seu a obediência a modelo de Nosso Senhor, no projeto de São Francisco de Sales.

São Paulo caracterizou a obediência do Salvador: Didicit ex iis quae passus est obedientiam (Hb 5,8). (Aprendeu a obediência por meio dos sofrimentos que teve) Assim é que Nosso Senhor, enquanto homem, aprendeu a obediência e assim como, por nossa vez, a aprenderemos. Tanto, quanto soubermos sofrer, saberemos obedecer. Os Senhores sabem sofrer até determinado ponto; sabem obedecer também só até lá. Enquanto não sofremos, tampouco obedecemos verdadeiramente. Nosso Senhor obedeceu com muita perfeição, porque sofreu tremendamente. Agüentou no seu corpo dores indizíveis; experimentou no seu espírito

o abandono de seu Pai celeste, vendo-se, por assim dizer, rejeitado por Deus, que somente queria o aniquilamento dele. Nosso Senhor sofreu até aí, obedeceu também em igual proporção. Assim a nossa obediência será tanto mais meritória, quanto mais a ordem dada tender a desconsiderar a nossa opinião própria, e visar o aniquilamento da nossa própria vontade e a mortificação de nossas inclinações. A melhor obediência é a que mais nos custa. Ah, como é difícil a compreensão da obediência, já que foi necessário que um Deus viesse para ensiná-la aos homens. Matriculemo-nos, pois, na escola dele e, conforme ele falar, repitamos depois dele.

A Madre Maria de Sales praticou esta virtude da obediência num grau muito elevado de perfeição. Muitas vezes experimentou assim incontáveis sofrimentos. Por exemplo, foi enviada para um mosteiro tão pobre, que as religiosas só tinham vagens e batatinhas para comer: pratos com os quais o estômago da nossa Boa Madre tinha seus problemas. Num outro mosteiro, ela tinha formado noviças, que eram uns anjos. Essas noviças morrem e só lhe ficam religiosas incapazes de cooperar mutuamente. Essa foi uma dura provação. Apesar disso, sempre tinha sua vontade unida à do Salvador. E se durante três segundos apenas tivesse hesitado um pouco ou tivesse experimentado um momento de recuo, teria se confessado imediatamente. Sua única aspiração tendia ao sofrimento: considerava-o como a única coisa, que podia verdadeiramente torná-la conforme com o Salvador.

C A P Í T U L O D E 6 D E A G O S T O D E 1 8 8 1A P O B R E Z A E A C A S T I D A D E

Devemos imitar a pobreza de Nosso Senhor. O Santo Evangelho mantém silêncio sobre essa pobreza. Os Apóstolos não tomaram o cuidado de caracterizá-la, como fizeram a respeito da obediência de Jesus. Não era, portanto, uma pobreza muito manifesta, mas uma pobreza, entretanto, inseparável da pessoa de Nosso Senhor e que se fazia sentir por privações contínuas. Durante suas viagens, faltava-lhe um lugar para descansar a cabeça, não tendo dinheiro para alimentar a imensa multidão no deserto, recorre a um milagre; mais tarde é obrigado a deixar seus Apóstolos colher umas espigas; numa palavra, se não lhe faltava uma coisa, era outra.

Consideremos o grande Santo, que imitou de mais perto a pobreza de Nosso Senhor: São Francisco de Assis. Vivia como os pobres de Úmbria, caminhava descalço e estava vestido como eles. Certamente, não era ao traje, ao exterior em si mesmo, que ele dava tanto valor, mas sim à conformidade com a pobreza de Nosso Senhor. Fazia tudo isso para ser como ele. E, demo-nos conta disso, é assim que ele ficou, exteriormente, a imagem mais perfeita do Salvador. Seus próprios traços tinham mudado; recebera os estigmas, de modo que o pessoal pensava ver passar o próprio Cristo. Como chegou a essa admirável identificação com o Verbo encarnado? Procurando reproduzir a pobreza dele. Nada leve mais ao amor do que essa semelhança com a pessoa amada.

Pratiquemos nós também a pobreza nesse sentido. A nossa condição é a de pobres operários. Estamos vestidos e comemos como pobres operários. Saibamos encontrar gosto na falta de uma coisa ou outra. Aprecie-mos com carinho especial os pequenos incômodos, as faltas de conforto em nosso alojamento e na roupa. Aproveitemos cuidadosamente as ocasiões para parecer-nos com o nosso divino Salvador.

Vamos falar agora sobre a Castidade. Esta virtude é representada por um lírio. "Considerate lilia" (Lc 12, 27), olhai os lírios,

nos diz o Nosso Senhor. Essa bela flor está composta de seis pétalas que, segundo uma interpretação, significam as seis principais devoções que devemos ter.

Primeiramente, a devoção ao Santíssimo Sacramento. Queiramos bem a Nosso Senhor presente no Sacrário. Chama-se "Panis absconditus suavius" (o Pão entre os saborosos escondido). Sem dúvida, é mais amável escondido sob essa aparência que em qualquer outro lugar e mais atraente do que mostrando-se-nos.

Em segundo lugar, a devoção ao crucifixo. Ah, como o nosso Santo Fundador queria bem o crucifixo! Ele ostentou toda a sua alma no livro sobre "O Estandarte da Cruz". Peçamos compreender com ele tudo o que há de amor no crucifixo.

Em terceiro lugar, a devoção ao Sagrado Coração. É uma coisa muito boa, durante o trabalho, refugiar-nos nas chagas das mãos de nosso Salvador; quando cansados, procurarmos refúgio nas chagas dos pés. Mas é mil vezes preferível esconder-nos na chaga do seu Coração. Assim se expressa São Francisco de Sales, que, como São Bernardo, não queria outra morada, nenhuma outra habitação a não ser o Coração de Jesus.

Em quarto lugar, a devoção à Nossa Senhora. É essa devoção que protegeu nosso berço e é a mesma que protegerá a nossa vida sacerdotal. Como a Nossa Senhora, o sacerdote faz Jesus nascer em nosso meio, toca-o, manda nele e é dono dele.

Em quinto lugar, a devoção a São José e a toda a família de Nosso Senhor. Santa Teresa e, depois dela, São Francisco de Sales propagaram muito essa devoção. Recentemente, Sua Santidade o Papa Leão XIII elevou a uma classe mais elevada o rito da festa de São Joaquim e de Santa Ana para estimular-nos a uma maior devoção a eles.

Em sexto lugar, a devoção aos Santos e às relíquias deles. Nunca se viu um homem com uma devoção especial a um santo, que morresse impenitente. Se invocamos um Santo, ele toma um cuidado particular de nós e a oração que ele faz por nós é infalivelmente atendida.

São essas as seis pétalas, que formam a bela flor da castidade. Consideremos essa bela flor e ofereçamo-la a Deus; será o símbolo da nossa castidade, e o caule despojado dela, símbolo da nossa pobreza.

C A P Í T U L O D O 25 D E A G O S T O D E 1881

A M A R A N O S S O S E N H O R

O nosso Padre afirma-nos que, agora mais do que nunca, deveríamos firmar-nos no serviço de Deus, porque a tentação está universalizada. Temos exemplos lamentáveis de deserção: o abalo está generalizado. Conta-se de famílias, que pareciam estar firmes no bem e que, de repente decaem.

Devemos temer por nós e afirmar-nos na fidelidade para com Deus. Afastemos a mínima infidelidade às graças divinas. Nada fere tanto o Coração de Deus, quanto essas infidelidades, porque atingem diretamente o amor, origem das graças.

Assumiremos, portanto, como prática particular, a atenção especial para não faltar à fidelidade em seja o que for.

Amemos mais a Nosso Senhor; esse amor deve ser a força motriz de todas as nossas ações. Devemos amar a Nosso Senhor com amor, tanto afetivo, como efetivo. É difícil amá-lo com um verdadeiro amor afetivo, se a gente não o combina com o amor efetivo. Queiramo-lo bem, pois, e peçamos-lhe frequentemente que o amemos mais ainda e façamos o que sabemos que lhe é agradável.

-O-O-O-O-O-O-O-O-O-O-

C A P Í T U L O D E 29 D E S E T E M B R O D E 1881

A S "C U L P A S" - A M A R A J E S U S C R I S T O

O nosso Padre recordou-nos, de início, a importância de fazer

bem as nossas "culpas". A doutrina da Igreja é que esse ato religioso perdoa os pecados veniais. Entretanto, há esta diferença com o sacramento da penitência. Este perdoa os pecados por si mesmo. Sem dúvida, o penitente não deve ter disposições, que anulam o efeito da graça. Mas, fora disso, o sacramento opera por sua própria virtude. Basta ter disposições receptivas. Para as "culpas", são necessárias disposições ativas: por estas, elas alcancem uma grande eficácia. Pratiquemos, pois, esse exercício muito arrependidos: pensando interiormente no de que nos vamos acusar durante o Capítulo, fazendo desde já nosso ato de contrição.

Depois, o nosso Padre falou-nos da necessidade de amar a Nosso Senhor. Às vezes, se pensa que esse amor seja um assunto sentimental. Não é assim. Antes de mais nada, é um ato racional. Se o sentimento vem acompanhar a razão, muito bem, mas a caridade, como o ensina São Tomás, reside antes de mais nada na vontade dirigida pela razão. Se, portanto, não experimentamos esse sentimento de amor para com Deus, é porque não o amamos suficientemente de maneira racional. Se o amássemos assim, ter-nos-ia dado também o sentimento. Dedicuemo-nos, pois, a querer bem a Nosso Senhor, dizendo-lhe frequentemente que o queremos amar, que ele nos dê o seu amor.

Lembre-mo-nos da fórmula de nossos votos: Propter amorem tuum... (Por amor de ti...) Ao proferirmos os nossos votos, fizemo-lo na intenção de fazer um ato de amor a Deus, e de demostrar-lhe por um sinal efetivo, que o amávamos.

Recordemo-nos que esse liame, que nos liga a Deus, é um vínculo de amor e que o cumprimento de nossos votos seja a não-interrupção de um ato de amor divino.

Examinemos a nossa vida passada: aí encontramos só amor de Deus para conosco, rodeando, resguardando e conduzindo-nos. Compenetremo-nos profundamente de gratidão.

Devemos amar a Deus deveras: isso é, que vivamos verdadeiramente para ele, observando em tudo o que lhe puder ser agradável, fazendo dele o fim e o objetivo de nossa vida. Não nos contentemos de amar com esse amor racional. Isso bastaria em rigor, afirma São Tomás.

Mas amemos a Deus com amor verdadeiramente afetivo, eu diria, humano. Devemos querê-lo como amamos um parente, um amigo, como a quem mais devemos gratidão. Nosso Senhor se fez homem, para que o amássemos

humanamente. Queiramo-lo como o amaram Lázaro, Marta e Madalena. Olhem os Senhores: quando Nosso Senhor está cansado, quando está para sofrer, onde descansa? Na casa de Lázaro e das irmãs dele. É importante que possa encontrar também nesta casa um lugar de repouso, é preciso que, aqui, possa descansar verdadeiramente, encontrando corações amigos. Ele nos chama seus amigos: "Vos dixi amigos (Jo 15,15)." Importa merecermos esse título e não termos amigo mais querido do que ele. Então nos dirá o que unicamente confia aos seus amigos: "Quaecumque audivi a Patre, haec nota feci vobis (Jo 15,15)". (Ensinei-vos tudo, quanto ouvi do meu Pai) Deixemos enternecer-nos o coração. Não nos contentemos de conformar-nos com o que Nosso Senhor quer, mas queiramos bem o que ele deseja. Os Santos eram todo amor para com ele. São Francisco de Sales era todo amor. Santa Joana de Chantal, todo amor; São Luís Gonzaga, todo amor. É que, de fato, Deus é amor e não se pode ir a ele a não ser pela caridade. O amor é a grande lei do mundo. Ofereçamos reparação a Nosso Senhor, porque ele não é mais amado. Esse é um sinal do fim dos tempos. "Caritas multorum refrigescet" (Mt 24,12) (Esfriar-se-á a caridade de muitos) O amor por ele constitui a característica da nossa vocação. Ao confiar-lhe a Igreja pergunta a São Pedro: "Petrus, amas me? (Jo 21,17)" (Pedro, tu me amas?)

O jovem do Evangelho pergunta-lhe o que é preciso fazer para alcançar a vida eterna. "Intuitus eum dilexit eum." (Mc 10,21) (Fixando nele o olhar, o amou)

Procuremos, lembremos o que pode animar-nos ao santo amor,

Se Nosso Senhor nos dá a devoção ao Santíssimo Sacramento, se ele nos deu a graça de fazer uma boa comunhão, se ele nos fez tal ou tal outra graça, aproveitemo-la, servindo-nos de tudo o que possa interessar de forma especial para nos aquecer o coração.

É esse o princípio do amor. Quanto à sua aplicação prática, esta é ininterrupta. Ocupa-nos desde o amanhecer. Levantamo-nos por amor a Nosso Senhor; assumimos os pensamentos do Diretório por amor a ele; vamos à meditação da mesma forma.

Sempre devemos dizer a Nosso Senhor: Estou fazendo isto, estou praticando o meu Diretório como prova do meu amor. Um Padre Cartuxo rezava muitas vezes, chorando copiosas lágrimas e, ao quem lhe perguntava por que tanto choro, respondia: Eu queria ter alguma coisa para oferecer

a Nosso Senhor; ele deu-nos o seu Sangue e eu lhe pedi que me desse lágrimas para poder devolver-lhe alguma coisa material. Concedeu-me uma grande graça. Um dia esse bom Padre chorou mais do que de costume: rezava por todos os que, naquele dia, tinham recebido a grande graça do Batismo, para merecer-lhes que conservassem essa graça; e afirmou que, neste caso, eram chamados a um grau de glória mais elevado do que o dos anjos.

Pecamos também nós, não sendo o dom das lágrimas, pelo menos esse amor ardente, que toma conta da vontade e do sentimento, ao mesmo tempo, para que não vivamos a não ser para Jesus.

-O-O-O-O-O-O-O-O-O-O-

C A P Í T U L O D E 1882 (sem data)

P R E F Á C I O D O D I R E T Ó R I O

"Tomai e comei" (cf. Ez. 3,1-3; Ap 10,9) - São Francisco de Sales não é um homem de fantasias...; nele não há exageros. São João e Ezequiel utilizam os mesmos termos. (cf. Ez. 3,1-3; Ap 10,8-10)

"Provocar-vos-á amargura no interior... mas paz abundante." Todas as Regras religiosas tendem ao mesmo fim por meios diferentes: fazer morrer em nós o velho homem. Alguns chegam a isso pela mortificação da carne, pelo jejum... sujeitando o corpo, e chegam pronto. É verdade, essas Ordens austeras apresentaram mais santos do que outras, porque a mortificação da carne atrai graças extraordinárias: graças de milagres, etc. Assim os Cartuxos, os Barnabitas produziram muitos Santos. Nessas Ordens, chega-se ao fim por meio de um esforço grande. Mas as mesmas não se destacam pela humildade, pela caridade e estão sempre um pouco inseguras da sua rota... mas, por último, mesmo fim como nós.

Portanto, o Diretório causa amargura, mas no fundo da alma dá uma paz superabundante, como afirmava a Irmã Laurent em seu leito de mor-

te. (Ela tinha sido Superiora alternadamente com a Boa Madre.) E acrescentava: "Só depois de dez anos compreendi bem o Diretório e comecei a praticá-lo."

"Dia e noite": porque em todas as nossas ações, mesmo descansando, devemos ter o pensamento no Salvador, vivendo da vida dele, fazendo tudo em união com ele.

"Sede fortes, firmes e constantes". Em nossa vida, não há grandes esforços, veementes arrancadas, que, como em certas grandes Ordens de mortificações austeras, fazem progredir depressa, mas somos de esforços contínuos, em todos os momentos, o que é mais difícil e requer muita coragem.

"Invariáveis", não tendo um modo de agir hoje e outro amanhã. Prendamo-nos somente ao Diretório, nosso verdadeiro e único caminho.

"Tendo um só coração...". A vida, que nos leva a praticar o Diretório é uma vida totalmente contrária à do mundo, que não aceita a Deus em parte alguma. Nós, pelo contrário, fazemos Deus presente em todas as nossas ações; colocamo-lo em tudo, ao vermos tudo, como dizia a Boa Madre, a partir de Deus, nossas ações com critério de Deus, o nosso próximo com os olhos de Deus.

"Bem-aventurada a alma que observar esta Regra...", isso é, que sustente o que prometeu a Deus, porque sem Diretório nossa vida é totalmente ordinária, não havendo mais nada que nos distinga.

C A P Í T U L O D E 1882 (sem data)O PRIMEIRO ARTIGO E O PRIMEIRO DESEJO

"Que toda a vida e exercícios deles sejam para unir-se a Deus". Esta primeira frase resume todo o Diretório. A nossa vida tem uma só finalidade, uma única atividade: unir-nos a Deus, abstraindo de todas as nossas faculdades e meios humanos, apagando-nos a nós mesmos.

O Diretório conduz à perfeita mortificação de nosso amor-próprio, para substituí-lo com o amor a Deus. Nos outros Institutos há tratados consideráveis sobre virtudes a serem praticadas, como a humildade, a mortificação, etc... e pode-se recorrer a meios humanos, capacidades, forças corporais para chegar a essas virtudes e, através das mesmas, à união com Deus. Mas esses meios não estão ao alcance de todos. São Francisco de Sales, por sua vez, resumiu tudo na caridade, na união com Deus. A Igreja chama esse meio de "tutum et planum" (seguro e plano). Nos outros Institutos vai-se a Deus pelas virtudes. Nós alcançamos as virtudes por via de Deus. Isso não quer dizer que basta praticar o Diretório para ser perfeito; mas chega-se à perfeição; praticando-o, adquire-se todas as virtudes. E, para praticar e compreendê-lo, um certo nível de inteligência e de juízo se faz necessário, enquanto nem a todos foi concedido isso.

"Para ajudar por orações..." Devemos rezar pelos nossos pais, nossos amigos, etc.... E se as nossas orações não alcançarem os favores celestes para quem os pedimos, alcançá-los-ão para outros.

"Nenhum outro vínculo a não ser o da dileção". São Francisco de Sales baseia tudo no amor a Deus e a caridade para com o próximo. Ama-se a Deus um pouco de forma pessoal. Mas, quanto à caridade para com o próximo, é uma coisa palpável e, certamente, há circunstâncias concretas de exercitá-la: divergências de caráter, de preferências, de pontos de vista, etc. A Boa Madre (e é isto o que será de maior importância para a sua canonização) nunca proferiu uma palavra sequer contra a caridade, contra uma só das suas Irmãs.

"A dileção é forte como a morte". A morte submete todos, não poupa ninguém. Da mesma forma, a caridade, o amor para com Deus não perdoa nenhuma paixão, não poupa nenhuma delas.

"Firme como o inferno": o inferno é inflexível, assim também a caridade não cede, não muda, não tem hoje uma maneira de ver e amanhã outra.

-O-O-O-O-O-O-O-O-O-O-

C A P Í T U L O D E 1882 (sem data)

A C O N F I S S Ã O

Como todos os sacramentos, o sacramento da Penitência opera "ex opere operato" (por su eficacia própria). Entretanto, os frutos do mesmo para as almas não são independentes da santidade do sacerdote. Quanto mais santo a gente, tanto mais se ocasiona o bem nas almas. Como, por exemplo, no caso do Santo Cura de Ars e de muitos outros. Antes da confissão, é preciso rezar o ato de contrição e fazer um ato de humildade; aproveitar as faltas que se escuta para ser humilde. Sem a graça de Deus, o que faremos? E, como religiosos, cabe-nos bater no peito e dizer que não somos mais do que uns miseráveis e os últimos entre os miseráveis. Esta é a verdade. Mas por quê? É que, se não fôssemos religiosos, talvez seríamos piores do que os outros.

Devemos rezar durante as confissões. É um meio excelente de fazer o bem para as almas; não deixemos de fazer isso. Devido ao fato de que não existem bons confessores, há tão poucos verdadeiros cristãos. "Que miséria de cristianismo têm vossos cristãos e vossas cristãs na França", disse-me Dom Mermillod. De fato, uma parte considerável dos cristãos vivem um cristianismo de seu modo, um cristianismo que eles mesmos se arrumaram de sua maneira própria.

Finalmente, cuidar bem de manter-se no estado de graça, porque cooperamos com Deus na santificação das almas. E a experiência ensina: quanto mais santos os confessores, tanto mais santificam. "Sancti sanctificant". (Os santos é que santificam)

-O-O-O-O-O-O-O-O-O-O-

C A P Í T U L O S 1 8 8 5 - 1 8 8 6

C A P Í T U L O D E 1 1 D E F E V E R E I R O D E 1 8 8 5

A S D I V E R S A S F U N Ç Õ E S D A C O N G R E G A Ç Ã O

"Nas obras, proceder-se-á, quanto ao fim e aos meios, de acordo com o projeto do nosso Bem-aventurado Padre..." (Const. XIII). Esse é o programa que devemos seguir na nossa vida interior, como exterior. Devemos aplicar-nos a suscitar e conservar cristãos, que pertençam não a nós, mas ao Salvador. Trabalhar para nós, procurar a nós mesmos na direção das almas seria uma desgraça, porque a intromissão do homem nos assuntos de Deus é sempre um grande prejuízo para as almas. Deus só abençoa o que é feito para ele. Por mais unidos que estivéssemos a Deus, a nossa obra seria má, porque "corruptio optimi pessima" (a corrupção do melhor, a pior). Deus retirar-se-ia de nós e teríamos que temer qualquer coisa por parte da justiça dele.

"Suscitar cristãos de verdade..." Destes quase não há. Almas leais são raras. A falta de sinceridade provém muitas vezes da falta de instrução, sobretudo entre as mulheres. De outro lado, entre elas encontra-se ainda coração e generosidade.

"Firmes na fé". Para isso é necessário que nós mesmos sejamos homens de fé. Peçamo-la ao Salvador: "Adauge nobis fidem" (Lc 17,5). (Aumenta-nos a fé) Pois, em nossos tempos, há desistências estrepitosas; também, coisa muito triste, entre os religiosos e os eclesiásticos.

Crê-se em Deus, mas apenas na Providência, na influência divina sobre o ministério. A fé é quase puramente especulativa. Infelizmente, essa é a fé de muita gente. Ora, essa fé não basta. Peçamos com insistência ao Senhor a fé prática: é esta que nos falta a todos. Não recorremos suficientemente a Deus em tudo o que devemos fazer. Nisso não estamos imitando a Boa Madre Maria de Sales: ela não fazia e não empreendia nunca nada sem antes consultar ao Salvador. Ela repetia a miúdo que, em tudo, se deve confiar em Deus. Peçamos nós também essa fé a nosso Santo Fundador.

"Fundamentados sobre o despreendimento de si próprios". Isso não é nada fácil. Não se entende mais o que significa o sacrifício de si próprio a Deus, em favor do próximo. Pois bem, é esse o nosso programa! Eis a finalidade que nos devemos propor. Temos que chegar aí. Para tanto, é importante instruir bem as almas nas confissões, nas pregações. É mister inculcar a vida cristã, a vida de fé prática. Primeiro importa abrandar a vontade. Uma vez submissa a vontade, a inteligência prontamente estará esclarecida. Quando alguém não compreende as coisas da religião, mas se a gente consegue que faça uma boa confissão, será fácil, em seguida, fazer a verdade brilhar perante seus olhos. Mas, para obtermos esse resultado, é necessário também que sejamos bons religiosos. A graça principal é dada pelos Sacramentos, mas graça também é comunicada pela santidade de quem a administra e é produtiva pela fidelidade de quem a recebe.

"Na humildade". E isso é difícil. A humildade, pois, pressupõe já todas as outras virtudes, cuja coroação representa.

"E a mansidão cristã". "Discite a me", diz Nosso Senhor, "quia mitis sum et humilis corde" (Mt 11,29). (Aprende de mim, porque sou manso e humilde de coração) Esta virtude devemos antes aprender nós mesmos para depois comunicá-la aos outros. Nada conquista tanto as almas como esse meio. É notável como em Roma a gente encontra exemplos dessa virtude: nas Congregações, nos contatos com o Papa, entre os Cardeais, os Prelados, tudo respira essa mansidão, recomendada pelo nosso Salvador. Esforcemo-nos, portanto, por nossa vez, para imitar o Salvador na brandura e humildade do Coração dele.

"...levando consigo, por toda parte, as características das virtudes do nosso verdadeiro modelo, São Francisco de Sales". Devemos

prender-nos a isso. Eu estava lendo ultimamente o livro do Senhor Harmel. Este foi visitar, um dia, ao Núncio. O Núncio dizia-lhe com quanto prazer estava vendo as obras prosperarem na França. "Por toda a parte a gente se esforça", dizia, "por agrupar trabalhadores, reunindo-os em associações, em corporações; só na França há tanto zelo por esse assunto. São esses também vossos meios, Senhor Harmel?" - "Não, Excelência; ao meu ver, o melhor meio para conduzir as almas a Deus é amar Nosso Senhor de todo o coração e fazê-lo amar. Se os patrões amassem a Deus de todo o coração, todas as suas obras teriam sucesso". Assim a força do Senhor Harmel se encontra na força de Nosso Senhor e nos Sacramentos; e a força mais potente para conduzir e converter as almas é amar a Nosso Senhor, aproximando-se a ele e fazendo com que os outros se aproximem. O Senhor Harmel e diversos de seus operários oferecem sua vida e suas obras para que a Vontade de Deus se realize. Diversos morreram após este generoso sacrifício, tendo como resultado uma inspiração profunda, a qual manifesta claramente o quanto Deus quer essas coisas. Ademais, é bem esse o pensamento da nossa Boa Madre Maria de Sales e parece que o Senhor Harmel está totalmente em sintonia com o espírito dela.

Que esses pensamentos nos mantenham a alma muito recolhida em Deus, no qual vamos procurar tudo o que nos é necessário. Basear-nos-emos nessa fé, sem a qual seremos como uma folha leviana que o vento arrebatava e leva ao seu capricho.

-O-O-O-O-O-O-O-O-O-O-

C A P Í T U L O D E 25 D E F E V E R E I R OR E T I R O S E M I S S Õ E S (C o n s t . X I I I)

"Para os retiros e as missões, ter-se-á o cuidado de nunca os aceitar senão a pedido expresso dos Vigários e dos Superiores". Este artigo tem sua importância. Acontece frequentemente que paróquias pedem uma missão; têm necessidade de renovar-se na sua piedade por uma voz um pouco de fora. Ora, as Constituições nos proíbem de aceitá-las, sem o consentimento do Vigário. Poderia fazer mais mal do que bem. É que há um excesso do bem: querer fazer o bem à gente apesar deles. Nosso Senhor não fez isso. A Boa Madre Maria de Sales dizia às suas religiosas: O meu dom particular é mais dar Deus às almas, do que conduzir as almas a Deus. Isso também é o nosso papel. Nosso zelo, nossa atividade, por maior que seja, alimentar-se-á sempre no sacrifício que fizermos de nós mesmos a Deus.

"O Oblato de São Francisco de Sales, incumbido desse tipo de trabalho, deverá, antes de começá-lo, pedir a benção do Vigário..." É esse um ato essencialmente religioso que Deus não deixará de abençoar e também um meio de trabalhar em sintonia com o Vigário.

"Ele não realizará nenhuma atividade independente do parecer e do agrado do Vigário. Se julgar necessário empreender alguma atividade de caráter externo..." Necessita-se, aliás, uma quase-certeza de que Deus continuará o assunto; sem isso, a obra será como um fruto, que se estraga no meio dos demais. Primeiramente, é necessário que os ouvintes se confessem e comunhem, pois assim Deus visita suas almas e isso é uma grande graça.

Por obras de caráter externo entende-se a fundação de congregações, confrarias ou obras parecidas. Evidente que para isso se necessita a aprovação do Vigário. Não podemos, realmente, ter outra influência que a de cima; não temos outro poder a não ser o de fazer Deus descer. Só pelas nossas forças, pelo contrário, pela nossa reputação, não somos capazes de nada; nada por nós mesmos. É importante que sejamos nada: não fazemos política, não nos ocupamos de coisas de caráter externo.

O cuidado dessas coisas deixemos à Providência. Portanto, nas Missões e nas Obras, desempenhemos sempre um papel modesto. Não digamos: "A honra do estado religioso...", "A missão da qual fomos encarregados...". Não, esse papel não nos toca. A parte de Deus começará onde nós terminarmos e não somente começará, mas também continuará e levará à perfeição. (cf. Fl 1,6)

É esse o nosso espírito, a nossa norma imutável. Mesmo que nossa missão nos chamasse junto aos leigos por uma obra ou outra, nossa grande habilidade consistirá em ajudar aos outros a realizar o bem, mesmo à custa de nós mesmos. Assim, se a idéia das corporações se alastrar, como parece estar por acontecer, que se formem essas corporações e que sejamos nós chamados a dar nosso apoio; rezemos para que se dirija bem as coisas; ajudemos aos outros por nossas orações e pelos nossos conselhos. Ademais, todas as vezes que as coisas não forem entendidas de acordo com a nossa modalidade, retirar-nos-emos, imitando a Nosso Senhor, segundo o espírito e a atuação dele.

"Depois tratará disso com o Vigário e acatará a decisão dele..." O que se afirma sobre o Vigário, se aplica a todos os Superiores. Se se realiza um retiro numa Comunidade, o que vale na mesma é a Regra, são os Superiores. Não se deve avançar nas coisas em prejuízo da Regra e à custa dos Superiores. Seria um roubo, uma verdadeira intromissão. O mesmo vale em relação com uma família: querer mandar aí e estabelecer a nossa autoridade à custa da que deve reinar, seria uma coisa totalmente desajustada e se fizéssemos isso, seríamos uns miseráveis. Portanto, não devemos nunca inverter ou deslocar nada. Nosso Senhor diz aos seus Apóstolos: "Vos estis sal terrae" (Mt 5,13) (Vós sois o sal da terra), não os reis, os encantos da terra, mas o sal da terra. O sal conserva as coisas no estado ou na natureza em que Deus as criou. Não devemos pretender outra coisa. Não devemos confundir-nos com o poder da Igreja; só devemos ser auxiliares dela. Para compreender bem essas coisas é preciso que Nosso Senhor o ensine a cada um de nós e, conformando-nos ao que se nos recomenda, obtê-lo-emos. Estaremos de acordo com o espírito do nosso Bem-aventurado Padre. Dom de Macedo (bispo de Pará, Brasil) afirma que para derrubar o muro dos macônicos precisa-se de recursos sobrenaturais. E é São Francisco de Sales, que melhor indica os meios para tanto. Por isso vem pedir ajuda na Obra de São Francisco

de Sales e junto aos Oblatos. Pois, como a maçonaria é a luta do homem, para destruí-la é necessária a luta de Deus. Peçamos com insistência a nossa Madre Maria de Sales que nos faça penetrar nesse espírito; são esses os últimos anelos dela. E assim não seremos na Igreja uma Congregação inútil.

-o-o-o-o-o-o-o-o-o-o-

C A P Í T U L O D E 11 D E M A R Ç O D E 1885

A O R D E M D O D I A

"A ordem do dia será observada em cada casa com a mais..."
A ordem do dia, prescrita pela Regra, será observada em todas as nossas casas, nos colégios e em todas as outras casas, em todos os cargos, por exemplo no de capelão de Visitação. Somente a hora na qual se devem realizar os exercícios pode ser modificada, mas não a totalidade dos exercícios.

"Que cada um observe exata e carinhosamente o Diretório..."
Isso, para nós, está no primeiro plano. O avanço na virtude e a proporção dos nossos resultados corresponderá exatamente ao nível de nossa vivência do Diretório. É esse o termômetro, não somente da nossa perfeição pessoal, mas também do resultado que vamos conseguir. Tenho notado, dizia a Boa Madre, que os dons de Deus e a influência sobrenatural estavam relacionados com a prática do Diretório. Esta é a nossa corrente, são essas as nossas ataduras que devemos levar continuamente nos braços e diante da frente. Para nós, o grande meio é a fidelidade; realizemos dias de fidelidade para alcançar a graça e, certamente, a obteremos. É imprescindível que tenhamos o espírito da nossa vocação; ora, o espírito se forma pelo costume, não por conceitos, mas pelas nossas ações. Se, portanto, o queremos ter, devemos praticar o Diretório, porque só

este pode proporcioná-lo. Pessoas pouco dotadas realizaram coisas extraordinárias, graças à prática do Diretório.

"O levantar é às cinco horas. A oração da manhã e a meditação durarão...". Devemos suprir os exercícios que não pudemos fazer. Dessa forma, se, devido a algum impedimento, faltamos à meditação, devemos substituí-la durante todo o dia, desempenhando todas as nossas ações e dirigindo todas as nossas intenções para esse fim. Era esse o método de São Francisco de Sales, sobretudo nos últimos anos de sua vida, quando a multiplicidade de suas ocupações lhe tomavam todos os instantes. É, portanto, preciso fazer melhor todas as ações para suprir a meditação e dizer a Deus: Vem a mim, pois não fui a ti esta manhã. Se alguém fosse obrigado a dispensar-se da meditação por mais tempo, não poderia fazê-lo sem ter consultado o Superior ou o confessor.

A meditação deve ser a base de nossa vida, pois é a obra de Deus que realizamos. Mas como fazê-la? Meditar, dizia a Boa Madre, é conversar com Deus sobre os nossos assuntos. É preciso, portanto, fazê-la sobre as atividades do dia, sobre nossos pecados, sobre as nossas dificuldades, sobre o que tivermos que sofrer, numa palavra, seguir a inspiração de Deus.

Recomenda-se que, na direção espiritual, conduzamos os nossos penitentes, os nossos dirigidos a fazerem sua meditação. Como? Através dos mesmos meios. Sem método planeado. A meditação feita na base de livros, está muitas vezes acima das forças de três quartos ou da metade da gente. Meditar supõe uma certa habilidade, uma certa capacidade. Devemos conduzir as pessoas a fazer meditação como nós mesmos, conforme a atração da graça. Se tiverem pecados difíceis de corrigir, que façam a meditação sobre isso mesmo; ou então sobre suas atividades, sobre os compromissos do dia. A meditação é o primeiro alimento do dia.

Na época do nosso Santo Fundador, todo o mundo era ainda cristão; ele pôde dar métodos de meditação, porque nos colégios, em todas as casas, ainda aprendiam a fazer a meditação. Então o costume existia. Agora, não é mais possível. Deve-se ver, portanto, o que a pessoa pode fazer e apresentar-lhe um método conforme suas ocupações e necessidades, suas preferências e disposições; dessa maneira se reconhece em que deve consistir o alimento para uma alma e a gente se torna a luz de Deus, colocada no caminho dela. Perguntemos aos dirigidos o que os toca, o

que lhes faz bem, se é o pensamento acerca do céu, ou de Deus ofendido pelos pecados...; demos-lhes o meio de ocupar-se com Deus sobre estes assuntos, durante algum tempo.

"Desolatione desolata est terra, quia nullus est qui recogitet corde" (Jr 12,11). (Desolado ficou todo o país, pois que ninguém mais o toma a peito - verbalmente: ninguém mais reflexiona no coração) Os Sacramentos são um alimento, mas não uma vida.

Há matizes de origem divina em cada alma; cabe ao diretor espiritual discerni-los e assim colocar estas almas em relação, em comunicação com Deus. Todas as almas possuem isso, até as mais desamparadas.

A Boa Madre, quando menina e necessitando comunicar-se com parentes ou estranhos, dizia a Deus: Meu Deus, fazei que eu distinga bem e respeite devidamente o que há de vós nessa pessoa... Desse modo ela estava em comunicação com Deus.

Portanto, levar as almas a fazer meditação à medida que puderem e rezar por isso, pedir a luz divina no Santo Tribunal; com essa, algumas vezes, assombramos as almas, dando-lhes exatamente o que precisam. Todas as almas se desviam de Nosso Senhor: é preciso, pois, como afirmava a Madre Maria de Sales, pôr alguma coisa sólida nas almas.

-O-O-O-O-O-O-O-O-O-O-

CAPÍTULO DO DIA 25 DE MARÇO DE 1885

O QUE SE DEVE OBSERVAR CADA DIA

"Que cada um, ao acordar, ofereça cuidadosamente a Deus todas as suas ações..." A melhor coisa para fazer, na hora do levantar, é o que nos recomenda o nosso Santo Fundador. Sem dúvida, não é necessário resistir à atração que poderíamos ter por uma devoção particular. Mas para nós o Diretório é bem mais eficaz.

"Que renove sua intenção no início das principais ações..." Não parece o nosso Santo Fundador admitir que não tenhamos que sofrer em alguma ação. Assim mesmo devemos compensar as mortificações e as austeridades das grandes Ordens religiosas. Por isso ele quer que, no início de nossas principais ações, renovemos a nossa intenção, oferecendo a Deus tudo aquilo que sofrermos e fizermos de bem. Aceitar o que Deus nos enviar é o que parece o mais consoante com o nosso espírito. É o que ocasiona a união do homem com Deus e o que a Santíssima Trindade realiza em nós. Essa é a nossa lição principal.

"Que tenha um cuidado todo especial de agir só tendo a puríssima intenção de agradar à Santíssima Vontade de Deus." Não se deve procurar sua própria inclinação, a satisfação de si mesmo, a glória pessoal. É esse o exercício mais perfeito e que mais se opõe à tendência humana: é a expulsão do próprio "eu". As outras Ordens religiosas têm seu próprio lema: "ad maiorem Dei gloriam"... O nosso Santo Fundador tem uma palavra só: "Jesus viva!", isto é: a vida de Deus em nós, ficando nós mesmos fora de consideração.

"Dedicar-se-á no restante do dia pelo menos quinze minutos a uma visita ao Santíssimo Sacramento." A Visita ao Santíssimo Sacramento é um dos principais exercícios do dia. Mas como se deve fazê-lo? Pode-se retomar a meditação da manhã e rever o dia ou fazer uma visita no sentido de Santo Liguori. Sejam muito devotos ao Santíssimo Sacramento, imitando o nosso Santo Fundador: era a vida dele. Não podendo fazer essa Visita, de viagem, por exemplo, saudemos Nosso Senhor presente em todas as igrejas por onde passarmos, adorando-o por todas as pessoas que não o adoram. Não passemos nunca frente a uma igreja sem

adorar espiritualmente Nosso Senhor que se digna morar aí.

"Devem esforçar-se por conservar constantemente e em toda a parte a presença de Deus." Não se trata de um raciocínio que nos cansaria, mas da disposição de fazer a todo o momento a Vontade de Deus; não é questão de pensar nisso continuamente, nem seríamos capazes, mas o que importa é renovar, de vez em quando, nossa intenção.

"Farão dois exames por dia: o primeiro durante a manhã..." O exame da manhã é um relance sobre as ações da manhã. Para o da tarde, precisa-se prestar uma atenção um pouco mais detida.

"Rezarão com a máxima devoção o Santo Ofício." Empenhemo-nos, durante a reza do Ofício, para atender os pensamentos do Diretório. Importa acostumar-se a isso desde o começo. Este é o meio de talharmos logo as distrações e de ficarmos bem unidos a Deus.

"Não passarão nenhum dia sem estudar..." Temos muitas coisas para aprender: a teologia, o direito canônico, a Sagrada Escritura, a teologia mística. Tudo isso é muito útil para saber falar às diversas classes de pessoas. As instruções feitas, ao utilizar livros, são coisa muito boa, sem dúvida, mas elas nem sempre convêm. É preciso fazer como as abelhas que escolhem nas flores o que lhes é necessário para o mel e a cera. Precisa tomar de cada livro o necessário, conforme as circunstâncias.

"Durante as refeições ler-se-á. Observar-se-á, conforme o ordena na nosso bem-aventurado Pai, não levantar da mesa sem ter feito alguma mortificação." Em que deve consistir essa mortificação? O nosso Santo Fundador fala de uma mortificação ou outra. Pode ser ou positiva, comendo o que não nos agrada, ou negativa, abstendo-nos de um pouquinho de comida, como a sobremesa, etc. Durante este tempo da Paixão, sejamos generosos, aceitando tudo o que encontrarmos, em espírito de penitência. Empenhemo-nos por unir-nos a Nosso Senhor, para não ser ambíguos para com ele. Enquanto ele carrega a sua cruz, que não procuremos desfazer-nos da nossa. Lembremo-nos que somos religiosos e que trazemos os traços da morte de Nosso Senhor (cf. 2 Cor 4,10).

CAPÍTULO DO DIA 29 DE ABRIL DE 1885

O QUE SE DEVE OBSERVAR CADA DIA

O exame da manhã é somente um olhar rápido sobre o tempo da manhã. Não se deve imiti-lo, porque dever servir para o exame da noite.

"Rezarão... o Santo Ofício, lembrando-se de que com isso prestam o serviço dos Anjos. Convém assumir esse pensamento do nosso Santo Fundador; quem o encarar assim, diz ele próprio, experimentará uma devoção e unção incomparáveis.

"Conformar-se-ão para as horas aos costumes da Congregação." Procuremos rezar o nosso Ofício nas horas regulares, pelo menos à medida que nossas ocupações no-lo permitam. Seria muito desejável que se pudesse recitá-lo nas horas fixas, porque é a incumbência principal dos religiosos a de cantar os louvores a Deus.

Trabalho. Não pode ser que cada religioso seja livre quanto à escolha de seus estudos. Se a gente tem uma queda especial para um determinado ramo de estudos, importa submeter essa inclinação à obediência. É preciso, como diz o nosso Santo Fundador, fazer tudo de bom grado e sobretudo no que diz respeito ao estudo; essa é uma condição importante para sair bem e tornar os nossos estudos mais frutuosos. A gente deve aplicar-se ao aperfeiçoamento nos estudos, não, evidentemente, para a satisfação do amor próprio, mas para Deus. Que esse fim seja sempre nossa força motriz e que a nossa motivação seja simples. É a característica de nosso Santo Fundador: fazer tudo o mais perfeitamente possível. Devemos, pois, imitá-lo e assim imitaremos também Nosso Senhor, porque, segundo os Santos Padres, em Nazaré, tudo estava perfeitamente organizado e ordenado.

Quanto aos estudos a realizar, devemos estudar teologia, direito canônico, história da Igreja, a vida dos santos; porque as provas históricas são as mais eficazes para demonstrar a origem divina da Igreja, e são essas as mais empregadas pelos Padres e pelos antigos pregadores. Para as instruções, sem dar a impressão de querer fazer diferente dos outros, deve-se ter o cuidado de envolver sempre os ouvintes, procurando fazer com que participem num mesmo pensamento, como faziam

São Pedro, São Paulo e Nosso Senhor. Como a pregação é o único meio para chegar às almas, "fides ex auditu" (Rm 10,17) (a fé vem da pregação), é imprescindível que cada um dos que são destinados a esse ministério esteja profundamente instruído sobre o que deve ensinar aos outros. Antes de pregar, se necessita preparar um esquema e adequar seu modo de agir ao tipo de auditório ao qual a gente se deve dirigir.

Da mesma forma se deve proceder nos outros tipos de estudo. Além disso, sobretudo é necessário rezar, rezar muito. Temos que viver no mundo da fé, certos de que só a oração nos alcançará a luz da qual precisamos. Portanto, rezar estudando, e afeiçoar-se ao estudo para harmonizar-se com a Vontade de Deus.

Vivamos, então, dessa vida sobrenatural que é absolutamente necessária para realizar o bem. É esse o elemento no qual a Boa Madre Maria de Sales quer que vivamos.

-0-0-0-0-0-0-0-0-0-0-

CAPÍTULO DO DIA 6 DE MAIO DE 1885

O QUE SE DEVE OBSERVAR CADA SEMANA

"Em cada casa, os Oblatos de São Francisco de Sales reunir-se-ão fiel e devotamente para as Conferências espirituais que se realizarão pelo menos uma vez por semana. Essas conferências terão como finalidade especial a abnegação da vontade própria e da opinião própria."

Aí se encontra conjuntamente o fator principal e o mistério da vida religiosa. Renunciar a seu ponto de vista, à sua vontade própria é contrário à natureza; precisa-se fazer um ato de fé e crer. A abnegação é o meio mais apropriado para chegar ao fim que o Instituto se propõe. Aí se encontra toda a vida religiosa, e até toda a vida cristã. Peçamos a Deus a graça de praticar bem essa virtude e de nos afeiçoar à mesma, sobretudo nos tempos atuais. É uma coisa que contraria a nossa vontade; apeguemo-nos a ela e digamos a Nosso Senhor: Senhor, é

a tua Vontade, por isso a quero. Esse é o ato mais elevado da vontade e da liberdade humana: isso consegue fazer quem tem a graça para tanto e quem a tem é quem a pede. Peçamo-la a Deus, a nossa Boa Madre Madre Maria de Sales que está começando a manifestar exteriormente o seu grande poder junto a Deus.

"... O exercício da união à Vontade de Deus em todas as suas ações". A gente chega a isso através da reta intenção. É o exercício do próprio Paraíso, que consiste em não fazer e não querer a não ser o que agrada a Deus. Empenhemo-nos por fixar bem em nós essa disposição espiritual.

"... a união fraterna". Façamos tudo o que pudermos nesse sentido; nem arriscamos nada exagerando um pouco nesse ponto. "Nisto todos conhecerão que sois meus discípulos, se vos amardes uns aos outros" (Jo 13,35). O nosso Santo Fundador repete-nos essa mesma palavra. A caridade mútua é a nossa mortificação; quase não temos outras.

"... o zelo pela própria santificação..." Os nossos exames de consciência nos ensinarão a esse respeito. Nossos exames deverão ter duas finalidades: distinguir as nossas faltas e ver onde estamos em relação ao bom Deus. Querendo saber se estamos fazendo progresso na vida religiosa, reconhece-lo-emos por praticar melhor o nosso Diretório, sendo fiéis, enquanto avançamos nas virtudes que nos são recomendadas.

"... e sobretudo o zelo para com as almas que são motivo das nossas diversas obras". Devemos doar-nos a essas almas; pois bem, é pela oração que a gente se dá: é a ação de Deus e não a do homem que converte as almas. Temos que rezar, portanto, pelas almas que nos são confiadas, pelas almas de nossos alunos. A oração é que manifesta o nosso zelo. Quando tivermos rezado por uma pessoa, por um jovem, e se esse jovem vier se confessar conosco, não poderemos ficar indiferentes com relação à situação espiritual dele. Às vezes ficamos surpreendidos ao ver o bem que nossas palavras podem suscitar numa alma para a qual rezamos assim. Faz-se necessário dar-se apaixonadamente ao serviço de Deus, aplicando aí toda a energia da qual somos capazes. Contudo esse zelo será limitado pelas normas da Igreja, da Regra e dos nossos Superiores.

CAPÍTULO DO DIA 7 DE OUTUBRO DE 1885

A MADRE MARIA DE SALES

Hoje transcorre o aniversário da morte da Madre Maria de Sales, nossa Fundadora.

Há nas palavras da Boa Madre, nos escritos, nos ensinamentos dela, um fundo de doutrina de que nos devemos penetrar, e que devemos estabelecer como nosso fundo próprio, que nos sirva primeiramente a nós de alimento para, depois, entregá-lo aos outros. É nosso patrimônio. É nossa herança, a nossa propriedade. Esse fundo de doutrina se resume e se enuncia por algumas expressões especiais que voltam frequentemente na linguagem e nas cartas da Boa Madre Maria de Sales. É o cortar rente, é o dar tudo por tudo. É ser totalmente do momento presente. É a união ao Salvador e o desapego da nossa vontade natural para deixar o Salvador agir, etc.

São esses princípios, entre muitos outros ainda, que devem constituir o nosso fundo, o nosso tesouro, a reserva onde viremos haurir para viver e fazer os outros viverem. Cabe viver, inspirando-nos na Madre Maria de Sales e fazer os fiéis viver da mesma forma. É essa a doutrina dos nossos ensinamentos e das nossas pregações, como também da nossa vida interior.

Sem dúvida, é preciso proceder com prudência. Não devemos usar o nome e a autoridade da Madre Maria de Sales diante de quem não a conhecem e que talvez se desgostassem de ouvir invocar a autoridade de uma mulher. Nesse caso não se deve destacar o nome dela, nem pregar ostensivamente a doutrina como dela. No entanto, os Senhores comuniquem essa doutrina e procurem que ela entre nos corações dos nossos ouvintes, sem dizer de quem provém. Quando tivermos que falar perante um auditório capaz de compreender e de apreciar a Boa Madre, que transmitamos, então, os ensinamentos como provenientes dela; apoiemo-nos sem medo no nome e na santidade dela.

Leiam os escritos da Boa Madre, compenetrem-se do espírito dela, pois esse deve ser o nosso. Leiam o que tiverem dela, da prestação de contas, das cartas e das instruções dela. Leiam a Vida dela.

Evidente, não está completa. Entretanto há também, na notícia da Madre de Bellaing, muita coisa que lhes será de proveito. Disputa-se atualmente essa notícia. Há um exemplar na Biblioteca de Troyes, que o adquiriu de segunda mão, no ano passado, de um livreiro em Paris. Apenas chegou à Biblioteca e a gente o solicitava de toda a parte. A nora do bibliotecário, a Senhora Soccard, fazia empenho por recebê-lo. "Há mais de 40 pessoas inscritas antes da Senhora; não o conseguirá dentro de dois anos", respondeu-lhe o Senhor Roccard. Como a Senhora Roccard contava sua má sorte ao Bispo e a pena que tinha por não poder fazer essa leitura para os seus filhos, à noite, o Bispo, muito graciosamente, emprestou-lhe o seu exemplar.

Os Senhores encontrarão, pois, muitas coisas nessa notícia. Espero que encontrem também alguma coisa de bom na que eu estou escrevendo agora e que espero concluir felizmente dentro de pouco.

-0-0-0-0-0-0-0-0-0-0-

CAPÍTULO DO DIA 21 DE OUTUBRO DE 1885

A DISCRIÇÃO

Antes de abordar a explicação das Constituições, é importante dizer-lhes alguma coisa sobre a discríção que devemos ter na vida religiosa e sobre o segredo que devemos guardar, particularmente sobre o que se diz e faz no Capítulo.

O Direito Canônico e as diversas Regras religiosas, especialmente a de São Francisco de Sales, são muito rigorosas neste tipo de falta. Determinam a exclusão temporária ou até permanente a respeito do religioso culpável de indiscríção e a privação de toda voz ativa nas eleições ou admissões.

Dito isso, quero falar-lhes um pouco sobre as nossas relações com o Bispo de Troyes e sobre a linha de conduta que devem observar no julgar essas relações. Desejo que, o que lhes estou dizendo aqui, seja

transmitido aos nossos Padres das outras casas, para que o modo de agir e de falar seja o mesmo em toda a parte.

O Senhor Bispo quis, e tudo leva a crer que ainda o queira, que os Oblatos fossem sacerdotes de sua diocese. Não é essa a nossa finalidade, nem é essa a nossa intenção. Não é conforme às nossas Constituições nem à idéia do Soberano Pontífice. Não podemos, portanto, e não poderemos jamais concordar nesse ponto. Não posso ter mais relações muito cordiais com o Senhor Bispo. Não tenho nada contra ele no meu coração, mas não posso questionar sempre de novo um assunto já decidido há muito tempo. Todas as relações, que teria com ele, terminariam forçosamente nisso: a vontade do Senhor Bispo tem ficado a mesma, a minha não pode mudar.

Quando tiverem que falar sobre isso, quando se lhes perguntar, quando alguém lhes disser: "Mas o Senhor Bispo não vai mais a 'São Bernardo'", digam somente: "O nosso Padre não tem nada contra o Senhor Bispo. Deve de haver alguma questão de princípio sobre a qual os dois não estão de acordo", e passem para um outro assunto. Sobretudo, não procurem explicar nada. As explicações que dariam poderiam ser mal entendidas, mal repetidas e chegar depois aos ouvidos do Senhor Bispo que sente muito isso, bem o sei, e depois faz muito empenho para explicar sua atuação e se justificar.

Não posso nem física, nem moralmente retomar meus contatos com o Senhor Bispo. Não posso abandonar a Congregação. É a obra da Madre Maria de Sales a qual prometi de continuar. O Santo Padre me encorajou neste caminho e nos deu a nossa missão. Disse-me que todos os que trabalhavam nessa obra, trabalhavam com ele e faziam pessoalmente a Vontade de Deus.

Acostumemo-nos, pois, a ter muita discrição, um grande respeito à obediência. O Superior, o Padre Mestre de Novícios o disse, é preciso executá-lo logo, sem discorrer, sem discutir.

O Diretor do colégio, o Prefeito dos Estudos tomou tal medida; dediquemo-nos, cada um de nós, ao que nos cabe e que isso seja tudo para nós. Temos que dar uma aula, por insignificante que seja, é a Vontade de Deus para nós, é a obra de Deus que devemos realizar; é essa a coisa mais importante do mundo para nós. Também, sejamos religiosos em tudo e por tudo, tanto em nossa atitude exterior como também em todo o resto. Teremos logo, assim espero, o nosso Costumeiro que regulará todos os pormenores da nossa vida exterior para que todos nos

assemelhemos, sendo todos parecidos por parecer-nos ao Salvador.

A festa dos Finados se aproxima. Lembremo-nos dos defuntos, dos nossos falecidos, sobretudo dos nossos familiares. Rezemos por eles, especialmente no memento da Missa e roguemos a intercessão deles, a qual não nos recusarão, se tivermos feito alguma coisa para eles.

-0-0-0-0-0-0-0-0-0-0-

CAPÍTULO DO DIA 28 DE OUTUBRO DE 1885

O DIRETÓRIO

Todas as Ordens religiosas têm seu espírito particular, sua fisionomia especial a qual obtêm dos meios próprios, empregados para conseguir seu fim. Os Cartuxos são homens de solidão e de silêncio; os Trapistas, homens de trabalho e de mortificação. Sua Ordem tem sua característica, sua fisionomia própria. E qual deve ser a nossa? Nós não empregamos os meios das outras Ordens religiosas. O nosso Santo Fundador traçou-nos um caminho mais direto e mais seguro: o Diretório. É o Diretório que é nosso meio, a nossa razão de ser. É esse que nos dá a fisionomia particular.

O que é que vem a ser o Diretório? Parece tão pouca coisa. Coisa boa para mulheres...! É o Diretório que formou São Francisco de Sales. Ele começou a praticá-lo desde a sua infância, antes de entregá-lo às Visitandinas; é o Diretório que fez desse Santo a imagem acabada do Salvador na terra. É o Diretório que formou a Boa Madre Maria de Sales, a filha mais perfeita e mais parecida com o nosso Santo Fundador. O Diretório é o desapego de si mesmo em cada ação, em cada instante do dia; é a união com o Salvador. É a mão do Salvador que tomamos para realizar cada uma de nossas ações. Observem a habilidade de nosso Santo Fundador: ele nos faz alcançar diretamente, quase sem dificuldade, poderíamos dizer, o fim que as outras Ordens religiosas conseguem com grande esforço por meio de muitas austeridades e de muitos

empenhos. Ele, porém, vai direto ao fim. Ademais, as austeridades fadigam e desfazem logo, de certa maneira, as obras exteriores dos religiosos. Um religioso que pratica sua Regra à risca quase não é mais capaz de outra coisa. O Diretório, chegando mais fácil e prontamente ao mesmo fim, a saber a união com Deus, deixa-nos toda a energia e toda a liberdade de ação.

O fruto do Diretório é a paz espiritual, é o descanso do espírito em Deus, sem inquietação, sem vacilação. Eu vi religiosos com 40, 50 anos de mortificação e de austeridades perguntar-se desanimados: "Acertei mesmo meu caminho?" Em nosso caminho não precisamos temer essas incertezas. O Diretório é uma via segura e digna de confiança que proporciona a paz à alma. Esta, pelo Diretório, se une seguramente com Deus.

-0-0-0-0-0-0-0-0-0-0-

CAPÍTULO DO DIA 4 DE NOVEMBRO DE 1885

O ESPÍRITO DA CONGREGAÇÃO

Antes de começar a explicação das nossas Constituições, gostaria de dizer-lhes algo sobre o apego, sobre a afeição entranhada que devem ter em relação à Congregação e para com cada um dos membros dela.

Devemos amar a Congregação como a nossa mãe. Devemos querer bem as Constituições, a Regra, a observância, as obediências dadas. Devemos ao conjunto dos membros da Congregação caridade, cordialidade, apoio; não caridade e apoio de forma geral, mas no espírito de São Francisco de Sales e da Boa Madre Maria de Sales.

Devemos ter muito amor e um grande respeito em relação às nossas Constituições que foram escritas sob a inspiração da Madre Maria de Sales e aprovadas pela Santa Igreja. Antes de partir a Roma, no mês de março de 1875, lemos na íntegra as Constituições para a Boa Madre e determinamos com ela quase todos os artigos. Pio IX recebeu-nos muito bem: "Devem de estar com pressa, disse-nos, faremos com que não pre-

cisem esperar muito tempo". Depois de seis meses tínhamos a primeira aprovação através do breve laudatório.

No que diz respeito ao pessoal da Congregação, tem que se ter uma grande estima e muito amor. Devemos amar-nos na Caridade, conforme o espírito do nosso Santo Fundador. Se exigíssemos a perfeição dos nossos Superiores e dos nossos iguais, precisaríamos ir ao paraíso. Somente lá nosso Superior, o próprio Deus, nossos irmãos, os anjos e santos encontraremos perfeitos e não deixarão nada a desejar na conduta e maneira de agir deles. Façamos muito empenho por adquirir o espírito de nosso Santo Fundador. Como é esse espírito? Ver em cada um, em nosso próximo, e sobretudo enxergar no nosso próximo mais vizinho, em nossos irmãos, o dom de Deus. Os nossos irmãos são um relicário precioso, um sacrário em que Deus depositou sua graça e nós devemos amar e venerar essa graça de Deus. Encaremos o nosso próximo sob esse aspecto. O resto não é nada. Os defeitos do nosso próximo, o que nos choca, é uma coisa negativa e devemos ater-nos somente ao positivo. Vejamos, pois, em cada um o que Deus lhe deu. Num será a firmeza; noutro, o bom juízo; num terceiro, a retidão de coração... Isso nos deve ser suficiente para querê-los bem e estimar a todos. Se, além disso, encontrarmos asperezas, fechemos os olhos: é obra do homem, já não é dom de Deus e a ele somente é que buscamos. É isso uma regra sábia e prática por meio da qual sempre queremos bem o nosso próximo. É essa a seleção que se deve fazer e na qual basearemos nosso bem-querer. Deus está aí, diz-nos ele próprio nos Livros Sagrados; feliz de quem o reconhecer.

Bendigo a Deus pela união que reina na comunidade; é o dom da Madre Maria de Sales, a união das vontades e dos corações. Devemos pedir que essa graça continue. Peçamos às almas do Purgatório um afeto respeitoso para com cada um dos nossos irmãos, que nada nos separe, a nós que fomos vinculados pelos laços de nosso Santo Fundador: o vínculo da dileção que é o liame da perfeição.

Vejam os Senhores como o nosso Santo Fundador vai direto ao fim e olhem a promessa que formula em duas palavras no que diz respeito à caridade. Não procura considerações profundas, mas põe o dedo no lugar sensível. Olhem no seu próximo, assim nos recomenda, o ponto de vista sobrenatural. Não o queiram por causa de qualidades naturais para não merecerem a reprovação do Salvador aos Apóstolos: "Adhuc sine intellectu estis?" (cf. Mt 15,16) (Sois de tão pouca compreensão?).

Não se baseiem na vida natural, na consideração vulgar, mas observem o lado sobrenatural, o dom de Deus no próximo. O bom Deus é o ser; a imperfeição é a negação. Suportar-nos uns aos outros é erguer e elevar o nosso espírito para as coisas verdadeiras, sinceras, acertadas: é encontrar a Deus.

-0-0-0-0-0-0-0-0-0-0-

CAPÍTULO DO DIA 10 DE NOVEMBRO DE 1885

NÃO FAÇAMOS POLÍTICA - A LEI MILITAR - A ORDENAÇÃO

Recomendo às orações da comunidade as intenções de Leão XIII que acaba de mandar uma encíclica aos bispos e, ao mesmo tempo, aos católicos do mundo inteiro. Ele gostaria, antes de mais nada, de que não houvesse mais divisões entre os católicos, como tem havido nesses tempos todos. Leão XIII gostaria que todos fossem unidos para combater o inimigo comum, a maçonaria, e fazer a Igreja triunfar. Durante esses últimos meses, os jornais católicos estavam divididos; daí a divisão entre os católicos. Excomungavam-se mutuamente, uns tomando partido para "O Mundo", outros para "O Universo"... É contra isso que Leão XIII publicou sua encíclica. Os Senhores desconhecem todas essas coisas, todas essas divisões, porque não lêem os jornais. E que não os leiam; temos bem outra coisa que fazer que ocupar-nos de política. Observemos bem o nosso Diretório, submetamo-nos à Vontade de Deus e ele não nos abandonará. Acho indigno de um sacerdote que passe o tempo lendo as discussões dos jornais: "O Universo", "O Mundo", "O Gaulês", "O Sol", "A Lua"... Nós fazemos como São Francisco de Sales: limitamo-nos a ser filhos submissos da Igreja, filhos submissos do Santo Padre.

Recomendo às orações da comunidade todos os nossos irmãos que participarão da ordenação, no domingo que vem. São muito numerosos: oito...! Não ouviram falar dessa ordenação. Nem no Conselho, nem no Capítulo não se falou sobre isso, porque esse tipo de questões não se tratam senão entre o Superior e o Mestre dos noviços. É este quem indica ao Superior os que julga poder apresentar às ordens. Então, examinam juntos se os que são propostos são dignos. Encaminhamos para o subdiaconato todos os que têm 21 anos, devido à lei militar que periga passar e poderia ter efeito imediato. Se essa lei infeliz chegasse a passar, será a destruição do clero secular na França. Afirmaria, talvez, algumas vocações religiosas, mas os seminários estariam vazios; três anos de quartel fariam com que uma porção de seminaristas perdessem a vocação. Rezemos, pois, para que essa lei infeliz não passe na Câmara. Ofereçamos, para esse fim, dias de fidelidade a Deus. Este é um dos meios que a Boa Madre utilizava, quando queria alcançar uma graça. Eu mesmo o emprego junto às Oblatas e posso afirmar que, por esse meio, tenho al-

cançado muitas coisas.

Recomendo às orações da comunidade a alma do Senhor de Bélot, sobrinho da Superiora da Visitação que morreu repentinamente.

Importa serem fiéis a todas as recomendações que lhes faço de rezarem. Que os sacerdotes não se esqueçam dessas coisas no momento próprio durante a santa missa. Ao recitar o Ofício, rezem também pelas intenções do Soberano Pontífice. Façam dias de fidelidade através de sua atenção especial na observância do Diretório.

CAPÍTULO DO DIA 16 DE DEZEMBRO DE 1885

O DIRETÓRIO - A REGRA

Recomendo-lhes, sempre de novo, a prática do Diretório. É a nossa substância. Fora disso, não há nada para nós, não temos mais a vida particular que seria a própria nossa. Toda a substância, todas as modalidades da vida dos Oblatos estão contidas no Diretório. Sirvam-se desse pensamento na meditação da manhã. A meditação deve ser um exame de prever. Até agora tenho faltado a tal ponto do Diretório, nesta ou naquela circunstância; meu Deus, dá-me a luz, dá-me a inspiração da graça. Então, não sou mais teu discípulo. Se eu tivesse sido fiel à reta intenção, teria te seguido as pegadas. Mostra-me o lugar da tua morada.

Os hábitos se contraem por força de repetição das mesmas ações. Durante este tempo de Advento, tempo de penitência, devemos esforçar-nos, com a ajuda do Diretório, por aceitar a cruz que Deus nos mandar.

Todos os Oblatos, a Congregação inteira, têm um fim a conseguir. Para chegar lá há uma porção de trabalhos, de esforços a suportar. Quem fará a distribuição das cruces? Não será o homem: "Talentum plumbi", diz o profeta (sic!); é Deus que faz a distribuição, é ele que determinou a soma das penas a suportar. Deus, desde toda a eternidade, na sua bondade paterna, e com amor individual para cada um de nós, fez essa escolha. Deixemos Deus repartir. Quando o povo de Israel oferecia o holocausto, os levitas circundavam o altar e o sumo sacerdote dividia a vítima e distribuía pessoalmente a parte que tocava a cada um deles

e os filhos de Levi aceitavam a parte da vítima que as mãos do sumo sacerdote tinham escolhido para eles.

Também nós, dia a dia, hora por hora, saibamos receber, com profundo respeito e com gratidão, a parte que Deus nos assinala. Não nos queixemos de que a parcela seja grande demais. É a mão paterna de Deus que a escolheu: quanto maior for, tanto mais Deus nos ama. Façamos disso o nosso modo de proceder. Lembremo-lo no contato com os alunos, nas obras; aceitemos em tudo e sempre a parte que Deus nos destina.

Se estou lhes falando assim, é por motivo da grande luta que a Igreja está travando hoje em dia. Fecha-se a boca dos pregadores. Os prussianos, Bismarck, expulsaram aos Padres do Espírito Santo dos territórios que eles atendem. Isso tornará nossa missão de Pella mais importante: estará sozinha para cuidar dos católicos das duas margens do Orange. Devemos participar dessas dores. Nossa fortaleza, nosso baluarte é a vida religiosa, é o Diretório, é a soma das penas, dos desgostos que Deus nos repartir. Se o amássemos, sofreríamos satisfeitos por suportar alguma coisa e por suportá-la em prol de nossos irmãos, os sacerdotes seculares.

Lembro-lhes que não devem falar nunca sobre o que se diz no Capítulo.

CAPÍTULO DO DIA 23 (ou 28) DE DEZEMBRO DE 1885

N A T A L

É importante que todas as grandes festas sejam épocas de renovação dos nossos bons propósitos, particularmente a festa de Natal: o comparecimento de Nosso Senhor na terra.

Mais do que nunca devemos unir-nos a ele. Recomendo-lhes todos os meus penitentes, religiosos e sacerdotes e convido os confessores a fazer o mesmo. É um meio poderoso para obter muita coisa de Deus: a reza pelos sacerdotes. Assim é que se fará voltar o respeito para com o sacerdote. A nós o dever de aproximar a gente do sacerdote, fazendo o contrário do que estão fazendo os malvados.

Durante esta época de Natal, não se esqueçam de adorar o Ver-

bo feito Homem e de venerar as humilhações dele. Santo Agostinho afirma que Nosso Senhor Jesus Cristo pregou em dois lugares: no presépio e na cruz. Os sacerdotes que têm a felicidade de rezar as três missas devem, por isso, estar muito agradecidos a Deus. Um Oblato deve ser piedoso, devoto, obediente e despojado de si mesmo. Compreendemos melhor o que temos que ser, se indo ao presépio pedirmos a Deus que nos faça ver, que nos ilumine. Rezemos também à Boa Madre para termos parte em sua luz. Durante o Offício, durante a Missa, mantenhamo-nos bem em união com ela e, durante estes dias, fiquemos bem unidos ao Salvador Jesus.

CAPÍTULO DO DIA 20 DE JANEIRO DE 1886

O PROCESSO DA BOA MADRE - O ESPÍRITO DELA

Estou continuamente em Paris, nestes dias, para meu depoimento no processo da Boa Madre. Prestei juramento, sob pena de excomunhão reservada ao Sumo Pontífice, de não revelar nada sobre o que se me perguntou, nem do que eu respondi. Não faltarei, portanto, ao sigilo prometido por contar-lhes minhas impressões sobre as perguntas dos juizes.

Resulta de tudo o que vi e ouvi que os juizes consideram esse assunto de grande importância para a Igreja de Deus, como um acontecimento de maior projeção. A santidade e a missão da Boa Madre Maria de Sales julgam por uma circunstância providencial nos tempos que vivemos. Fizeram-me uma quantidade de perguntas e não me deixaram omitir detalhe algum, por menor que parecesse: tudo lhes parecia de máxima importância.

Quando fui visitar o Papa com o Padre Deshairs e lhe contei o que a Boa Madre tinha dito e feito, ao sair de lá, devo dizer que eu tinha a impressão que o Papa acreditava cem vezes mais na Madre Maria de Sales do que eu. contei isso ao Padre Deshairs e este concordou comigo.

Afirmo eu, humilde e envergonhado: o que hoje esses Senhores de Paris têm de fé nessas coisas, ultrapassa a que eu mesmo tenho. Ainda não estou totalmente convertido, como podem ver os Senhores. Eles dão a maior importância a todas as palavras da Boa Madre em geral, e em particular a tudo o que ela disse e fez em relação com a fundação dos Obla-

tos. Creio captar bem o pensamento deles, quando declaro que consideram a Boa Madre Maria de Sales como inspirada por Deus em tudo o que ela fez, quis, pediu, predisse e que tudo isso, consequentemente, é de suma importância.

Aproveito esta ocasião para dizer que nós acompanhemos ao máximo essa marcha; devemos aceitar a doutrina da Madre Maria de Sales, seus ensinamentos, não só de forma especulativa, mas na prática. Isto significará para nós (como diz a Igreja sobre os ensinamentos de nosso Santo Fundador) um caminho muito plano, "securus et planus", um caminho seguro, simples e fiel.

"Será que se pode acreditar em tudo o que a Boa Madre disse?", perguntou-me um dos nossos Padres. Sim, pode e deve-se crer em tudo que ela disse. Até que a Igreja tenha se pronunciado, acreditemos como um filho devoto crê no que diz uma santa mãe.

Essa doutrina da Madre Maria de Sales é vasta: abrange uma quantidade grande de questões correspondentes às necessidades atuais da Igreja.

Se nós existimos não é para sermos religiosos como já há muitos. Os que existiam antes de nós, valem mais do que nós, mas a missão deles não é a nossa. Nós somos algo de especial, de particular. Essa especialidade consiste na doutrina, nos ensinamentos da Madre Maria de Sales. Segundo a opinião do nosso Santo Padre, o Papa, e de todos os que perscrutaram a vida da Boa Madre, há nela alguma coisa muito especial, algo de grande repercussão. Vejo que no parecer desses Senhores de Paris, a fundação dos Oblatos está baseada sobre fatos de suma importância. É uma massa para concreto da qual não se deve tirar nada e nada se pode omitir. É um fundamento extremamente sério, donde hão de nascer importantes frutos para a Igreja.

Estou lhes dizendo isso para confirmá-los nos seus bons propósitos de ser fiéis e generosos. Não é qualquer coisa, ser Oblato; não é uma instituição feita por um fulano à toa; é algo previsto, particularmente, nos desígnios de Deus. De maneira que, se alguém for infiel e se retirar, Deus tamará pedras para suscitar filhos a Abraão (cf. Mt 3,9), antes que abandonar sua obra.

Não só estamos certos por motivo da base, mas por tudo o que estamos fazendo e, especialmente, pelo que fizemos ainda: "Vossos projetos concordam com a Vontade de Deus", assegurava-me o Papa. Ele confirma o que aconteceu e o que está acontecendo e confirma o que há de vir. Não nos dá uma segurança sem mais nada, mas a segurança de que a coisa

é desejada por Deus e terá seguimento.

Consagremo-nos, pois, à observância e ao espírito. Eu bem desejaria que a Vida da Boa Madre Maria de Sales estivesse pronta e que todos a pudessem ler. Mas acima de tudo é preciso praticá-la... O ensinamento é uma palavra vaga, oca, porque a gente não compreende. Importa praticar as coisas para compreendê-las. Um marceneiro profissional explica ao seu aprendiz qual o jeito de fazer um cruzamento. O novato escuta, mas não saberá fazê-lo a não ser depois de ter feito um, dois, cem mil cruzamentos. Também nós saberemos fazer as coisas, quando as tivermos praticado, quando tivermos tentado realizá-las com boa vontade.

Cuidemos do nosso exterior, demos valor às mínimas coisas da obediência, da observância, em nossa maneira de ser para com Deus e ante o próximo: que apareça aí o Oblato de São Francisco de Sales, bem caracterizado, muito especial.

-0-0-0-0-0-0-0-0-0-0-

CAPÍTULO DE (27?) DE JANEIRO DE 1886

NOSSA FINALIDADE

"Os membros do Instituto, colocando-se sob a proteção de São Francisco de Sales, propõem-se a praticar as virtudes sacerdotais e religiosas, segundo o espírito desse santo Doutor."

Não nos colocamos somente sob o patrocínio de São Francisco de Sales, mas inteiramente sob a orientação dos seus pensamentos, de sua doutrina, de sua maneira de ver e agir. São Francisco de Sales será para nós não somente um "adjutorium" (ajuda) para as virtudes sacerdotais e religiosas, mas hauriremos essas virtudes nele, na sua doutrina e nos seus exemplos. Ele será nosso modelo: faremos o que ele fez e encontraremos nele a graça de nossas virtudes sacerdotais e religiosas. Não só será nosso padroeiro, mas nos identificaremos com a sua pessoa quanto pudermos.

Santa de Chantal lhe escrevia: "Precisar-se-ia formar sacer-

dotes para continuar a vossa obra; precisaria que viésseis vós mesmo para comunicar-lhes o fundo do vosso espírito e para agirem em união convosco." Nós é que quisemos realizar essa idéia. São Francisco de Sales é nosso Pai no sentido pleno da palavra. Queremos herdar de seus dons espirituais; entramos de cheio no terreno de suas graças, de sua doutrina, de sua ação sobre as almas.

Há coisas tão admiráveis, fundadas sob a proteção de São Francisco de Sales. Primeiramente, os Sacerdotes de Annecy. Eles têm o espírito dos Jesuítas, enquanto escolhem São Francisco de Sales como seu padroeiro; tomaram dele certas práticas, a abstinência das sextas-feiras à noite, particularmente, mas o conjunto do espírito é dos Jesuítas. Têm uma Regra toda feita e São Francisco de Sales os vem ajudar a praticar essa Regra. Dom Bosco faz coisas bem lindas, pois é um santo. Não tem o Diretório, não se identifica com São Francisco de Sales. Este é o padroeiro dos Salesianos. Aproximam-se dele mais ainda do que os Sacerdotes de Annecy, mas não é como os Oblatos.

São Francisco de Sales respondeu à Santa Chantal que tinha tentado, mas que nunca conseguira formar sacerdotes com esse espírito, porque os homens deste país eram demasiadamente argumentadores, apegados a seu juízo próprio. Quando Deus o quiser fazer, fa-lo-á. Eis o sentido, até os próprios termos de São Francisco de Sales. Entremos nesse espírito para perpetuar o nosso Santo Fundador. É que nós não fundamos nada: não queremos fazer coisa diferente do que ele fez. Na opinião de São Francisco de Sales, não deveria haver votos, mas a prática estrita, extremamente rigorosa, da caridade devia substituí-los e servir de vínculo entre os membros de sua Congregação. Foi forçado a fundar a Visitação como ela existe hoje, mas a vontade dele era que seus religiosos tivessem esta característica da caridade. Como religiosos, não sejamos uma tapeação com o nome de São Francisco de Sales. Se queremos ser religiosos, reduzindo São Francisco de Sales a uma fachada, erramos o caminho.

Importa entendê-lo bem. Nós somos de São Francisco de Sales e exatamente porque fazemos o que ele disse e fez é que somos religiosos. A base de nossa vocação não se encontra fora dele, a plenitude dela está nele. Fazendo o que ele disse, os votos só nos ajudam a realizá-los mais completamente. Em nossos contatos com as Oblatas, com a Visitação, demo-lhes o alimento que é nosso, demo-lhes São Francisco de Sales. Ele é Doutor, Doutor infalível, como afirmava Pio IX. Tudo está determinado, definitivo: basta seguir, basta entrar nesse espírito. É a história

do artesão: a teoria não faz ao marceneiro, é a mão na massa que o faz.

"Darão, portanto, muita atenção à santificação própria para, depois, ajudar mais eficazmente na santificação do próximo através da educação cristã da juventude, pelas missões nos países heréticos e pagãos e pelo serviço no santo ministério".

A primeira obra da qual aqui se trata é a mais destacada: a educação cristã da juventude. Devemos dar não só a instrução, não só o que temos na mente, mas devemos dar o que temos no coração, tudo o que é santo, correto e digno de Deus.

Somos destinados também às missões em países heréticos e pagãos: já começamos. Devemos dedicar-nos a essa obra de todo o coração e com toda a nossa alma. Somos apóstolos, temos que ter virtudes dignas dos apóstolos; não dos apóstolos em geral, mas segundo o nosso Santo Doutor, de acordo com o seu espírito, pela prática ainda mais perfeita, mais fervorosa e mais devotada do Diretório. É imprescindível que nossos apóstolos se entreguem a Deus totalmente, até e especialmente nas provações mais árduas. Até agora Deus nos deu muitas consolações nesse sentido. Atendamos todas essas obras num espírito de caridade, de amabilidade, de simplicidade. Não tenhamos medo de ser tachados de "bestas" ao fazermos assim. A Boa Madre não era uma estúpida. Entremos nesse espírito. Cuidemos para não gritar nunca, ou enfurecer-nos. Falemos firme, mas amavelmente.

Aplicamo-nos, finalmente, a todos os serviços do ministério sagrado: missões, confissões, pregações. Em tudo isso, os Senhores apliquem a modalidade e a maneira de agir do Santo Fundador, empregando as virtudes dele: a prudência, a sabedoria, a amabilidade, a condescendência. Que os fiéis possam experimentar, junto aos Oblatos, esse selo de simplicidade, de amabilidade, que cativa a alma imediatamente e a remete às mãos de Deus. Não devemos apoderar-nos das almas em favor nosso, mas levá-las a Deus. Importa poder dizer com São Paulo: "Eu não me apoderei de nada, nem de vós, nem do que vos pertence". (cf. 2 Cor 12,14)

Quem tem ouvidos, ouça! (Mt 11,15). Se não compreendem bem essas coisas, peçam a São Francisco de Sales que lhas faça compreender. Peçam-no também à Boa Madre Maria de Sales.

CAPÍTULO DO DIA (6?) DE FEVEREIRO DE 1886

OBEDIÊNCIA AO SUPERIOR - FIDELIDADE À REGRA - NOSSAS OBRAS

Desejo que a explicação da Regra, que estou dando, seja uma doutrina que permanece. É a Boa Madre Maria de Sales que é nossa Fundadora, no sentido que foi ela que recebeu as disposições de Deus em relação conosco. Mas é que sou eu o Fundador dos Senhores. O que eu digo e que a Boa Madre não chegou a dizer, tem força de lei mesmo assim. Se a Congregação, mais tarde, fizer outra coisa, ela deixará de existir. O que eu digo deve ser a base doutrinária para cada um. Não deve haver diferentes maneiras de ver e não sejamos somente uma aglomeração mais ou menos mal ajeitada. Importante para nós é que tenhamos uma só maneira de ver, de pensar e de agir. É imprescindível uma obediência absoluta, absoluta ao Superior. Se ele se engana ou não, não é muito importante; se é um santo ou não, pouca importância tem. O Papa, sendo um santo, é uma grande graça que Deus proporciona à Igreja, mas pode acontecer que seja um homem sem maior destaque ou até pouco estimável, enquanto os que não lhe obedecerem serão tão culpáveis como se não obedecessem aos santos mais veneráveis.

Como Fundador, tenho uma missão a cumprir, um mandato do qual sou responsável perante a Igreja, diante de minha consciência e ante os Senhores. Devo dizer-lhes estas coisas. Entre nós não é uma República; aqui é o governo de uma só pessoa que ordena; que todos, pois, lhe obedçam.

Essa obediência tem graus, no sentido que uma pequena obediência não obriga como uma de maior importância, mas sempre é uma obediência, em todos os níveis. É necessária a união dos corações, que todos girem ao redor do centro, e o centro sou eu. Não se deve estender o raio e descrever uma parábola, fazendo como cometas sem rumo. Agora há uma só força, é a Maçonaria. Esta tem uma doutrina muito elástica. Os primeiros membros, aqui em Troyes, em 1809, eram os melhores cristãos da cidade. O venerável da Loja era o médico do seminário, um homem muito cristão. Obrigados a lutar como estamos contra esse poder formidável, que nossa própria organização seja tão sólida, que nunca possa ser arranhada. Insisto muito nisso. A gente não se deve deixar desviar da obediência por

uma ou outra reflexão, esta ou aquela consideração ou ponto de vista "por melhor que seja", diz o nosso Santo Fundador. Estou dizendo isso em relação comigo e com os que me sucederem no cargo de Superior Geral. Tenham sempre a obediência em alta consideração e que entre os Oblatos nunca se faça de República. A interpretação da Regra, como eu a dou, é a explicação viva, eficaz. Importa que todos os Oblatos professem um profundo respeito pela Regra e para com todos os que estão encarregados de fazer com que seja observada. Sejam fortes por nossa união, união de pensamentos e de vontades; assim nossa existência será assegurada de acordo com as exigências diante das quais temos que garantir-nos.

Estejamos muito convencidos de que não podemos fazer nada por nossas forças individuais e de que não somos capazes de fazer nada, nem acabar nada; há um laço muito forte, o vínculo, a união da caridade, dizia o nosso Santo Fundador. Mantenhamos entre nós, especialmente para com os Superiores, essa união dos corações e das vontades. Graças ao bom Deus, é esse o caminho que os Senhores têm seguido até agora. Neste momento em que nossa comunidade está crescendo, insisto que não haja a não ser uma só vontade e uma só ação.

"Empenhar-se-ão por santificar a si próprios", diz a Regra. Santificar-se a si mesmos, é isso a primeira finalidade. Se não trabalharmos nós mesmos para a nossa santificação, falta-nos a condição básica, essencial. Devemos dedicar-nos a isso de todo o coração, com todas as nossas forças; nenhum motivo deve desviar-nos daí, nem mesmo a doença. A Boa Madre era sempre mais santa após cada doença que sofresse. Eu pensava que era só eu que o notava; ultimamente, também uma Irmã me disse a mesma coisa. Nem a abundância de ocupações nos deve deter, mas é o caso de excluir mais freqüentemente a Deus: "Senhor, salva-nos" (Mt 8,25), e de agarrar-nos pela união mais firme e constante ao Salvador Jesus, sem nunca deixar seu Coração ou largar sua mão. Se experimentarem grandes dificuldades, tentações ou tristezas, procurem o Mestre dos Noviços, sendo noviços, ou então o confessor ou Superior: dentro de cinco minutos - e isso é suficiente para homens - se pode dizer muita coisa; pede-se a luz, Deus esclarece e, quase sempre, uma simples palavra acalma o coração.

Depois da nossa santificação pessoal, devemos dedicar-nos à santificação do próximo, diz a Regra e, primeiramente, através da educação cristã dos jovens, ao dirigi-los para o céu, santificando-os na ter-

ra. Este é o fim primordial de nossa educação. O resto segue depois.

O nosso segundo ministério, afirma a Regra, são as missões nos países heréticos e pagãos. Faltam santos missionários. A respeito das missões, é evidente que é impossível que nós façamos alguma coisa por nós mesmos, sem o auxílio das Oblatas, fundadas em Troyes. Desejo muito que isso fique. Não é o papel de cada um ocupar-se disso, mas que cada um saiba bem o que eu penso. Os Oblatos não são os Superiores das Oblatas, a Igreja não o quereria. Mas, particularmente nas terras das missões, que se trabalhe bem de acordo. Acabo de receber uma carta de Pella: eles têm 40 crianças, isso é maravilhoso; mas os nossos Padres não podem fazer isso sozinhos. Nosso Senhor não tinha consigo as santas mulheres? Não foi Santa Madalena a primeira apóstola da Ressurreição? Essa é minha idéia original, é a minha vontade e a Vontade de Deus. Nisso não estou pedindo a opinião de ninguém.

Julgo que devemos ter muito respeito para com as Irmãs; não temos autoridade sobre elas, a não ser que esta nos seja dada explicitamente por parte do governo geral; proíbo terminantemente, em nome da santa obediência, de julgá-las e comentá-las entre si. Aqui vale o mesmo como em todos os assuntos tratados no Capítulo. Estou dizendo isso para os jovens, que talvez ainda não o saibam. Podem ignorar essas coisas. É uma ordem formal e absoluta. É preciso, para chegarmos ao fim que nos propusemos, que cada um fique no âmbito de suas atribuições, não julgue, nem se pronuncie, se não recebeu o encargo para tanto. Não é nada de novo, é o espírito da Visitação. A que se deve que a Visitação existe? É porque ela tem conservado suas observâncias com o maior respeito e a máxima fidelidade. Compreendam bem o que é uma Congregação, uma Ordem religiosa e que respeito, que obediência e que discrição são exigidas dos Senhores.

Desejo que possamos dispor do Livro de Costumes, como se elaborou nos tempos de nosso Santo Fundador e que esse livro tenha força de lei, para que permaneça e seja a diretriz geral da Congregação.

Por que estou falando com tanta firmeza hoje? Reconheço: tenho faltado por não ser suficientemente firme; é o que o Santo Padre me dissera. Hoje em dia, vejo homens que não são uns quaisquer, ocupando-se do processo da Boa Madre: quanta importância dão a essa causa! Que fé têm em tudo isso! Uma fé que supera dez vezes a minha! É essa a sensação que faz com que me expresse com tanta firmeza. Repito, até agora não fiz quanto devia ter feito e eu faltaria ao meu dever se não o fi-

zesse daqui por diante.

Rezemos todos fervorosamente na hora da Santa Missa, depois da comunhão, pelo que acabo de dizer-lhes, e que cada um pratique isso o mais fielmente possível.

CAPÍTULO DO DIA 17 DE FEVEREIRO DE 1886

OS IRMÃOS COADJUTORES - O TRABALHO - OS MAÇONS - O POSTULADO

Entre os membros da Congregação, diz a Regra, haverá duas categorias: os Padres e os Irmãos. Em todas as Congregações atuais, há duas posições, duas condições diferentes: os Padres e os Irmãos. Isso não existia antes do século XI. A primeira vez que foram instituídos os Irmãos de outra categoria foi na abadia beneditina de Valombrosa. O motivo que levou a isso foi que a maioria dos religiosos, que entravam, pediam que fossem destinados aos ofícios mais humildes. Quando chegava uma pessoa de destaque, pedia ao Abade os serviços caseiros mais modestos. Como havia resistência perante essas petições, os recém-chegados usavam da influência dos príncipes e dos reis para serem colocados na cozinha. O capítulo geral instituiu, então, uma segunda categoria, para a qual foi reservado o cargo dos assuntos materiais. .

O que estimulava esses monges a desejar tanto esses cargos não eram somente considerações de humildade, mas sobretudo era, porque Deus dá maiores graças aos que têm ocupações materiais do que àqueles que passam o dia rezando ou cantando o Ofício.

Os grandes santos das Ordens antigas se dedicavam aos trabalhos manuais e serviços domésticos. Certamente o trabalho manual, realizado com espírito religioso, no espírito de São Francisco de Sales, é um meio eficaz para chegar à santidade e as graças que Deus concede a esse trabalho são próprias para suscitar a emulação dos que querem santificar-se na vida religiosa.

Essa classificação dupla foi logo instituída em toda a parte e à medida que o espírito religioso ia se enfraquecendo, a linha de demarcação entre as duas ordens se pronunciava cada vez mais. Um certo número de comunidades religiosas negligenciavam suas práticas primárias.

Esqueciam que tinham diante de si irmãos ou irmãs e os tratavam mais ou menos como serventes. O decaimento penetrou em toda parte, até que a Revolução Francesa veio trazer o castigo. Nos tempos em que a Igreja era soberana e reinava, a terra onde imperava pertencia a Deus e ela a tratava como coisa de Deus. Precisamos muito desfazer-nos das idéias maçônicas a esse respeito, idéias que se espalham por toda a parte, mesmo entre o clero. Deus é o Senhor no próprio seu e o Criador está no que é dele, onde estiverem suas criaturas. É preciso, portanto, reconhecer e encontrar Deus no meio das suas criaturas. É este estado de coisas que a Revolução quis destruir e, desde então, reina a horrível desordem e uma decadência generalizada. Os Irmãos Coadjuutores têm, pois, uma missão extremamente feliz: possuem a melhor parte. Sendo fiéis ao Diretório, têm nos seus trabalhos materiais um meio muito seguro e eficiente de santificação.

É essa a razão porque muitas Ordens religiosas têm trabalhos manuais para todo o mundo, sem exceção. Os Cartuxos todos têm um ofício, um turno e por esses trabalhos descansam da contemplação. É para eles um meio importante de santificação, um meio altamente eficiente.

Tudo o que se faz numa Congregação, quanto às coisas materiais, ao trabalho, relativo à poupança, à economia, à indústria, se quiser, deve ser encarado com grande respeito, como coisa de Deus. A Boa Madre de Sales dizia que se precisava muita devoção ao sinal da Cruz: ao nome do Pai, ao do Filho e ao do Espírito Santo. Ora, afirmava ela, o Pai não é inferior ao Filho. Honra-se ao Pai através da criação, como se honra ao Filho pela Comunhão e ao Espírito Santo mediante a fidelidade à graça. Honremos ao Pai, usando com muito cuidado das coisas temporais; são coisas santas, pertencem a Deus. Isso é de importância capital para nós. Adoremos a Deus todo inteiro: Deus Pai, o Criador - Deus Filho, o Redentor - Deus Espírito Santo, o Santificador. O Pai não deve entrar menos em nossa adoração, na prática das nossas adorações, do que o Filho e o Espírito Santo.

Os Irmãos Coadjuutores devem, pois, empregar seu tempo e manejar as coisas materiais com devoção. Insisto muito nisso. Há uma onda diabólica desencadeada contra isso. A Maçonaria empenha, nesse sentido, todos os seus esforços. Olhem a fúria dos Maçons em Montceau-les-Mines contra o Senhor Chagot, porque ele é cristão e quer melhorar a situação dos operários. Cada vez que tenho a ocasião de passar pela cidade, acompanhado de um jovem, encontro homens de 40, 50 anos, que me observam com olhares ferozes: não querem! Dir-se-ia: animais selvagens, encurra-

lados em suas tocas. Isso nunca se tinha visto a tal ponto. Querem apoderar-se da terra, de tudo o que existe. É lógico, pois o diabo se faz adorar pelos Maçons. Eu tinha ouvido histórias confidenciais que considerava esquisitas; estou vendo que tudo isso era verídico. Agora estão sendo publicadas revelações, onde essas coisas aparecem bem provadas. A Maçonaria, em última análise, é o culto disfarçado ao diabo sob todas as formas esquisitas e burlescas. O Grande Arquiteto do Universo não é o Criador: é, na verdade, satanás, quem eles reconhecem como o arquiteto do mundo. É nesse contexto que se faz necessário empreender a luta, combatendo não somente os Maçons, mas também lutando com o diabo, devolvendo a Deus, além das almas, também as criaturas materiais que lhe querem tirar. Que os Irmãos, portanto, prestem homenagem e louvor a Deus na utilização das coisas materiais com toda a fé e amor, com uma fé e um amor parecidos com os que oferecem a Nosso Senhor na recepção dos Sacramentos. Aos olhos de Deus o resultado será igual. Aos nossos olhos não é assim, mas, no julgar de Deus, o uso das coisas materiais deve ser um meio quase igualmente poderoso para unir-nos a Ele.

Os Irmãos Coadjuutores são de uma importância capital entre nós. Quando o Bispo do Cabo foi visitar a Propaganda para pedir que erigisse a Prefeitura Apostólica do Orange, frisou a opinião de que os nossos Padres são como os religiosos antigos, trabalhadores manuais, mostrando aos povos indígenas a doutrina e o exemplo.

O sinal da Cruz começa por: "em nome do Pai". Vem primeiro o Pai, o Criador; é, portanto, pelos Irmãos Coadjuutores que começamos. A Regra permite aos Irmãos Coadjuutores - desejando assim - que rezem o Offício das Horas completo ou o Offício de Nossa Senhora; normalmente rezam só o Offício dos pai-nossos.

A Regra reserva certos cargos aos Padres, excluindo deles os Irmãos Coadjuutores. Não reserva o economato, o qual, portanto, pode ser confiado às mãos de um Irmão Coadjuutor ou de um Religioso, que não recebeu ainda as ordens maiores.

Os Irmãos devem ter muito cuidado de desempenhar todas as funções, que lhes são destinadas, com muita atenção, muito devotamento, com tanta fé e atenção como as do sacerdote ao rezar a Missa. Sendo fiel a isso, a condição do Irmão é bem preferível à de todos os outros por motivo da facilidade pela qual alcançará sua salvação e trabalhará na obra de sua santificação, sendo, conseqüentemente, útil à Congregação.

A Regra diz, em seguida, que se deve ter 16 anos para ser

aceito no Noviciado. Não é bem essa a praxe, a de aceitar aos 16 anos; podemos ser obrigados a chegar a isso, devido à lei militar. Dom Bosco faz seus religiosos professarem aos 16 anos. Entrega-lhes o hábito aos 13 ou 14 anos. Estes jovens ficam, assim, acostumados a todas as coisas da vida religiosa e as provas do serviço militar os encontram bem preparados. Nem todos voltam, claro, mas os que voltam são muito bons religiosos.

Devemos ocupar-nos de achar vocações, especialmente em nossas obras, nos colégios, e preparar as almas para o serviço de Deus. Precisamos muito disso em favor do que já existe e do que, um dia, existir. Preparemos essas vocações através dos meios de São Francisco de Sales, dando nesses jovens atenção para os dons de Deus, para a luz que lhes esclarece as almas e os conduz a seus verdadeiros interesses.

A Regra determina, em seguida, o que o postulante deverá contribuir para fazer frente às despesas de seu sustento. Cabe ao Superior, ao Conselho e ao Mestre dos Noviços vigiar para que quem chega não seja um peso para a Congregação. É uma obrigação muito séria. A Igreja pede que a aceitação dos candidatos venha acompanhada de todas as garantias possíveis, de modo a evitar qualquer escândalo e, ao mesmo tempo, todo embaraço.

Para o mesmo fim, também se requer as cartas testemunhais às quais se referem as Constituições. Favoráveis ou desfavoráveis, quando pedidas, o Bispo sempre deve fornecê-las. Se as recusar indevidamente, pesar-lhe-á na consciência, "supra conscientiam Episcopi", e, nesse caso, não é o postulante que necessita ocupar-se disso.

Rezemos muito, pedindo ao bom Deus que nos envie operários. "Rogate Dominum messis, ut mittat operarios in messem suam." (Mt 9,38). (Rogai ao Senhor da messe que mande operários a sua messe.) Nosso Senhor bem poderia enviá-los sozinho, mas ele quer que só surjam através da oração que ele manda os seus Apóstolos fazerem.

CAPÍTULO DO DIA 3 DE MARÇO DE 1886

OS NOVIÇOS - A DIREÇÃO ESPIRITUAL - AS VOCAÇÕES

De acordo com o texto das Constituições, um noviço com 17 anos e dois meses de idade pode ser admitido à profissão, mas isso, antes dos 18 anos, raramente acontecerá.

Para ser admitido à profissão é preciso, segundo as Constituições, manifestar um grande desejo de perfeição cristã. Esta não é somente uma frase piedosa, colocada aí para edificar, mas é uma condição. O sopro de Deus precisa passar e inspirar o desejo de uma vida mais consagrada a Deus. Além disso, pode haver motivos particulares para admitir alguém à profissão religiosa, mas será raramente.

O que mais falta é uma vida profundamente cristã e piedosa; chegará o dia em que as Congregações religiosas não têm outra garantia senão o valor pessoal de seus membros. As leis da Igreja são atacadas pelas leis humanas. Querem recusar-lhes direitos e negar-lhes uma vida publicamente reconhecida. Portanto, os religiosos devem tornar-se muito bons. Devem praticar o Diretório, que lhes é a grande base. O Diretório pode ser praticado em qualquer lugar, na ferraria, na cozinha, em todo o tipo de trabalho. Dedicamo-nos, pois; é essa nossa forma própria, tão imprescindível. Com o Diretório, seremos vitoriosos: poder humano algum poderá contra nós. Os homens, sim, podem matar o corpo, mas nada podem fazer além disso.

O propósito do Mestre dos noviços é formar noviços em função do Diretório. Mas também é dever de todos os membros da Congregação de ajudar-se mutuamente pelas orações e pelos bons exemplos. Na hora da Comunhão, na Santa Missa, rezemos uns pelos outros. Tomemos isso a peito. Disso faço-lhes um dever para todos os seus momentos. Rezem pelos Superiores, pelos Padres, pelos Irmãos, pelos que hão de vir e que tanto necessitamos. Enquanto eu viver, é preciso que a Congregação assumo seu andamento normal, para que, depois, baste seguir adiante. Deve ser como uma peça montada com perfeição e que só precisa cumprir com sua função. Numa palavra, importa estabelecer solidamente a base.

Os diretores espirituais nos são extremamente necessários. Estamos construindo num terreno alugado, que não nos pertence; encontramos-nos à mercê dos que dirigem os jovens e as jovens de nossas obras. Os

cristãos e cristãs só dão importância a seu confessor. Só se pode realizar alguma coisa nesse sentido. Além disso, para comunicar o espírito do nosso Santo Fundador, precisa-se missionários, necessita-se confessores, sacerdotes formados para isso, os quais a obediência enviará pra dirigir as almas. Só assim poderemos recrutar. Uma boa direção traz vocações. Os diretores espirituais, afirma São Francisco de Sales, são veículos das graças divinas. Precisa-se um meio visível para que, muitas vezes, a graça tenha seus efeitos. Peça-mos vocações a Nosso Senhor; rezemos para que ele mande operários à sua vinha. Nosso Senhor, em vez dos 72 discípulos somente, podia ter quantos queria, era o Mestre. "Rogate" (Rogai), diz ele. (Mt 9,38). Ele quer que se reze ao Pai para que lhe envie operários; deve-se pedir.

Devemos tomar a peito o nosso encargo, cada um de nós, mas devemos interessar-nos mais ainda pela promoção das vocações. Não só devemos preocupar-nos com afincos de termos vocações para nós, mas devemos desejá-las também para os outros. Dom Bosco é um exemplo da fecundidade das obras e do grande número de almas que aquelas podem atrair para Deus. Ele afirma que um terço dos cristãos têm vocação à vida religiosa, no mundo todo. Era bem isso, mais ou menos, quando a Igreja era soberana e livre. Que é de tantas vocações perdidas? Quantos homens desviados e infelizes, ladrões, assassinos, candidatos ao inferno! Compenetrem-nos bem disso. Olhem a São Bernardo: ele não admitia que pudesse ir a alguma parte sem angariar vocações religiosas: era como uma obrigação para ele, um dever. "Christi bonus odor sumus." (2 Cor 2,15). (Somos a boa fragrância de Cristo.) As abelhas, diz São Francisco de Sales, são atraídas pelo perfume do mel. Que a nossa vida seja aromatizada pelas virtudes, e as almas acorrerão, atraídas por esse perfume. Cativadas por quê, pergunta Santo Agostinho. Não pela razão, mas pelo coração. "Trahimur amore." (O amor nos arrasta.) Há forças diversas, mas essa é a mais potente. "In vinculis Adam, in caritate." (Os 11,4). (Com laços humanos, com laços de amor.)

Talvez não compreendêssemos isso suficientemente até agora. O nosso Santo Padre, o Papa, me repreendeu na minha segunda visita por não estarmos mais desenvolvidos, por não estarmos ainda em outras dioceses. "O que é Troyes", ele me disse, "à França toda eu vos tinha enviado." Reparo que todos insistem para que tenhamos vocações religiosas. Somos obrigados a não faltar com o bom Deus. Tanto quem trabalha na cozinha, como quem varre a casa, são obrigados a pedir vocações e obtê-las-ão como os outros. Por que o Padre Rolland é religioso? Porque a

Irmã Maria Genoveva estava na Visitação. Eu não tinha entendido o que o Papa me disse a primeira vez. Há pessoas que não entendem a não ser depois de 10 ou 20 anos. É uma pena. Eu não estou "tamquam aera verberans" (como dando golpes no ar) (1 Cor 9,26); não se pode agarrar a gente pela gola do casaco, dir-me-ão. A quem compete agarrar pela gola, são os Senhores. Importa fazer violência junto ao Pai de família. (cf. Lc 16,16).

Quanto mais volto a Paris, tanto mais me convenço dessa necessidade de desenvolver-nos. Apliquemo-nos de novo, como noviços, aos exercícios do Noviciado de que falam as Constituições.

Os noviços devem praticar a Regra de maneira mais perfeita do que os outros, pois se deve mirar mais alto para atingir o alvo, que está um pouco mais para baixo. Devem dizer: preciso fazer seriamente o Noviciado, pois vim para isso; devo submeter-me totalmente, sem reservas.

Que pratiquem a humildade; se não são capazes disso, que a peçam ao Nosso Senhor e a exercitem. Que se convençam bem de que não se trata de ter mais ou menos recursos. "O diabo, assim disse a Boa Mãe à Irmã de Bellaing, tem muito mais meios do que a Senhora. Não custa colocar-se no último lugar, quando se olha bem o que a gente vale mesmo."

Esforçar-se-ão por cultivar a vida interior, retraçando em si, até no comportamento externo, a imagem de Nosso Senhor Jesus Cristo, segundo os meios e o exemplo de São Francisco de Sales."

Este é o molde, o saca-bocado. Importa ser cortado reto, de vez, sem deixar rebarba ou aspereza. É o que se deve fazer para nós, mediante a graça de Deus, e o que devemos pedir para os outros. Rezemos muito; invoquemos a Boa Mãe Maria de Sales, invoquemo-la por todas essas intenções.

CAPÍTULO DO DIA 10 DE MARÇO DE 1886

O NOVICADO - OS VOTOS

Vamos falar sobre os noviços. Pois bem, a gente não é verdadeiramente religioso e religioso digno a não ser ficando noviço durante a vida toda. Não se trata, pois, de emancipar-se na profissão, mas de continuar levando uma vida de noviço, bem como no noviciado.

Um grave engano que fez as comunidades se perder, antes da Revolução Francesa, foi o de diferenciar demasiadamente os noviços e os professores. No exército, quem são os oficiais bem sucedidos? Aqueles que ficam no exército alunos da Escola Politécnica e da Escola de especialização. Um Padre só permanece sacerdote exemplar, se conservar os costumes do seminário. Em Paris, quando tenho assuntos com o Arcebispo, vejo sacerdotes idosos, mas que têm guardado os hábitos do seminário; eles são de valor, administram a diocese com muita sabedoria, porque ainda são seminaristas; na verdade, nunca saíram de "Saint Sulpice". Todos esses do Arcebispado são assim.

Nesses dias, recebi uma carta bonita de Cabo da Boa Esperança. O Padre Simon estava emocionado; as Irmãs também estavam emocionadas. Elas tinham medo de ter feito alguns pequenos estragos na sua roupa de filhas de São Francisco de Sales. Talvez tomassem um pouco de liberdade demais... Sem dúvida, há um pouco mais de abertura para os professores do que para os noviços, mas o fundo é o mesmo. Deve-se fazer como no noviciado, não mudar nada do noviciado; tudo se cumpre, tudo se concatena; a coragem, a mortificação ligam tudo isso.

"Magnum aedificationem"(cf. Ef. 2,21), afirma São Paulo. Uma coisa traz a outra. Se demolirem seu noviciado, tudo se desmoronará. Como vão fazer para reedificar?

O Padre Bécoulet me escreve que faltou seis vezes à mortificação do refeitório. Só tem sopa de farinha de milho para comer e não satisfatoriamente!... É muito bonito isso!

Que tudo seja acrescentado ao noviciado; que se fique o que se era naquele tempo. Enxertem nisso, ou melhor, adicionem como se enriquece uma biblioteca, como se aumenta um patrimônio. Lembrem, durante toda a vida, o que lhes foi dito no noviciado, o que lhes foi ensinado, praticando-o com maior fidelidade ainda do que quando noviços.

Fiquem cada vez mais humildes, despojando-se de sua estima própria, de suas exigências, de suas preferências, de seus desejos, mesmo os de aperfeiçoar-se e de progredir. Conservem cuidadosamente o adquirido no noviciado. É um bem fundamental. Peçam com insistência ao bom Deus que não percam nada disso, que nada disso desvirtuem.

Quando o noviço tiver terminado o ano de provação, afirma a Regra, fará os votos para um ano; após tê-los renovado durante cinco anos, emitirá seus votos perpétuos.

Na Visitação, a Regra feita por São Francisco de Sales, diz que os votos são perpétuos desde o primeiro ano, mas as professoras voltam durante cinco anos ao noviciado e, conseqüentemente, não são consideradas como verdadeiras professoras a não ser ao cabo dos cinco anos. Esses cinco são ainda anos de verdadeiro noviciado, com todas as suas práticas.

Mais tarde, quando formos mais numerosos, será bom fazer permanecer durante cinco anos no noviciado, sem que isso impeça os jovens assistirem ao Capítulo. Este duplo exercício é muito vantajoso e cinco anos não é demais para se formar na prática do noviciado.

Nossos votos são perpétuos. Os primeiros cinco anos são antes promessas do que votos propriamente dito. A gente não se entrega a Deus por um ano. O voto da vida religiosa é perpétuo por natureza. Daí é tão necessário que os jovens professores continuem, à medida do possível, as práticas do noviciado.

Assumamos como exercício agir e fazer, na vida religiosa, como faríamos, se estivéssemos ainda no noviciado, como se fôssemos o recém-chegado. A gente sendo assim, Deus se encarrega de alguma coisa. Todas as vezes que os Senhores, Oblatos, fizerem algo provindo de si mesmos, de sua vontade, de sua imaginação, isso fracassará e não terá êxito. O bom Deus fez isso para mim. Toda a vez que fizerem alguma coisa para satisfazer-se, fruto de sua imaginação, mesmo nas coisas de Deus, mas não oriunda da obediência, não vingará. Sempre tem sido assim para nós é desejo muito que Deus sempre nos trate assim, como crianças, com a varinha. Foi o prazer de Nosso Senhor agir somente por meio de pequeninos.

CAPÍTULO DO DIA 17 DE MARÇO DE 1886

O NOVICIADO - A POBREZA

Eu disse que não se devia esperar a profissão para praticar os votos. Importa sempre exercitar-se e mirar sempre mais alto do que o alvo. É preciso que, durante o noviciado, os votos sejam praticados mais perfeitamente que após a profissão. Está-se no fervor da vocação, tendo assistência mais direta, ajuda mais abundante e recursos mais novos para o noviço. Deve-se aproveitar todos esses meios. Não é que liguemos muita importância às coisas da imaginação, aos meios convencionais. Não, o nosso Santo Fundador é a verdadeira e perfeita imagem do Nosso Senhor. "Est, est" (é, é), como diz o Evangelho. Assim deve ser: sem exagerar, sem forçar nossa imaginação ou fazer coisas belíssimas, mas vãs, não. Tenhamos a maior estima pelo que fazemos, de início, em favor da humildade, da simplicidade, da verdade, pelo que está em Deus, pelo que é como Deus. Aí está a nossa parte, nossa herança, nosso fundamento, nosso chão. Fora disso, não queiramos saber nada. Nosso Senhor veio ao mundo, revelou-se com corpo e alma, falou, agiu, quis ser nosso modelo. É importante compreender bem isso. Devemos sempre ater-nos a essa ordem de coisas, é isso. Não convém esquentar a imaginação, a sensibilidade dos noviços. Deus é que deve fazer tudo e Deus é a verdade. É uma coisa grandiosa. Rendamos graças a Deus por esta simplicidade que é a nossa vida, por esta verdade. Não há necessidade de nos desdobrar, explicando a um uma coisa e mostrando a outro uma coisa diferente. Deus se manifesta com toda simplicidade, com toda a verdade. Não se precisa de uma teologia profunda na direção espiritual, não é necessário rebuscar a ciência, meios extraordinários ou recursos fora do normal. Preguemos o Salvador como fazia o nosso Santo Fundador, preguemos o ensinamento da Igreja e a graça de Nosso Senhor estará conosco, que fará frutificar essa semente, pois é sincera e verdadeira. É esse o nosso espírito, o espírito do noviciado.

Mais uma vez, agradeçamos a Nosso Senhor por ter nos dado o segredo da verdadeira sabedoria e da verdadeira doutrina. Fora disso, sem dúvida, se pode ligar à verdade muitas coisas que brilham, que fascinam, que atraem, mas nós não precisamos disso. Durante cinco anos,

como dissemos, o professo fica noviço. Tudo isso é muito sem pretensão; não há com que excitar as massas; e é possível. Pratiquem o Diretório, conformem-se em tudo ao que o nosso Santo Fundador ensina e terão um poder imenso, uma ação completa que cativará as almas e as conquistará.

Falemos agora sobre o voto da pobreza. "Do que os professores adquirirem através de sua atividade pessoal ou em atenção à Congregação, não poderão apropriar-se nem lhes será permitido guardá-lo, mas deverão juntá-lo aos bens da comunidade, para a utilidade comum da Congregação."

Ninguém pode fazer negócio, trabalho ou ensino, por conta própria. É evidente: tudo o que cada um ganha é posto em comum.

A posse de raiz, a propriedade nua, fica em nosso nome, porque a lei civil obriga a fazer assim, mas não temos licença de administrar esses bens. Devemos deixar essa administração ou à nossa família, ou à comunidade. Esse ponto é muito importante. Dou-lhes o exemplo de uma comunidade da Visitação onde se trabalha desde cinqüenta anos para pôr ordem e paz; teólogos eminentes, homens experimentados se empenham; trabalham para reestruturar essa comunidade que vai à deriva. Trabalha-se em vão: o mal não está onde se pensa. A água do telhado penetra nos alicerces e a casa vem abaixo: tapa o buraco, mete aí gesso e argamassa, não se precisa de um arquiteto... É que a pobreza não é compreendida. Nessa casa, cada uma dispõe de seus bens, cada qual dá suas esmolas, uma outra mantém uma igreja, tudo isso com licença, naturalmente... Fazei as Irmãs praticarem a pobreza, tirai-lhes as rendas e a comunidade funcionará perfeitamente; sem isso tudo desmoronará.

Desejo que a pobreza seja a característica dos Oblatos. Se a Boa Madre tornou santa a comunidade de Troyes, é porque introduziu a pobreza exata, rigorosa. Os bens da comunidade pertencem a Deus. Os administradores não têm direito de adquirir nada fora dos princípios estabelecidos na Regra. As antigas Atas de Doação de Foicy rezam como segue: "O Senhor NN e sua esposa dão a Deus e para o uso das Irmãs de Nossa Senhora de Foicy...". Olhem: a Deus, para o uso das Irmãs. É assim a vida religiosa: lembremos isso na direção espiritual, nas comunidades. É um assunto delicado. Às vezes convém não dizer nada. A teologia ensina que quando a gente se encontra diante de um mal inveterado, às vezes, é melhor não esclarecer nada. Compreendam o princípio e façam tudo o que puderem para iluminar as almas.

O uso e o usufruto dos seus bens deve-se ceder, antes da profissão, através de um ato oficial, mesmo que seja privado; não seria sempre conveniente fazê-lo em cartório.

O uso e o usufruto é o capital do voto da pobreza. Depois de ter tomado as disposições, não se pode mais desdizer-se, sem autorização da Santa Sé. A propriedade nua, sendo só uma questão de nome, parece ser de menos importância em relação ao voto de pobreza, bastando a permissão do Superior Geral para transferi-la para outrem. Só se refere ao nome, sendo considerada como uma pura formalidade.

Eu gostaria que tomassem nota do seguinte. Que esse voto de pobreza seja observado com grande e rigorosa exatidão. Em nossos tempos, o fim da Maçonaria é destruir as comunidades religiosas. Acaba-se de exigir-lhes um imposto exorbitante. De ora em diante, para viver, as comunidades não poderão ter mais bens imóveis; essa será a única maneira de escapar ao fisco. Eles fazem isso, sem dúvida, para obter dinheiro, mas a finalidade principal é a de destruir as comunidades religiosas. Se só quisessem dinheiro, encontrar-se-ia bem mais em outra parte. A Lista das Prebendas de antes da Revolução nos mostra que a renda de todas as comunidades, de todos os conventos de Troyes juntos, não atingia a metade do lucro do Senhor Emílio Hoppenot, que este ganhou na tecelagem de seda, durante uns vinte anos. Eis, portanto, a razão por que os revolucionários se opõem às comunidades. Eles não se enganam; querem antes de mais nada esgotá-las e, em seguida, fazer com que desapareçam. As comunidades se obrigam a ter recursos para viver e estes devem escapar ao controle do governo. Se têm bens manifestos, não podem mais viver. Os religiosos estão, pois, num vaivém, numa incerteza contínuos. O orçamento não pode ser fixado oficialmente. Por essa situação, cada um se torna mais livre e talvez levado a permitir-se isto ou aquilo e o voto da pobreza desaparece. Somos obrigados a praticar esse voto rigorosamente, mais do que nunca. Não pode haver um controle ativo, o que representa um grande perigo. Sejamos realmente pobres e pobres à risca. É um grande meio de santificação: não fazer nada, não se permitir nada fora daquilo que está marcado.

A obrigação de manter o espírito de pobreza compete a cada um, desde que a comunidade não pode mais protegê-lo.

Quanto à roupa, tenhamos o necessário: não é preciso passar frio; não andemos de sapatos furados. Nosso Senhor tinha o necessário, o conveniente, mas nada mais.

Que nossa alimentação seja boa; seja a alimentação dos operários honestos, dos artesãos do então, mas não sempre de agora. Tomemos os alimentos que se come nas famílias de situação média, modesta, onde reinam a ordem e a economia.

Deve-se colocar água no vinho e praticar a mortificação que consiste em não preferir uma coisa a outra. Que se coma segundo o apetite. Observemos em tudo o espírito de pobreza. Esse será o guarda, o "propugnaculum" (a fortaleza), a defesa, o baluarte da vida religiosa. Era um pensamento da Boa Madre, que tudo o que foi criado, pertence a Deus e é através da criação que se honra ao Pai, como se honra ao Filho pelos Sacramentos e o Espírito Santo com a fidelidade à graça. É de Deus Pai que recebemos a criação e é por meio desta que devemos honrar e servi-lo. Compenetremo-nos bem dessa idéia.

A nossa pobreza não será exagerada, mas Nosso Senhor nos servirá de modelo. Que a nossa vida seja realmente modelada pela dele. Que cada um o tenha presente na sua vontade e no seu coração. Isso será a bênção da Congregação. Se formos pobres, seremos abençoados por Deus. Se não o formos, contrariaríamos nossas finalidades mais do que qualquer outra Congregação.

CAPÍTULO DO DIA 7 DE ABRIL DE 1886

A OBEDIÊNCIA

O voto de obediência só é possível e exequível a partir da fé, da doutrina e da graça sobrenatural, com a ajuda de meios sobrenaturais. A obediência de uma pessoa a outra não é nada admirável, é uma vileza; ninguém tem direito de mandar no seu irmão.

É necessário ser resolvido, no que toca à obediência, dizia a Boa Madre. Não se deve discutir com a obediência; seria perder tempo. Se a ordem é acertada ou não, quanto a nós, não tem importância. A gente se põe na presença de Nosso Senhor, que obedeceu à Nossa Senhora, a São José, a todas as autoridades constituídas. Este é o motivo que as Constituições apresentam para nossa obediência. O exemplo do próprio Deus e a graça que acompanha esse exemplo nos darão a força.

A vida religiosa é uma vida peculiar, especial; não é mais a vida civil, a vida familiar, uma vida de entre amigos. É uma vida "sui generis" (de índole própria). Para viver essa vida é necessário apoiar-se em outras bases, em outros princípios. A obediência não consiste em atos de servilismo, mas de liberdade. Tanto seres inferiores quanto até muitas pessoas não são aptos para a obediência religiosa. É um ato ilustre, nobre, heróico. É esse o verdadeiro ponto de vista a assumir; não há outro. O raciocínio pode nos levar até aí, mas sempre será a graça que o realiza. Querendo que Nosso Senhor nos ame, devemos ser obedientes como ele "usque ad mortem, mortem autem crucis" (Fl 2,8) (até a morte e morte e cruz). Precisamos ser mansos e humildes de coração. Aqueles, aos quais estas considerações se dirigem, podem basear-se no amor para facilitar a obediência; caso contrário, deve-se recorrer ao raciocínio.

Obedecemos prontamente, dizem as Constituições; isso se entende e dispensa explicações.

Obedecemos alegremente, porque é um ato excelente, que merece o céu, sendo equivalente ao martírio. São Tomás afirma que Deus esgotará sua onipotência para recompensar o obediente, tanto na terra como no céu. Não é tão fácil compreender que se deve obedecer com alegria. No momento da obediência, a gente está entregue à dificuldade,

se encontra no escuro. Entretanto, procedamos com alegria, porque encontraremos a Deus.

Obedeçamos com perseverança. Não é uma vez, de passagem, que se deve obedecer, mas sempre.

Importa ser decidido. O religioso é uma pessoa que se joga na água, se afoga, se sufoca, ele o quis.

Não se deve fazer barulho com a obediência, ou considerá-la como algo de extraordinário. Não, deve-se obedecer de mansinho, simples e despretensiosamente. A obediência é a mesma, seja de levantar uma palhinha ou de ir para o Cabo de Boa Esperança. É a mesma coisa, não é uma virtude grandiosa, mas uma virtude pequena, um amor-perfeito pequenino que cresce ao pé da cruz.

Submeterão, dizem as Constituições, seu juízo e sua vontade. Dizem-nos que façamos uma determinada coisa; sabemos que isso não chegará ao sucesso esperado; que fazer? Como submeter o nosso juízo?

Primeiramente, podemos submeter o nosso juízo no sentido de dizermos: eu sou religioso, sou obrigado a obedecer. Não me servirei do meu juízo para dizer: é preciso obedecer; obedecerei. Devemos submeter o nosso juízo no sentido que creremos e julgaremos que a ordem dada em si é a melhor? Ou que, o que nos dizem ser branco e que vemos ser preto, é realmente branco apesar do nosso juízo divergente? Não, mas silenciar o juízo próprio, não ativar seu juízo contra a obediência. Essa é a verdadeira submissão do juízo.

Durante trinta anos, na Visitação, nunca vi uma Irmã aplicando o seu juízo contra as expressões da vontade da Superiora. No entanto, nas coisas do espírito, da consciência, as mulheres são frequentemente mais sagazes do que os homens que se sujeitam de boa fé. Por elas eu pude constatar o que é a submissão do juízo. Deve-se agir como nas tentações contra a pureza: afugentar o pensamento. Os Senhores não respondem pelo caso; o juízo pode opor-se, mas os Senhores se responsabilizam pela obediência que se cumprirá mesmo assim.

Somos obrigados, em virtude de nosso voto de obediência, a não parar frente às objeções do nosso juízo, assim como somos obrigados em virtude do nosso voto de castidade a não deter-nos nos maus pensamentos.

A obediência é, sem dúvida, o voto mais difícil de se observar e que mais graças necessita. Precisamos pedir isso a Nosso Senhor na Comunhão. Observem-no nesse Sacramento: obediente à voz do homem,

até mesmo de um mau sacerdote. "In cruce latebat sola Deitas, at hic latet simul et humanitas" (na Cruz só se escondia a Divindade, mas aqui também se oculta a humanidade). Ele se aniquila atendendo a essa voz. Considerem-no durante a sua agonia, olhem-no na cruz, obediente a todos os que o circundam. Podemos animar-nos através desses pensamentos para chegarmos à obediência.

Esta obediência deverá ser prestada ao Superior Geral e a todos os outros Superiores. Fizemos muitos comentários sobre esse ponto, em Roma. A obediência prestada a uns ou a outros é a mesma coisa; mas pode haver apelação de um Superior para um outro mais elevado? Sim, é a lei natural. Mas se a gente tem bastante fé na obediência, obedecer-se-á ao Superior local, como se teria obedecido ao outro; se a gente tem mesmo fé, Deus dará a mesma graça.

Para que a observância desse voto seja mais garantida, obedecemos muito humilde e modestamente; não façam nem ostentação, nem barulho; pratiquem esse voto no silêncio de sua alma e em humildade. Devem recorrer sobretudo à graça divina. Quando estamos frente a uma obediência difícil, precisamos preparar-nos de manhã na meditação, prever os meios necessários para obedecer e submeter, de antemão, o juízo e a vontade próprios. A obediência só é concedida à humildade. É o maior dos dons de Deus. Nosso Senhor praticou a obediência, por assim dizer, de forma infinita, pois era Deus. A obediência é a maior comunicação que possa haver entre Deus e nós. Por ela é que nos resgatou; toda sua vida foi um ato de obediência. Portanto, quanto mais obedecermos, mais estaremos nele e mais participaremos nos méritos de sua vida divina e na sua semelhança divina. A obediência é a virtude por excelência. Com a maior exatidão, deve-se obedecer ao toque da sineta, como à voz de Nosso Senhor mesmo.

Em virtude da obediência, como afirmam as Constituições, cada um se limitará a suas atribuições. Já é bastante difícil obedecer, e não há necessidade de que alguém se intrometa nas atribuições de outrem.

As Constituições oferecem a faculdade de corresponder-se com o Papa livremente e sem controle. Na primeira redação das Regras, era ainda permitido cartear-se com o Bispo; isso se riscou, pois não havia fundamento. A correspondência com o Bispo é parecida com as outras e não goza de privilégio algum.

Peçamos à Boa Madre a graça da obediência, para que desenvolvamos um trabalho útil. O que mais custa, mais vale. Precisamos ser

decididos, na obediência, como pessoas que se lançam a nado, sem medo de molhar-se os pés ou os cabelos. É necessário enfrentar muitas dificuldades, superar muitos obstáculos, mas a graça nos tornará vitoriosos.

-0-0-0-0-0-0-0-0-0-0-

CAPÍTULO DO DIA 21 DE ABRIL DE 1886

A OBEDIÊNCIA - A PAIXÃO

Manda-se-lhes uma coisa, e os Senhores a executam valentemente: aí está o voto da obediência; mas não é tudo. É necessário submeter o juízo próprio. Isso quer dizer, foi-lhes mandado fazer tal coisa, seu juízo lhes diz que deve fazê-la, ainda que fossem de outra opinião. Os Senhores executam sem astúcia, sem artifício, sem resistência. O religioso não está obrigado a acreditar que uma coisa seja branca, quando vê que é preta. O que importa fazer é cortar logo, como dizia a Boa Madre e rezar para vencer as tentações.

Submeter a nossa opinião própria é dizer ao nosso juízo que devemos obedecer, é subordiná-lo quando nos diz que a coisa seria melhor de outra forma, e agir conforme a obediência, sem rodeios, sem outras ponderações.

A obediência é a alavanca. A parte curta da obediência é o juízo pessoal; quanto mais curta for, tanto mais ação sobra para a outra parte que representa a graça de Deus.

Os santos subordinaram sua opinião própria à obediência. A Madre Maria de Sales deu muitos exemplos disso.

A obediência, segundo as Constituições, deverá ser praticada não somente em relação ao Superior Geral, mas também perante outros Superiores, tanto locais como provinciais.

Nessas condições aí, e como acabamos de explicar, a obediência não é difícil. Cabe praticá-la simplesmente, de boa fé. Nossos atos, como os do Salvador, terão um mérito divino. E os atos do Salvador eram aparentemente de bem pouca importância. "Nonne fabri filius?" (Mt 13,55).

(Não-é filho do carpinteiro?) Na função de quem dá ordens, evitemos também de fazer-nos de donos. Deve-se respeitar a cada um, sem fazer admoestações; isso não exclue, porém, a caridade fraterna. Que digamos, quando necessário for, uma palavrinha com a intenção de ajudar, mas não nos arvoremos em censor e patrão.

As Constituições querem que não se publique obra alguma sem a aprovação dos Superiores e a do Ordinário. A Paris, o Ordinário não dá essa aprovação. Aqueles Senhores dizem que têm bastantes coisas para fazer mesmo sem estar examinando livros. Entretanto, deve-se sempre avisar o Arcebispo sobre a publicação de um livro. Observemos bem essa regra, no que se refere à aprovação por parte dos Superiores. Nestes últimos tempos houve umas histórias lamentáveis: um livro foi condenado, mesmo que seu autor pertencesse a uma das grandes Congregações religiosas. Pelo que parece, o autor não tinha submetido seu trabalho à aprovação dos Superiores.

No que diz respeito aos Irmãos Coadjuutores e ao requerimento que possam fazer para passar ao estado sacerdotal, as Constituições prevêm uma medida muito sábia. Os Irmãos Coadjuutores não se distinguem dos Padres a não ser por não ter o caráter sacramental. Para alcançar esse estado e esse caráter, não só se requer as qualidades necessárias, mas também estudos especiais, difíceis. Não lhes é permitido reiterar sua petição, quando não tiver sido tomada em consideração, a não ser após três anos. Que os Irmãos compreendam o lado bonito do seu estado. Durante muito tempo havia um só estado nos Institutos religiosos. Mas, como os grandes Senhores, os filhos do rei, solicitavam como graça ser empregados em trabalhos manuais, temia-se que esse entusiasmo originasse uma situação de não haver mais religiosos para as outras obras. Decidiu-se, então, em Capítulo Geral, que houvesse duas classes de religiosos, para assim regularizar situações e trabalhos.

Que os Irmãos Coadjuutores sejam, pois, muito dóceis e se conservem bem na presença de Deus: o caminho deles é mais fácil e mais seguro que aquele dos Padres. Estão perto de Nosso Senhor, de Nossa Senhora, de São José que, também eles, trabalharam com as mãos.

Estamos nos importantes dias da Semana Santa. Devemos pedir a Nosso Senhor a graça da obediência, a ele que obedeceu "usque ad mortem" (Fl 2.8) (até a morte). Graças a Deus, acredito que a disposição geral da comunidade é a da obediência. Por isso, agradeço ao bom Deus. É uma

prova do cuidado que toma da comunidade. A obediência é uma flor amarga que contém muita doçura.

Nosso Senhor está muito abandonado na sua Paixão. Um jovem o acompanhava, e quando o Salvador foi entregue aos Judeus, o rapaz fugiu deixando seu manto atrás, relictu eu, fugit (cf. Mt 26,56 e Mc 14,52). São João fica fiel, as santas mulheres permanecem ao pé da cruz. Meditemos sobre isso nestes dias. Estejamos com os amigos de Nosso Senhor, é a nossa força, é o nosso espírito. Sem dúvida, precisamos a fé de São Pedro, a força de São Paulo, mas peçamos sobretudo a fidelidade de São João, que estava aos pés da cruz do Salvador, arriscando a vida "usque ad effusionem sanguinis" (até o derramamento de sangue), como dizia Leão XIII. Compennetremo-nos bem disso e aproximemo-nos de Nosso Senhor. Sejam os semelhantes a ele e tenhamos uma vida igual e idêntica à dele.

CAPÍTULO DO DIA 19 DE MAIO DE 1886

A CASTIDADE

É certo que somos obrigados a guardar a castidade. Não há sacerdócio católico sem castidade. A Igreja grega admite o casamento para as Ordens Menores. Os Sumos Pontífices, por motivos muito sérios, toleraram essa situação, mas exigem pelo menos o voto de castidade de todos os sacerdotes. Essa disciplina de tolerância tende a desaparecer. Acredito que o Sumo Pontífice não admita mais ao sacerdócio sem exigir uma promessa absoluta; não se permitia que um clérigo se casasse. Sem castidade, de fato, o que faria o sacerdote? O homem que tem uma esposa não pode confessar mulheres. A moral cristã se opõe a uma tal situação. Se a castidade é necessária para o sacerdote, por mais razão ainda o é para o religioso. Não há religioso sem castidade.

A castidade obriga à vigilância sobre os sentidos. O demônio está sempre alerta. A castidade é um ato permanente da vontade que supera o curso da natureza. Sentir o mal não é maldade; maldade é consentir. As tentações, muito contrário a ser um tropeço, para certas almas são uma fonte de graças muito especiais.

Um sacerdote um tanto original tinha um penitente que não avançava. O sacerdote rezou para que esse jovem tivesse tentações: de tal modo o assaltaram que não agüentava mais. Sentindo a necessidade de Deus, implorou a ajuda do seu confessor que o encaminhou conforme pretendia. É o próprio confessor que me contou o episódio.

A humildade e a confiança fazem vencer a tentação.

"Mors ascendit per fenestras." (Jr 9,21) (A morte entra pelas janelas.) A maior parte das quedas começam pelos olhares.

As palavras. Que o Oblato de São Francisco de Sales evite as palavras ambíguas, evidente. Que evite também as palavras vulgares e as que cheiram à grosseria. A gente se encontra com moças, se deixa escapar palavras que elas comentam e podem interpretar mal. Deve-se cuidar muito quanto ao tom das conversações com as diferentes pessoas, com as quais a gente se encontra. Há certas pessoas, sobretudo as mulheres do povo e até algumas da sociedade privilegiada, condessas idosas, como eu conheci, que, querendo se dar uma certa distinção, se ostentam ao empregar palavras grosseiras. É preciso manter a dignidade com as interlocutoras, tentar desviar a conversação e, sobretudo, cuidar ao máximo das palavras que a gente emprega.

Confessando, se deve estar alerta. Um certo número de penitentes gosta de falar sobre essas coisas aí e, volta e meia, quereriam fazer uma confissão geral para ter a satisfação de falar desses assuntos. Sejam muito cautelosos nesse sentido. Nunca se deve tratar com rudeza a penitente, mas dirigi-la, fazendo com que compreenda que procederia melhor de outro modo. De duas coisas, uma: ou a gente abre a mão e elas puxam para ver até onde a gente irá, ou a gente parece pôr-se realmente muito em guarda, o que se deve evitar, porque elas tentarão armar uma cilada por outro lado. É preciso passar água, como diz o nosso Santo Fundador, pois esta, após ter lavado as manchas, certamente, não conserva nenhum rasto.

Os pensamentos. O pensamento desperta o desejo e o desejo acarreta a ação. O pensamento por si próprio já constitui um ato gravemente culpável, quando consentido.

Nós temos o Diretório que faz parte de nossas obrigações, de nossa obediência para nos proteger. Durante a tentação, ocupemo-nos de nossa aula, dos nossos estudos, concentrando nisso todos os nossos pensamentos. Dedicuemo-nos às idéias do nosso Diretório que bastam para preencher os vazios entre os pensamentos em nossas tarefas. Devemos

unir-nos somente a Deus. Amemos o encargo que Deus nos dá, queiramos bem as pessoas às quais Deus nos envia, as almas que devemos levar a Deus. Mas devemos preservar-nos dos apegos, que nunca têm um bom resultado e que só trazem conseqüências funestas. Todo o religioso que se apegar perderá a sua vocação, por certo. Num caso destes, o que se deve fazer? Avisar o Superior ou o Padre Mestre dos Noviços, manifestar-lhe essa faísca que vai prender fogo. O religioso que mantém isso em segredo, perde a graça de Deus e tudo o que faz acaba mal. Deus permite freqüentemente que a maledicência e a calúnia o ataquem. Termino a palestra desta manhã recomendando-lhes que se prendam à doutrina da Boa Madre. Recorram a ela pela oração. A obra que ela começou a realizar, como dizia muitas vezes, é desejada por Deus; há nisso, portanto, uma graça especial. Trabalhemos em união com ela. Isso é tanto mais necessário, quanto mais difíceis as circunstâncias em que nos encontramos. É a luta do diabo contra Deus nas coisas do mundo. Os heréticos atuais eliminam Deus de tudo. E a doutrina da Boa Madre é pôr a Deus de volta no seu lugar em tudo.

O anticristo chegará, diz São Paulo, quando o mundo se elevar contra tudo o que é de Deus. Peçamos à Boa Madre a difusão de seu espírito em nossas corações, para que possamos viver dessa relação com Deus, e de seu amor. Peçamos isso durante a Santa Comunhão, durante a Santa Missa. Eu para mim, sinto-me muito feliz ao ver que a Boa Madre nos leva adiante no sentido contrário ao do mundo.

-0-0-0-0-0-0-0-0-0-0-

AS CARTAS E AS RELAÇÕES COM O MUNDO

As Constituições recomendam-nos evitar em nossas cartas tudo o que cheira ao espírito e à amizade do mundo. Nada mais triste do que ver cartas de religiosos cheias de espírito mundano. O nosso Santo Fundador afirma que se deve escrever às mulheres com a ponta de um canivete.

Sobretudo, há um tipo de mundanidade que é terminantemente proibido: são os termos que manifestam afeição humana. Isso é muito mal, é uma falta muito grande. Sempre se requer que as cartas de um

religioso possam ser mostradas a todo o mundo.

Empreguemos o estilo de São Francisco de Sales, com certas alterações entretanto, porque, no seu tempo, a língua francesa permitia ainda certas expressões, que hoje em dia poderiam escandalizar.

Escrevamos com unção, de forma benevolente, com uma certa dignidade. Mais uma vez, cuidemos da afeição. São Jerônimo diz que se começa com o espírito e se termina na carne. Nas relações para fora, há duas espécies de pessoas perigosas: as que se afrouxam mais ou menos diante desses sentimentos um tanto afetuosos, e aquelas que os simulam sem tê-los. Também existem duas maneiras muito perigosas de proceder com relação a essas pessoas: deixar-se tomar pela afeição ou brincar com ela por curiosidade. Deus abandonaria logo um religioso que se deixasse tomar pela afeição humana. Tomemos cuidado. As mulheres são mais espertas do que os homens. Elas sabem melhor os meios para valer-se de todas essas afeições para suscitar todos os tipos de problemas.

Nas obras, nas relações com as pessoas do mundo, devemos empenhar-nos para conservar a reputação sempre limpa e o coração bem livre. Há uma maneira muito fácil para verificar isso, a saber por examinar se a gente não tem apego além dos limites normais. Então não há nada que temer.

As Constituições também nos recomendam a moderação nas refeições. São bem importantes essas pequenas mortificações prescritas para cada refeição, pois não temos outras. Pratiquemos cuidadosamente, então, essa mortificação, seja positivamente, privando-nos de alguma coisa, ou negativamente, oferecendo a Deus o que não atrai tanto.

Peçamos à Nossa Senhora, aos Anjos que protejam bem o nosso voto de castidade. Já renunciemos aos afetos humanos para amar a Nosso Senhor com exclusividade. Agradeçamos a Nosso Senhor por ter-nos dado a graça de entrar numa Congregação onde se vive muito unido a Nosso Senhor. Há duas vidas diferentes na Santa Igreja: a vida de São Pedro, vida de trabalho, e a vida de São João, uma vida de afeição, de amor, de união com Deus. O amor domina tudo, é a força motriz da nossa vida, é esse o nosso guia.

CAPÍTULO DO DIA 16 DE JUNHO DE 1886

O ESPÍRITO E AS VIRTUDES DA CONGREGAÇÃO
A DOCTRINA DE SÃO FRANCISCO DE SALES

Cada Congregação comunica o seu espírito a seus alunos, porque, em cada Congregação, há um espírito particular, especial, que faz as casas prosperar. Deus não botou tudo no mesmo molde: uma coisa combina melhor com este, outra com aquele. É importante que cada um encontre o que mais lhe convém. Mesmo que a Igreja seja uma, no entanto conhece diversificação, conforme os povos diferentes e os tempos distintos. Cada Ordem deve conservar bem a índole própria de suas instituições. São Francisco de Sales deixou-nos um caminho no qual o avanço está garantido e é fácil prosseguir. Essa via já foi comprovada e justifica a esperança de que, seguindo por aí, se obterá êxito semelhante. Impregnemo-nos, dia após dia, desse espírito, dessa doutrina tão sã quanto segura.

As Constituições mencionam-nos certas virtudes que devem nos estar presentes no espírito para que as possamos inculcar primeiramente aos alunos. Começemos desde já, então, a praticá-las nós mesmos.

A fé. É a fé que salvou o mundo e ela também o salvará. A característica do espírito de São Francisco de Sales é comunicar uma viva fé, é imprimir essa fé na personalidade dos jovens e isso lhes será a melhor proteção.

A sinceridade. Sinceridade ante Deus, para com a família e diante dos professores. É o contrário do espírito colegial que faz a gente se esconder dos professores, o que é a consequência da natureza decaída e dos maus exemplos que os jovens vêem por todos os lados. Sinceridade também nas promessas, nos compromissos assumidos de toda natureza.

O respeito à autoridade. Respeito para com as autoridades na ordem da fé, na ordem da graça. A obrigação de respeito à autoridade é relativa, de acordo com as pessoas revestidas de autoridade, mas que fazem mau uso dela. No entanto, deve-se conservar os jovens nos limites deste respeito que condiz com a boa educação, mesmo em rela-

ção com essas pessoas. É necessário ensinar-lhes que toda autoridade vem de Deus e que, obedecendo à autoridade, a gente não obedece aos homens, mas a Deus. Ensinando-lhes a fazer essa distinção, o respeito à autoridade sempre será salvo.

O respeito à família, o amor para com a pátria. Hoje em dia, a gente se ri do amor ao torrão natal. A Sagrada Escritura, no Antigo Testamento, ensina uma outra doutrina: quer que amemos a nossa terra. A Santa Igreja também segue os mesmos princípios. Olhem os mosteiros dos Beneditinos onde os monges, no dia de sua profissão, prometiam a estabilidade na sua casa, no mosteiro. E se o mosteiro viesse a ser destruído, os votos não existiriam mais, estariam abolidos, "deficit lucus, deficit monachus" (cessou o lugar, cessou o monge). Recomendemos muito aos nossos jovens o apego ao solo pátrio.

A coragem em todos os momentos, sobretudo, porém, nas provas. A fidelidade nos compromissos, a lealdade que hoje tanta falta faz por toda a parte. Para gravar bem esses ensinamentos nos corações, só há um meio: desenvolver uma filosofia verdadeiramente cristã, ensinar claramente aos jovens que a verdadeira recompensa não se encontra aqui na terra, mas na outra vida e que essa paga virá mais tarde.

Fidelidade inviolável, fundamentada sobre o dogma católico; a Maçonaria se opõe agora ao dogma. Quais serão os resultados para a moral e para as relações e as comunicações dos homens entre si?

Tudo isso se realiza pela educação: todas essas virtudes que acabamos de ver estão no âmbito dela.

No que diz respeito à instrução propriamente dita, não somos livres para agir como desejaríamos. Mas importa fazer os alunos compreender o vazio dos autores pagãos. Tomemos cuidado, ainda que os jovens não liguem muito o que traduzem, o manejo cotidiano acaba alimentando uma transformação completa.

Entre nós, a instrução nunca deve ser separada da educação. Precisamos observar bem o artigo das Constituições que acabamos de explicar. Devemos escrevê-lo em nossa mente ou em algum lugar, para voltar a isso freqüentemente, sem pregá-lo explicitamente, mas nunca percamos a ocasião de ensinar essas virtudes, todas as vezes que se apresentarem.

Essa deve ser a prática dos professores e de todos os que são chamados a educar e a instruir. Assim se formam cristãos generosos,

vigorosos, que compreendem seus deveres e os executam. Repito: os alunos não se dêem conta de que se trata de como um martelo que sempre dá no mesmo lugar; precisa-se variar. Nas práticas de piedade, que se ensina aos jovens, seguir-se-á quanto mais possível, os métodos de São Francisco de Sales. Esses não ficaram obsoletos, pois recentemente foram consagrados pela Igreja, que outorgou a São Francisco de Sales o título de Doutor. Fixemo-nos nessa doutrina, no que diz respeito à freqüência dos Sacramentos, à Confissão e à Comunhão. Esses ensinamentos de São Francisco de Sales têm uma vantagem imensa: não servem para discussões, não oferecem oportunidade para isso. São tão simples e é a isso que devemos nos dedicar. Não é o método escolástico que só procede através de discussões, mas um método expositivo. Façam isso: é simples e nítido. Isso proporciona aos costumes de vida alguma coisa muito boa; não é preciso procurar, não há perplexidades, dúvidas: "É um caminho seguro e coerente", como afirma a própria Igreja, qualificando os ensinamentos de São Francisco de Sales; com fichas de anotações se organiza, numa caixa, o que parece bom e aproveitável. É uma coisa muito boa para a gente mesmo; escrevendo, a gente se lembra melhor e sempre se sabe encontrar seus lembretes. O Padre Gratry utilizava anotações assim para preparar suas conferências, que eram muito interessantes. Isso quebra a monotonia do nosso ensino. Não é mais uma lingüiça que nunca termina e que sempre entra pelo mesmo buraco e passa pelos mesmos furinhos. Os grandes oradores faziam assim e, dessa forma, a gente dispõe de uma biblioteca de bolso. Quando se tem que falar sobre qualquer assunto, sempre se encontra o que dizer.

É uma maneira eficaz para se lembrar seja o que for, sem muito esforço. Façam isso nas suas leituras de São Francisco de Sales e de outros autores quaisquer.

Peçam fervorosamente ao Espírito Santo que abençoe seus irmãos que estão se preparando para as Ordens. Peçamos-lhe que se comunique a eles e a todos nós, para que todos tenhamos um só coração, um só espírito, uma só alma, para que nos deixemos guiar e conduzir pelo Espírito de Deus que habita em nós. Peçamos isso durante o Santo Sacrifício, na hora da Comunhão; façamos aspirações freqüentes nessa intenção durante o dia. Nada produz tanto recolhimento, nada nos penetra tanto a alma quanto a oração ao Espírito Santo. É ele mesmo que forma em nós a oração e que forma essa oração com "gemidos inefáveis" (Rm 8,26), inspirados pelo próprio Deus.

CAPÍTULO DO DIA 23 DE JUNHO DE 1886

A DOUTRINA DE SÃO FRANCISCO DE SALES
E
AS VIRTUDES PRINCIPAIS DA CONGREGAÇÃO

"Seguir-se-á, quanto mais possível," rezam as Constituições, "a doutrina de São Francisco de Sales."

É muito importante que os Senhores se compenetrem de tudo o que encontramos no Diretório e nos escritos de São Francisco de Sales. Cada um deveria ter uma folha de papel para anotar o que encontramos nas leituras, e possa vir ao encontro do cargo que devemos desempenhar. Devemos aproveitar tudo o que encontramos e guardá-lo para nós mesmos o que condiz com nossas necessidades.

No que diz respeito aos estudos em nossos colégios, precisa-se observar a unidade em toda a parte, para que tudo seja estável e bem coordenado. No pensamento de Leão XIII, na bênção que deu para todos os que trabalhariam em nossa obra, vemos que é a Vontade do próprio Deus o que estamos fazendo. Não é necessário, portanto, procurar outros métodos de direção, diferentes dos que São Francisco de Sales deixou. Devemos mesmo identificar-nos com o que ele disse: pela graça de Deus, somos fiéis discípulos de São Francisco de Sales, faremos ainda um bom trabalho, continuaremos sua obra e disso sempre ficará alguma coisa. Necessita-se formar cristãos sinceros, profundos, verdadeiros. A educação ajuda valiosamente a essa sinceridade, quando o próprio professor a possui. Tenhamos, portanto, uma fé bem declarada, bem viva, muito sincera. Sejam também generosos, saibamos suportar todos os sacrifícios e mostrar aos nossos alunos que esta é a única maneira de ser cristãos. Não os deixemos perder o sabor (cf. Mt 5,13). Sejam fortes na fé (1 P 5,9), para que também eles o sejam, a fé transporta montanhas (cf. 1 Cor 13,2). Peçamos isso freqüentemente à Boa Mãe Maria de Sales; ao nosso Santo Fundador: "Domine, adauge nobis fidem" (Lc 17,5). (Senhor, aumenta nossa fé.)

Estejamos radicados no despojamento de nós mesmos, para que eles o sejam também. Esse desapego não é fácil para os jovens; é preciso sujeitar-se.

É muito fácil, quando a gente é religioso; não o sendo, para

chegar lá, é necessário apoiar-se numa fé enérgica que nada é capaz de abalar. Além disso, reparemos que a gente mesmo sem formação religiosa desculpa sempre a quem tem fé, como sempre se perdoa a uma pessoa que possui honradez.

Nós mesmos devemos exercitar-nos muito em todas essas virtudes, e dedicar a elas a nossa meditação. Não é só uma exortação para praticarmos-las, é uma lei, é a Constituição. É imprescindível trabalhar muito para conseguir isso, amaciar a vontade, robustecer a personalidade e a fé.

Seria bom copiar este artigo das Constituições para tê-lo diante dos olhos e compenetrar-se bem dele. Rezemos ao Nosso Senhor, à Boa Madre para conseguirmos essas virtudes, e poder comunicá-las efetivamente aos outros. São Paulo dizia: Os atletas se fortificam através dos exercícios (cf. 1 Cor 9,24); a alma cristã se fortifica através do sacrifício das suas inclinações.

CAPÍTULO DO DIA 7 DE JULHO DE 1886

A MEDITAÇÃO - O HORÁRIO - O DIRETÓRIO

O artigo XV das Constituições trata da ordem do dia, isso é o levantar, a oração, o trabalho, o recreio, o descanso, fixados em horas determinadas. Os Oblatos devem conformar-se a essas horas quando estão nas missões, se estiverem livres; caso contrário, devem aproximar-se o máximo possível. Quanto aos nossos exercícios de piedade pessoais, interiores, no tocante ao nosso Diretório, em tudo e por tudo, nunca se pode omiti-los. Não quero dizer com isso que constantemente se tenha presente o pensamento do Diretório, mas é preciso praticá-lo antes de todos os nossos exercícios. Sempre devemos oferecê-los a Deus através da reta intenção; que isso nos chegue a ser tão natural que mal podemos constatar essa prática. Isso não será um trabalho, uma sobrecarga, mas uma ajuda e um apoio. Não haverá necessidade de ter medo que estes exercícios interiores sejam alguma coisa fastidiosa por tanto repetir, sempre de novo, a mesma coisa. Quanto mais os repetirmos, tanto mais deles gostaremos e, no Diretório, como os Israelitas no

maná, encontraremos um sabor sempre novo. Não se pode modificar as horas do horário nas casas, sem a licença do Superior Geral. Observe-mos o Diretório que São Francisco de Sales já praticou ele mesmo, antes de dá-lo à Visitação. É um meio especial de ir a Deus, e de todos os meios conhecidos é aquele que dá os resultados mais completos. Para cada ato, se espera tudo de Deus, depende-se totalmente dele. Mas fazer tudo para a glória de Deus não valeria mais? A glória de Deus é o próprio do céu, é este o lugar dele; sobre a terra, é a paz; paz, o fruto especial da vinda de Jesus Cristo. A glória de Deus é a característica do céu, o próprio da Divindade. O homem não pode contribuir positivamente por um ato que valha um aumento da glória de Deus; ele não pode ser o instrumento, nem lhe é possível proporcioná-la. Não lhe compete dedicar-se à glória de Deus; é demasiadamente pequeno para isso. O fruto da vinda do Salvador é que a nossa vontade se una à dele e nos comunica assim a paz: "Pax hominibus bonae voluntatis" (Lc 2, 14). (Paz aos homens de boa vontade). Todos os outros meios, as mortificações corporais, por exemplo, fazem chegar, sem dúvida, à santidade, mas se precisa de uma vocação muito especial e se requer forças físicas muito grandes. "Homo bonae voluntatis" (homem de boa vontade). Este é o grande meio, o meio do evangelho, aí está. Como encontrá-lo? Exercendo o Diretório que São Francisco de Sales já praticou. Atendendo o Diretório, a gente é homem de boa vontade por excelência, pois a gente renuncia à própria vontade para cumprir a de Deus.

Observemos, pois, o Diretório com exatidão; façamos um ato de profundo respeito à Vontade de Deus sobre nós. Observemo-lo com todo o esmero. Olhem a exatidão do Salvador. Nas bodas de Caná se recusa a fazer o milagre que Nossa Senhora lhe pediu, pois a hora ainda não chegara. Mas quando chega a hora, "venit hora, ut filius hominis tradetur" (chegou a hora de o Filho do Homem ser entregue), ele vai ao encontro dos carrascos. (cf. Lc 22,53; Jo 12,23; 13,1; 17,1 e Mt 20,18; 26,2.24.45) É a exatidão que mais honra a Vontade de Deus. Observemos o Diretório carinhosamente. A própria pontualidade é um sinal de carinho. Quem ama mais, pergunta Nosso Senhor, quem diz "sim" e não obedece ou aquele que obedece (cf. Mt 21,28-31)? São Francisco de Sales, dissemos, praticou ele próprio o Diretório e ele o fez observar na Visitação e esta assumiu tão inteiramente o Diretório que quando se determinou a clausura das primeiras Visitações, a Santa Joana de Chantal fez perguntar ao seu bem-aventurado Pai, se ele tinha algo para modificar na maneira de

viver delas. Respondeu que não. O Diretório era o mesmo após a clausura, como era antes.

O Diretório parece sutil, minucioso, meticoloso. Nada disso. É dez vezes mais fácil fazer um Oblato que uma Oblata. O Diretório não é uma questão feminina, é um assunto másculo e essa vida interior é praticada bem mais fácil e completamente por varões do que por senhoras. Longe de fazer perder-se a força da alma, o Diretório a fortifica contra todos os ataques. São Francisco de Sales, em sua missão em Châblais, sofria uma quantidade de investidas! E mais tarde! Há em Annecy um cofre que não se mostra e que está cheio de ataques, de denúncias contra ele.

O Diretório é um alimento forte, muito substancioso. Para digeri-lo bem se precisa de um bom e resistente estômago, necessita-se de força e agüente, que nem todos têm. Mas depois de praticá-lo bem durante mais tempo, se faz tudo da mesma forma, os atos mais simples e os mais difíceis; a força motriz é a mesma: é o bom Deus que o quer.

Como se deve fazer a meditação? No início é necessário tomar o Diretório e examinar um artigo para ver como a gente está fazendo; depois de se dar conta, toma-se um bom propósito. Não se deve fazer uma meditação fria, árida, mas uma meditação afetuosa. Se a gente não consegue encontrar nada para dizer ao bom Deus, então se diz: Meu Deus, eu sou "tamquam jumentum ante te" (cf. S 72,23) (como um animal irracional ante ti), mas eu ficarei porque quero estar contigo, "sed ego semper tecum" (id.). Se isso não for suficiente para ocupar o tempo da meditação, recomenda-se tomar a jornada, parte por parte. Este estudo ou aquela assistência de supervisão me custa; importa, então, colocar isso sob a proteção do bom Deus, do nosso Santo Fundador, com um bom propósito, projetando tudo isso no amor de Deus.

Não é qualquer coisa preparar o próprio dia, não é tempo perdido. Com que se ganha a eternidade? Algumas semanas, alguns meses, alguns anos... Então, vamos prepará-los bem, para passá-los bem e conquistar o céu. Outras vezes, preparamos a Confissão; ou então, tendo alguma coisa difícil de fazer, preparemo-nos a fazê-la, e cuidaremos bem de não só fazer a nossa meditação de maneira a prevenir-nos das dificuldades, mas sobretudo de modo afetivo.

Mais uma vez, se não conseguimos encontrar nada para dizer ao bom Deus, digamos-lhe: Senhor, fico de sentinela diante de vós. Na sagração de Carlos X, havia dois pajens bastante jovens, frente ao

trono. Tanto tempo ficaram sem se mexer, que um como outro caíram, vencidos pelo cansaço. Faremos, como os pajens ante o nosso Rei.

Continuemos levando esta vida despretensiosa, muito boa, mas exigente também. É o próprio Deus que agirá, nada resiste a isso.

CAPÍTULO DO DIA 14 DE JULHO DE 1886

A MEDITAÇÃO

O exercício da manhã e a meditação durarão uma hora, dizem as Constituições. Eu disse-lhes que fizessem a meditação com o Diretório, e que a realizassem tanto efetiva como afetivamente, tratando com Deus com amor, de coração. Por exemplo, um dia enfoquem o levantar, um outro, o silêncio, etc... Assim exercitar-se-ão na prática do Diretório. Para os Senhores aí, a santidade reside no Diretório. Nenhum outro meio pode servir na família de São Francisco de Sales. É preciso assumi-lo e não deixá-lo mais. Todas as vezes que tomarem a peito a prática do Diretório, estarão dentro de sua vocação. Não é exigência demasiada preparar-nos a isso de manhã. Um comerciante prevê, em linhas gerais, os seus negócios de manhã, senão significaria logo uma confusão e a sua ruína. Imaginemos uma festa, uma circunstância particular, para nós de atração especial; sigamos essa inclinação: "Nolite extinguere Spiritum" (1 Ts 5,19). (Não extinguais o Espírito.) Se a atração dura o dia seguinte, sigam-na ainda, e assim um ano todo, se durar até lá. Se não conseguem fazer a meditação, o que acontece seguidamente, a alma estando árida, fiquem de sentinela: Senhor, eu te adoro; o esforço que me imponho vos honrará, "sacrificium matutinum" (cf. Ex. 29,41). Quando estiver passado esse tempo desfavorável, retomem e sigam o Diretório. Por assumir cada dia um ponto particular, chegarão a conhecê-lo a fundo e a praticá-lo.

Volto freqüentemente às mesmas idéias, porque a gente não sabe o que é meditação. Nos seminários, nas casas canônicas, se utilizam livros de meditação. Entre cem pessoas bem cristãs, quatro ou cinco farão a meditação como os seminaristas e os bons sacerdotes. E como afirma Santa Teresa, eles tiram água junto ao bocal do poço, enquanto,

a seus pés, correm torrentes em abundância; água, diz São Bernardo, que emana das chagas do Salvador. Aquela outra é uma idéia errada; a gente não pode pregar contra ela, contradizendo-a publicamente, mas convém ensinar devagarzinho a nossa maneira. Meditação é o Diretório, a Missa, a Confissão, a Comunhão, tudo o que preenche o nosso dia. Fazer meditação, dizia a Boa Madre, é ocupar-se de seus assuntos com o bom Deus. É envolver a ele em nossas questões. Precisamos relacionar-nos com o bom Deus como com o nosso chefe, nosso comandante; necessitamos pedir-lhe as disposições e sua orientação. E onde faremos isso senão na meditação?

Cada um, seja quem for, pode fazer sua meditação assim. Vê-se o que é melhor e se distingue com o Salvador. Restabelece-se assim o que o pecado, o que a Revolução (Francesa - tr.) destruíram: a união da alma com Deus. Realiza-se isso não só intelectualmente através da meditação, mas também afetivamente, com o coração. Que os diretores espirituais façam sua meditação com os seus dirigidos. São Francisco Xavier, São Vicente de Paulo não recorriam a um livro para fazer considerações ou meditações.

Importa compreender bem isso; fazê-lo primeiro e depois fazer os outros o fazerem. Para ter peso diante das almas, para conseguir que os outros o façam, é necessário fazê-lo a gente mesmo.

Todo o mundo pode fazer meditação. Fazem-se belos sermões sobre a meditação: "Desolatione desolata est omnis terra, quia nullus est qui recogitet corde" (Jr 12,11). A terra está numa grande desolação, porque não há ninguém que reflita no seu coração. Mas esses lindos sermões não adiantam muito. Como refletir? Tomem um livro. Qual livro? Qual será aquele que me sugerirá a reflexão e as coisas que estou precisando agora mesmo?

O nosso Santo Fundador mesmo se refere um pouco à idéia do dia; dá métodos, mas diz que logo que a gente percebe o pensamento de Deus, se deve deixar todos os métodos e seguir essa atração.

Os Senhores dão aula, falem sobre suas aulas a Deus durante a meditação. Mas é uma distração; isso me provoca distrações. Não prefiro aquelas a estas. Quando se dá conta de distrações, se leva tudo de volta para Deus. Isso não é muito perigoso e não compromete o valor de sua meditação. É importante compreender bem isto: o nosso espírito é o de estar com Deus, "Nobiscum Deus, Emmanuel" (cf. Mt 1,23). Da mesma forma em relação com o trabalho, adoramos a Nosso Senhor Jesus Cristo

trabalhando, e a ele trabalhando conosco, santificando o nosso trabalho. Será essa, assim, uma meditação útil, pois teremos que trabalhar durante todo o dia e assim a jornada será santificada.

Que verdadeira e como é simples essa doutrina! Ela é eterna. No paraíso terrestre, como é que Adão e Eva meditavam? Deus vinha "ad horam post meridiem" (Gn 3,8) (numa hora da tarde), conversava e falava com eles: essa é a nossa meditação..

Faremos a nossa meditação normalmente sobre os nossos deveres, o que não impedirá deter-nos no mistério de uma festa, numa circunstância especial, ou demorar-nos num aniversário, numa graça recebida, enfim, em tudo o que sobre nós exerce uma atração peculiar. Se forem fiéis, terão essas atrações na meditação.

A oração é a elevação da alma a Deus; a meditação é o diálogo, a conversação, a maneira de tratar com Deus.

Volto a insistir sobre esta excelente prática. Não há por que levantar objeções. A maior objeção é esta: mas o bom Deus não me diz nada, não me fala. É a objeção de muita gente. Fique de guarda. Esse silêncio, esse recolhimento, esse constrangimento são bons por excelência, são um meio importante de merecimentos.

Faz pouco, quando estava atacando as grandes meditações, feitas com muito esforço e dificuldade, não queria dizer que sejam sem mérito. Deus recompensa o esforço e empenho; mas é muito difícil e nós que somos uns pobres coitados escolhemos um meio mais fácil.

Ensinem isso aos jovens, façam falarem ao bom Deus durante dois ou três minutos. Pouco a pouco os Senhores aumentarão esse tempo. Se eles só fazem sua oração oral ou usam um livro de meditação, logo se aborrecerão e deixarão tudo.

Recomendemo-nos à Boa Madre Maria de Sales para que ela nos ensine o bom método de meditação.

CAPÍTULO DO DIA 27 DE JULHO DE 1886

A VISITA AO SANTÍSSIMO SACRAMENTO

A PRESENÇA DE DEUS

OS EXAMES DE CONSCIÊNCIA

Da maneira como tratamos outra vez, todo o mundo, cada dia, pôde fazer meditação. Tome o Diretório ou siga conforme se sentir atraído, e volte ao Diretório, quando não há nada que o atraia de modo especial.

Na Visita ao Santíssimo Sacramento precisa-se fazer a mesma coisa como na meditação. Se a gente se sente atraído para dirigir-se a Jesus Cristo no Santíssimo Sacramento, deve-se seguir essa atração, é uma devoção muito recomendada, é a devoção dos predestinados. Nunca vi ninguém, seja quem fosse, sendo devoto ao Santíssimo Sacramento, perder-se. Pelo contrário, vi conversões inesperadas. Santo Afonso de Liguori afirma que para voar para o céu se precisa de duas asas: a devoção ao Santíssimo Sacramento e a para com Nossa Senhora. Convém recomendar muito essa devoção.

Na França, temos conservado costumes que se originam dos Jansenistas; não se faz mais genuflexões, não se tem mais velas bentas nas famílias, já é muita coisa se ainda permitem o bom Deus ficar no seu sacrário. Tudo isso é dirigido contra a presença real. É um ataque se não dogmático, pelo menos um na prática. "O rei São Luís, diz Joinville, tinha uma grande devoção ao olhar o cálice e a santa hóstia, na hora de missa." Em Claraval, a devoção de São Bernardo e dos seus religiosos com a Santa Eucaristia ocasionou muitos milagres e fatos extraordinários. Essa devoção esfriou na França sob a influência jansenista. Santo Afonso fez um pouco as pessoas mudar de opinião. Aquela ordem de idéias jansenistas são redondamente anticatólicas, diz São Francisco de Sales, e a razão no-lo explica claramente: sem Eucaristia, não há mais nada.

Precisamos pedir essa devoção ao bom Deus. Quando a gente está cansado na Visita, se reza meditando um hino. O "Adoro te" (Eu te adoro) é recomendado pelo nosso Santo Fundador. É um diálogo muito ameno com Nosso Senhor. As orações de Santo Afonso, suas Visitas são muito re-

comendadas: é uma obra-mestra, se não literária, pelo menos de devoção.

Podemos lembrar alguns trechos do Evangelho, o que Nosso Senhor disse para a Samaritana, a São Pedro... Aí está o mesmo Deus. Podemos pedir a compreensão dessas coisas. É um diálogo de máximo proveito para as nossas almas. Meditando, diante do Santíssimo, as palavras do Evangelho, surge dez vezes mais iluminação que com todos os comentadores. São Vicente de Paulo encontrava aí o meio de desligar-se. Prevendo que não podemos fazer a Visita na hora marcada, deve-se fazê-la em outro momento. Se é impossível de realizar isso, devemos supri-la com uma atenção maior, um recolhimento mais intenso e por uma comunhão espiritual. A Boa Madre, no seu estradinho, sabia tudo e o aprendia de Nosso Senhor no Santíssimo Sacramento, durante suas conversações a sós com ele. Nunca saberemos apreciar demais esse exercício, nunca o praticaremos em demasia. Está aí, para a alma do religioso, o "panis absconditus suavior" (o pão mais deleitável guardado), e quanto mais dele se alimenta, mais aumenta em sabor.

"Os Oblatos de São Francisco de Sales manter-se-ão na presença habitual de Deus", dizem as Constituições. Isso não quer dizer que se deve pensar constantemente em Deus. São Luís Gonzaga tinha esse pensamento contínuo, mas ele sofria de uma enxaqueca permanente. Não é isso o que se nos pede. O que de nós se deseja é a presença habitual de Deus. Pode-se estar na presença de uma pessoa e pensar numa outra coisa. A presença habitual de Deus não consiste num exercício à custa dos nervos, numa tensão do espírito, mas é um cultivo do coração, que quer ser agradável a Deus e evita desgostá-lo. Isso não é difícil de se conseguir, basta ter a intenção de cumprir com as suas obrigações e dar a Deus o que nos pede. Avivemos essa prática pelo pensamento das horas e através da reta intenção.

Os exames. O primeiro é curto: é uma revisão sumária do levantar, da meditação, da Missa e dos exercícios seguintes. Bastam dois ou três minutos, seguidos de um ato de contrição. O exame da noite deve ser um pouco mais demorado. Retomando o exame da manhã, deve-se passar em revista, como diz São Francisco de Sales, as pessoas com as quais se tratou, os trabalhos realizados, as tentações sofridas. Deve-se fazer isso como preparando-se para a confissão, e confessando-se realmente a Deus. Certamente, Deus perdoa as faltas que a gente examina arre-

pendido. Um só exercício religioso bem feito, entre os demais, perdoa todas as faltas veniais. Essa é uma das graças do estado religioso e que não nos impede de receber as graças especiais da confissão.

CAPÍTULO DO DIA 3 DE OUTUBRO DE 1886

O DIRETÓRIO - A MEDITAÇÃO - A RETA INTENÇÃO

Mais um ano letivo que vai começar. Necessitamos entregar-nos de todo o coração a todas as nossas obrigações religiosas.

A primeira é o Diretório. Pratiquemos o Diretório com carinho, como alguma coisa que nos liga a Deus e nos une a ele. Devemos apegar-nos a essa obra. Precisamos ter muito amor por todas essas práticas; querendo-as bem, não nos cansarão.

São as práticas do Diretório que formaram São Francisco de Sales. Esse método, portanto, é bom e devemos afeiçoar-nos a ele. Muitas vezes, ouvi dizer a pessoas do mundo que este ou aquele método determinado, apresentado no confessional, era de grande proveito. Com maior razão ainda encontraremos nós ajuda neste método que São Francisco de Sales nos proporcionou. Além disso, é o laço que nos une a nós todos mutuamente. A união de todos, fazendo a mesma coisa, cria uma força incomparável. Seria grandemente desejável que tivéssemos um livro escrito neste estilo e apropriado para ser posto nas mãos de todos. Essa doutrina de São Francisco de Sales se expandiria e faria um grande bem.

Sim, livros que se dirigem a todas as categorias viriam muito bem. Os jovens já têm seu Manual. É preciso aproveitar esse livrinho. É muita a influência que se pode exercer com um livrinho. Olhem os "Exercícios Espirituais": é um livro muito simples e no qual, à primeira vista, não há nada de especialíssimo. Mas quantá influência exerceu e continua exercendo!

Olhem o Diretório. O que há nesse livrinho? Dêem valor a este pouco. Ponham isso em prática e obterão um resultado imenso: "Timeo hominem unius libri" (Receio o homem de um só livro).

Valorizem também o Manual. Que este se torne o Diretório das

crianças e dos jovens. Importa obrigar-nos a tirar desse livro o que os Jesuítas tiraram dos Exercícios Espirituais. Foram editados dos Exercícios mais de cem mil exemplares. Consideremos nós o Manual como nossa base. Penetremos bem no seu sentido; modelemos, com a sua ajuda, a alma de nossos alunos. Quando cada um vai por sua conta, só faz seu trabalho como indivíduo isolado. Mas que cada um se impregne do seu livro, embeba a doutrina desse livro, absorvendo e aplicando-o, então não estará mais sozinho. Toda espécie de descobertas e de iluminações nos sobrevêm, chega-se à perfeição. Que todos os religiosos se obriguem a compreender, praticar e fazer praticar isso em seu redor, assim sua força de ação será incalculável.

Em que consiste a força dos povos do Oriente, de toda a massa enorme dos que seguem a religião muçulmana? O Alcorão. Analizem-no, verão cinco a seis verdades. Mas é o livro e é uma potência irresistível.

Que o Manual nos seja, portanto, o cunho próprio. Tendo outros pensamentos, muito bem; mas liguemos nossas idéias pessoais a esse fundamento, apoiando-as nessa base; que assim só possa contribuir para a irradiação do livro, uma aplicação mais completa, sempre firmada nesse fundamento.

É de desejar que todos tenhamos o nosso Manual e que nos empenhemos por aprofundar-nos nele.

Abracemos, pois, com fé todas as nossas obrigações religiosas, assim não caminharemos sobre areia movediça, estaremos equilibrados em toda parte, não dando passos em falso.

Quanto à meditação, façam-na fielmente e segundo o método que lhes foi dado e que lhes confirmo. Meditando sobre um mistério, que suas considerações venham sempre parar em afeições, em união de coração e da vontade com o Salvador.

Para a Visita ao Santíssimo Sacramento, insisto neste conselho: se estiverem distraídos, se não encontrarem nada para dizer a Nosso Senhor, que se sirvam das Visitas de Santo Afonso de Liguori. É um livrinho que pode fazer muitíssimo bem. Há nele um grande número de citações dos Padres; sem dúvida, lá há muito para aproveitarmos. Os fiéis gostam desse livro; é um dos que convém aconselhar. Santo Afonso de Liguori reanimou a piedade no sul da Itália com esse livrinho.

Apliquemo-nos muito à consciência da presença de Deus. Será que isso quer dizer que devemos pensar continuamente em Deus? Não, basta agir para ele, querendo ser-lhe agradável. Depois de termos feito a reta intenção, ainda que nos sobrevenham motivações naturais, agimos na presença de Deus. É fácil ter o pensamento em Deus muitas vezes, em meio às ocupações do dia e é isso que as tornará boas, frutuosas e de muita influência sobre as almas.

Não esqueçamos o exame antes do meio-dia, cinco ou seis minutos somente, rezando o "Eu, pecador". É um momento de silêncio, de recolhimento, que nos põe a alma em liberdade e em união com Deus para o resto do dia.

CAPÍTULO DO DIA 6 DE OUTUBRO DE 1886

A OBEDIÊNCIA - A CARIDADE

Peço que todos rezemos pelo descanso da alma da Boa Madre. Hoje é o aniversário de sua morte. Ao celebrarmos a Santa Missa, recebendo a Comunhão, rezaremos por ela e a invocaremos confiantemente, de modo especial agora no começo deste ano letivo, para que tudo corra bem.

Recomendo-lhes muito a obediência a tudo o que eu lhes disser, ao que disser o Padre Gilbert, o Padre Rolland, o Padre Rollin, o Ecônomo. Que tudo seja ordenado. Tudo estando em ordem, Deus aí está. Que cada um submeta sua preferência, seu parecer, sua inclinação. Expliquei o que se precisa entender por submissão do juízo. Cumpramos o nosso voto de obediência, submetendo o nosso juízo à obediência, obedecendo apesar da nossa opinião própria. Aí está o cumprimento do voto, o essencial. O perfeito seria ir mais longe ainda, praticando não só o voto, mas também a virtude da obediência, submetendo não só a obediência do juízo, mas o próprio juízo interior, dizendo: eu não sei nada, meus Superiores compreendem e julgam melhor do que eu... Essa perfeição da obediência do juízo não se exige para o cumprimento do voto da obediência.

Ajamos de uma maneira simples, franca, cordial para com os

que vivem conosco: que possam encontrar Deus, descobrir algo da bondade, da unção dele em nós. Devemos representar Deus sobre a terra.

Para nos facilitar a prática desses dois grandes deveres: a a obediência e a caridade, para começarmos bem este ano letivo, meditaremos bem sobre esses assuntos, precavendo-nos contra as tentações, contra a volta do juízo próprio, para que, no momento da tentação, nos venham a graça e o socorro de Deus e não nos faltam na hora da necessidade. Zelem bem de suas tarefas. Precisa-se atender os encargos apaixonadamente bem, dizia São Francisco de Sales; apliquemo-nos a isso de todo o coração. "Os que não têm coração ou só têm meio coração, para que servem?", perguntava o nosso Santo Fundador.

Façam Nosso Senhor presente em sua meditação. Observem-no durante a oração no Jardim das Oliveiras, olhem-no coroado de espinhos e peçam-lhe que ofereça a Deus a vontade dos Senhores como ele entregou a própria; valham-se muito da meditação e também, se necessário, da Visita ao Santíssimo Sacramento. Compreendam bem essas coisas. São o fundamento de toda a teologia; as coisas não valem mais do que custam. Sem dúvida, Deus pode dar algo de satisfação, um pouco de alívio, muito bem, mas o importante é sofrer, é suportar. Dessa forma, se faz alguma coisa. Olhem o pedreiro, o cortador de pedras que constrói uma catedral: sofre mais levantando pedras grandes, suas máquinas fazem mais barulho do que se edificassem com feixes de palha, mas assim a construção será mais durável.

Na direção de intenção, disponhamo-nos a aceitar o sacrifício e o sofrimento que nos esperam em cada uma das nossas ações. Que isso seja a base da nossa doutrina. O que me toca sofrer nessa ação? Aceito-o. Não devemos tentar limar as arestas, importa aceitá-las: é Deus conosco. Cada um encontra dificuldades, sofrimentos, pena em seu trabalho ou alguma coisa muito incômoda para enfrentar. Não lutem contra a correnteza; esbanjariam esforços, perdendo-lhes o vigor inutilmente. Aceitem todas essas dificuldades, mais ainda por não ter mortificações corporais, a Regra não sendo de rigores e dureza. Deixem para o bom Deus semear a austeridade em nosso caminho; recebam bem isso, como diz o Diretório.

Compreendam bem isso. Todo o mundo não tem somente dificuldades gerais, comuns: preparar as aulas, trabalhar, mas cada um tem seus problemas especiais, pessoais: suportar este ou aquele aluno, o calor ou o frio tudo o que nos incomoda, tudo o que nos contradiz a

natureza e nos amola. Deus o quis assim; ele o quis porque o sofrimento é uma coisa boa, muito boa. É impossível que o sacrifício do religioso, quando oferecido em favor de alguém, não renda uma grande abundância de graças naquele que sofre e naqueles em benefício dos quais ele sofre.

Apeguemo-nos às almas, mas de maneira sobrenatural. Se nos prendêssemos de forma natural, seria um mal. Devemos evitar cuidadosamente os apegos sentimentais, sobretudo quando facilmente podem tornar-se sensuais: "Non nominetur in vobis" (Ef 5,3) (Nem sequer se mencione).

O sofrimento é um meio sumamente eficaz para santificar-nos a nós mesmos e aos outros. É preciso, portanto, sermos resolvidos no sofrimento, como dizia a Boa Madre. É, do resto, a palavra do Nosso Senhor: "et violenti rapiunt illud" (Mt 11,12) (os violentos o conquistam). É necessário violentar nossas preferências, nossas inclinações. Guardemos bem essas idéias, essas disposições.

Repito: que todos o gravem bem: primeiro a obediência. Não estamos obrigados à perfeição da virtude, mas devemos praticar o voto, ao submeter nosso juízo em favor da obediência, para cumprir a Regra ou as ordens de nossos Superiores. Se isso nos parece absurdo, melhor ainda. Obediência à Regra, ao Superior, ao Diretor do colégio, ao Mestre dos Noviços, ao Encarregado dos Estudos, a todos aqueles que têm, de uma forma ou outra, autoridade sobre nós.

Em segundo lugar: a caridade. Tenhamos muita condescendência respeitosa uns para com os outros. Que se possa sentir que Nosso Senhor Jesus Cristo está no meio de nós: é através disto que os reconhecerá como seus discípulos, se tiverem caridade uns para com os outros (Jo 13,35).

Que cada um considere sua tarefa como uma coisa muito importante; que a domine bem; que recorra ao auxílio do além, ao topar alguma coisa contrária a seu gosto. Contentemo-nos então, Deus se encarrega de nossa obra. Se for mais duro, o que faremos será mais sólido e durará mais tempo. O diamante é mais duro que o gesso: olhem a diferença de valor!

Rezemos pela Boa Madre. Ela está no céu, assim esperamos; mas rezemos por ela igual, até que a Igreja se pronuncie definitivamente.

CAPÍTULO DO DIA 13 DE OUTUBRO DE 1886

AMOR À COMUNIDADE - A "VIDA" DA BOA MADRE

Quero falar-lhes sobre um assunto muito importante, vital: sobre o amor que cada religioso deve ter para com a sua comunidade. Nosso Santo Fundador diz que se deve estimar muito as outras Congregações, mas que é preciso preferir a própria a todas, como a criança prefere a sua mãe à Rainha, mesmo que esta esteja toda tapada de jóias, toda enfeitada de adornos brilhantes. Apegar-nos-emos, de todas as maneiras, à nossa comunidade, ao seu espírito, à sua maneira de agir, e a seu modo de ser. Isso não é questão de convenção, mas algo inato. São Francisco de Sales diz-nos formalmente que recebeu de Deus a inspiração de estabelecer este espírito; não foi ele que o inventou, mas é inspiração do Espírito Santo. Apegar-nos-emos aos costumes, aos hábitos da comunidade. É nosso, devemos gostar disso, devemos querer bem o que é nosso. Tenhamos também o amor recíproco: que o laço de família una todos os corações e todas as vontades e que ele de nós faça um molho, "funiculus triplex" (Ecl. 4,12)(um cordão triplicado). Dedicemo-nos com ardor às pessoas da nossa comunidade, ao nosso Padre, a todos os nossos Padres, aos nossos Irmãos, aos nossos jovens noviços, aos alunos que se preparam, de longe, para pertencer, um dia, a nossas filhas. Atendam cordialmente seus contatos diários. Deus é amor. O que mais estraga o Reino de Deus nas almas é a antipatia, o ódio. Quando dois ou três estiverem de acordo entre si, "quicumque", quem quer que sejam...; observem que Nosso Senhor não diz alguém de bem, mas "quem quer que seja", sobre qualquer coisa, eles a conseguirão (cf. Mt 18,19).

Todos nós temos nossas misérias, nossas particularidades, nossas manias. Todo mundo é original, e o mais original é aquele que continua mais surpreendente em certos aspectos: é como uma toalha de mesa, puxando de um lado, se destapa o outro. Precisamos ser condescendentes uns para com os outros: acostumemo-nos a praticar a caridade, e isso carinhosamente. Insisto nisso. Todas as comunidades se querem bem a si próprias, ou melhor, seus membros se querem, porque têm alguma coisa que os une: uns têm zelo, dispõem de ciência, outros têm outra coisa e outros ainda têm o cuidado com os interesses materiais.

Cada Congregação tem assim seu laço de caridade. Eu viajei com um noviço Jesuíta, nosso vizinho no subúrbio de Croncel. Tinha trinta anos, só falava sobre seu noviciado, sobre Santo Inácio, deu-me um santinho desse santo. Era mais do que amor, era entusiasmo e um entusiasmo extraordinário. Não pretenderemos ir por aí, nem tentaremos influenciar a imaginação, esquentar, como diz a expressão popular, mas atuaremos sobre a base firme e sólida, sobre a vontade. Esse é o único ponto sobre o qual nos apoiaremos. Se outros visam a glória de sua Ordem, sua influência, seus heróis, e utilizam todas essas considerações para esquentar os ânimos, como se faz soldados tragarem aguardente e pólvora antes de um combate, nós admiraremos tudo isso neles, mas nós não alçamos a imaginação nem a moral de ninguém, pois isso se chama a "moral". Em nosso caso, o nosso grande fundamento não será o entusiasmo, mas a caridade, o amor de Deus e do próximo. Como diz a Regra de Santo Agostinho: "Que primeiramente Deus seja amado e em seguida o próximo". Não podemos mover-nos fora disso. É necessário amar o espírito, amar as pessoas e querer bem, outrossim, as coisas materiais da comunidade, apegar-se a seus recursos, aos bens materiais que ela tem, cuidar deles, empenhar-se por fazer prosperarem. Que cada Irmão, que cada Padre se preocupe em economizar, em ganhar alguma coisa para a comunidade.

O Padre Chevalier era Superior da Providência e contava que a Irmã cozinheira tinha suas pequenas habilidades: um pouco menos de manteiga na manteigueira, dizia ela, traz um pouco mais de dinheiro para a comunidade. Essas religiosas ficaram bem boas e o Padre Chevalier tinha as lágrimas nos olhos ao contar isso. O que posso fazer para aliviar meu ônus, minha despesa? Essa é a pergunta que devemos nos fazer, pergunta não interesseira, mas do coração. Um dos grandes motivos também que deve estimular-nos a isso é de corresponder bem ao espírito da Boa Madre que usava os dons divinos, o material, as coisas criadas, para dar glória a Deus Pai, assim como se dá glória a Deus Espírito Santo pela fidelidade à graça e a Deus Filho, ao pôr em prática o que ele disse, amando-o e recebendo os Sacramentos. Ao Pai pertence todo o criado, as coisas materiais. É assim, dizia a Boa Madre, que se faz bem o sinal da cruz: em nome do Pai e do Filho e do Espírito Santo. Era o testemunho de um espírito muito perspicaz e profundo. Tudo o que ela tratava, o que tocava, tudo o que manuseava, para ela era o bem de Deus. Façamos da mesma forma: tratemos com amor esses bens de Deus dentro das proporções da obediência e da Vontade de Deus. Longe de sermos mesquinhos,

sejamos muito generosos e, portanto, muito cuidadosos com os interesses comuns; não gastemos a não ser o absolutamente necessário. Isso fazia sentir a presença de Deus na Visitação, no tempo da Boa Madre, as pedras falavam. Com isso faremos alguma coisa, cada um no seu lugar, e essa coisa será o fruto do nosso bem-querer real e total com relação à comunidade.

Peçamos à Boa Madre que nos faça compreendê-lo e criar gosto disso. Temos uma alma e um corpo; um como outro têm deveres a cumprir; a alma nas suas relações com a ordem sobrenatural, o corpo nas suas ligações de ordem material. Um e outro, estando dentro das condições previstas por Deus, são agradáveis a ele.

Essa doutrina parece ser simples; na realidade, é de grandíssima profundidade. Gravem a ela no fundo da alma, meditando-a. Será para os Senhores uma fonte de grandes inspirações. Aí se encontra toda a nossa base, todo o nosso espírito, o ser de nossa Congregação. Que a Boa Madre nos abençoe do alto do céu e nos faça penetrar no espírito dessas coisas.

Recomendo às suas orações a edição da Vida da Boa Madre. Isso suscitará muitas reclamações. Todos os que conheceram a Boa Madre a apreciaram, cada um de acordo com seu ponto de vista. Por que o Senhor não fala disto ou daquilo? Por que o Senhor não fez uma exposição didática da doutrina dela? E, depois, certas pessoas não encontram uma ou outra devoção que estimam na pessoa da Boa Madre. E ainda: ela não fazia isso, ela não fazia aquilo... Os teólogos dirão, talvez, que ela não era Filha de São Francisco de Sales, pois ela afirma que o pecado original feriu mais profundamente a inteligência do homem do que sua vontade, enquanto São Francisco de Sales diz que ofendeu mais a vontade. A Boa Madre era livre! Quando se lhes falar sobre isso, digam que eu não quis escrever um tratado; em vez de perder-me fazendo belas reflexões, tirei as conseqüências; ela se tornou uma santa, procurem fazer com ela.

Acusar-se-me-á de ter falado em política; a opinião do Papa é favorável!

Essa Vida nos ocasionará talvez ainda algumas agitações, convém estarmos preparados a isso. A Boa madre era como o nosso Santo Padre o Papa atual, muito devota às grandes e antigas devoções, ao terço, à água benta. Ela menos se ocupou com as devoções modernas. Os que se en-

tusiasmam pelas devoções novas, evidentemente não estarão contentes. Não fiquem fazendo ponderações, quando lhes falarem sobre tudo isso e não discutam, tratem dessas coisas amavelmente e, com a graça de Deus, tudo acabará bem.

CAPÍTULO DO DIA 27 DE OUTUBRO DE 1886

A "VIDA" DA BOA MADRE

Está para ser lançada a Vida da Boa Madre. Certamente vai levantar bastantes murmurações e censuras. Não pude escrever de outra maneira. Evidente que não sou infalível, mas achei que devia escrever essa Vida assim como a presenciei e a compreendi. Não escrevi uma só frase, uma só palavra sem me perguntar, em oração junto a Boa Madre: isto está bem assim? Vai assim mesmo? Estranharia muito se tivesse me enganado. Havia uma tão notável união entre a Boa Madre e mim, união de pareceres, de opinião, de pensamentos, seja porque a Boa Madre tinha muita condescendência em concordar com o que eu dizia, seja porque, especialmente, tudo o que ela me dizia correspondia àquilo que o próprio Deus me inspirava interiormente. Eu não posso apresentar essa Vida a não ser assim: com as palavras dela, suas idéias e seus atos. Isso não significa que contei todas as graças que ela recebeu, todos os seus caminhos interiores. Cuidei muito disso, não quero submeter a doutrina dela ao julgamento público. Minha finalidade é dar a Roma algo sobre o qual se possa apoiar um julgamento da Congregação dos Ritos. Não me sinto capaz de publicar a vida interior da Boa Madre, fazendo uma obra de espiritualidade, como certas Visitações o desejariam. O bom Deus, mais tarde, no decorrer do tempo, manifestará o que quiser fazer dessa doutrina. Se eu dissesse tudo o que sei, não creio que sobre questão alguma a Boa Madre me diga que não deveria tratar; mas acho que não é o momento de revelar tudo isso ao grande público.

Precisaria, para isso, estar bem escorado, à direita e à esquerda. Seria tão fácil criticar palavras e expressões. E, além disso, no que diz a respeito da Boa Madre, as expressões referidas são sempre bem expressões dela?

O livro que apresento é a expressão de sua vida, de seu pensar sobre a Visitação, sobre os pensionatos, sobre o Diretório. Essas três coisas podem nos causar dificuldades com certas Visitações. Fecharam um determinado número de pensionatos ultimamente. Em certas Visitações, o Diretório era considerado, durante muito tempo, como quase inútil. Quando cheguei à Visitação de Troyes, perguntei à Superiora o que se devia pensar sobre a obrigatoriedade do Diretório. Muitas entre nós, respondeu-me, não admitem que o Diretório seja obrigatório, mas o Senhor bata muito nesse assunto.

Algumas Visitações ficaram muito magoadas sobre o que falei da afronta do Padre Regnouf. Eu me desgostei muito disso, mas é a pura verdade. Em Paris, me criticam por estar fazendo política. Não querem saber da história do Pároco de Nanterre; cada qual cortando alguma coisa, da obra não sobrará mais nada.

As Visitações teriam preferido uma Vida da Boa Madre, escrita no estilo de suas circulares. Se tivesse escrito somente para as Visitações, de acordo; mas quero ser lido por todo o mundo.

Repreendem-me pelo que disse sobre os pensionatos. Pois bem, antes de morrer a Boa Madre me falou várias vezes. O que será do Pensionato?... Não posso citar isso.

As Visitações, que não se dão conta da obrigação do Diretório, se sentem atingidas pelo que eu disse, e isso se compreende.

Há também questões sobre o Bispo de Troyes, sobre a liturgia romana. Toquei muito de leve tudo isso. Procurei tratá-lo muito delicadamente, sem ferir ninguém, mas sem encobrir os fatos. Certamente, tudo isso produzirá muitas reclamações. A Boa Madre não admitia para a Visitação retiros pregados; ela não permitiu um montão de confessores; não lhe agradou que cada uma tivesse o seu diretor espiritual. Esse é um ponto muito notável em sua vida. Eu digo os fatos, não me era possível de não contá-los.

No público eclesiástico, também não haverá não poucas oposições. Verdade é que os que lerem atentamente o livro, verão bem toda a importância dessa doutrina, e dessas graças que deverão ser comunicadas ao mundo através dos Oblatos e das Oblatas. Poderá talvez existir um pouco de ciúme por parte de certas Congregações masculinas e femininas. Os doutores e os sábios que procurarem algo novo, nada encontrarão de novo na Boa Madre. Decepcionar-se-ão do livro as almas famintas de novidades, de devoções modernas, de coisas feitas para incitar a imaginação e os

sentimentos, coisas, certamente, boas e muito boas, mas que não correspondiam ao estilo da Boa Madre. O fundo da Boa Madre Maria de Sales era a união de sua vontade com a Vontade de Deus: isso pode parecer um pouco estranho, comparando com tudo o que se faz atualmente. Muitos não compreendem como essa união pode ser tão constante: como se pode fazer isso? E eles vão de encontro. Era uma plancha que se lhes alcançava para atravessar o riacho, mas fizeram dela uma barragem para cortar a corrente. As Congregações religiosas que não entendem esses meios como meios de ação ficarão admiradas, escandalizadas talvez.

A oposição será séria, argumentada, de encontro às doutrinas da Boa Madre. Entretanto, repito, a doutrina dela não é nova, é muito antiga. Faz muito tempo que sua Superiora, sua primeira Superiora, dizia que ela sabia ler nos livros antigos. Repito mais uma vez: coloquei-me na presença dela ao escrever esse livro e me fez corrigir por ela tudo o que escrevi: Boa Madre, dizia-lhe freqüentemente, convém pôr isso? Escrevi com toda a fidelidade.

Sejamos todos muito fiéis ao espírito da Boa Madre. É muito simples. Com esse espírito seremos muito pequenos, mas ele nos tornará fortes, enérgicos. Não consumiremos nossa vida numa ostentação exterior; mas esse espírito, afirmo, é o espírito do bom Deus, é o remédio real e radical para os males atuais, porque santifica tudo e protege em tudo e em todo lugar.

-0-0-0-0-0-0-0-0-0-0-

CAPÍTULO DO DIA 17 DE NOVEMBRO DE 1886

OS EXAMES - O OFÍCIO - O ESTUDO

Preparemo-nos bem à renovação dos votos: uma grande graça aí nos espera.

Continuo a explicação das Constituições.

O primeiro exame se deve fazer antes do almoço. Que seja curto. É suficiente lembrar-se do que se fez na parte da manhã, como se observou os pensamentos do Diretório, como se realizou a meditação, como se rezou a Missa ou assistiu a ela, como foi o comportamento da gente no recreio da manhã e se todos os deveres foram bem atendidos segundo os compromissos assumidos. Termina-se o "Eu, pecador", faz-se um ato de contrição para reparar as faltas cometidas e obter a graça de um bom propósito.

À noite, o exame se faz como está marcado no exercício da noite. É um pouco mais demorado. Precisa-se lembrar o que a gente encontrou no exame da manhã e o que foi feito durante o dia, as faltas principais, os propósitos aos quais se faltou, terminando o "Eu, pecador" como na manhã, a Deus pedindo perdão.

Os exames são muito importantes; são o meio de acertar as contas com Deus, e de ver se a gente está lucrando ou perdendo; é uma grande ajuda para o avanço espiritual, não podendo ser negligenciada. Além do mais, ser-nos-ão um grande apoio para nossas confissões seguintes.

Após o exame, vem o Ofício divino.

Não rezamos o Ofício publicamente, mas em particular. Sendo necessário ser bem ordenado, que cada um tenha o seu momento estabelecido para rezar as Horas, as Vésperas. As Matinas (das leituras), à medida do possível, se reze na véspera. Convém sujeitar-se à hora regular, a menos que haja motivos sérios. Deve-se rezar o Ofício com atenção, pronunciando bem. Não é necessário que a pronúncia seja audível, mas se deve ter a certeza que haja uma boa articulação e que a reza seja íntegra. A melhor maneira é de ir medianamente apurado, nem às pressas, nem muito devagar. Geralmente se pode rezar o Ofício no espaço de uma hora, menos nos domingos. As Vésperas (Oração da tarde) e o Comple-

tório (Oração da noite) se podem rezar em pouco menos do que em quinze minutos, as Horas pequenas (Oração durante o dia) em vinte minutos. Não deveria levar mais tempo: poderia causar escrúpulos. Avancemos sem hesitação. Ocupar mais tempo seria, de fato, repreensível. Evitem isso e evitem sobretudo recomeçar, depois de eventuais distrações. Se estão rezando as Horas pequenas e lhes surgir a idéia que talvez não rezassem a Hora anterior, não se deveria recomeçar por isso, a menos que tenham razões mais sérias. Estou dizendo isso como Superior para evitar que se perca tempo e se abra a porta a escrúpulos.

Deve-se rezar o ofício com devoção, acompanhar a oração e os sentimentos expressos nos versículos, nas leituras. Não rezemos como máquinas. Esta reza nos deve fazer bem e ser útil. Durante uma hora, dirijamos nossa atenção às coisas que estamos dizendo, isso nos preencherá o coração de muitos e bons pensamentos. O conteúdo do breviário (Liturgia das Horas) nos servirá muito. As leituras da Sagrada Escritura, em particular, ser-nos-ão muito proveitosas; o bom Deus esclarece, durante o Ofício, dando luzes especiais sobre certas passagens, sobre certas expressões do Evangelho. Conheci bons sacerdotes que, após ter rezado o Ofício, anotavam os pensamentos piedosos, as inspirações recebidas. Assim se tira proveito para o bem espiritual próprio e o dos outros. Há muitíssimas coisas na Sagrada Escritura, na Liturgia que parecem estar compreendidas, mas cujo sentido profundo se revela depois de rezar o Ofício por muito tempo e repetir as palavras muitas vezes sem compreendê-las; um dia a luz salta, capta-se visões novas, faz-se descobertas extremamente úteis e instrutivas para os fiéis. Não é de admirar, pois nessa oração estamos em comunicação com o Espírito de Deus. Com isso não quero dizer que o breviário se torne um estudo para os Senhores, mas que aproveitemos cuidadosamente as inspirações, as percepções que Deus nos concede durante a recitação. Isso também está nos propósitos da Igreja. Se não, ao invés de propor-nos ofícios variados, e de mudar as lições da Escritura, da vida dos Santos, ou as homilias dos Padres, ela recomendaria rezarmos terços. O breviário é um resumo, um sumário da Sagrada Escritura, um compêndio dos Padres, dos Concílios e da história eclesiástica e o é também por meio das histórias dos santos. Há nele, portanto, coisas preciosíssimas para aproveitar. Todas as vezes que, ao rezarem o breviário, lhes surgir uma coisa assim, seja sobre a interpretação da Sagrada Escritura, seja sobre palavras de Nosso Senhor, recolham isso e estejam convencidos de que isso

produzirá um grande efeito. Há nisso alguma coisa substancial, nutritiva; não são palavras vazias e atiradas para o ar.

Rezando o Ofício, fazemos o papel dos anjos. Sem dúvida, na terra o ofício de louvor oficial a Deus é o que mais se parece ao papel dos anjos e dos bem-aventurados: essa é a forma mais verdadeira e completa de louvar a Deus, é a extensão do que os anjos fazem no céu.

Ainda mais uma palavrinha preciso dizer-lhes a respeito do Ofício. Nestes nossos tempos, os Maçons são os mestres. Ora, os Maçons, em suas iniciações, nas suas cerimônias, dizem palavras más e ímpias, cantam louvores ao diabo. Em certos graus elevados, há cantos dirigidos diretamente a Satã. Glorificam o diabo e suas obras. É preciso que a voz do Ofício divino cubra essas vozes satânicas. Eis porque o nosso Santo Padre, o Papa, recomendava, ultimamente ainda, rezar o Ofício "attente et devote" (atenta e devotamente). Devemos lutar contra Satã e seus agentes; é um dever que cabe especialmente aos religiosos. Os cônegos são obrigados a rezar seu Ofício em razão da prebenda que recebem para seu sustento; os religiosos são obrigados para a glória divina, para a glorificação do nome de Deus e para o estabelecimento do Reino dele.

Após o Ofício, agora o estudo. Que não passe dia algum sem que a gente estude. Os que não têm encargo devem dedicar ao estudo pelo menos sete horas. Os professores cumprem com esse dever exercendo sua própria tarefa.

Estudando, o religioso realiza uma obra que merece o céu, um ato de caridade perfeita. Não é só uma obra de valor moral, mas um trabalho de cunho sobrenatural, altamente meritório e que atrai muitas graças do bom Deus, mesmo no plano natural. Não há dúvida que - as outras circunstâncias sendo iguais - os verdadeiros religiosos dão aula bastante melhor do que leigos ou sacerdotes com menos piedade e dedicação; não só isso, mas aqueles têm inevitavelmente bastante mais influência sobre seus alunos.

Os que, não tendo cargo determinado, devem dedicar sete horas ao estudo, conformar-se-ão de bom grado às prescrições da obediência quanto à natureza e ao espírito de seus estudos. Mas ainda não temos bastante pessoal para chegar a esse ponto. Quando o bom Deus permitir que sejamos suficientemente numerosos, de modo que possa haver pessoas liberados para o estudo, então teremos que aplicar bem este artigo das

Constituições.

Convém ter, se for possível, e eu o recomendo muito, uma caixa-fichário. Toma-se apontamentos sobre folhas soltas de tudo o que chama a atenção, o que ilumina, uma elucidação de algum fato, de um dogma, de uma verdade, uma citação, um pensamento... A gente copia, anotando o livro em questão, o volume, a página. Em seguida, se ordena essas fichas em ordem alfabética, cada uma delas tendo sua indicação analítica própria. É um manancial abundante para quando se tiver que falar em público e é o meio de cativar muito interesse dos seus ouvintes. É importante não iludir-se: a água da vertente é boa, mas quando correu pelas roças, pelas estradas, por ruas das cidades particularmente, então se torna insípida e mesmo com gosto ruim. Essa é nossa história se não tivermos o cuidado de aumentar a nossa corrente. Então não só dirão o que surge dos Senhores, mas o que estiver digerido pelos Senhores e enunciarão o que chegou a se identificar com os Senhores. Apropriem-se, quanto mais possível, do que assim recolhem. Ao citar só, repetindo o que outros disseram, não há convicção, falta o ardor que tudo arrasta. É de máxima importância que os que devem falar em público tenham essa caixa-fichário como seu recurso. E como cada personalidade tem seus matizes próprios, quando tiverem assimilado bem suas notas, falarão de forma original, com seu colorido pessoal. Não serão um simples eco, mas ao falarem serão sua própria pessoa, sem alienação. Tenham, portanto, sua bagagemzinha própria, particularmente sua. Mesmo havendo algumas incoerências, algumas falhas de lógica, serão perdoados se souberem captar o interesse. Olhem o que cheguei a dizer. E os Senhores prenderão a atenção, porque dirão coisas diferentes das que todo o mundo afirma. Ouvi o Padre Gratry nas suas conferências em Sainte Etienne du Mont. Tinha suas anotações sobre folhas em sua volta, citava do lado direito e esquerdo, recorria a Homero, a Platão, pouco importa sobre quê: era interessantíssimo e o que dizia era novo. Era muito mais interessante do que uma conferência bem alisada, bem elaborada, feita de lugares comuns, com reflexões corriqueiras nas quais ninguém encontra novidade.

Que os Irmãos que trabalham tenham seu caderninho e anotem o que vêem, o que descobrem: eu vi isso, eu ouvi aquilo. Encontrarão nisso um depósito muito útil. Nossa memória facilmente recebe impressões, mas estas se vão, as mais recentes superando as primeiras.

CAPÍTULO DO DIA 1 DE DEZEMBRO DE 1886

O RETIRO - O DIRETÓRIO (O MANUAL)

"Cada ano farão os exercícios de solidão prescritos..." Nos retiros anuais, não se precisa de esforços violentos, porque a reação contrária segue prontamente. Nossa vontade é como uma bola de borracha: após uma força repentina aplicada para dentro, essa se inverte em energia para fora. Certamente, Deus recompensa o esforço, mas se este for violento, acarreta também um perigo, seja que haja esforço do lado do coração, seja do lado da vontade. Recomenda-se que os nossos esforços durante o retiro se dirijam mais a Deus do que a nós mesmos.

Empenhemo-nos antes de mais nada por praticar a presença de Deus, que é recomendada no primeiro lugar: para nós está tudo nisso aí, como já dissemos muitas vezes.

Esforço para fazer melhor a meditação. Consultemos o nosso Diretor espiritual: se houver alguma coisa a melhorar quanto à maneira de realizá-la, ele no-lo dirá. Durante o retiro, façam sua meditação como durante o resto do ano. Naturalmente, é imprescindível meditar as grandes verdades. O nosso Santo Fundador manda fazê-lo, mas não é uma regra geral. Que durante o retiro, como sempre, a nossa meditação seja um diálogo íntimo com Deus.

Faremos cuidadosamente os exames de consciência: nós nos daremos conta do que é que Deus nos censura.

O retiro tem sempre, segundo prova a experiência, uma influência muito grande sobre a pessoa, que atende todos os exercícios exatamente como recomendados, sem grandes esforços, e mesmo num estado de aridez. O que não tivermos tido durante o retiro, recuperemos durante o ano. É assim que se deve fazer o retiro e que se deve sugeri-lo aos outros. Deve-se ter em conta as diferentes índoles, as diversas mentalidades. A gente deve se ocupar, durante o retiro, tanto quanto necessário, mas não convém carregar demais num trabalho mental; é ótimo ocupar o espírito em coisas boas, mas antes de mais nada importa conservar o recolhimento, a docilidade e a união com Deus, que é o grande Diretor das almas.

"Não se poderá, durante esses retiros, recorrer a nenhuma di-

reção alheia." Se essa direção, por razões extraordinárias, for considerada necessária, dever-se-ia procurá-la numa outra oportunidade. Isso é um ponto sumamente importante. Nas comunidades religiosas, muito bem se poderia realizar os retiros individualmente. É o tempo de abastecer-se. Seria bom fazer o retiro conforme as necessidades, as aptidões, e os encargos no Instituto. A melhor maneira de os Oblatos fazer retiro é de fazê-lo entre si, com Nosso Senhor, ao alimentar-se do pão da família, encorajando-se a perseverar nos mesmos modos de agir, de pensar e de rezar.

Para a confissão, é necessário fazer um retrospecto do ano.

Vamos falar mais uma vez sobre o Manual.

Desejo que todos o tenham e que façam uso dele dentro das proporções de seus contatos com os alunos. Volto a apresentar o que penso, porque se trata de uma coisa muito importante. Precisa-se um livro e um livro é tudo, quando a gente se penetra dele e o executa. Olhem o Evangelho. Observem o povo judeu e a Bíblia. Cada um, nas suas diversas relações com os alunos, inspirar-se-á com os pensamentos do Manual: para fins de conselhos a dar no confessionário, na direção espiritual, seja essa a base. Enquanto o ponteiro da bússola não encontrar o pólo, não fica quieto; mexe-se à toa. Que o Manual seja o pólo. Torna-se necessário que, graças a nós, os alunos compreendam e apreciem o Manual. Isso leva para o céu: um livro! Isso determina uma vocação. Isso prepara as grandes graças do porvir. Desejo que se dê muitíssima importância a isso, tanto referente à oração e direção espiritual, quanto à preparação aos sacramentos, como no tocante às idéias para inculcar nos jovens.

É breve, mas seria mais reduzido ainda se pudesse conter a matéria suficiente para fazer o bem.

Desejo que se escreva o que estou dizendo sobre o Manual e que seja enviado para todas as Casas. É o que quero que seja feito.

O Diretório é a base de nossa vida; é importante que o Manual seja a base da vida de nossos alunos. Que os bons alunos o pratiquem, que os medíocres se esforcem por realizá-lo, que os menos bons o respeitem. Não se tornarão umas nulidades sem expressão. O livro é um meio excelente para chegar a realizar uma coisa boa na educação. É o fundamento do ensino, da direção espiritual, muito fácil de fazer apreciar,

ormente por não se tratar de um livro comum, que se coloca nas mãos dos alunos.

O bom Deus abençoará os que fizerem o que estou dizendo. Ele os acompanhará. Façam isso, repito, porque o considero de muitíssima importância.

CAPÍTULO DO DIA 8 DE DEZEMBRO DE 1886

O NOSSO ESPÍRITO

Que a nossa alma se mantenha fielmente na presença de Deus, trabalhando sem cessar em união com ele: é esse o nosso espírito. Escutar a palavra interior de Deus, que conduz as almas a si e segui-la fielmente, sem falhar em nada, mas com toda a correção e pontualidade, aí se encontra o espírito completo do nosso Santo Fundador, com todas as suas exigências até. Vemos, pois, que São Francisco de Sales era exigente com seus párocos; era bom, mas não deixava passar nada, não queria que se omitisse qualquer coisa dos compromissos. No momento de sua morte, São Francisco de Sales profetizou que haveria uma outra coisa ainda além daquilo que fundara. Viu em espírito que, o que tinha fundado para senhoras, iria estender-se também entre homens. Era a realização da profecia do Papa Clemente sobre ele: "Ide, meu filho, bebei das águas de vossa fonte e que se estendam sobre as praças públicas" (Cf. Pr 5,15.16). Observemos isso. Este é o motivo por que as Constituições não querem que durante o retiro a gente se confesse com um outro sacerdote. É muito delicado fazer isso até em qualquer outra oportunidade. Outros sacerdotes não têm o espírito do Diretório. Até quando melhores forem, tanto mais perigosos lhes serão, porque os atrairão mais e terão maior influência sobre os Senhores. A nossa grande maneira de dirigir as almas é, antes, praticar o Diretório; ele é que nos dará o verdadeiro senso da direção espiritual. Podemos estudar, claro, e ler conferências, livros sobre a direção espiritual, muito bem, mas para dispor do verdadeiro tino prático, é imprescindível praticar o Diretório. As almas sentem muito bem isso e distinguem bem o sacerdote que pratica o Diretório.

rio e quem não o compreende. Pode-se, sem dúvida, e deve-se ter meios para reunir as almas e conduzi-las ao bem e isso é necessário, pois o homem é corpo e alma: é necessário dar também atenção aos sentidos. Só então o Senhor compreenderá a São Francisco de Sales, de outra forma não será mais do que um bom sacerdote. Pensam compreender a doutrina de São Francisco de Sales e tiram conseqüências diametralmente opostas às verdadeiras opiniões do Santo. Eles não possuem a base e o sentido da doutrina lhes escapa. Esse espírito de São Francisco de Sales se encontra, portanto, somente na prática do Diretório. Isso não é motivo de não estimar e respeitar as outras Ordens. Somos todos filhos do mesmo Pai, todos nós, e é de desejar que todas as Ordens sejam tão florescentes que a França e o mundo inteiro sejam, sob a influência delas, abençoados, em vez de estarem sob a dos inimigos de Deus, nas garras dos Maçons. Não façamos, nem digamos nunca nada que possa ser interpretado contra Ordem qualquer: seria contra a caridade e a justiça. Mas nós devemos cultivar bem o que é nosso fundo. O pai de família divide sua terra entre os filhos; cultivemos bem a nossa parte, sem ocupar-nos dos outros, nem criticá-los, se não forem como nós. É importante compreender bem isso, pois é necessário unirmos as forças, num empenho de corpo e alma, para manter nosso espírito.

Lerão a Vida da Boa Madre; aí encontrarão o que é que deve ser o nosso espírito, a nossa maneira de ser, as virtudes que ela praticou e que nós devemos imitar; que tudo isso forme um conjunto, um fundo, assim como era o fundamento da Boa Madre, base essa que ela tirou do Diretório. Como afirma o nosso Santo Fundador, referente a Mitridate, que se tinha acostumado a tomar veneno, tendo-se assim tornado o corpo imune a todo atentado por envenenamento; igualmente nós, nutrindo-nos sempre das mesmas coisas, absorvendo todos a mesma formação, nada nos poderá jamais abater ou destruir.

Vamos pedir ao nosso Fundador, à nossa santa Madre, à Boa Madre Maria de Sales que compreendamos bem esse espírito e o tenhamos presente em todas as nossas ações através da prática fiel do Diretório. A Boa Madre afirmou muitas vezes que deixava aos Oblatos seu dom, isso é, o dom de compreender e praticar bem essas coisas. Disse que não o levava consigo, mas o deixava como herança. Os que quiserem o receberão, segundo a medida de sua boa vontade e de sua coragem. Levemos todos essa feição na alma. Será o feitio pelo qual Nosso Senhor e as almas nos reconhecerão.

Estamos no tempo do Advento. A Boa Madre tinha uma grande devoção por este tempo. Dizia que era o tempo dos desejos, o tempo para desejar o espírito do Salvador. Toda a nossa vida deve ser um advento durante o qual aguardamos ver a Deus, a visão beatífica. O bom Deus sabe em que momento o advento terminará para nós. Enquanto esperando, peça-mo-lhe com as palavras anelantes dos Patriarcas e Profetas, invoquemo-lo, com todas as nossas forças, que inicie sua vinda em nós.

Rezemos muito à Boa Madre durante este tempo de Advento, invoquemo-la mais vezes durante o dia, para obter dela o que dissemos hoje.

CAPÍTULO DO DIA 22 DE DEZEMBRO DE 1886

XVIII - A MANEIRA DE AGIR PARA CONSIGO MESMO

"O Oblato de São Francisco de Sales, assumindo como sua profissão a imitação de Nosso Senhor..." Como prescrito neste artigo das Constituições, evitaremos que nossos olhares vagueiem. Nossa modéstia será uma coisa muito simples, que não chama a atenção; não será nada de extraordinário, de estranho. As vezes, se vê homens de muito destaque, que não deixam de ser um tanto esquisitos: rolam os olhos e tomam atitudes extravagantes. Vamos pedir ao nosso Santo Fundador o seu olhar modesto, simples, que não manifeste um espírito perturbado. Andando pelas ruas, evitem olhares divagantes que escandalizam o próximo. Hoje em dia mormente que as vitrinas das livrarias desdobram tantas coisas inconvenientes, pratiquem a modéstia nos olhares ao passar. O Senhor Arcebispo de Paris contou-me a esse respeito uma coisa bem engraçada. Quando era Auxiliar e passava nas ruas de batina, acontecia-lhe algumas vezes que ele via algum eclesiástico parado em contemplação diante de vitrinas de vendedores de gravuras. O bom Arcebispo o tirava suavemente pelo braço. O primeiro movimento do delinqüente era pôr esse metido no lugar dele, mas ao reconhecer de quem se tratava ia embora pronta e humildemente.

Evitaremos a negligência, a falta de cuidado na postura e no modo de andar. Não caminharemos meneando-nos ou afetando o ar de gravi-

dade de um prelado, mas o nosso caminhar será digno e simples; manifestará o interior da nossa alma, simplicidade, modéstia. Cuidaremos de nossa figura, de não andar encurvados, ou de abanar muito os braços; iremos com naturalidade sem afetação, sem exagero de espécie alguma. Na igreja nos revestimos de dignidade. Estando de joelhos, não cruzaremos os pés. Não nos apoiaremos no encosto da cadeira, a menos que estejamos cansados. Não firmaremos os cotovelos no genuflexório, mas apoiaremos somente as mãos. Os fiéis notarão essa atitude simples e mortificada e ficarão bem edificadas.

Lembre-mos, na igreja, que estamos sob o olhar de Deus. É por essas práticas que o nosso Santo Fundador se santificou. Não tomemos atitudes muito mortificadas, que por isso não seriam naturais: que não haja nada de afetado. Permite-se aos padres Capuchinhos posições e gestos menos simples: é muito bom para eles, mas não para nós. Nada, portanto, de rebuscado, nada de exagerado, mas que tudo seja moderado e conveniente. Evitemos despertar a atenção sobre nós e chocar quem for que seja por alguma maneira estranha.

Caminhando, não batam os calcanhares como militares; caminhem simplesmente, normalmente, sem liberdade excessiva, como de um destemido sem modos.

Sejamos simples em nossas palavras, mas com propriedade. Nossa roupa seja sempre asseada. Evitemos o descuido e, sobretudo, o que manifestaria falta de limpeza. Isso chocaria. Santo Agostinho afirma que o asseio e a ordem são as duas virtudes exteriores do sacerdote, conseqüentemente as são também do religioso.

Não tenho nada que dizer sobre a modalidade do vestuário, pois esta está determinada e bastará aceitar o que se nos der.

Tenhamos muito cuidado com a roupa e com a mobília. Evitemos estragar, danificar o que temos em uso. Conservemo-lo quanto mais tempo possível, em espírito de pobreza. Isso nos causará incômodo, sem dúvida, mas será em harmonia com a pobreza.

Quanto à comida, evitemos entregar-nos às preferências. Não esqueçamos de mortificar-nos em cada refeição. Sejamos fiéis a este pequeno sacrifício, seja negativo, não comendo tudo o que nos satisfaz, seja positivo, aceitando algo que não é de nosso gosto.

Antigamente ensinava-se às crianças, nas famílias, a praticar essas pequenas mortificações. Fazia-se o mesmo nos seminários. Da mesma

forma, à mesa do Cardeal Gousset. Sempre havia alguma coisa desagradável; algumas vezes, no entanto, havia também champanha. O Cardeal fazia isso por razões de espiritualidade. Acrescentemos sempre água em nosso vinho. As vezes poderão estar jantando com um pároco amigo ou com alguém que ficaria desgostoso de ver colocar água num vinho bom; então não ponham. Mas, em outras circunstâncias, sempre misturem. Não se dispensem disso senão por caridade ou por conveniência: nesse caso mortifiquem-se tomando um pouco menos. Esses pequenos recursos nos unem a Deus, tornam-nos humildes e fazem Nosso Senhor Jesus Cristo viver em nós.

Sejam modestos em seus pensamentos e não os deixem devanearem em assuntos mundanos e levianos. Naturalmente, após ter estudado um dia todo, estamos cansados e não podemos estar sempre sérios. Claro que é permitido distrair-se, descansando um pouco, durante alguns minutos, mas também aí a reta intenção não pode faltar; não saiamos fora do Diretório. Descansando, façamo-lo com a licença de Nosso Senhor e na presença dele.

Não deixemos a nossa mente dirigir-se a todo tipo de imaginação, de projetos, de coisas inúteis e vãs, de conversas fúteis. Mesmo e sobretudo nesses momentos de distensão, conversemos com o bom Deus. Esse costume de conversar com o bom Deus é muito gratificante; temos o exemplo da Boa Madre Maria de Sales. Sobretudo nós, sacerdotes religiosos, ocupados constantemente no ministério das almas, onde encontraremos o que temos que dar? Nas nossas reservas? Não são tão ricas. Encontra-lo-emos em Deus. Lembremo-nos de que a mortificação imposta por essas práticas faz parte das nossas Regras, das nossas Constituições. Esse incômodo substitui os jejuns e as mortificações das outras Ordens mais austeras. O bom Deus nos fragmenta a nossa parte da cruz; santifiquemo-nos acolhendo cada lasquinha.

Não serviremos para nada, se relaxarmos a esse respeito; se valermos alguma coisa, será por isso. Fora disso somos inferiores a tudo e a todos, pois todos os outros têm alguma coisa particular, e nós não teríamos nada. Necessita-se dominar e praticar essa doutrina, não somente um dia, uma semana, mas durante toda a nossa vida.

Peçamos isso a Nosso Senhor Jesus Cristo, à Boa Madre. Peçamos ao Menino Jesus que nos dê os frutos de sua vinda sobre a terra. Celebremos esta bela festa do Natal, praticando bem este capítulo das Constituições.

Que nos traga a paz, a alegria e os benefícios de seu nascimento. As grandes festas da Igreja não são só lembranças históricas, recordações, mas graças renovadas; são a aplicação dos méritos do mistério. Natal, o Salvador que virá a nós, em nossos corações. Junto a ele encontraremos a luz, a vida, a força para ir adiante.

Recomendo muito que rezemos uns pelos outros.

CAPÍTULO DO DIA 29 DE DEZEMBRO DE 1886

XIX - AS RELAÇÕES MÚTUAS ENTRE OS OBLATOS DE SÃO FRANCISCO DE SALES

"Para conservar a caridade e a união fraterna, todos os Oblatos devem relacionar-se entre si com muito respeito e manifestá-lo de forma simples, cordial e sincera." Devemos acostumar-nos a nos tratar mutuamente de maneira apropriada, respeitosa, sem haver nada de afetado nisso. Tenhamos essa condescendência respeitosa que manifesta não só boa educação, mas mesmo caridade e verdadeiro bem-querer. É fácil encontrar motivos para nos tratar assim uns para com os outros. O religioso é amado por Nosso Senhor. É provável que ele ame este irmão mais do que a nós. Não lhe conhecemos a personalidade íntima e o que nele parece defeituoso é compensado por muitas outras virtudes que a nós mesmos nos fazem falta. Essa caridade é o cunho especial do cristianismo: "Amai-vos uns aos outros" (cf. Jo 3,23; 4,7.12). A religião toda é fundamentada sobre o respeito. A Boa Madre se distinguia muito pelo respeito que ela tinha para com as Irmãs. Sempre as tratava com muito acatamento, mas de uma maneira simples que não as incomodava, nem ofendia de forma alguma. Importa que façamos o mesmo e devemos fazê-lo de coração, com nossa inteligência e delicadeza; o respeito sob comando, formal, aborrece.

"Evitarão completamente qualquer tipo de amizades particulares, como também toda a aversão..." Não devemos entregar-nos a nenhum desses sentimentos, porque isso seria a ruína da comunidade e geraria

todo tipo de abusos e de faltas. A situação em que dois religiosos se tornam demasiadamente amigos fere, primeiramente, a caridade geral; além disso, indica certamente alguma coisa má e acarreta desgraças. Com o mesmo cuidado deve-se evitar aversões; mais uma vez, consideremos nossos próprios defeitos, e o amor que Deus tem para as pessoas em relação com as quais nós sentimos a tentação de repulsão; talvez ele as cumulasse de graças divinas.

"Todos manifestarão respeito e estima referente aos Superiores, não passarão diante deles sem saudá-los..." Se se tem que passar continuamente frente a alguém, é evidente que não é preciso comprimentar a toda hora; tenhamos, no entanto, em nossa atitude alguma coisa que faz sentir que se quer cumprir com a Regra. No caso de um ter ofendido a outro, deve-se ter o cuidado de fazer o que manda o Diretório; deve-se reparar isso através de um ato contrário, através de uma palavra atenciosa. O inferior precisa fazer isso em relação com o Superior e o Superior responda com uma palavrinha cordial: e o que aconteceu, esteja remediado.

"Observe-se o silêncio permanentemente, exceto durante o recreio. Quando for necessário dizer uma palavra por motivo de algum serviço, fale-se breve e baixinho." Devemos evitar falar no refeitório. Se tivermos algo para comunicar, não se o faça no refeitório, para observar bem as Constituições e dar um bom exemplo aos alunos.

Evitemos também perder tempo com conversações demoradas e fúteis, tanto nos quartos, como em outros lugares; fora do recreio, não falemos a não ser por causa dos ofícios a nosso cargo e cuidando de sermos breves.

"Evitar-se-á fazer barulho ao caminhar pela casa..." Isso não quer dizer que se deve andar vagarosamente; procedamos de modo natural e não sejamos ridículos. Devemos caminhar de maneira tal que não nos notem nem num sentido, nem noutro.

"Estando juntos, normalmente não seremos menos do que três..." Se a gente quer dizer uma palavrinha espiritual, aprazível, que não fira aquele a quem é dirigida, está muito bem. Mas isso tem que se ver de antemão. Precisa-se muita discricção de juízo e conhecimento do ambiente. Os Senhores mesmos evitem cuidadosamente mostrar-se ofendidos, independente do que lhes possam dizer.

Não mostrem nunca aversão à prática da Regra; não confiem jamais aos outros suas dificuldades: é ao Superior que convém confiá-las ou ao Mestre dos Noviços. Esse é um ponto muito importante.

"Todos observarão o máximo sigilo sobre tudo o que foi dito ou feito no Capítulo..." Os que faltam a esse segredo, são excluídos do direito ao Capítulo durante um ano. O silêncio devido às ordens do Superior e aos assuntos da direção deve ser igualmente rigoroso.

"Abster-se-ão de toda murmuração contra os coirmãos e sobretudo contra os Superiores..." Nada mais melindroso do que ver religiosos queixar-se de seu Superior. Isso é extremamente escandaloso e também perigoso, porque toda a casa dividida contra si mesma perecerá (cf. Mt 12,25). Uma ocasião certa de faltar a este artigo das Constituições é quando se encontrarem com mulheres, com religiosas. É o defeito delas: são bastante insinuantas. Menos no caso que sejam muito santas, não escapam dessa esquisitice. Fora da Boa Madre, quase não encontrei outras alheias a essa fraqueza... Para captar habilmente a benevolência do Senhor, tentarão encontrar nos Padres que o precederam alguma singularidade, algum defeito que o Senhor não tem. Para lisonjear o Padre fulano que vem pregar, elogiam o Padre beltrano que o precedeu: "Era muito bom, mas o Senhor é muito melhor". Quando necessário, se enfia uma historietta, que não deixa dúvida sobre a preeminência do último chegado. Não foi o Amor que fez Tróia perder-se, mas o Amor-próprio. Todas são iguais: não conheço uma só que não me tenha feito isso... Querem conquistar a estima e o bem-querer do Senhor. Essa boa Irmã, ao ver que eu estimo muito o Padre sicrano, procurará sempre tomar artificialmente o lugar dele e conseguir que eu a prefira a ele. Mulher alguma deste mundo é isenta dessa fraqueza. Tenho observado isso durante muito tempo. É uma experiência que fiz às minhas custas. No caso delas é um assunto de interesse, de cozinha, de índole; não põem má intenção nisso, mas o fazem. Não quero falar mal das mulheres, mas quero que, em seus contatos com elas, observem a caridade em relação com seus coirmãos. Nunca se dirá a verdade, se falarem dos outros e sobre os Senhores mesmos. A única resolução a tomar é a de nunca acreditar nada de tudo isso. É impossível que uma mulher, a menos que seja uma grande santa como era a Boa Madre, não procure ocupar um lugar no espírito do Senhor, tomar o es-

paço dos melhores amigos dos Senhores, provar-lhes, quando necessário, para melhor alcançar o fim delas, que os amigos os traíram um pouco numa ou noutra circunstância. Não acontecerá de outra forma. Se os Senhores estimam um Padre, elas lhes falarão bem sobre ele, mas, no meio dos elogios, procurarão insinuar discretamente seu pouco de veneno.

Essa observação é muito importante, acreditem-me, para conservar a caridade mútua em nossos bons relacionamentos uns para com os outros. Que o nosso modelo seja a Boa madre. Considerem como ela era respeitosa com todas as Irmãs, como ela sabia amar nelas o que de bom havia em cada uma.

"Ninguém, curiosamente, se informará da administração da casa". Se a gente tem observações a fazer a respeito, devem ser feitas a quem compete.

"Evitar-se-ão os assuntos irritantes sobre política..." Que todas essas diferenças se apaguem frente à caridade. Não leiamos jornais, nem façamos política. Temos tantas coisas para fazer fora disso: salvar nossa alma e a dos outros. O Padre Chevalier me contou de um Bispo morto, lendo o jornal: "Se fosse um pároco, dizia, é uma coisa, mas um Bispo! Um Bispo não deveria ler o jornal, mas encarregar seu secretário". Façamos o papel de bispos, nesse sentido. Os religiosos estão no mesmo plano que os bispos, segundo São Tomás e a Santa Igreja.

CAPÍTULO DO DIA 5 DE JANEIRO DE 1887

XX - O MODO DE AGIR PERANTE ESTRANHOS

"Visto que nossas obras nos obrigam a comunicar-nos com as pessoas de fora, acompanhe-nos habitualmente a consciência de sermos chamados a levar conosco a luz e o bom odor de Cristo." Em nossos contatos com os leigos, precisamos ter a idéia de que levamos a luz e o perfume de Jesus Cristo, de que o representamos e de que atendemos sua obra. É necessário que o mundo enxergue Nosso Senhor Jesus Cristo e é através de nós que o verá.

Quando São Felipe dizia: "Domine, ostende nobis Patrem..." (Jo 14,8)(Senhor, mostra-nos o Pai), Nosso Senhor respondeu: "Não sabem que, vendo a mim, enxergam meu Pai?" (cf. Jo 14,10.11). Quando o mundo nos diz: Mostre-nos Jesus Cristo, seria preciso que nós fôssemos perfeitamente um com Nosso Senhor. Não é uma maneira de falar, deve ser uma realidade. Evidentemente, sozinhos não somos capazes disso, somos indignos de um tal favor: humilhando-nos, precisamos pedir essa graça, pois é assim que conseguiremos patentear Jesus Cristo.

É a história de São Francisco de Assis e do Frei Leão. "Vamos pregar", diz São Francisco de Assis e vão percorrendo as ruas da cidade. Na volta: "Mas não pregamos nada," diz Frei Leão. "Nós pregamos com o exemplo e de uma maneira bem mais eficaz do que abrindo a boca". Também nós pregaremos através do nosso modo de andar, por nossa maneira de ser simples e sem pretensões, procedendo como Nosso Senhor procedia. Ele se tornou totalmente semelhante a nós, diz o Apóstolo, exceto o pecado (cf. Hb 4,15; 2,17). Com os doentes, no confessionário, durante o Sacrifício da Missa, necessitamos compenetrar-nos bem dessa obrigação, precisamos pedir à Boa Madre que o compreendamos e o executemos.

Essa intenção, se a compreendemos bem, não nos dará um ar ridículo, uma aparência forçada. Vivamos a vida de Nosso Senhor; que seja ele que nos anime, que nos sustente e que nós o representemos. Isso se aplica a todos os sacerdotes e religiosos, mas é de aplicação particularmente para nós. Muitas vezes, lembro-me das palavras do Santo Padre. Depois de ouvir tudo o que lhe disse sobre a Boa Madre Maria de Sales:

"Como se explica que esperastes tanto tempo até fazer o que ela vos dizia?" - "Santo Padre, era uma mulher." O Santo Padre levantando-se com majestade: "Tudo o que fizestes em vossas obras, Deus o quis; todos os que trabalham convosco, operam pessoalmente na obra de Deus. O que ainda vos está faltando? A aprovação da Santa Igreja? Eu, o Papa, vo-la dou. Ide dizer aos Bispos que eu vos envio... Dizei aos vossos religiosos que sejam devotados "usque ad effusionem sanguinis" (cf. Hb 9,22)(até o derramamento do sangue).

Observem as palavras do Santo Padre. É ele que nos envia. Ele nos envia para praticar a Regra, para pregar conforme São Francisco de Assis e Frei Leão, para ter boa influência no meio onde nos encontrarmos e levar aí o bom perfume de Jesus Cristo.

Com cuidado, pois, mantenhamo-nos afastados de tudo o que possa causar escândalo, do que possa se tornar motivo de culpa e de tudo que, possivelmente, contradiga a Vontade de Deus. Palavras são só palavras e voam. Atos são muito mais importantes.

Ontem, ministrei os Últimos Sacramentos à Irmã Ana Teresa, que os pedia e os recebeu com fervor. No que ela dizia havia alguma coisa da Boa Madre; fiquei impressionado. Deus estava com ela e ela levava o bom odor de Jesus Cristo. Compenetrem-se bem do espírito da Boa Madre, leiam e releiam a sua Vida e ponham-na em prática.

Que os nossos Padres idosos se examinem bem para ver se têm sido fiéis em levar Jesus Cristo por toda a parte; que os jovens também se examinem "cum timore et tremore" (cf. Tb 13,6; 1 Cor 2,3)(com temor e tremor). Se esquecemos um pouco essas recomendações, se fomos negligentes, temos que voltar e, com um firme e bom propósito, dedicar-nos de novo a essa tarefa. Não devemos ser gente de meio-termo, nem ser um caniço agitado por todos os ventos (cf. Mt 11,7). Prestem muita atenção a isto: os Senhores devem levar Jesus Cristo e levá-lo por toda a parte. Estou avisando sobretudo os Padres jovens; que se compenetrem bem do que estou dizendo aqui e que escutem atentamente o Mestre dos Noviços; que estudem os escritos de São Francisco de Sales, a Vida da Boa Madre. Cada dia essa Vida está recebendo a aprovação de Bispos: é como um grande acontecimento na Igreja.

Essas não são coisas sem importância. Nós somos convidados à mesa do Pai de família (cf. Mt 22,1-14): não deixemos outros tomar o nosso lugar.

Padre Rollin, o Senhor é severo; seja-o mais ainda. Que cada um se examine, repito, "cum timore et tremore", não com receio de se enganar, mas com este medo positivo, respeitoso, que é a complementação da sabedoria, da virtude, como diz o nosso Santo Fundador. É um dom de Deus esse santo medo, esse receio filial de perder Deus. A Boa Madre temia de ofender a Deus, de afastar-se dele, de faltar em alguma coisa qualquer que ela lhe devia.

Os alunos vão voltar: que cada um reassuma de cheio suas obrigações e se prepare para levar o bom odor e a luz de Cristo. Não sejamos velas apagadas (cf. Mt 5,15) em nossas obras, em nossos colégios, em toda a nossa maneira de ser. Não façamos dos nossos alunos pessoas sem expressão, gente sem coração, nem vontade, pessoas sem firmeza alguma na sua formação. Qual é a diferença entre um espírito sem princípios e um espírito completamente ignorante? Mas o espírito bem dotado de dons da natureza, que por uma boa educação aprendeu a organizar e a ordenar suas idéias, esse tem opiniões formadas e defende suas convicções, porque sabe que são verdadeiras e boas: há nele estabilidade.

Peçam isto ao bom Deus: que estejam bem arraigados na obediência, para que façam algo de positivo. Eu gostaria muito de fazer com que nossos Padres jovens me compreendessem; ainda que não sejam sacerdotes, já têm um ministério a exercer junto dos alunos. Que os suscitem à piedade, que os atraiam e conquistem para Deus. Com referência aos Oblatos, a Boa Madre dizia que se veria o Salvador caminhar sobre a terra. Essa é uma expressão muito interessante. Ela não disse que se veria o Salvador falar, agir, mas que se veria o Salvador caminhar: é o que há de mais comum na vida. Importa que reproduzamos o Salvador até esse ponto.

Repito mais uma vez: levem as coisas a sério. Considerem sua vocação como uma coisa muito importante.

É uma constatação que eu fazia no seminário maior e sempre deu certo. Entre os seminaristas, os que não pareciam ter o senso do sagrado, da ordenação, os que avançavam irrefletidamente, não se tornaram bons sacerdotes, mas sacerdotes medíocres, dados ao jogo, à bebida, à desonestidade. Aqueles que, pelo contrário, tinham uma consciência viva da ordenação, os que a ela se preparavam e a receberam impressionados, têm ficado muito bons. Estes que receberam as Sagradas Ordens com respeito, reverência, temor, atribuindo a elas um grande valor, uma importância má-

xima, têm feito muito bem durante sua vida. Rezem para que sejam bem fiéis à sua vocação; estimem-lhe a grandeza. Sejam alguém, erguendo-se do meio que os circunda; emergjam à tona e não se confundam com tudo o que acontece, com tudo o que gira em seu redor, senão a onda os levará junto. Precisam muito agradecer ao bom Deus a vocação e testemunhar-lhe gratidão através de seus atos de fidelidade; que esse fundo de reconhecimento esteja presente em todos os seus trabalhos, em suas palavras, em toda a sua maneira de ser. O nosso Santo Fundador lançava desafios... pois bem, eu os declaro incapazes de encontrar em qualquer lugar uma vocação que se una tanto ao bom Deus, a Nosso Senhor, como a nossa; não menosprezo Ordem religiosa alguma. Todas as outras Ordens são maiores do que a nossa, prestam mais serviços à Igreja; mas nenhuma oferece um meio mais seguro de ir a Deus e unir-se a Nosso Senhor.

O Padre Mestre de Notre Dame des Ermites dizia-me, falando sobre São Francisco de Sales: Ninguém lhe chegaaos calcanhares... É verdade. Essa doutrina, posta em prática, nos proporciona a Nosso Senhor Jesus Cristo, põe-nos em contato com ele com grande intimidade; possuimo-lo inteira e absolutamente e as graças concedidas a essa vocação superam toda a compreensão. Sejamos, portanto, muito agradecidos e fiéis e peçamos que o Menino Jesus no presépio nos abençoe os propósitos.

-0-0-0-0-0-0-0-0-0-0-

CAPÍTULO DO DIA 19 DE JANEIRO DE 1887

RELACIONAMENTO MÚTUO DOS O.S.F.S.

"Todos os Oblatos terão um grande respeito uns para com os outros." A primeira condição para o respeito para com o próximo é um grande respeito por si mesmo e pela própria vocação. O Oblato é uma pessoa consagrada a Deus; é alvo de graças de escol e favores todos especiais, por parte de Deus. Se se honra uma pessoa de destaque porque goza da confiança e do afeto de um príncipe, porque participa do poder deste, deve-se ter muito respeito para com os Oblatos, porque são honrados com o respeito e a amizade de Nosso Senhor. Isso deve ser o ponto de partida da nossa apreciação. Não se deve julgar de homem para homem; a maneira de encarar, então, seria errada. Se julgarmos do ponto de vista próprio, segundo a nossa maneira de ver, o nosso temperamento, o nosso caráter, aí não se podem estabelecer entre nós as relações de amizade verdadeira, boa e completa que a Regra de nós requer.

Devemos falar aos nossos irmãos com respeito e acatamento, mas de uma maneira simples, cordial e afetuosa; com mais razão ainda o faremos com os Superiores. "Nunca passarão na frente deles sem saudá-los." Essas saudações não devem ter nada de afetado ou ridículo; poderiam ser interpretadas como extravagantes. Deve ser algo que brote do coração e que seja inspirado pela fé. Importa ser simples e cordial, afetuoso, mas com simplicidade: a cordialidade por fora, o afeto por dentro. É uma graça especial que necessitamos conseguir. Isso deve ser a marca distintiva, o cunho próprio dos membros da Congregação.

"Ao mesmo tempo evitarão todo o tipo de amizade particular..." As amizades particulares são a ruína da comunidade, e as aversões são a ruína da caridade.

"Todos respeitarão e honrarão aos Superiores..." Se a gente tiver motivo de fazer alguma observação ao Superior, poder-se-ia fazê-la humilde e convenientemente e com toda a condescendência respeitosa. Os relacionamentos entre os Oblatos devem ser tão cheios de acatamento e cordialidade que em nada se pareçam aos que se encontram no mundo.

Nunca devem dirigir-se uns aos outros sem dizer alguma coisa boa, uma palavrinha de santa cordialidade.

"Cuidar-se-á de guardar continuamente o silêncio, menos durante o tempo do recreio." Pode a gente ver-se obrigado a quebrar o silêncio, quando se encontra com pessoas de fora; a caridade ou a obediência também podem obrigar-nos a falar com algum Padre ou Irmão, mas nunca se deve quebrar o silêncio simplesmente para satisfazer o desejo de falar. O silêncio é muito meritório, atrai as graças de Deus, associa-nos aos Anjos e faz imitarmos os Santos. Importa, portanto, aplicar-nos a observá-lo bem, sobretudo nos lugares submetidos à Regra.

"Quando for necessário dizer algo devido a algum serviço, falar-se-á poucas palavras e baixinho, especialmente na igreja, na sacristia, no dormitório e no refeitório." Quanto ao refeitório, como não temos casas de comunidade propriamente ditas, é um pouco difícil observar exatamente a Regra. Mas devemos observá-la tanto quanto possível, no recinto do trabalho, no dormitório e no refeitório dos Noviços, na sacristia e na igreja.

"Em qualquer lugar onde a gente fala, até mesmo durante o recreio, evitar-se-á gritarias e o tom de disputa que seriam pouco edificantes para os irmãos e os estranhos." Não estando de acordo, deixem a discussão. Os Senhores não têm a missão de defender sua opinião; tenham muito cuidado para que a contestação não se torne mais viva e provoque alguma falta contra a caridade.

"Evitar-se-á de fazer barulho caminhando pela casa, no seu quarto, ao abrir e fechar as portas e se observará nos movimentos a seriedade e tranqüilidade convenientes." O nosso Santo Fundador deu o exemplo desse silêncio e desse recolhimento nos movimentos. É necessário observar essa recomendação, não de modo raro, afetado, singular, com uma gravidade de senador - dos senadores de então - mas evitando, com cuidado, aqueles ares levianos, gestos violentos, conservando nos movimentos a compostura e a tranqüilidade convenientes. Que em nossa conduta não haja nada que chame a atenção; que nossas maneiras sejam simples "tamquam Filius Hominis" (como do Filho do Homem), como diz São Bernardo. Convém tirar a lição de quem fez o melhor, do jeito que

fez um Deus.

"Dever-se-á evitar os gracejos e os jogos de palavras ofensivos..." O recreio é um dos Artigos mais importantes da observância. Importa muito contribuir com o necessário. Não convém vir ao recreio com as atitudes como se vai à meditação na capela. Quanto melhor se faz o recreio, tanto mais se está dentro da observância.

Se a gente se permite alguma brincadeira com um irmão e constata que não é bem aceita, que se foi longe demais, pare. Saibamos medir bem o que dizemos de acordo com o caráter daquele a quem nos dirigimos. Se fizermos algum gracejo que não fira, que seja agradável a todos, está bem, mas nunca façamos outros. Se, do outro lado, nós mesmos nos sentimos incomodados, magoados por alguma brincadeira, devemos oferecer isso ao bom Deus e não mostrar nada.

"Na conversação não se manifestará nunca as dificuldades na prática da Regra ou com a direção." Essa é uma coisa severamente proibida por todas as Regras religiosas. Nunca devem falar sobre esses assuntos entre si, mas com o Superior.

"Ninguém prejudicará, no mínimo, a boa fama dos Oblatos e, especialmente, dos Superiores." Todo o reino dividido contra si perecerá. Isso é uma falta grave contra a caridade e, muitas vezes, contra a justiça.

"Evitar-se-á toda a censura e todo o descrédito referente ao que se faz na Congregação." O que pertence aos costumes dela, o que é terreno da Regra deve estar isento de qualquer reparos, sobretudo desfavoráveis. Observemos a mesma coisa em relação com outras Congregações. É uma tentação na qual é fácil cair, isso é a de criticar os outros. Pensa-se sempre ter boas razões.

"Não se falará nem sobre a alimentação, nem sobre a roupa, nem do cômodo da cama." Seria uma falta contra a pobreza; um pobre suporta e não escolhe.

"Evitar-se-ão as questões irritantes sobre a política, sobre

as diversas nações ou províncias." Até agora não temos o costume de ler jornais; é aconselhável continuar assim. Isso rouba tempo, primeiro para ler, depois se conversa: outra vez tempo perdido. E o tempo é tão precioso! Quando Deus nos criou, contou-nos as horas, prevendo cada uma delas. Cada hora que passou é uma a menos da vida, uma a menos que nos resta. O tempo é tremendamente precioso. Se estivermos cansados, descansemos o espírito na oração, mas nunca por discussões ou por meio de preocupações políticas, sempre inúteis, muitas vezes más. As pessoas sobre as quais se discute, muitas vezes, são perversas; faltariam à caridade, tratando-as como merecem. Como dizia a Boa Madre, nunca se deve ocupar-se do diabo, nem tratar com ele.

"... questões irritantes sobre a política, sobre as diversas nações ou províncias." Outrora, especialmente, as disputas entre províncias eram muito quentes: os de Champanha eram tratados de bobos, os outros de ladrões. Começava-se com gracejos e se terminava por zangar-se. Era mais freqüente antigamente do que agora. Evitaremos esse deslize cuidadosamente.

"A gente acostumar-se-á a confiar unicamente na sabedoria e na onipotência de Deus nas coisas deste mundo." Se nos confiarmos a Deus e à sua Providência que tudo governa, esperaremos sem medo, com toda a segurança, que manifeste a sua Vontade, deixando-lhe os cuidados da direção nos assuntos deste mundo.

Peçamos ardorosamente à Boa Madre que nos ajude a preparar-nos à festa do nosso Santo Fundador. Façamos bem nossa meditação. Rezem em família, uns pelos outros. Nos dias das grandes festas, mormente, todos os membros da família se juntam. Reunamo-nos juntos à Boa Madre e unidos ao Salvador.

-0-0-0-0-0-0-0-0-0-0-

CAPÍTULO DO DIA 26 DE JANEIRO DE 1887

PREPARAÇÃO À FESTA DE SÃO FRANCISCO DE SALES

Não explicarei nada sobre as Constituições hoje. Preparemo-nos para a festa de São Francisco de Sales. Peçamos-lhe seu espírito: assim como no-lo indica, como o mostra concretamente a Boa Madre para nós. Segundo esse exemplo formemo-nos os pensamentos, as idéias, a vida, a maneira espiritual que a nossa alma assumirá para a atuação. Aproveitemos a mesma motivação como a da Boa Madre. O grande, o supremo meio de imitar São Francisco de Sales será o de absorver o espírito da Boa Madre, escutando suas palavras e de imitá-la. Inevitavelmente se embebe o espírito de alguém quando se convive com ele e a gente se penetra dele. Amemos a nosso Santo Fundador; tenhamos um grande respeito por tudo o que diz, por tudo o que ordena e aconselha. Temos que ocupar o seu lugar, sucedê-lo e, por isso, ser-lhe parecidos quanto mais possível. Sem comparar-nos com outras instituições ou Congregações numerosas, fundadas sob o título de São Francisco de Sales, nós devemos pôr em prática, mais especialmente, os seus ensinamentos e compenetrar-nos mais profundamente do seu espírito. Para os outros, ele é um modelo em diversos aspectos, um padroeiro: ninguém, que eu saiba, tentou assimilar seu espírito interior e reproduzi-lo em tudo. Trabalhemos nesse sentido durante esta semana: é a maneira melhor de honrar São Francisco de Sales, agir como ele atuava. O Diretório constitua o fundo da vida interior dele: todos nos dediquemos decididamente ao Diretório, para que ele nos receba, nos acolha e nos abençoe no dia de sua festa.

Adentrem-se bem no espírito da Igreja que nos faz reconhecer em cada festa uma festa particular, que nos é reservada; não é só um dia de festejo e de descanso. A festa é instituída para proporcionar-nos um efeito especial, uma graça particular que a alma obtém só naquele dia. São frutos do Espírito Santo, auxílios particulares para ajudar-nos na luta contra nós mesmos, para sustentar-nos nas dificuldades presentes e estimular-nos ao bem. Preparemo-nos, portanto, do modo melhor possível. Mantenhamos a alma bem recolhida, não a larguemos a esmo, entregue a seu capricho.

CAPÍTULO DO DIA 16 DE FEVEREIRO DE 1887

XX - A MANEIRA DE AGIR PERANTE PESSOAS ESTRANHAS

"Nossas obras obrigam-nos à comunicação com pessoas de fora..." Devemos penetrar-nos bem desta idéia, sobretudo se temos alguma missão a atender, que, por toda a parte devemos levar conosco o espírito de Nosso Senhor, que devemos falar e agir como ele teria feito. Quando essa missão é uma *missão* que se dirige às almas, as quais devemos confessar ou às quais destinamos nossas pregações, devemos ter presente essa base. É em que consiste o religioso, é em que se resume sua força, é o que dá graça às suas palavras, à sua presença. Não duvidemos da influência de um santo religioso sobre as almas fiéis. Toda a nossa força vem das nossas disposições interiores, da nossa comunhão com Deus.

"Evitaremos ocupar-nos das coisas do mundo, especialmente implicar-nos com questões de casamentos, de testamentos etc." É preciso evitar envolver-se nas coisas do mundo. Isso não quer dizer que a gente não possa dar a seus penitentes algumas indicações, alguma instrução; pode-se fazer isso. Mas não se deve penetrar e intrometer-se nas questões de casamento, de testamento, tomando cuidado particular com cartas que se poderia escrever a esse respeito. Quando nosso ministério nos chamar a isso, procedamos com a máxima prudência. É muito raro, que aqueles que a gente uniu por casamento guardem uma lembrança perfeitamente boa de nós. No caso da mínima dificuldade ou da menor discórdia, o Padre fulano é feito responsável; isso acontece nove vezes entre dez. Testamentos são um assunto ainda mais grave do que casamentos. Se o Senhor for chamado para esse fim, não faça a coisa sozinho; consulte algum Padre ponderado e sério, a par desse tipo de questões. Consultem, sobretudo, o Superior da casa, até mesmo o Superior Geral. Importa tomar as maiores precauções em todos esse problemas. Deve-se cuidar muito para não provocar ou alimentar brigas, divisões nas famílias; não se pode separar o marido da esposa, ou afastar a esposa do seu marido, nem os filhos dos seus pais, com o fim de aumentar a nossa influência pessoal ou ingerir-se nas famílias. Ajamos sempre sob o olhar de Deus que nos re-

comenda a caridade. O ministério do sacerdote é um serviço de paz e de conciliação. Que seja sempre esse o do Oblato de São Francisco de Sales. Unamos sempre, em vez de dividir. Se reparamos, às vezes, algum exemplo contrário, que esse caso deplorável nos sirva de instrução e nos lembre a obrigação de fazer o contrário, onde nos encontramos.

"Ninguém poderá empreender obras importantes, nem se comprometer a sustentá-las sem antes obter a licença do Superior." Por obra importante se entende a fundação de uma casa, a aceitação de um fundo para construir um orfanato, uma outra obra qualquer ou algo desse tipo. Não se deve agir a não ser de acordo com o parecer do Superior e, segundo o caso, precisa-se recorrer ao Superior Geral. "...comprometer-se a sustentar uma obra existente". Não se pode comprometer nem a própria pessoa, nem recursos, nem a comunidade. Precisamos ser sumamente prudentes e não fazer nada sem a licença do Superior, porque cada um está sujeito a ser transferido, receber outras atribuições e cargo diverso.

"Ninguém aceitará um convite para uma refeição, ou para uma festa, ou diversão, sem permissão expressa, que não poderá ser dada a não ser por motivos consideráveis." A prática a esse respeito está bem estabelecida; que se continue sendo fiel. Quando se deve sair da comunidade para rezar a Missa em outra parte, é preciso evitar tomar uma refeição e aceitar o que se oferece. Há nisso um perigo muito grande. Dez vezes entre onze, as dificuldades entre as comunidades e os sacerdotes surgiram em consequência do café da manhã que era servido depois da Missa,

"Não se manterá nenhuma troca de cartas com estranhos sem permissão explícita e sem antes pôr o Superior a par dessa correspondência." Se se trata de assuntos temporais, isso é evidente; se a questão é sobre assuntos espirituais, também se deve avisar o Superior; a Regra não faz distinção. Isso não significa que o Superior deverá sempre ler o que está nas cartas; mas nunca se pode mandar correspondência sem permissão. Contudo, não é mal que o Superior exerça um pouco de controle. Às vezes, há muito perigo nesse tipo de correspondências, realizadas sem controle. Tenho um exemplo muito triste e muito doloroso, atualmente. Não vou dizer nada hoje, falarei, talvez, sobre isso na próxima vez. Observando bem este Artigo da Regra, evitar-se-ão mui-

tas coisas extremamente lamentáveis.

"Evitar-se-á, com todo o cuidado, manter os estranhos a par do que acontece em casa, tanto quanto à administração, quanto com respeito aos detalhes da direção." Não façamos confidências aos estranhos sobre assuntos internos da casa, da administração material. Mesmo com os vizinhos, quando se entra nesses pormenores íntimos, a boa harmonia logo fica perturbada. O que serve para edificar, o que leva a amar a Deus, pode-se comunicar, sem dúvida, mas com prudência e discrição.

"A gente esforçar-se-á por seguir as regras traçadas por nosso Bem-aventurado Padre, São Francisco de Sales, com relação à conversação com estranhos." Essas regras encontram-se no Regulamento de Pádua e foram escritas pelo nosso Santo Fundador, quando era bem jovem; o que escrevia, já naquele tempo, não são só idéias originárias do cérebro próprio, mas certamente era o Espírito Santo que lho inspirava.

"Quando o Superior der um Oblato a um outro para acompanhá-lo, esse acompanhante deixa sempre ao primeiro a precedência e lhe deixará a palavra." Isso se deve fazer, mesmo quando o socius (companheiro) seja superior ao colega, ou pela sua posição, ou pela idade. As pessoas que testemunharem essa circunspeção ficarão edificadas e poderão ver que estão tratando com religiosos.

"Ninguém pedirá para comunicar-se com estranhos, nem sair sem dizer ao Superior com quais pessoas e por que motivo deseja fazê-lo." Se agissem diferentemente, não haveria mais submissão e, logo, abusos funestos introduzir-se-iam e acarretariam quase infalivelmente a ruína da vocação. Com toda a minha experiência de longos anos, ainda não vi um só caso de perda de vocação que não surgisse assim; dessas relações resulta, necessariamente, uma vocação totalmente perdida ou tão diminuída que se torna para o próximo uma ocasião de escândalo.

-0-0-0-0-0-0-0-0-0-0-

CAPÍTULO DO DIA 23 DE FEVEREIRO DE 1887

A QUARESMA - OS DOENTES

Começamos a Quaresma. Não podemos jejuar por causa das nossas aulas e dos nossos trabalhos. Que aqueles que não jejuam façam sete ou oito práticas de observância fiel, por dia. Durante a Quaresma, mantenhamo-nos mais unidos ainda a Deus e, para tanto, não façamos nada fora do Diretório. Sete ou oito vezes por dia pelo menos, pensaremos em cumprir mais fielmente o Diretório. Os simples fiéis dão uma esmola em compensação do jejum. Para nós que somos pobres a nossa compensação será essa prática mais fiel do Diretório. Se o esquecermos, não deixaremos de pedir perdão a Deus e de fazer um bom propósito a respeito. Peço também que, durante a Quaresma, cada um renove a determinação de praticar bem esta regra interior que é vital para nós. Pela regra externa pouco nos diferenciamos dos outros sacerdotes, não religiosos.

XXI - Sobre os Doentes - "Ter-se-á na Congregação um cuidado todo especial para com os doentes." Certamente, a cruz atrai sempre a bênção de Deus. Importa receber as cruces como fazia a Boa madre, aceitando de bom grado a Vontade de Deus, fazendo um ato de conformidade à Vontade ou à permissão de Deus. A Boa Madre disse, agonizando, que ela nos fazia os herdeiros do dom que recebera de Deus: isso se aplica à cruz e à maneira de carregá-la, como todo o resto.

Olhem no livro de Jó o que Satã diz a Deus; Deus disse: "Notaste o meu servo Jó? Ele é fiel, fica unido a mim firme e solidamente". (cf. Jó 1,8) Responde Satanás: "Sim, mas não é por nada; experimenta-o em sua carne e verá se não o amaldiçoará". (cf. Jó 1,9-11). Jó é atingido, mas continua santificando-se mais ainda no sofrimento. Encarem as doenças sob esse ponto de vista: é uma provação muito sensível, mas ela atrai as bênçãos de Deus. Para nós isso é um dogma, pois a nossa Regra, aprovada pela Santa Sé, no-lo confirma formalmente. A enfermidade, seja qual for, será sempre uma bênção para nós.

"Os enfermeiros que terão o cargo de cuidar dos doentes desem-

penhar-se-ão de seu serviço de todo o coração, não só quanto aos cuidados materiais, mas também com respeito às distrações, passatempos e alegrias que devem proporcionar aos doentes." Que os enfermeiros estudem bem este segundo Artigo do Capítulo XXI e que tenham muito cuidado, como lhes é recomendado, de suavizar, por seu desvelo e boas palavras, os sofrimentos dos doentes.

"Manterão a enfermaria e todas as suas dependências num estado de asseio perfeito e, segundo a estação, terão o cuidado de pôr folhagens e mesmo flores no quarto dos enfermos." "No cuidado com os doentes, eles deverão conformar-se à obediência e às ordens do médico." Nas doenças, sempre se deve consultar o Superior antes do médico. Será necessário que os enfermeiros e os religiosos acreditem muito na palavra do Evangelho e na dos Atos dos Apóstolos: Imporão as mãos sobre os doentes et bene habebunt (cf. Mt 4,24; Lc 4,40; At 3,6; 4,30; 9,40; 19,6; 20,10): eles sararão, material e espiritualmente.

Nas doenças graves, é necessário recorrer ao médico, evidentemente. Mas, tratando-se de pequenos incômodos, o meu desejo é que a gente se abstenha disso e não se coloque a cada instante nas mãos de médicos. Quero que eu seja bem compreendido.

Suponhamos um caso de um religioso doente, grave e seriamente; é preciso chamar o médico em tempo e seguir fielmente as ordens que der. o bom Deus abençoa a obediência ao médico. Recorram sempre ao médico toda vez que houver um caso grave, uma pneumonia, uma febre tifóide, uma doença grave. Obedeçam-lhe pontualmente, mesmo quando pensarem com seus botões que esse médico não adianta; mesmo que isso fosse verdade, Deus abençoará a obediência dos Senhores. Mas num caso de um Padre, de um Irmão que sofre de fraqueza, será preciso visitar habitual e constantemente o médico? O médico acabará sendo tudo para ele; a obediência ao Superior, aos diferentes encarregados da casa logo não será mais nada para ele. Que se consulte ao médico de vez em quando, nada melhor; mas que o Superior, que o enfermeiro tenha sempre a direção sobre o doente, ou surgirão graves inconveniências. Bem sei que os homens estão menos inclinados a isso do que as senhoras, no entanto, o perigo existe. Em muitíssimos casos, a água benta, a oração, a bênção do sacerdote trarão alívio e cura. Nunca podem acreditar suficientemente na palavra de Nosso senhor. Reclamemos de Nosso Senhor a ajuda necessária para que, com

a graça de Deus, com toda a humildade, possamos seguir o nosso caminho fazendo a sua Vontade. Olhem no Ofício de Santa Ágata; ela se cura através da oração: "Medicinam carnalem nunquam exhibui" (Remédio material nunca usei). O Sangue dele, diz ela, referindo-se a Jesus Cristo, me avermelha as faces. A expressão é bem notável e traduz bem a ação que Nosso Senhor quer exercer até sobre nosso corpo. Também Belarmino, em seu Tratado da Encarnação, explica bem o que Jesus Cristo faz, não somente para a alma, mas também para o corpo. "Et caro nostra", ele assumiu nossa carne, é nosso Irmão, participamos do mesmo sangue, temos o mesmo Pai. Pela Encarnação houve uma restauração total, absoluta, da humanidade. Deve-se acreditar nessas coisas e crer com fé profunda. Não só se necessita de crer na ciência, nas coisas que se vêem, nas coisas materiais; seria o materialismo nas idéias, isso ofende e prejudica a fé e a vicia.

É bem certo, de outro lado, que as doenças das pessoas religiosas não são as dos que vivem no mundo. Os tônicos, os fortificantes recomendados às pessoas do mundo, não servem para nós. Essa doutrina está fundada na ciência, está fundada na experiência e no parecer de grandes médicos. Para cuidar de religiosos e de religiosas, é preciso partir de um outro ponto de vista que para atender pessoas do mundo. O religioso doente que se conforma com isso recupera a saúde e, além disso, o que é de valor inestimável, fica na união mais completa com sua comunidade.

Desejo que esses princípios gerais permaneçam. Todas as vezes que se abandonou essas maneiras de agir, a gente se arrependeu. Quanto aos doentes, que tenham muita confiança em Nosso Senhor, na eficácia da água benta. Hoje é Quarta-feira de Cinzas. Observem o que a Igreja diz sobre as cinzas bentas: "Ad sanitatem animae et corporis" (para a saúde espiritual e corporal). As cinzas têm uma influência favorável sobre a saúde do corpo. A água benta tem uma força ainda maior. Que os enfermeiros, que os Superiores, o Mestre dos Noviços sejam santos; que recorram à oração, ao uso dos sacramentais e a luz de Nosso Senhor lhes mostrará o que se deve fazer e a graça aliviará o doente e eles ficarão muito menos dependentes do médico.

Nas doenças de fraqueza, que são muito incômodas, os doentes deverão armar-se de paciência, utilizarão os pequenos recursos que o enfermeiro lhes indicar, mas deverão cuidar para que não passem tomando re-

médios, visitando médicos e inquietando-se toda a vida. Para tanto é preciso ter muita fé na Santa Humanidade de Jesus Cristo e na ação que ele exerce sobre nosso corpo e nossa alma. Quando estiverem doentes, rezem muito à Boa Madre, peçam-lhe as graças e o espírito com o qual ela soube sofrer durante suas doenças, aliando todas as suas aptidões, sua alma e sua vontade em união com o Salvador. A Boa Madre aproveitava de tudo para ir a Deus e, sobretudo, da doença. Saibamos aproveitá-la também, quando Deus no-la enviar. Aceitemos de bom grado todas as pequenas misérias, os achaques, durante a Quaresma. Ponham bem em prática, por obediência, o que lhes recomendei. Quando tiverem que sofrer algum incômodo, aceitem-no de boa vontade. Não temam fazer algumas práticas de renúncia mais acentuadas do que durante o ano.

CAPÍTULO DO DIA 9 DE MARÇO DE 1887

A MANEIRA DE AGIR PERANTE ESTRANHOS

"As nossas obras nos obrigam a comunicar-nos com o mundo de fora..." Nossa aparência física deve ser igual em toda a parte, sem dúvida; não somos atores, não precisamos mudar máscaras, (persona), interpretando cada vez outras personagens. Devemos ser, contudo, mais respeitosos com os Superiores, enquanto mais livres com os inferiores, evitando bem, não obstante, impor-se e dar-se ares humilhantes. Evitemos, sobretudo, escandalizar as pessoas por atitudes demasiadamente des-
embaraçadas e modos excessivamente livres. Adaptemos nosso proceder pessoal às circunstâncias, mas com simplicidade: é um pouco assunto de bom senso. É tão condenável chocar alguém pelos modos que ofendê-lo por insultos. Se participamos de uma cerimônia de enterro, não convém fazer alocações alegres; se, pelo contrário, estamos numa companhia alegre, desagradaríamos com ares tristes e austeros. Se não houver nada que fira as conveniências religiosas, o melhor é acompanhar os outros no que fazem. O nosso Santo Fundador jogava cartas por caridade.

Não nos imponhamos nunca, particularmente, pretendendo corrigir ao próximo. O que para nós seria uma obrigação num colégio, onde

representamos a regra, a ordem, deixa de sê-lo fora dele. Façamo-nos tudo para todos a fim de ganhar todos para Jesus Cristo (cf. 1 Cor 9,22).

"Evitaremos ocupar-nos das coisas do mundo, especialmente implicar-nos com questões de casamentos, de testamentos etc." Não devemos ser agentes matrimoniais. Pode-se dar um conselho, naturalmente, mas importa ser muito prudente. Se o Senhor disser: Não contraiam este casamento... descontenta as duas partes. Se, pelo contrário, disser: Realizem este casamento... responsabiliza-lo-ão. Diga, numa situação embaraçada, que procurem elucidar-se na oração, mas evite sobretudo que se diga: É o Padre tal que organizou este casamento. Sempre cuidem muito para não aparecer. Naturalmente, é permitido e é de nossa alçada termos uma certa influência, mas é necessário combinar com isso tanta prudência, fazer tanto em união com Deus, que nunca se nos implica em responsabilidade. Nunca vi, creio, intimidade muito profunda de um religioso com pessoas do mundo, que não se desmanchasse ao cabo de certo tempo e, freqüentemente, após fatos lamentáveis.

"Ninguém poderá empreender obras importantes, nem se comprometer a sustentá-las sem antes obter a licença do Superior." E todas as vezes, sobretudo quando se trata de negócios de maior interesse, de dinheiro, nunca se deve deixar de recorrer ao Superior.

"Ninguém aceitará convites para uma refeição ou para uma festa ou diversão, sem permissão expressa, que não poderá ser dada a não ser por motivos consideráveis." A idéia da Regra é que essa licença não seja dada facilmente. As vezes é necessário concedê-la por motivos de caridade. Todas as vezes que se corre o risco de ser monopolizado por certas pessoas, pode-se recusar dizendo sem medo: A Regra não o permite.

"Não se manterá nenhuma troca de cartas com estranhos sem permissão explícita e sem antes pôr o Superior a par dessa correspondência." Eu já disse, na vez passada: essas correspondências são muito perigosas. Olhem o Padre fulano que se foi; não sei se voltar. É preciso rezar muito por ele, porque se transviou. Como chegou a isso? É que começou a escrever; mantinha troca de cartas exageradamente freqüentes com pessoas de fora.

A Regra é feita para ser observada. A infração acarreta consequências muito graves.

"Evitar-se-á com todo o cuidado manter os estranhos a par do que acontece em casa, tanto quanto à administração, quanto com respeito a detalhes da direção. "O que mais desagrega uma comunidade é pôr os estranhos a par dos assuntos próprios da comunidade; é o meio mais terrível de ocasionar-lhe a ruína.

Os membros da comunidade não são pessoas do mundo. Uma quantidade de coisas não são compreendidas pelo pessoal que vive no mundo. Transmitir-lhes o que não podem compreender é meter-se numa série de embaraços, de preocupações, de dificuldades, donde, em seguida, não se pode sair mais.

"Entretanto, poder-se-á dizer-lhes o que for edificante e o que suscitar respeito pelas coisas santas e pelo amor de Deus." Uma palavrinha edificante e que fará bem, não provocará essas consequências desastrosas, evidente. Mas mesmo nesse caso é necessário ser muito discreto e falar em geral, sem entrar em detalhe algum.

"A gente esforçar-se-á por seguir as regras traçadas por nosso Bem-aventurado Padre, São Francisco de Sales, com relação à conversação com estranhos." É o Regulamento de Pádua, pequena obra-prima de prudência e de sabedoria que causa grande admiração de quem o estuda, particularmente ao pensar que o nosso Santo Fundador, na época, só tinha 19 anos e soube, então, traçar regras tão seguras para a conduta com os estranhos. Não o explico agora; os Senhores o lerão entre os escritos do nosso Santo Fundador.

"Em viagem, os Oblatos escolherão sempre as casas mais seguras e mais convenientes para pedir hospitalidade; mas, havendo ali uma casa da Congregação, não devem nunca aceitar nada a não ser na casa dos coirmãos." Antes de partir em missão ou a outra parte, o religioso deverá entender-se com o Superior, para saber onde lhe convirá ficar. É uma questão de muita importância. Há tanta corrupção agora, a moral faz tanta falta. Convém tomar muitas precauções, quando se viaja.

CAPÍTULO DO DIA 16 DE MARÇO DE 1887

OS DOENTES

"Ter-se-á, na Congregação, um cuidado todo especial para com os doentes. Haverá uma dedicação afetuosa, especialmente porque eles são a bênção da casa, atraindo sobre o Instituto as graças mais abundantes e eficazes." Essa doutrina é um grande conforto para os doentes. Quando não pudermos mais trabalhar nem fazer-nos úteis, então, exatamente devido ao próprio sofrimento e à doença mesma, trabalhamos, chamando uma riqueza de bênçãos sobre o Instituto, ao fazer descer graças abundantes de Deus.

À primeira vista, essas palavras das Constituições não parecem ser grande coisa, são palavras muito boas, sim, mas não é tudo. São palavras da Regra. Não representam somente um conforto para nós, um estímulo, mas é uma doutrina, uma realidade consagrada pela Santa Igreja, a Vontade expressa de Deus.

Na maioria das Congregações, para os doentes não há um Artigo especial nas Regras, como em nosso caso. Em consequência disso, em muitas comunidades devotadas à vida ativa, se pode fazer uma constatação dolorosa. Os Padres, os Irmãos fora de serviço, sobretudo nas comunidades de Irmãs, todos se encontram na enfermeria: é uma coisa muito triste e terrível ao mesmo tempo. "Eu não faço mais nada, não sou mais capaz para nada. Ora, isto aborrece: estar sofrendo, sendo um peso para os outros. Eu não soffro bem..." E esses pensamentos de desânimo tornam extremamente amarga a aproximação dos últimos momentos.

Nós, ao sofrer, agiremos mais eficazmente do que aqueles que desenvolvem as ocupações de maior atividade e empenho intelectual. A Boa Madre me dizia: "Em certas comunidades, os últimos anos são tristes. O bom Deus, certamente, recompensa este novo sofrimento, que é a tristeza, mas mesmo assim é muito duro e perigoso: é uma tentação temível, caso falte a fé de que o doente é útil para si e para os outros." Quanto a nós, saberemos, então, das bênçãos que atrairemos sobre o Instituto.

É importante compreender essa doutrina em toda a sua extensão, sendo também doutrina da igreja. Todo o mundo diz: Se eu soubesse sofrer

bem..! Mas eu não estou sofrendo bem e meus sofrimentos se perdem... Na fórmula da absolvição, o sacerdote não diz: Que tudo o que tiver sofrido bem..., mas diz: "Quidquid patieris vel male sustinueris sit tibi in remissionem peccatorum..." O que tivermos sofrido bem, é muito mais meritório, naturalmente, mas o que tivermos sofrido mal, também tem seu mérito. Convém muito aceitar essa doutrina da Igreja sobre o merecimento inerente ao sofrimento. A nossa Regra é a aplicação total dessa doutrina.

"Os enfermeiros que terão o cargo de cuidar deles desempenhar-se-ão de seu serviço de todo o coração, não só quanto aos cuidados materiais, mas também com respeito às distrações, passatempos e alegrias que devem proporcionar aos doentes." Suavizar-lhes os sofrimentos de sua situação é tarefa dos enfermeiros através de bons tratos, de palavras caridosas e confortantes, ditas no momento oportuno. Para desempenhar-se bem do serviço de enfermeiro é preciso aproximar-se de Jesus Cristo, pensando que é a ele que damos a nossa assistência, ao termos para com o irmão doente, no dizer de São Francisco de Sales, olhos, mãos e coração que teríamos para com Nosso Senhor mesmo.

"No cuidado com os doentes, eles deverão conformar-se à obediência e às ordens do médico." Os enfermeiros não devem cuidar dos doentes a seu capricho. Devem obedecer ao Superior e ao médico; seus cuidados, nesse caso, serão abençoados por Deus. Entretanto, se lhes competir dar seu parecer, fa-lo-ão com toda a simplicidade e franqueza.

"Lembrar-se-ão de rezar por seus doentes e se recordarão das promessas feitas por Nosso Senhor aos Apóstolos: "Curate infirmos". A esse respeito, Nosso Senhor, ao enviar os Apóstolos, deu-lhes a missão de sarar os doentes: "Curate infirmos" (Mt 10,8; Lc 10,9). Os sacerdotes que têm a missão dos Apóstolos, continuando suas obras, recebem na ordenação o poder de sarar doentes, bem como recebem o poder de perdoar pecados, mesmo que esse poder de sarar seja, sem dúvida, menos eficaz, menos infalível. O enfermeiro que tem fé na sua Regra e na palavra de Nosso Senhor dará, pois, aos doentes uma atenção eficaz que levará sempre a um conforto espiritual e normalmente a um alívio físico. O sacerdote não se faça de médico; não é isso o espírito da Igreja, mas certamente a vontade do sacerdote age sobre o doente. Recomenda-se sempre tomar Nosso Senhor ao pé da letra. "Para compreender bem a Sagrada Escri-

tura", perguntaram a Bossuet, "necessitais de estudar?" Ele respondeu: "Não, basta lê-la e relê-la. O melhor comentário é penetrar-se bem dela e crer nela de todo o coração".

A visita aos doentes é um ministério muito lindo do sacerdote que assim exerce seu poder sobre a alma e sobre o corpo. Precisa-se fazer essas visitas num espírito de muita fé, de respeito a Deus e de confiança em suas promessas.

"Depositarão toda a sua confiança em Deus e incutirão aos doentes o mesmo sentimento." Tenho horror desse preconceito de que a ciência do médico seja tudo. Deve-se fazer o que o médico diz, mas antes de mais nada importa pôr a confiança em Deus. O saber do homem não é o que age, não é o que é eficaz, mas a força de Deus é o que opera. Quanto a nós, observemos sempre a nossa Regra; e na direção espiritual, especialmente no caso de Irmãs vivendo em comunidade, façamos com que, no tempo de doença, o bom Deus signifique alguma coisa e que o médico não seja lá tudo. Se o médico tiver uma idéia acertada, não é de Deus que esta vem? São matizes diferentes, não tão fáceis de captar, particularmente na prática, eu sei. Peço a Deus que faça com que o compreendam bem. Que Deus seja o primeiro, que seja tudo.

"Os doentes que estão nas últimas serão assistidos por um sacerdote segundo o Ritual Romano." O Ritual não quer que se deixe morrerem sem sacerdote. Esse Artigo não constava antes nas Constituições. Não parecia necessário. A Cúria julgou diferentemente e o acrescentou.

"Para prevenir abusos, os Oblatos que se sentem doentes devem avisar o Superior ou quem está encarregado de cuidar da saúde ou o enfermeiro, mas ninguém pode tomar remédio algum, nem consultar o médico da casa ou um outro sem licença do Superior." Não convém nem para si, nem em favor de outros meter-se em teorias, em receitas ou outras histórias medicinais, que acabam sendo motivo de muitas distrações e preocupações. Confiemos tudo a Deus e tudo sairá bem.

CAPÍTULO DO DIA 20 DE ABRIL DE 1887

FUTURA APROVAÇÃO DAS CONSTITUIÇÕES

Hoje uma palavrinha só.

A segunda aprovação das nossas Constituições está indo bem, conforme eu soube de Roma.

A Boa Madre dizia: "Nossos assuntos parecem um romance." Esta é a oportunidade de falar um pouco sobre isso. A Providência do bom Deus mostrou-se muito na preparação desta segunda aprovação que nos fará depender diretamente de Roma. O "Decretum Laudis" (decreto de louvor) deixa-nos ainda num certo sentido na dependência do Bispo. Quando se enviar uma permissão de Roma, com muito prazer se pede o visto do Bispo.

Tinham-nos aconselhado que nos submetêssemos à Congregação da Propaganda para obtermos mais depressa esta segunda aprovação, evitando o conflito que teríamos mais facilmente diante da Congregação dos Bispos e Regulares. O Cardeal Ferrieri, Prefeito dos Bispos e Regulares, quis que o assunto fosse levado aos seus escritórios. Em seguida isso voltou à Propaganda, de uma maneira que uma parte do processo se extraviou. O Cardeal Jesuíta Mazelli ficou encarregado do exame das Constituições e dos documentos. Deu-se ao Cardeal um bom testemunho das partes perdidas e se pode esperar que tudo irá mais ligeiro.

Devemos tomar, durante o tempo pascal, o propósito de sermos muito fiéis ao Diretório. Nosso Senhor, após a ressurreição, não apareceu a não ser aos Apóstolos. Trouxe-lhes a paz. Peçamos-lhe, nós sendo seus apóstolos também, a luz e a paz. É pela prática do Diretório que teremos tanto uma como outra. Necessita-se ler e meditar os Evangelhos da oitava de Páscoa. Aí se encontra uma mina para a direção espiritual, lá se acha toda a nossa doutrina. A Boa Madre falava a miúdo da vida da ressurreição; dizia que essa devia ser a nossa vida. Encontraremos nesses pensamentos muito conforto.

OS DOENTES

OS DEVERES DO INSTITUTO ANTE A IGREJA E O PAPA

É muito importante convencer-se de que a doença une a Jesus Cristo; isso nos é uma doutrina. Se houvesse comunidades onde essa idéia não estivesse presente, onde essa doutrina não existisse na prática e com rigor, os religiosos de idade avançada e sobretudo as religiosas idosas viveriam num estado verdadeiramente lamentável. Fora dessa doutrina, eles não serviriam mais para nada, seriam um incômodo, e quem mais sente esse embaraço é quem está sofrendo. Isso é uma falta de conformidade à Vontade de Deus, ele que só proporciona as bênçãos do alto.

Na doença e na enfermidade, é preciso fazer um ato de adesão à Vontade de Deus, sendo o melhor o do pai-nosso: Fiat voluntas tua (seja feita a vossa vontade). O efeito mais considerável da Redenção está na conformidade de Nosso Senhor à Vontade do Pai. A vida, a paixão e a morte dele é o Amém, o Amém e Amém pelos séculos sem fim.

É assim também que nós devemos viver e terminar nossa vida. E, nos últimos momentos de nossa vida, essa adesão deve fazer-se sentir mais profundamente.

Tenho observado que na Visitação todas as religiosas que tinham sido fiéis, durante sua vida, ao pensamento acerca da morte, tiveram muito conforto nos seus últimos momentos. E é de se desejar muito que nossos últimos instantes sejam abençoados por Deus da mesma forma, em favor nosso e em benefício dos que nos rodearem.

Sejam sempre fiéis ao pensamento da hora certa. Nem sempre se ouve o relógio bater; o essencial é nunca passar uma hora sem voltar o pensamento a Deus, conforme ensina o Diretório e pensar na morte: Eu faria assim no momento da morte? Seria eu tão frouxo, tão pouco corajoso?... Façamos, então, o propósito de nunca esquecer essa prática. Todos os mestres da vida espiritual a recomendam. Ela dá um cunho de muita seriedade e profundo recolhimento à vida, faz-nos viver em comunidade com nossos defuntos.

Os deveres do Instituto ante a Igreja e perante o Papa.

Prefessamos uma união à toda a prova com a Santa Igreja e com o nosso Santo Padre, o Papa. Roma, ao aprovar as Constituições, eximindo-as da jurisdição episcopal, quis dar-lhes uma vinculação única, ligando-as mais especialmente ao Papa, através de laços de união mais fortes e mais gerais. Nossa união com o Papa não é só uma questão da vontade, mas sobretudo do coração; é união de família. A maneira de que nos tratam em Roma mostra claramente que nos consideram como pertencentes à família. Que cada um se compenetre dessa grande verdade. Apeguemo-nos estreitamente à Santa Igreja; quanto ao dogma, evidente, mas vamos mais longe: acolhamos sempre o parecer da Igreja, a opinião do Santo Padre, o Papa.

O Santo Padre não quer mais admitir nuanças entre os católicos. Certos espíritos semearam e cultivaram germes de divisão, esparramando as qualificações de liberais de um lado e de ultramontanos (adeptos da Cúria Romana) do outro. Esses matizes desapareceram à palavra do Sumo Pontífice: os liberais se tornaram ultramontanos e os ultramontanos praticaram generosamente a caridade, de sorte que agora não há mais que um só rebanho e um só pastor. Quando alguma dissensão doutrínaria surgir, observemos a estrela como o navegador olha a estrela polar ao redor da qual todas as outras parecem girar. Que o parecer da Igreja e do Papa seja o centro que sempre visamos e que, em torno disso, nos movamos com toda a suavidade e caridade, à maneira do nosso bem-aventurado Padre, sempre benevolente para com todos, sobretudo com os que precisavam ser ajudados e confirmados na fé.

O Abade X..., Diretor do orfanato Z..., que esteve aqui ultimamente, disse-me que lhe parecia que São Francisco de Sales e os Oblatos não são mais o prego, mas o parafuso. O prego penetra na madeira pelas marteladas, com muito barulho; às vezes faz a tábua rachar. O parafuso penetra despercebidamente, mas fica mais firme do que o prego, não afrouxa nem sai. O que ele segura, não se mexe. Sejam coesos, apeguemo-nos firmemente à Igreja, sem barulho como o parafuso, mas com uma força insuperável. (A palavra francesa "clou" - português: "prego" - tem um sentido figurativo de "a maior atração" e "o essencial"; no sentido verbal "clou" poderia ser indicado por "nosso" "pivô" - tr.)

Depois, as Constituições recomendam aos Oblatos pregar e instruir com um cuidado todo particular o respeito às leis da Igreja referentes à abstinência.

Precisa-se de assimilar bem esse espírito. Não foi sem intervenção do bom Deus que isso foi acrescentado às nossas Constituições. O Padre Capuchinho que foi incumbido de fazer a revisão agregou este Artigo. Ele pensou que se a nossa Regra, sendo tão suave, e nós não podendo praticar grandes mortificações como as outras Ordens, pelo menos era necessário que fizéssemos os outros praticarem as mortificações fixadas pela Igreja, enquanto tão descuidados atualmente. Agora, a Quaresma passa quase despercebida. O nosso Santo Padre, o Papa, em suas Cartas, lembra a necessidade em que nos encontramos de fazer penitência e de praticar a mortificação. Adiramos, pois, com todo o empenho ao espírito da Igreja nesse ponto. Começemos por ser nós mesmos homens de penitência. O efeito disso se fará sentir logo. As graças se multiplicarão, santificando-nos e fecundarão as nossas obras. A penitência conserva a alma e a preserva do mal; opera milagres para ela e para outros, milagres de conversão e de volta ao bom Deus.

Em nossas relações com o mundo, saibamos dar sempre o exemplo da mortificação. Não a façamos chamando a atenção ostensivamente, no entanto, sempre a pratiquemos. Em nosso porte na igreja, durante a ação de graças da Santa Missa particularmente, observemos uma atitude mortificada, sem apoiar-nos, evitando cruzar os pés, numa postura modesta e recolhida. O mundo, em geral, ostenta um pôr-se à vontade; estejamos alerta e nunca façamos isso. Respeitemos as prescrições da cortesia antiga, observando-as em espírito de mortificação.

Se houver algum pequeno incômodo a enfrentar, não deixemos que os outros o agüentem, mas encarreguemo-nos dele nós mesmos. Aceitemos essa moléstia, essa pobreza, essa simplicidade na mobília, na roupa, em tudo. Que os objetos dos quais nos servimos sejam como os de que dispõem as pessoas de condição média, os operários; fazendo uso de tudo isso, reproduzamos em nós a mortificação de Nosso Senhor e sua maneira de ser.

Na orientação espiritual, estimulemos os que nos estão confiados a andar por esse caminho. O que faz o mundo perder-se é a sensualidade. Importa ter esse espírito de mortificação, firmemente enraizado em nós; sejamos como uma porca, nós também, nesse sentido. Vamos suavemente, sem golpes, mas mantendo sempre firme o parafuso. Não se ensina bem senão o que se faz bem. Portanto, mortifiquemo-nos sempre bem nos olhares, na roupa, em nossa maneira de ser. Evitemos os ditos mundanamente desatinados; tragamos sempre os traços da morte de Jesus

(2 Cor 4,10), que era sempre simples e agradável a todos. Nestes dias queremos exercitar bem o pensamento acerca da morte e acrescentaremos o pensamento na mortificação de Nosso Senhor.

CAPÍTULO DO DIA 4 DE MAIO DE 1887

OS DEVERES DO INSTITUTO ANTE A IGREJA E A SANTA SÉ

A Congregação professa uma adesão indestrutível à Santa Igreja. Em todas as circunstâncias, pois, em meio a idéias conflitivas, deve-se assumir o pensamento, a opinião, o parecer da Cúria Romana, do Santo Padre, das Congregações Romanas. Não podemos apresentar outro matiz que esse. O nosso Santo Fundador não teve outro. Relativamente a opiniões teológicas, diante de duas opiniões paralelas, quando a Santa Sé não se pronunciava e não se tratando de assuntos diretamente atinentes ao dogma, nas discussões sobre a graça, onde nosso Santo Fundador bem podia ter sua opinião própria, ele concordava com Roma, sua doutrina era a de Roma. Não precisamos de criar uma escola própria, uma maneira de ver particular. Os primórdios são de grande importância em qualquer empreendimento, sobretudo numa Congregação. Pois bem, nosso início impõe-nos verdadeiramente uma maneira de agir da qual nunca deveríamos afastar-nos.

Encontramos uma benevolência extraordinária na pessoa do Papa Pio IX que nos concedeu o "Decretum Laudis" (decreto de louvor) depois de seis meses. Mesmo antes desse decreto, e sem que eu pedisse qualquer coisa, chegara-me uma primeira indicação de aprovação por intermédio do Senhor Bonamy, Mestre dos ferreiros. Eu tinha passado às mãos dele uma carta em que pedi ao Santo Padre que nos abençoasse. O Santo Padre, espontaneamente, me enviou uma carta sumamente amável, abençoando as Obras, os Oblatos, as Oblatas e dirigindo-lhes palavras de animação, que não são comuns.

Devíamos, portanto, já à pessoa de Pio IX uma união particular. Eu o vi duas vezes e o achei boníssimo e de uma benevolência incrível. Todo o ambiente de Pio IX era-nos extraordinariamente simpático. O prelado promotor se pôs de joelhos diante de nós, pedindo-nos uma bênção de

São Francisco de Sales. "Eu vos entrego o Papa", disse-nos em seguida, "por todo o tempo que quiserdes."

Leão XIII foi mais positivo ainda, se assim se pode dizer. "Todas as questões da Boa Madre," disse-me ele, "se encontram na Vontade de Deus e do Papa. A aprovação da Santa Igreja," continuou ele, "eu, o Papa, vo-la dou e vos envio. Envio-vos para a França. Ireis mais longe ainda, mas primeiro vos mando para a França."

A segunda vez que o encontramos, ele nos mandou a todos os Bispos. Uma terceira e uma quarta vez, manifestou-nos a mesma posição. Seus colaboradores sempre nos foram muito bondosos. É preciso relatar todas essas coisas na história da Congregação. É a bolota do carvalho caída na terra: se a gente pisa em cima, não produz nada; se cai no meio das pedras, só crescerá um carvalho franzino. (cf. Lc 8,6). Os primórdios são de uma importância extrema. Bem, nosso começo se deve, num sentido, à pessoa do próprio Papa.

Relacionamo-nos com Deus através da vida interior; estamos ligados à Santa Igreja e ao Papa afetivamente e por nossas convicções e opiniões. Quanto a isso sempre ficaremos como filhos sob a tutela de seu pai e de sua mãe. Entre nós, não haverá nem brigas, nem discussões: é perda de tempo. Assim como eu desejo muito que não se leia jornais, desejo igualmente que não haja nunca disputas, polêmicas, mas que a gente sempre adira à idéia do Santo Padre. O pensamento do Santo Padre não é sempre o mesmo; cada um tem um pouco seu colorido próprio. Não se deve fazer como vi numa quantidade de Ordens religiosas, no início do pontificado de Leão XIII... "Isso passará logo," diziam alguns mal-informados, "sua política não durará; ele favorece este ou aquele partido..." Nós nos devemos apegar à pessoa do Papa, ter veneração à sua pessoa, seja qual for sua maneira de agir. Se as coisas não devessem correr como até agora foi o caso, se tivéssemos algumas vezes uma coisa contrária a sofrer - o que não se espera - deveríamos ver aí antes a Vontade de Deus, sujeitando-nos não somente à vontade do Papa, à palavra expressa dele, mas até seguindo sua intenção. Esta é a nossa base, nosso fundamento. Não estamos fundamentados sobre esta ou aquela fileira de pedras, sobre esta ou aquela viga, mas sobre a rocha de Pedro: nosso coração deve experimentar, a respeito do Papa, alguma coisa profundamente filial, piedosa, uma veneração grandíssima, como sendo o representante de Nosso Senhor, o Vigário de Jesus Cristo. Aí está toda a nossa doutrina. Nós ensinaremos o que o Papa quer que ensinemos. Tal Papa acentua muito es-

te tipo de devoção, ao Sagrado Coração..., nós acompanharemos de todo o coração as devoções do Santo Padre. Tal outro Papa frisa mais devoções antigas, o terço: nós nos dedicaremos, nós também, de todo o coração a essas devoções. Assumam as devoções do papa. No paraíso será assim: não nos ocuparemos sempre nas mesmas coisas; isso aborreceria. Em nossa união com o Santo Padre deve consistir o nosso paraíso, nossa felicidade.

Isso não é um sistema particular, uma maneira de ver pessoal minha, mas por ordem de Deus é que estou lhes dizendo isso; é a Vontade de Deus. O Espírito Santo me incita a dizer-lhes essas coisas. Que isso seja o nosso sustentáculo, o nosso ponto de apoio.

Não façamos como os Jansenistas que distinguiam entre o Papa e os que o rodeiam. Adiramos plenamente a todas as expressões da vontade do Papa e as divulguemos. Repito dizendo que isto seja a nossa base, a doutrina essencial da Congregação: uma grande fé, um grande amor para com a pessoa do Santo Padre.

Na direção espiritual, na pregação, façamos com que os nossos penitentes, os nossos ouvintes compreendam bem isso; é o Artigo das Constituições que segue.

"Nos seus ensinamentos e em suas pregações, eles insistirão muitas vezes na observância das leis e preceitos da nossa Mãe, a Santa Igreja, particularmente referente ao jejum do santo tempo da Quaresma,... ao qual a sociedade moderna cada vez mais tenta subtrair-se." Esclareçamos bem às pessoas a nós confiados que a penitência é absolutamente necessária para salvar-se. Se a saúde delas é demasiadamente precária, se elas se situam entre os casos de dispensação previstos pela teologia, é imprescindível incutir-lhes a necessidade da renúncia, da mortificação. Em lugar de jejuns e de abstinências que não podem fazer, devem fazer sacrifícios e esmolas. Façam compreender bem a obrigação da penitência; se a gente não pode fazê-la conforme as indicações da Igreja, que se a faça pelo menos segundo as ocasiões que a Providência proporcionar. Nestes últimos casos, freqüentemente, ela é mais difícil de suportar. As mortes e, sobretudo, os falecimentos súbitos, as perdas de patrimônio, de dinheiro, as doenças são muitas vezes a punição pela falta contra a observância das leis da Igreja, a não ser que sejam provações que Deus envia para fazer avançar mais ainda no seu santo Amor. O Oblato nunca esteja sem sofrer alguma coisa. Se se dá conta que está sem sofrimento,

logo deve fazer um ato de amor: "Domine, quare me dereliquisti?" (cf. Mt 27,46) (Senhor, por que me abandonaste?). Senhor, por que ofereceis vosso sacrifício sem mim? Para esse fim, aproveitemos bem nosso cansaço, o incômodo da roupa, a mortificação na alimentação, façamos de tudo isso um feixe de mirra, como dizia São Bernardo, que nos colocaremos no coração e que ofereceremos a Deus, para que haja em nós algo de penitente, sem tristeza no entanto. Sejamos de trato fácil; tomemos como base de nossa mortificação, a mortificação da nossa vontade própria, de nosso cômodo, de nossas preferências pessoais.

"Tanto por conselhos, quanto por bons exemplos, continuarão mostrando aos cristãos mornos e pouco fervorosos que não podem esperar entrar no Reino do Céu sem a penitência." Ensinemos isso aos alunos e precavamos-los contra as lutas vindouras. Para ensiná-lo bem, façamo-lo nós mesmos: ensina-se bem o que a gente mesmo tem praticado antes.

Sem penitência não se consegue alcançar o Reino dos Céus. Não se acredita mais nisso na prática, mesmo nas famílias cristãs. O diabo sabe bem o Evangelho e seus agentes, os maçons, se esforçam por ensinar tudo ao contrário.

Na Vida da Boa Madre, não se fala muito em mortificações. Primeiramente seja dito que ela estava sempre doente e a doença não é uma mortificação pouco considerável. Aos doentes, sempre e em toda a parte, se dá o que lhes apetece; a Regra o permite; a Boa Madre nunca se concedeu um alívio de espécie alguma. Ela nunca se afrouxou o espírito em nada, nem se facilitava a determinação da vontade. Eu chamo isso uma mortificação considerável.

Lembrar-nos-emos do que nos diz o Santo padre, o Papa, em nossas Constituições, sobre a obrigação de pregar a penitência e de fazer os outros praticá-la, e de praticá-la nós mesmos. Insistiremos na necessidade de obedecer à Igreja nos dias de jejum e durante a Quaresma. Nesses dias, a nossa mortificação nas refeições será mais acentuada. Recordar-nos-emos o hino da Quaresma, que recomenda aos cristãos que se mortifiquem em tudo o que é de interesse, no que diverte, no que distrai "jocis" (nos passatempos).

Sem isso não fariamos nada; nossa vida durante a Quaresma seria a de sempre.

CAPÍTULO DO DIA 12 DE JUNHO DE 1887

A FINALIDADE DO INSTITUTO
OS PADRES E OS IRMÃOS -COADJUTORES
A ADMISSÃO INICIAL

Recomeço a explicação das Constituições. Pratiquemo-las com esmero. Nossas Constituições é um assunto muito atual. Em Roma, estão muito ocupados com elas. O Consultor encarregado de examiná-las já as reviu e a nota com a qual as classificou é inteiramente favorável. Restam ainda duas ou três formalidades a cumprir; tenho a impressão que as poderemos ter em mãos daqui a três meses.

A Finalidade do Instituto.

"Os membros do Instituto, pondo-se sob o patrocínio de São Francisco de Sales, propõem-se praticar as virtudes sacerdotais e religiosas segundo o espírito do Santo Doutor." Propomo-nos imitar São Francisco de Sales, bem como ensinar e divulgar sua doutrina pelo mundo. Não só somos imitadores de São Francisco de Sales, mas continuadores de sua obra e da ação da Boa Madre.

Sendo que a Boa Madre ainda não está cononizada, e porque a Igreja e a Cúria Romana não admitem a não ser um santo como padroeiro oficial, então São Francisco de Sales é o nosso único padroeiro, segundo as Constituições. Além disso, a Cúria Romana não admite Constituições, Regras, fundadas sobre um precedente, sobre uma idéia já lançada anteriormente. Em nossa primeira redação, fizemos constar que queríamos realisar as idéias de São Francisco de Sales, mas mandaram-nos suprimir isso. Explico-me mais claramente. Se este primeiro Artigo não é mais explícito, se aí não se menciona nem a Boa Madre, nem a finalidade que temos de divulgar a sua doutrina, é que a Igreja não quer fundar uma Ordem religiosa sobre uma idéia qualquer. Ela mesma quer definir o sentido de cada obra empreendida e não nos pode relacionar oficialmente com a Boa Madre por esta não estar canonizada ainda. Por que não permitiu insistirmos mais sobre a finalidade que nos propomos de propagar a doutrina e o espírito de São Francisco de Sales? Porque ela já aprovou esse espírito de São Francisco de Sales para as Visitações e não quer

repeti-lo mais uma vez para outros. Essa é a razão porque este primeiro Artigo não é mais explícito.

A Igreja determina as linhas gerais. A Madre Paula Serafina disse-me: "Nas nossas Regras, pode-se ver tudo o que a gente quiser e tirar daí todo o tipo de conseqüências. Eis porque é preciso ter a tradição do Instituto." As Constituições são uma base geral que necessita ser especificada através do testemunho oral, e pela tradição do Instituto.

"Eles terão muito a peito a santificação própria, para depois ajudar mais eficazmente na santificação do próximo, pela educação da juventude, pelas missões em países pagãos e de cristãos separados e pelo serviço do Santo Ministério." Nossa finalidade é fazermos todas essas coisas no espírito e através dos meios de São Francisco de Sales. Isso não significa que não se possa fazer nada fora do que São Francisco de Sales fez ou disse... Pode haver, sem dúvida, modificações, mas essas sejam mais na forma do que quanto à substância. Devemos seguir a teologia de São Francisco de Sales na administração dos Sacramentos, na direção espiritual, na pregação, em toda a nossa conduta interior e externa.

As duas ordens de Oblatos.

"Entre os membros da Congregação haverá duas ordens: os clérigos que levam o título de Padre e os Irmãos que se denominam Irmãos."

"Os Padres vestirão o hábito eclesiástico completo, a bacina e a cinta." Devemos usar regularmente a veste eclesiástica como se usa em Roma. De fato, usamo-la como é costume nos países onde moramos, para não chamarmos a atenção. Nos países muito quentes, se poderá olhar por algumas modificações. Em terra de missão, nem sempre é possível usar a veste eclesiástica. Sempre se deve vesti-la para rezar a Missa e para os ofícios do domingo.

"Os Irmãos usarão a veste eclesiástica de viagem, a sobrecasaca e a outra roupa preta que os diferencia dos leigos, sem dar ocasião de confundi-los com os Padres ou outros eclesiásticos." Os Irmãos não usarão o hábito eclesiástico de viagem a não ser nos dias de domingo e festas. Para o trabalho vestirão roupa normal e comum.

"Os Padres poderão ser incumbidos de todos os cargos na Congregação... "Os que ainda não tiverem recebido as Ordens sagradas, recitarão o ofício de Nossa Senhora." Os que não receberam Ordens sagradas

e devem recitar o pequeno ofício, podem, por razões de devoção, rezar em seu lugar o grande ofício, fazendo muito bem com isso.

"Os Irmãos desempenharão os serviços referentes aos aspetos materiais da casa..."

A admissão inicial.

"Receber-se-ão na Congregação somente os que tiverem pelo menos 16 anos de idade e manifestarem um grande desejo da perfeição cristã." Conforme as Constituições, se pode ser admitido como noviço aos 16 anos. Em si, poder-se-ia permitir fazer os votos com essa idade de 16 anos, mas a prudência não recomenda muito essa maneira de agir. Na Itália, onde a lei militar foi aprovada, recebe-se ao noviciado com 15 anos, creio, e se faz os votos com 16 anos. Poder-se-ia recorrer a Roma para fazer a mesma coisa, se nos encontrássemos na mesma contingência. Dessa maneira, os jovens teriam a possibilidade de viver os votos durante bastante tempo antes do serviço militar. Essa é uma intenção muito importante para nossas orações; estamos muito ameaçados por essa lei que já está presente nos planos do governo.

"O que o postulante deverá fornecer para o seu sustento será estabelecido segundo a necessidade da casa e a ajuda com que ele puder contribuir." Entre os homens não é freqüente a prescrição de um dote. Entretanto, nossas Constituições o solicitam e quem puder, deverá colaborar com o que for necessário para seu sustento. Se não se pode oferecer nada, será necessário suprir através do trabalho pessoal. Para as mulheres o dote é uma lei rigorosa. A Igreja não permite receber religiosas sem que tragam um dote. Até as Irmãs de Caridade devem fazer isso, ainda que estas não formem uma verdadeira comunidade.

"O postulante acompanhará durante algum tempo, como não comprometido, os exercícios da casa." Quanto tempo deve durar o postulado? É desejável que dure algum tempo, para que se possa conhecer bem a pessoa. Se não houvesse esse assunto da lei militar, seria preferível que durasse bastante tempo, talvez dois anos.

"Antes de ser admitidos na Congregação, os postulantes deverão apresentar sua certidão de Batismo e Confirmação, cartas testemunhais

do Bispo, segundo o decreto da Santa Sé..." Trata-se das cartas testemunhais. Se o Bispo não as der, pode-se recorrer a Roma e passar a receber o candidato. Compete, então, ao próprio Superior Geral indagar a respeito da conduta.

"O Noviciado durará um ano completo, segundo a prescrição do Santo Concílio Tridentino e de Constituições Apostólicas..." O Noviciado deve ser a garantia do futuro; deve ser curto e proporcionar indicações certas e evidentes de vocação.

Novamente insisto recomendando às suas orações a aprovação da Regra. Isso sempre leva tempo.

CAPÍTULO DO DIA 15 DE JUNHO DE 1887

RENOVAÇÃO PESSOAL

Antes de iniciar a explicação das Constituições, quero falar-lhes sobre nossas constituições pessoais: devemos renovar-nos, a começar por mim. Temos que acostumar-nos à obediência. O cansaço se apresenta, vêm os calores: armemo-nos de coragem e apliquemos o melhoramento.

Começo pelo "Pequeno Colégio".

Cada Padre professor escreva nesta semana sua prestação de contas e a entregue ao Mestre dos Noviços, Assim como se confessam todas as semanas integral e humildemente, façam todas as semanas sua prestação de contas por escrito. O Mestre dos Noviços dará uma olhada e se servirá disso para dar-lhes as orientações convenientes.

Não quero de maneira alguma que o "Pequeno Colégio" conserve o aspeto de agora e que um ou dois imprudentes levem todos os outros no mau caminho... Em "São Bernardo", é necessário que os Padres jovens façam a mesma coisa, que façam a prestação de contas. Não digam que não têm tempo; não se precisa de 25 anos para fazer uma prestação de contas.

Os Noviços de "Saint Ouen" costumam escrever-me de quinze em quinze dias. Que os Padres de "São Bernardo" lembrem que têm votos: o voto de obediência, e que esse voto consiste em pedir licença para tudo. Têm o voto de castidade: que não tenham modos excessivamente livres, mas que levem a mortificação de Jesus Cristo consigo (cf. 2 Cor 4,10); não me posso imaginar que a gente esteja um dia sem mortificar-se. O voto de pobreza: não disponham de nada, de nada mesmo sem a permissão do Superior ou do Ecônomo. O religioso pobre é um homem morto que não tem mais do que um cadáver. Se maneja dinheiro, precisa licença do Ecônomo. Se é dentro de suas atribuições, ainda assim que o Superior esteja bem informado de tudo.

Leiam a Vida da Boa Madre Maria de Sales: devem compenetrar-se do seu conteúdo. Em que consiste a vida cristã? No Evangelho. O nosso evangelho de Oblato é a Vida da Boa Madre Maria de Sales. Se assimilarmos bem essa doutrina, se nos modelarmos segundo essa maneira de agir, seremos verdadeiros Oblatos.

Vamos renovar-nos todos, particularmente neste momento em que somos peneirados como o trigo (cf. Lc 22,32). Olhem como é verídica esta palavra do Evangelho: "Rogavi pro te ut non deficiat fides tua..." (Lc 22,31)(Roguei por ti, para que tua fé não desfaleça). São todos abalados, dizia Nosso Senhor aos Apóstolos, também tu, Pedro, também tu serás crivado (cf. Lc 22,32). Judas passou pelo crivo. O que é Judas? O que é que fizera? Um pouco de avareza, de particularidades, de infidelidades à graça, mas, afinal de contas, não tinha feito muita coisa antes da morte de Jesus Cristo.

Os que se deixarão crivar, os cuja fé desfalecer, serão lançados para fora (cf. Mt 22,13). Após a Paixão, todos os Apóstolos foram confirmados na graça e na fidelidade. Isso acontecerá conosco também. Já tenho o sinal e o testemunho da Boa Madre. Mas a Boa Madre é mulher... Isso era minha grande objeção. E eu percebo que os princípios da Boa Madre, aplicados aos homens, são mais bem-sucedidos ainda do que em meio de mulheres. Um santo sacerdote escreve-me: "Procurava um caminho para minha santificação; encontrei-o no escrito sobre a doutrina da Boa Madre Maria de Sales."

O Senhor Flèche de Macon, um santo varão, disse-me nestes dias: "Já é alguma coisa essa doutrina; "via plana ac tuta" (uma via plana e segura): ela permite a todas as almas entrar no caminho da perfeição."

São Francisco de Sales começa e a Boa Madre continua. Não é fruto de imaginação, certamente, mas é um caminho aberto às almas de boa vontade. É a isso que são chamados, a isso se dirige o convite. Não são crianças, mas coisas sérias. É aos Senhores que está confiado o trabalho de divulgar esse caminho.

Devemos rezar muito por isso.

CAPÍTULO DO DIA 29 DE JUNHO DE 1837

A UNIÃO À IGREJA E ENTRE NÓS

Existe para nós um ponto vital: é a estreita união com a Santa Igreja. Temos que ter um grande zelo para fazer observar seus mandamentos, para fazer respeitar seus ministros: nosso Santo Padre, o Papa, no primeiro lugar e toda a hierarquia com tudo o que dela se emana. É para nós um dever todo particular; é o espírito do nosso Santo Fundador. É uma prescrição da nossa Regra e especialmente das últimas Constituições que, em breve, nos serão aprovadas.

Pede-se nessas Constituições que os Oblatos se coloquem e façam também os outros entrar no espírito da Igreja, sobretudo em relação à penitência, às práticas do jejum, às mortificações e às outras prescrições da Igreja.

Adiramos bem à Santa Igreja, que os nossos pensamentos se unam habitualmente a ela. Rezemos a miúdo para que haja um só rebanho e um só pastor (cf. Jo 10,16). A união faz a força. A grande tática de ataque dos inimigos da Igreja é tentar dividir os membros da Igreja, dispersar as Congregações, tirar os párocos de suas paróquias, provocar briga de um contra outro para acabar mais facilmente com os vínculos entre a santa hierarquia. Unamo-nos estreitamente à Santa Igreja, à santa hierarquia e às comunidades. Ajudemo-las muito por nossa assistência. As vezes, haverá dificuldades, rivalidades. São Francisco de Sales teve que sofrer todas essas misérias, ele as experimentou mais do que nós e as superou. Há em Annecy um baú muito grande, de um metro de altura e um metro e meio de largura que contém os processos, os problemas e os

escritos lançados contra o Santo Fundador. Pratiquemos e sempre recomendemos muito a união. Somos uma família cujos membros devem ajudar-se mutuamente. Devemos fundir-nos nesse espírito. Não é essa uma coisa vulgar e comum. Nossa educação enfraqueceu todos esses sentimentos. Em Roma sabem muito bem tudo isso. Naquele país percebe-se bem a autoridade, as vontades se submetem. Lá reina o espírito cristão e, conseqüentemente, é a influência cristã que está presente na educação, na família. Peçamos muito a São Pedro e a São Paulo que nos protejam nessa caminhada e que nos unam inviolavelmente a essa Igreja que eles fundaram. Pensaremos nisso e rezaremos nessa intenção até a próxima reunião. Este é o meio de reconduzir as almas, agrupando-as ao redor de Nosso Senhor. Que o divino Salvador nos dê o seu zelo, seu amor pela união.

CAPÍTULO DO DIA 6 DE JULHO DE 1887

FIRMEZA EM CONTRATEMPOS

"Os membros do Instituto, colocando-se sob a proteção de São Francisco de Sales, se propõem praticar as virtudes sacerdotais e religiosas segundo o espírito do santo Doutor." A razão mais forte e séria para praticarmos a Regra é certamente a nossa santificação pessoal, nossa salvação. Tornamo-nos religiosos para isso; esse deve ser o nosso primeiro motivo. É a garantia de nosso porvir e de nossa eternidade. Esse fim, seguramente, deve levar-nos à exatidão, à fidelidade na observância.

Um outro motivo, de importância maior para nós e para a Igreja, é o bem que se deve realizar na Igreja de Deus, é o quanto que se contribui para a comunhão dos santos, e é todo o bem a realizar em favor das almas. Hoje quero chamar a sua atenção para esse segundo motivo. Parto, para tanto, das circunstâncias atuais. Não há dúvida que a nossa obra está agora na situação como a de São Pedro, quando Nosso Senhor rezava por ele: "Satanas expetivit vos ut cribaret sicut triticum; ego autem rogavi pro te, ut non deficiat fides tua"(Lc 22, 31.32) (Eis que Satanás vos reclamou para vos peneirar como o trigo; mas eu roguei por ti, para que a tua confiança não desfaleça.). É inútil relatar aqui as circunstâncias que são causa de uma certa onda de agitação contra nós, no episcopado e em outros lugares. Entre as pessoas que não nos conhe-

cem, umas são indiferentes, outras julgam ser correto ir de encontro às nossas obras e perseguir-nos. É a palavra certa: estão nos perseguindo, importunam-nos obstinadamente como se fôssemos nada bons. Levanta-se muita onda, uma atividade intensíssima ao redor de nós; isso chega aos meus ouvidos de muitos lados. Diversas pessoas me disseram: O que os Senhores estão fazendo é verdadeiramente divino; sem isso nada subsistiria. Se soubessem tudo o que se diz e tudo o que se faz contra os Senhores.

É o momento de agir: a luta é extremamente intensa. Eu soube tudo isso na minha viagem, de diferentes lados, através das cartas que recebi e das pessoas que encontro.

Nossa obrigação é levar adiante a Congregação, não por defender-nos, nem colocando-nos na frente, na brecha... não, mas por firmarmos cada um em nossa vocação, sendo bons religiosos, homens capazes que se impõem, não pelo que mostram, mas pelo que são em conformidade com seus princípios e segundo sua maneira de pensar. Não há possibilidade de vitória contra quem se apóia no Salvador e sua cruz; ele fica inabalável. Não desertamos do nosso posto, não o deixamos um só instante; e nossa posição é o Diretório.

No momento da provação, da tentação, não podemos e não devemos defender-nos a não ser praticando a confiança em Deus e a desconfiança de nós mesmos.

Esta situação tem uma grande vantagem no sentido de que solidifica a Congregação. Quanto mais a árvore é chacoalhada, tanto mais as raízes se arraigam no chão. A guerra que se nos trava forçará a sermos verdadeiros religiosos. A graça não nos faltará. Temos a ajuda da Boa Madre; temos as graças que a prática da Regra acarreta e teremos o auxílio, o amparo e o conforto do bom Deus, tanto mais abundantemente, quanto maior nossa necessidade.

Em resumo: é preciso sermos sagazes e sutis; tão fortes por nossa fidelidade perante Nosso Senhor e tão insignificantes aos olhos do mundo pela nossa humildade, que o próprio Jesus Cristo se encarregará de nossos interesses e que tudo irá bem.

CAPÍTULO DO DIA 13 DE JULHO DE 1837

FIDELIDADE, BALUARTE EM CONTRATEMPOS

Volto hoje ao mesmo tema sobre o qual lhes falo a toda hora, porque para nós é um ponto de importância vital. A Congregação dos Oblatos de São Francisco de Sales é como todas as outras Congregações. Pobre, certamente, em número, em virtude, em influência... mas é imprescindível que ela tenha sua própria doutrina, seu espírito, seu cunho próprio. Deve ter em si mesma de que viver; deve ter seu patrimônio espiritual particular, seu específico; sem isso seria inútil e estaria sobrando.

A doutrina da Boa Madre Maria de Sales deve tomar posse de nós, deve transformar-nos, unificando-nos de tal modo que não tenhamos senão um só sistema, um só coração, uma só alma, uma só vontade. A grande missão própria a nós que somos os primeiros não é tanto a de santificar-nos, mas a de construir a casa e estabelecê-la. Nós somos a fundação. Não carece meter, nos fundamentos, pedras polidas e trabalhadas; basta que sejam sólidas e de acordo com a planta, que correspondam às dimensões da construção, e serão pedras boas para os alicerces, mesmo sendo brutas e mal talhadas. Nós é que somos assim: o essencial é que obedeçamos bem ao projeto da construção.

Devemos entregar-nos a essa tarefa. O bom Deus permite tudo o que nos está acontecendo agora para solidificar e unir os membros da Congregação. Não pretendemos protestar, mas deve-se constatar que está havendo uma corrente muito forte para derrubar nossas construções. Quando São Francisco de Sales fazia construir o convento de Annecy, um Frei Capuchinho desviou um riacho para os fundamentos. A nossa Santa Madre se incomodou: "O Senhor venha agora pedir esmola...!", disse ao Frade. "Sim, o Senhor venha," acrescentou São Francisco de Sales, "e a nossa Madre lhe dará uma esmola dupla."

Zomba-se muito dos milagres da Boa Madre, em certas reuniões eclesíásticas. E a Boa Madre tem uma atividade muito poderosa atualmente. Ainda estou em desacordo com o Bispo: esse desentendimento não é tanto por razões financeiras, mas por causa de doutrina. Tudo o que chega aos meus ouvidos, quanto aos pareceres e procedimentos dele, me mostra que ele é um forte oponente nosso. Nossa doutrina é extremamente

simples: fazer tudo com o bom Deus. Isso não significa que Deus fará milagres sem cessar. Ao dizermos: o bom Deus fez isso ou aquilo, não queremos afirmar que Deus intervenha milagrosamente a cada instante, mas acostumemo-nos a ver Deus e a operação dele em todas as coisas.

Somos filhos do bom Deus e da Boa Madre: maus filhos, se quiserem..., mesmo assim somos seus filhos e reconhecemos sua ação em tudo. Se ficarmos sãos após ter rezado, é Deus, certamente, que nos sarou e não diremos que foi um milagre, mas agradecemos ao bom Deus e à Boa Madre. Se, pelo contrário, continuarmos doentes, será ainda pela permissão de Deus: "In ipso vivimus, movemur et sumus" (At 17,28) (Nele vivemos, nos movemos e existimos). Esse é o caminho. Nem as zombarias, nem a luta nos afastarão dele. Não nos deixemos abalar por seja o que for.

Reparem como é grande a obrigação de levarmos essa vida, praticando o Diretório. Quando o tivermos praticado bastante tempo, como se expressa o nosso Santo Fundador, e tivermos chegado ao amor de complacência, então precisaremos viver com Deus numa união da maior simplicidade e intimidade. Mas só chegaremos lá através do Diretório, e cabe ao nosso confessor e aos nossos Superiores dizer-nos isso. Recebo todos os dias muitos testemunhos de tudo aquilo que Deus concede através desse caminho.

Não somos fanáticos, acreditando em todo o tipo de coisas extraordinárias e maravilhosas, mas fazemos profissão de acreditar na Providência de Deus, em sua atuação sobre nós, e no Santo Evangelho: isso, sim, é nossa vida. Que outros tenham outras maneiras, outros meios para ir a Deus, muito bem: "Alius sic, diz São Paulo, alius autem sic" (1 Cor 7,7) (Uns de um modo, outros de outro.). "Vos autem aemulamini meliora charismata" (1 Cor 12,31) (Aspirai aos dons que são melhores). O que há de melhor, dizia o nosso Santo Fundador, é fazer a Vontade de Deus.

Carregamos esse dom de Deus "invasis fictilibus" (2 Cor 4,7) (em vasos de barro); somos fracos, o mínimo choque pode quebrar o vaso. Levemo-lo com o máximo respeito e uma atenção inspirada na fé. Se as trevas nos invadirem a alma, se o pecado nos sobreveio, confessemos-nos, recuperemos a graça divina. Não permaneçamos nunca fora do caminho. Se fizemos um passo para o lado, por um instante, voltemos logo. Assim, o bom Deus estará sempre conosco, sempre tomará a nossa defesa.

Aconselho insistentemente recomendar-nos à Boa Madre, ao Anjo da Guarda; devemos pedir-lhes que façam com que entremos totalmente no

caminho e fiquemos nele. Poderão dizer o que quiserem contra nós; desde que permaneceremos nessas delimitações, estaremos seguros.

Rezei muito nessa intenção na Santa Missa desde alguns dias e recebi muita certeza e afirmações muito positivas da Boa Madre, da Irmã Genoveva, no memento dos defuntos.

Com quanto respeito devemos tratar as mínimas coisas da Regra e do Diretório: todas essas são coisas de Deus! É o caso de repetir a palavra que Dom Lachat me dizia: "Se isso é a Vontde de Deus, quem sou eu para atrasá-la." Olhem os católicos! Estes não zombam. O que se diz sobre a Boa Madre não são coisas que se devem tratar de qualquer jeito.

Lembro que o Padre Chevalier, meu professor de teologia, me dizia: "Nunca se deve fazer gracinhas sobre coisas piedosas. Seria uma prova de não se tomar a sério a piedade".

-0-0-0-0-0-0-0-0-0-0-

CAPÍTULO DO DIA 20 DE JULHO DE 1887

FIRMEZA NAS PROVAÇÕES

Estamos bastante sobrecarregados neste final do ano letivo e também sob o peso do calor. Todos se dedicam de bom grado às tarefas comuns e extraordinárias. Recomendo a prática da direção da intenção. Não nos assustemos das provas que sofremos. Tudo isso me foi anunciado pela Boa Madre e pela Irmã Maria Genoveva. Há alguns anos, quando o Bispo devia sair daqui, a Irmã Maria Donnat disse-me: "Não, ele não vai embora; vós passareis por mais outras!" Há alguns dias, perguntei-lhe se chegaria logo o fim. "Recém começa; ele irá até o extremo...". Nós combateremos. Nosso Senhor apareceu-me, deu-me uma missão. O nosso Santo Padre, o Papa, aprovou e confirmou essa missão. Estou obrigada a dizê-lo, a afirmar isso. Não é uma alucinação. Devo afirmar novamente diante do Capítulo a missão divina que recebi; devo declarar aqui que, no juízo final, se tiver faltado a essa missão que me foi confiada, estaria mais envergonhado do que se tivesse cometido todos os crimes possíveis do mundo.

CAPÍTULO DO DIA 18 DE AGOSTO DE 1887

PREPARAÇÃO AO RETIRO

Será conveniente reunirmo-nos todos e termos alguns Capítulos antes do retiro, para que cada um se prepare para ele e traga as disposições necessárias.

Toda a ajuda vem do alto e sobretudo a necessária para o retiro. Então: oração e fidelidade à observância; aí encontraremos o meio para obter esse amparo. Mesmo que os Senhores estejam de férias e que, portanto, os exercícios externos não tenham toda a regularidade costumeira, exorto-os a renovar-se com todo o fervor na prática do Diretório, para entrar no retiro com as disposições requeridas para que lhes seja proveitoso.

Sendo o retiro necessário para todos, mais ainda o é para nós, pois precisamos tanto de santificar-nos. A Igreja, nas situações atuais, tanto necessita de santos. Trabalhar, edificar, construir é tudo em vão, não fazendo-o com Nosso Senhor (cf. S 126,1). A gente não faz nada. Quanto à nossa própria existência, nós, os últimos e mais miseráveis de todos, dependemos dessa união com Nosso Senhor. Não podemos fazer nada por nós mesmos: precisamos, pois, pedir a Deus uma fidelidade à toda a prova, para que nossa Obra não pereça, mas que se arraigue e se estenda. Essas coisas que nos foram dadas não nos pertencem; é o talento a nós confiado: não se deve escondê-lo no lenço, ou enterrá-lo no jardim (cf. Mt 25,25), mas importa fazê-lo valer. É necessário habilitar-nos para tanto. Somos homens de oração, dependemos da Vontade de Deus, devemos viver na união com Deus, só assim teremos valor. Todas as nossas obras devem ser medidas segundo os critérios mais conscienciosos. Cada um tem que prestar contas, todos têm sua parte na responsabilidade. Não podemos satisfazer à justiça divina a não ser explorando os meios que nos foram alcançados. Nestes dias, portanto, com a proteção de Nossa Senhora, cuja Oitava celebramos, vamos renovar-nos. Não seríamos de valor algum perante Deus e diante da Igreja a não ser por este meio. Que cada um faça disso sua regra mor, a lei suprema da prática do Diretório. Que cada um faça muito empenho nesses exercícios do Diretório, como se expressa o nosso Santo Fundador, até que tenha chegado ao amor de complacência,

recebendo com ação de graças a Deus, tudo o que sobrevier de humilhante, de difícil, enquanto obedecendo sempre pela submissão do juízo e do coração, ao fechar os olhos dizendo: *Fiat voluntas tua* (Mt 6,10; 26,42) (Seja feita a vossa vontade). Todas essas coisas sejam feitas aceitando com complacência a Vontade de Deus. Cada um se examine se já chegou aí, quanto a esses dois pontos da paciência e da obediência. Quando tivermos chegado ali, então poderemos não nos preocupar mais de seguir um a um os exercícios do Diretório. Até lá, dediquemos-lhe todo o nosso cuidado.

Sendo essas as nossas disposições, faremos bem todas as coisas, nossa alma estará no bom caminho, na senda de perfeição.

Não deixem de confessar-se, se tiverem faltado com o Diretório, assim como se confessam depois de faltar às suas outras obrigações, e acusem-se como tratando de faltas sérias. Os Senhores sabem como se encara essa questão teologicamente. Há pecado, quando a falta às Regras, ao Diretório, é oriunda de negligência, de amor-próprio... Aqui as discussões teológicas não têm nada que ver. Somos filhos do bom Deus, da Boa Madre Maria de Sales e devemos fazer exatamente o que eles nos dizem que façamos. Quando tivermos faltado a isso, confessar-nos-emos e impor-nos-emos uma penitência. E isso é tudo para nós. As bênçãos, as graças seguem necessariamente a prática do Diretório. Será para nós uma força invencível na tentação, na provação. Ao não praticarmos o Diretório, seremos cataventos que viram a cada sopro das nossas opiniões e das nossas paixões. Preparemo-nos, pois, para o retiro, praticando o Diretório fidelissimamente, com pontualidade absoluta. Mais uma vez, olhem as vantagens que temos ao praticar tudo isso. Há um princípio entre os Beneditinos que diz: *Ubi deficit locus, deficit monachus* (Faltou o lugar, cessou o monje.). Para nós nunca o monachus (o monje) estará desfeito, nunca ele faltará; nós carregamos nosso convento conosco. O Oblato carrega tudo consigo: suas obrigações, suas Regras, seu convento, sua igreja, seu altar, seu sacrário. Esta é a razão por que ele é forte, por que é capaz de realizar alguma coisa. Que não se invente considerar as práticas do Diretório como exercícios de piedade; nada disso! A meditação, a reta intenção, a Missa, o Ofício, esses não são exercícios de piedade. Tudo isso é prescrito pela Regra; é o que constitui nossa vida. Isso não é algo geral e vago. É muito sério sob o aspecto religioso, é a adesão à Vontade de Deus, é a obediência. É um ato

que merece o paraíso ou o inferno; é um ato bom se nos submetemos, mau se o rejeitamos.

Não compreendemos bem isso. Nossa educação se realizou aos trancos e barrancos. O espírito de independência, de falsa liberdade nos seduziu ardilosamente desde cedo. Cuidado com isso, a salvação de cada um, da Congregação e do mundo inteiro depende disso. Quando Nosso Senhor expirava, qual era a grande verdade? Sua vida, sua atuação no mundo..., entretanto ele estava morrendo. Quem sabe se São João não era tentado em sua fé? Como esse grande feito era recebido pelo mundo? Só a Nossa Senhora e a Madalena talvez tivessem fé nisso... A Congregação é aceita pela Santa Sé. Proximamente será oficializada, já me confirmaram. Isso será para nós, portanto, como um dogma de fé. Sua obrigatoriedade será paralela. Creiam em nossa Congregação como crêem nas grandes verdades; ponham-nas no mesmo nível. A verdade é uma só e totalizante; aceitam-na como ela é ; ela é ou não existe. A isso devem preparar-se. Essas são as disposições nas quais devem fazer seu retiro. Não se movam apenas por razões humanas, nem baseados tão só em suas idéias próprias, nem apoiando-se exclusivamente no seu juízo pessoal. Nem valeria a pena serem religiosos! Não tirem o sabor de nada, nada de aluvião, mas sigam no caminho que lhes é mostrado.

Vamos começar, empenhando-nos nessas duas coisas: a adesão à Vontade de Deus no momento presente e a adesão à obediência. Isso mesmo é assunto nosso. Não é tão fácil ser Oblato. A Regra solicita de um Oblato o que não se pede de nenhum outro religioso... A base que a gente põe, é tudo; o resto é pouco e os Senhores são a base.

Não se deve abusar das comparações. Olhem, no entanto, a máquina a vapor, a caldeira. Sem fogo, não há nada. Ora, o fogo não se vê, não parece ser nada na máquina. O fogo e a água passam despercebidos; o exterior tão aparatoso é bem outra coisa! Entretanto, cortem o vapor e tudo pára. Os Senhores são o vapor. Que se engate na máquina vagões mais ou menos numerosos; que se os mande para Pella ou Springbock ou para Riobamba, não importa.

Temos que agradecer muito a Deus por ter-nos dado o Padre Simon que é um verdadeiro religioso, homem de obediência absoluta e que faz maravilhas lá em Pella. Enviei o Padre Fromentin para Springbock. Mal tinha feito o noviciado: era difícil, precisava dar aula. Chegado lá, não descobre nada para fazer. O Padre Simon aparece, faz-lhe fazer

o pequeno noviciado e o coloca no caminho certo, fazendo com ele um bom retiro. Ele abre uma escola, enquanto pensava que não houvesse alunos; ao cabo de três semanas tinha 38 escolares.

As Irmãs me dizem a mesma coisa. Fazendo bem o noviciado, com bons comentários sobre o Diretório, fazemos bem; tudo vai como por encanto.

Isso é assunto nosso. Tudo o que fizermos bem nesse sentido, pregações, aulas, missões, obras, tudo irá bem.

Declaro ante o bom Deus que não tenho nenhuma confiança em meio algum, nem em qualquer outra coisa, fora disso. Sobretudo, não tenho confiança alguma em mim mesmo, longe post omnes (o derradeiro absoluto).

Iniciemos o retiro com essas disposições e faremos um retiro muito bom. Não saíamos daí.

Desejo que todo mundo participe desse modo de ver, porque é a verdade. Não podemos agir fora do que agora se chama o sobrenatural. Parece contraditório afirmá-lo, mas isso mesmo é o nosso natural, a nossa vida; somos filhos de Deus. Somos religiosos que vivem o sobrenatural (para empregar a linguagem do mundo) e exclusivamente o sobrenatural. Se as nossas forças naturais não são suficientes, o bom Deus acrescentará o que necessário for. Não é moleza afirmar isso! A obra patenteia ao obreiro. Examinemo-nos bem e lembremo-nos de que todos os juizes formados fora desse princípio acabam errôneos. Insisto dizendo-lhes: certamente os que ainda não compreenderam isso, são desculpáveis, muito desculpáveis. Quem é que lhes diz o que lhes está sendo dito? Quem é que lhes inculca isso além de mim? Ninguém. O Mestre dos Noviços junto comigo e mais ninguém. Uma palavra é uma palavra. Quando recebida na alma, deve germinar e para amadurecer se necessita de uma série de condições. Constantemente entendem o contrário do que lhes digo: as paixões, a natureza, mesmo pelo que há de bom neles, o que pode dar força e conforto a outros...

Portanto, os Senhores são desculpáveis por não ter feito mais, no meio de suas ocupações, de suas sobrecargas e de seu consaço. Longe de mim repreendê-los. Se eu tivesse que repreender alguém, deveria ser a mim mesmo, pois sou eu que estou encarregado de dizer e tornar a dizer essas coisas.

É necessário encontrar-se todos nessa maneira de pensar, na aceitação dessa doutrina, iniciando o retiro ao acolher o que vier das

mãos de Deus e o que provier da obediência. Será para nós uma fonte de graças e de luzes abundantes. Tudo se encontra aí, absolutamente tudo. A vida é o movimento do coração; este parando por um só segundo, a vida estará terminada para sempre. A vida para nós, para as nossas obras, para as almas a nós confiadas, está na doutrina como acabo de comentar. Conhecemo-la, fiquemos com ela e não a deixemos desaparecer. Mais uma vez: não se trata de exercícios de piedade. O sacerdote que não tem exercícios de piedade cai, é verdade, mas para nós tudo isso é bem outra coisa que simples exercícios de piedade. Os exercícios de piedade são um recurso e não um fim. O Diretório para nós é tudo, é nossa existência, é o próprio sustento do nosso caminho. Observemo-lo bem; seja que nos indiquem uma estrebaria para limpar ou que nos entreguem almas para conduzir, é tudo uma coisa só, uma coisa não é melhor do que outra na ordem da nossa santificação pessoal e na ajuda que devemos prestar à Igreja. Dêem-se conta e compenetrem-se bem disso.

-0-0-0-0-0-0-0-0-0-0-

CAPÍTULO DO DIA 19 DE AGOSTO DE 1837

ADESÃO A DEUS E À OBEDIÊNCIA, CONCRETAMENTE

Esta manhã trataremos sobre aspectos externos; ontem falamos longamente sobre o interior.

Sou o Superior, o Mestre. Que todos obedeçam absolutamente aquilo que eu disser.

Desejo ter a preponderância, a direção de todos os estudos de nossos colégios. Darei um regimento e cada professor será obrigado a segui-lo em consequência de seu voto de obediência. Cada um tem um pouco sua maneira de ver; encarregarei o Padre Rolland de fiscalizar cada um na sala de aula, no serviço de vigilância dos Senhores. Ele mandará realizar provas e se porá a par de tudo. Não posso admitir que nós sejamos numa posição de inferioridade em relação a outros estabelecimentos. Os alunos não são aplicados..., sim, mas como se faz para torná-

los estudiosos nas casas que vão bem?

Esse regulamento de estudos, uniforme, sem dúvida, poderá ter algumas diferenças na aplicação, de acordo com as localidades: isso será considerado. Mas que cada professor de cada colégio se mantenha fiel àquilo que estiver estabelecido. É um assunto decidido: que todos o saibam e que todos o executem. Nem todos têm a mesma opinião talvez, mas é preciso que todos tenham idêntica vontade. O nosso Santo Fundador proíbe dizer o parecer próprio se for de encontro à obediência.

Nossa atividade propriamente dita não é manter colégios, mas salvar almas. Atendemos obras para salvar almas. Essa é a finalidade de tudo o que fazemos. Não alcançaremos nunca essa finalidade se não estivermos totalmente entregues à obediência: nosso ensino será estéril e Deus não nos dará a sua bênção.

Daqui a pouco e durante o retiro, reuniremos os Diretores dos colégios e se estabelecerá normas para chegar à realização da nossa finalidade. Os resultados serão entregues por escrito e todos estarão de acordo.

Desejo indiscutivelmente ter o ensino nas mãos, sem falta, e não são os professores que julguem sobre o que se deve fazer ou não fazer.

Os regulamentos que serão dados ficarão inatacáveis. Para os concursos, por exemplo, que se devem fazer entre os diversos colégios, não admito que haja qualquer tipo de resistência. As composições entregues contarão para os prêmios; é desejável que haja pelo menos quatro. Todos os alunos deverão concorrer. As provas serão feitas cada mês e com seriedade.

Não quero ferir ninguém, mas quero insistir sobre este ponto que a harmonia é uma coisa muito positiva e surte resultados. Em "São Bernardo", não há tão bons professores como em outros lugares, e os alunos têm resultados melhores. Deve-se isso a que são mais sérios do que alhures? Não é necessário procurar a razão disso. Se os de Macon trabalham menos, encontraremos neles outras qualidades que compensarão. Isso depende do regimento, do entendimento entre os professores. O que acontece, quando não há essa harmonia? Cada um se mata, vai até o esgotamento de suas forças, arruina-se e não chega a nada. Menos desgaste e mais entendimento apresentaria um resultado melhor. Eu lhes asseguro, afirmo-lhes perante Deus que, se fizerem isso, terão a bênção especial de Deus. Se não o fizerem, ficarão desconcertados, não terão on-

de se apoiar; a gente se contraria um ao outro, ferem-se mutuamente e se prejudicam.

Aceitem, pois, o Regulamento dos Estudos que lhes será dado, o programa que determina a maneira como deverão fazer esta ou aquela coisa; aceitem-no como religiosos.

Nosso grande mal está nisso: não encaramos a coisa de forma suficientemente religiosa, não ficamos numa dependência bastante contínua e absoluta da obediência. Quando aí se abre um rasgão, é difícil consertá-lo; quando a gente quer caminhar de novo, não se vai mais tão bem. Não pensem que esteja acusando alguma casa, algum dos nossos Padres. No que diz respeito a Macon, as circunstâncias são tais que dá para qualquer um se desanimar. É uma situação realmente infeliz que a direção do colégio se tornou tão penosa e difícil. Acredito que agora esse colégio vá pôr-se de novo no caminho acertado. Com as pessoas que moram lá, pode-se trabalhar, pode-se trabalhar perfeitamente, conquanto cada um siga escrupulosamente o que lhe for dito.

Todo o início tem seus problemas; uma obra de Deus não se escapa disso.

A Boa Madre disse-me: "Começai Macon." Ainda que tivesse todas as armas do mundo contra mim, eu não desistiria disso; a Boa Madre nunca jamais me fez empreender uma esquisitice.

O Padre B... se desligou totalmente de qualquer obediência. Posso muito bem aqui fazer-lhe a reclamação. Eu lhe perdão perfeitamente... Mas é certo que ele atraíu tudo a si e nos desfez aos olhos dos pais e dos alunos, ocasionou o mal-estar que a casa está sofrendo. Não o fez por má vontade, mas o fez; a situação é extremamente penosa. O que estou dizendo agora é assunto da comunidade e do Capítulo. O que o Padre B... vinha fazendo todo esse tempo levava à destruição total do colégio. Diante dele todos os religiosos não valiam nada. Só os de fora eram capazes.

Estou entrando em detalhes que não parecem ser dignos de ser mencionados no Capítulo, mas devo fornecê-los aos Senhores: são pormenores de família. Ajudem os nossos Padres de Macon com nossas orações e eles aceitarão de todo o coração a obediência.

Não somos um exército, mas sim um pequeno batalhão. Suponham que num batalhão, frente ao inimigo, se diga ao sargento-mor que ocupe, com seus homens, uma posição a 500 metros de distância; mas ele acha bom avançar 1.500 metros. Entretanto um cabo diz: o sargento mandou fa-

zer isso, mas meus homens têm boas pernas e avançarei 2.000 metros. Qual será o resultado? Nós somos uma tropa, formada para a batalha: eis a vantagem do religioso. O religioso nunca comete loucuras, enquanto obedece: sua honra está salva; não se preocupa com o resultado. Atendendo um assunto material, o trabalho, que se lhe solicitou, ele está certo de que a mão de Deus o abençoará. O religioso é o homem do sobrenatural. Só tem duas coisas a fazer, como lhes disse ontem: aderir à Vontade de Deus e obedecer. Ainda que dispuséssemos de meios e capacidades, mas querendo utilizá-los fora dessa adesão, esses não serviriam para nada. Julgo que os Senhores me prometem de bom grado de entrar nesse caminho.

Vamos estabelecer um Regimento. Cada semestre, o Prefeito dos Estudos ou o Diretor da casa deverá mandar-me as notas dos professores. Os Senhores consentirão com isso; esse Regime deve ser obedecido.

Encarrego o Padre Rolland de executar as ordens que estou dando: ele se porá a par, visitará os professores e se fará presente nas aulas, tanto quanto lhe for possível. Na Universidade, há uma organização muito complexa; a disciplina não é paternal como aqui. O Inspetor dispõe de meios determinantes e eficazes para corrigir e reconduzir os professores faltosos.

Este ano, devo prestar este testemunho a respeito de todos os Padres: o trabalho tem sido vigoroso, incessante e, às vezes, superando as forças; mas também é preciso dizê-lo: esse trabalho, às vezes, se perdeu, esse esforço foi também algumas vezes despendido com empenhos despropositados. Tem havido boa vontade e dedicação da parte de cada um.

Vamos redigir normas inquestionáveis e lê-las aos Senhores. Poupar-lhes-ão as forças, sem excederem o estabelecido, segundo o Regime que lhes apresentaremos.

Também pensarão nos interesses materiais da casa, no que poderão contribuir-lhe através do seu trabalho, através das recuperações que poderão dar, para que não haja em nossos colégios só estranhos ministrando as recuperações. Nossos assuntos financeiros, graças a Deus, vão bem. Mas é necessário que nos convençamos de que os religiosos devem ganhar quanto mais possível para a Congregação, sendo que repercute para a glória de Deus. O que é o dinheiro, o material? Nada, responder-se-á. Está completamente errado do ponto de vista religioso. Não se dei-

xe de envolver, dizia a Boa Madre, nenhuma das três Pessoas da Santíssima Trindade. Não se deve recorrer a Nosso Senhor somente, mas também ao Pai e ao Espírito Santo. Com palavras e ações é que devemos dizer: Em nome do Pai e do Filho e do Espírito Santo. Atribui-se a criação ao Pai: glorificamo-lo pela criação, pelo material, ocupando-nos das coisas materiais, e a gente se faz para o bom Deus o que as pessoas do mundo fazem para si próprias. A perfeição está nisso.

Se a comunidade tem dinheiro, não por isso compraremos uma batina, uma travessa ou uma cadeira a mais, mas a comunidade fará obras de caridade a mais e o trabalho e a economia dos Senhores se dirigirão mais diretamente ainda ao bom Deus. Pode-se e deve-se glorificar a Deus pelas coisas criadas, como Nosso Senhor ganhou a vida pelo trabalho das mãos. O dinheiro que tivermos ganhado através do nosso esforço será uma coisa santa, divina; isso nos seja uma convicção profunda. Cuidar dos interesses materiais da Congregação nos deve ser uma questão de consciência. Façamos o que pudermos para não gastar e, sim, para ganhar. Nunca encontrei uma família bem-sucedida sem que houvesse um certo rigor por parte dos pais e um certo esforço por parte dos filhos. Quanto mais se doarem à comunidade, tanto mais farão sacrifícios por ela, mais a amarão; e mais também ela lhes dará e fará sacrifícios pelos Senhores e tanto menos os Senhores apenas a agüentarão: o homem é assim.

Eu gostaria muito que, dentro dos limites de suas forças, se ajudassem uns aos outros, não sendo egoístas. Que não se diga: Não tenho nada que ver com isso. O Prefeito de disciplina, o Superior lhes pedem um serviço, não há ninguém à disposição: o Senhor se prontificará, de boa vontade, a fazer o que se lhe solicitar. Onde está a caridade, se se faz diferentemente? Onde está a dedicação? Convém retomar tudo isso durante o retiro, para que, voltando para casa, estejamos na altura das exigências da obediência e da caridade.

Recomendo o retiro às orações de todos, para que produza o efeito esperado. Não estamos indo mal, quanto à boa vontade, ao devotamento, com respeito à caridade entre nós, sem dúvida, mas precisamos estar atentos. Se há uma leve inclinação que puxa para um lado, não é o lado do bem.

Há um número considerável de fatos que não pude citar na Vida da Boa Madre e que mostram claramente que esta doutrina se fundamenta

em Deus. Ele nos testemunha isso sempre de novo. Que isso seja o nosso habitat.

-0-0-0-0-0-0-0-0-0-0-

CAPÍTULO DO DIA 20 DE AGOSTO DE 1887

REGIMENTO INTERNO - FÉRIAS - PROMOÇÃO VOCACIONAL

Decidimos ontem diversas medidas disciplinares e mais outras relativas ao ensino.

Essas normas eu as confio aos Diretores, aos Prefeitos de disciplina e um pouco a todo o mundo. Várias dessas regras serão publicadas no Anuário. O que diz respeito à disciplina e aos estudos será idêntico em nossos colégios: haverá um só e único andamento. As mudanças e variações não devem ser consideráveis. Um mesmo problema pode se solucionar de maneiras diversas: por exemplo, a questão das saídas, das saídas por compromisso social, que devem ser ampliadas ou reduzidas conforme as localidades. Sigam bem o programa que lhes será entregue, tanto para a disciplina como para o estudo. Não sejam mulheres. Se há três mulheres numa casa, as três farão coisas diferentes. Em Troyes não podem fazer como em Paris... Deixem isso para as mulheres. Essa maneira de agir é mesquinha: endurece as idéias e o coração. A gente fica como nem mulher, surgem fricções e sensibilidades. A gente não é mais homem, senão um coitado...

É muito importante ter caráter, virilidade. Isso não se estriba em gritar em voz alta ou bater pé, mas consiste em renunciar a si próprio, se assenta em ter o brio do dever, se baseia em ficar firme e inabalável no caminho traçado e em não deixar-se levar por todos os ventos. Deve-se considerar os caracteres diferentes, as localidades diversas? Sim, muito: a caridade, a amabilidade devem ser observadas muito em relação com os alunos, com os pais e amigos. Mas que o mundo de fora não se nos imponha! Sejam os que somos. O dia em que formos religiosos,

coesos, fiéis ao Diretório, obedientes, nesse dia seremos invulneráveis.

Era assim a Boa Madre. Nunca ninguém se animava a dizer que ela não fazia bem, mesmo que se tivesse uma opinião contrária, porque a gente se sentia tão aquém dela, que sempre a respeitava. Respeitar-nos-ão se formos bons religiosos. Está tudo aí.

Não só praticaremos bem o nosso Diretório, mas com o Diretório atenderemos bem as aulas e a vigilância da disciplina. Na Visitação, há um ditado que sempre aparece: "Está marcado", dizem. Nós também sejamos sempre fiéis no que está marcado.

Seremos fortes, invencíveis, se fizermos sempre o que está estabelecido; se o que está fixado se fizer exatamente em Macon, em Morangis, em Troyes... Mas se agirmos individualmente, se os Senhores se destacam por ser fulano ou beltrano, logo serão debochados.

Não me é possível, neste momento, entrar em detalhes. Darei explicações em tempo e em lugar convenientes.

O mesmo vale para disciplina. Não pretendemos realizar um concurso entre nós em matéria de disciplina: o espírito de São Francisco de Sales ensina que se cumpra a Regra, que não se atue de acordo com o que este ou aquele pensa, mas conforme o que diz a Regra. Temos o espírito suficientemente aberto e amplo para que em tudo reine a caridade. Observem o Diretório, a Regra e não olhem nem à esquerda, nem à direita. Atualmente não há mais caráter, porque se olha demais para o que um ou outro está pensando. A gente pensa ser livre, mas só se é vítima de todas as paixões de outrem.

Não se deve gritar em alta voz que a gente é valente e sincero, mas importa sê-lo, valente e sincero aos olhos de Deus e diante dos outros.

O Anuário será o mesmo para todos os Colégios, sem exceção. O almanaque..., tudo será a mesma coisa. Eu gostaria muito que os nossos colégios fossem construídos todos da mesma maneira, mas não temos tanto dinheiro para realizar isso. Os que vierem após mim cuidarão disso. Faremos como os Padres Jesuítas que edificaram todos os seus colégios segundo um mesmo plano.

Vamos tratar agora de um assunto importante: o das férias. As férias caem sobre nós com o efeito como de uma bomba. A bomba estoura e esparrama uns para um lado, outros aos confins extremos da França... No

futuro, não deverá ser mais assim.

Para as férias, haverá um meio excelente para descansar e distrair-se.

Os Padres que têm queda para pregar, ou para a direção espiritual poderão fazer algumas viagens. Cada Mosteiro da Visitação deseja ver Oblatos, e ter não retiros, mas conferências. Importa que os nossos Padres se penetrem de um espírito verdadeiramente religioso. Se se repara que entre eles não há nem Diretório, nem observância, darão uma triste impressão. Que se tome as providências para poder fazer assim nas Visitações e nas outras comunidades que puderem reclamar nossa presença; esse é um bom motivo, uma ocasião excelente, para tomar outros ares, para descansar, sem ser um peso para a comunidade e mesmo para aliviar as despesas de viagem para a Congregação.

Um outro motivo ainda para viajar é o estudo. Para certos professores, digamos de história, de geografia, de literatura, de ciências, pode ser muito útil fazer esta ou aquela viagem que lhes será muito instrutiva, sob um ou outro aspeto. Esse também é um motivo que se admite para justificar uma saída, julgando-se que seja realmente apropriada...

A chegada das férias dá a todos um pouco a vontade de desfrutá-las. Cabe ao Superior decidir. Um certo número pode visitar seus familiares e voltar como bons religiosos; para outros não é assim. É o Superior que resolva isso. Os que podem ir de férias e aos quais essas podem ser úteis, devem procurar para a Congregação o meio para pagar as suas despesas de passagens. Através de aulas de recuperação ou de outra forma, se procure fornecer à comunidade o necessário, nesse sentido. Há várias maneiras de regularizar as férias para quem se as permitiu.

Quem estiver de viagem, deve escrever uma vez por semana pelo menos, para não faltar à obediência.

Uma outra questão é a nossa promoção vocacional.

Para que possamos angariar vocações é necessário que tenhamos um certo número de alunos. Nossa vida parece muito simples; parece que não temos nada que fazer. No entanto, na realidade, a nossa vida é muito fora do comum e exclusivamente religiosa. Nossa forma de pensar, nossa maneira de ser e de agir não são, de jeito algum, como entre as pessoas do mundo ou entre o clero diocesano, mesmo entre seus representantes

mais santos. Isso requer do sacerdote que deseja tornar-se religioso um empenho árduo e meritório, mais estimável do que o esforço de quem, desde o início, começou a andar neste caminho.

O prior dos Cartuchos de Bosserville mostrou-me uns quarenta de seus religiosos! "Eles têm um fundamento bom," dizia-me, "mas um deles vale dez ou vinte vezes mais do que os outros; é um pároco idoso. Com sessenta anos de idade precisou fazer exercícios para executar nossas genuflexões..."

A diligência do sacerdote que se torna religioso é meritória, mas não pensem que vão encontrar um caso assim a miúdo, exatamente devido às dificuldades encontradas. A melhor forma de recrutamento vocacional é através de nossos colégios. Vendo crianças piedosas que têm uma vocação, comuniquem-se conosco, tratem o assunto com os pais e procurem conseguir que venham aqui. Cá eles trabalharão melhor e serão melhor amparados. Procurem o meio de convencer disso os pais, as famílias bem cristãs, pelo menos as que conservaram ainda um pouco de juízo.

Eu pensava organizar isso em Morangis; já se reuniu um certo número de meninos nesta intenção. Mas o que está faltando em Morangis é o pessoal. Não há gente suficiente. Precisar-se-ia mais dois Padres lá; e os meninos não pagam muita coisa. Não nos é possível manter lá dez pessoas para trinta ou quarenta alunos. As entradas do colégio não são suficientes para tanto. Não abandono Morangis, bem pelo contrário; quero dizer que Morangis não é bastante auto-suficiente para essa obra. Doutro lado, se quiséssemos fazer de Morangis a sede do nosso pequeno Noviciado, muitos pais não mandariam seus filhos a esse colégio.

Continuaremos, portanto, o nosso pequeno Noviciado aqui, como o temos tido neste ano. Estes meninos eu os conheço, eu os vejo e me ocupo deles. É uma maneira bem mais econômica também e não nos sendo muito dispendiosa em matéria de finanças, como nem tampouco quanto ao pessoal. Estão obtendo bons resultados nos estudos, estão trabalhando bem e tiveram até prêmios. Espero que isso continue e que seja em benefício de todo o colégio. Se em cada colégio se pudesse fazer isso, se houvesse um pequeno colégio ao lado do outro, com dois ou três alunos de cada turma sobre os quais se tivesse mais autoridade, que empenhassem mais o coração porque teriam uma finalidade que os outros não têm, que dessem o exemplo de trabalho, de sucesso, se entre os professores de cada casa se descobrisse alguns capazes de dirigir esses meninos, acredito que aí se teria um meio excelente de elevar o nível de estudo,

de manter um bom espírito e de formar excelentes recrutas. Se pudessem organizar uma coisa assim, seria importante escrever-me isso.

Quanto à correspondência, que cada Superior, Diretor, Econômico me escreva de quinze em quinze dias. Não respondo sempre, mas cada vez que houver algo a responder, eu tenho à minha disposição o que me sugere a resposta. Prefiro que me escrevam diretamente; é mais cordial, sem dúvida, assim como se escreve a este ou àquele. "Diga ao nosso Padre tal ou tal outra coisa..." Isso gera atrasos e incertezas; quem pediu entregar o recado, deseja que se o faça de uma determinada maneira; e a resposta: "Nosso Padre disse aquilo..." Dirijam-me diretamente suas cartas. Estou em condições de responder cada dia. Se me tiver ausentado, haverá um atraso de dois ou três dias, no máximo. Minha secretaria está em ordem.

Volto a tratar do pequeno Noviciado. Quando encontrarem meninos que preenchem os requisitos, mandem-no-los prontamente. Não esperem até mais tarde, convençam aos pais que não faremos mistérios com eles e que não influenciaremos seus filhos. Mas é necessário receber esses meninos o mais cedo possível. Seria preciso que tivéssemos gente, muita gente.

Roguem a Deus que mande operários à sua messe.

-0-0-0-0-0-0-0-0-0-0-

CAPÍTULO DO DIA 12 DE OUTUBRO DE 1887

ESPÍRITO DE COMUNIDADE - MORTIFICAÇÃO CONSTANTE
O ESTUDO - RELACIONAMENTO COM OS ALUNOS - A BIBLIOTECA

Iniciamos o ano letivo, é preciso começar tudo de novo. Nossa comunidade é mais numerosa. Importa que cada um de nós viva no espírito e segundo as normas da comunidade. É uma exigência incondicional de nossa vida como comunidade que o mesmo espírito religioso vigore em nós. Toda a nossa atividade o reclama imperiosamente. O êxito de nossas Obras, dos nossos colégios, mesmo sob o simples ponto de vista literário, depende totalmente disso. É imprescindível que estejamos unidos. Sozinhos somos completamente incapazes. Humanamente falando só, representa uma força enorme todos os membros de uma comunidade atuarem no mesmo sentido, no mesmo espírito, para alcançar a mesma finalidade. Se, vivendo em comunidade, agimos isoladamente, não realizaremos tanto como se agíssemos como simples particulares. Não chegaremos a nada. A vontade, faltando harmonia, não dá nenhum resultado.

Pratiquemos a observância, o Diretório. Este vamos explicar durante o ano. Será necessário penetrar-nos bem dele, porque, graças a esse, é que encontraremos a firmeza necessária para resistir às contrariedades, às tentações e ao desânimo.

Hoje temos que pôr o fundamento essencial da vida religiosa. Primeiramente, todo o mundo se encontre na sala da comunidade. Menos os que obtiverem uma licença particular, devido à idade, por motivo de saúde ou dos trabalhos, que todos vão trabalhar na sala da comunidade. Os que puderem apresentar alguma das razões que acabei de mencionar, pedirão a dispensa, que se lhes dará. Essa regra é um pouco severa; mas enquanto não tivermos os meios necessários para ficar em nossas celas, e sobretudo enquanto não houver o número suficiente de celas e que não pudermos oferecer em cada uma as devidas instalações de água, luz e calefação, ficaremos com o regime da sala de comunidade. Mais tarde, talvez, se possa fazer diferentemente.

Isso representa uma renúncia a fazer, mas será tanto mais meritória, quanto mais custar. Não temos práticas de jejum, ou austerida-

des, nem mortificações; esta será a nossa mortificação: encontrar-se na sala comunitária. Estou muito cansado; não terei a liberdade para descansar como necessito... Faço apelo aos que têm forças físicas suficientes para poder suportar essas fadigas. Eles sofrerão pelos outros, sacrificar-se-ão pelos outros. Comemos em comum, convém também que trabalhemos em comum. Eu gostaria muito de poder convencê-los disso. Precisamos saber o que nós somos, quais os elementos que compõem nossa existência. É absolutamente necessário para nós, viver com algum incômodo, sob o jugo, não estando totalmente à vontade. O dia em que não sofremos alguma restrição, em que nos encontramos completamente a gosto, é um dia infeliz e solitário. Eu compreendo bem isso, é uma verdade incontestável para mim. É ridículo falar sobre si mesmo; mesmo assim vou dizer uma palavrinha. Posso afirmar que não sei se jamais na minha vida me senti livre durante várias horas seguidas. Bendigo o bom Deus por esses laços. Sem esses liames, não se sabe o que seria da gente. Bonum est viro, cum portaverit jugum ab adolescentia sua (Lm 3,27) (É bom para o homem carregar seu jugo desde sua mocidade). Não se é homem, não se é cristão, com tanto mais razão, não se é religioso senão acompanhado de algum sofrimento. Não lhes posso pregar outra coisa. Continuamente agradeço ao bom Deus por esse incômodo, por essa sobrecarga, por essas contrariedades que ele me manda. Tudo o que tenho realizado, devo a isso; é o elemento essencial de todas as nossas Obras. Convençam-se profundamente disso; seja essa a sua filosofia. Encarreguem-se de suportar tudo isso animadamente: Tollite jugum meum super vos... et invenietis requiem animabus vestris (Mt 11,29) (Tomai meu jugo sobre vós... e achareis o repouso para as vossas almas).

Então, se a regra externa lhes impõe algo penoso, desde que isso não lhes prejudique a saúde e as forças, submetam-se generosamente.

Sujeitemo-nos, portanto. Só por meio desse pouco de constrangimento é que valeremos algo e que faremos alguma coisa. Sem submissão seremos nulidades. Por nossa sujeição, prestaremos serviço à Igreja e colaboraremos para a glória de Deus. É a doutrina dos santos, é a mesma do Evangelho. Posto e bem compreendido isso, entremos decididamente no caminho, que nos é traçado.

Vamos falar agora sobre o estudo.

Quanto aos estudos, os professores deverão obedecer estritamente o programa. Por que falar sobre isso no Capítulo? Porque no

Capítulo tratamos da Regra e dos votos e o que estou reclamando aqui é o cumprimento do voto de obediência, é a aplicação concreta de Regra. Que se siga, pois, estritamente o programa, sem acrescentar nada e nada dispensar. É necessário que haja em todos os colégios da Congregação uniformidade nos estudos. É preciso que eu, como Superior, ou, na minha ausência, quem eu encarregar, possa dar-se conta da situação exata de cada um dos nossos colégios.

Os concursos serão realizados regularmente. Todos os alunos deverão participar. Que os nossos Padres façam com que se acolha a idéia desses concursos, que empreendam isso de todo o coração e, em espírito religioso, façam com que seus alunos se habituem.

Que também se realizem fielmente as provas de cada mês. Acostumemo-nos bem à prática de todas essas medidas; seremos bem-sucedidos, a graça nos ajudará.

Cada colégio fará imprimir seu Anuário.

Manter-me-ão a par sobre a observância da disciplina, e do andamento dos estudos. Cada professor cuidará em manter a disciplina na sua sala de aula; desenvolverá uma relação exata das notas dos alunos.

Tanto quanto possível os professores religiosos deverão encarregar-se das recuperações a serem dadas em cada turma. Temos compromissos pesados. Os liceus, com todas os seus convênios, não ganham para as despesas. Acabam de aumentar as prestações. Nós, fazamos esforço por tomar a peito os interesses da casa. Ganhemos dinheiro para enfrentar as despesas tão consideráveis que pesam sobre nós. Somos todos irmãos; zelemos por conservar e aumentar os bens comuns. Dedicuemo-nos a dar aulas particulares, para acrescentar os recursos: é muito trabalho, sem dúvida, e cansa, mas sua vida religiosa será tanto mais proveitosa, à medida que os Senhores se devotarem. Além disso, um trabalho contínuo é coisa boa; o diabo não tem por onde agarrar o religioso sempre ativo.

Recomenda-se aos professores que se ajudem reciprocamente, quando necessário, com licença, evidente, e com toda a caridade e simplicidade. Não façam isso porque tal religioso é seu amigo, mas sim porque é seu irmão e façam-no para todos os seus irmãos. Suponhamos um passeio em que alguém não pode participar; ele lhe pede que o substitua. Faça-o, com a permissão do Diretor, com toda cordialidade e caridade, ainda que seja um trabalho a mais. Compreendam bem o que quero dizer.

Não se deve exagerar em nada, mas fazer tudo "in obedientia caritatis" (cf. 1 P 1,22) (em atenção à caridade).

Relativo a casos imprevistos, que os professores respeitem o que o Diretor e o Prefeito de disciplina dispuserem. Não digam nunca "não", mas sempre devem dar uma mão em tudo que se lhes pedir.

Cada dia os assistentes de disciplina entreguem os cadernos de comunicação; é através desse caderno que o Prefeito de disciplina notifica as mudanças que podem surgir.

Que os vigilantes de estudo marquem suas notas num caderno especial; da mesma forma os assistentes do dormitório, os do recreio e os dos passeios.

Proíbo que se coloquem alunos à porta das aulas ou da sala de estudo; isso pode ser causa não só de faltas graves contra a disciplina, mas até mesmo de imoralidade. Lembremo-nos de que agora, em geral, o pessoal está muito perverso. Antigamente, um assistente à distância podia ser suficiente. Hoje em dia, é diferente. Em nossos tempos um processo começa no "palais de l'Elysée" (palácio do Elísio) e vai parar no sub-mundo, nas casas de perdição, na desmoralização mais profunda. Eis os que estão à nossa frente, os que dão o exemplo ao mundo! Tudo isso tem uma influência terrível sobre o mundo, sobre a juventude mais do que nada. Os jornais relatam isso pormenorizadamente; as crianças, os jovens lêem, comentam, imitam; e a moral se vai, junto com a fé.

Agora ao assunto do relacionamento com os alunos.

Incutamos aos alunos o respeito para com seus mestres: que não tenham o "espírito escolar", que estimem todos os seus professores, que seja como numa família bem-educada. Que haja bom entendimento entre os educadores; que a direção dos estudos seja uniforme, que todos se apóiem e o resultado infalível será o respeito à autoridade.

Quando tiverem que pedir uma licença extraordinária, como a de ausentar-se, dirijam-se sempre ao Diretor da casa antes de recorrer ao Superior; isso evitará muitos mal-entendidos e embaraços. Assim também evitarão surpresas para o Diretor, e até mesmo, às vezes, uma situação insolúvel ou, pelo menos, um estorvo grande.

A biblioteca.

Uma biblioteca de colégio é uma coisa muito preciosa. Se não for cuidada, uma biblioteca de um valor de 100 mil francos pode, ao cabo

de um ano, não valer mais do que 5 mil francos, por mais honestas que sejam as pessoas que fazem uso dela. Três quartos dos livros não serão devolvidos; ficarão extraviados; as obras acabarão truncadas e incompletas. O que poderá valer uma biblioteca destas? Coisa alguma. Uma biblioteca é uma coisa sumamente importante. O Padre Lambey é encarregado da biblioteca de São Bernardo e terá como assessor o Padre Latour. O regulamento próprio será afixada à porta da biblioteca e a gente, de bom grado, estará conforme.

É perigoso, sob outro especto, deixar que todo o mundo entre na biblioteca, onde se encontram, necessariamente, obras que não são destinadas a todos indistintamente. Bem poderia significar um inferno... É a história de Lammenais, enquanto criança, na biblioteca do seu tio. O "paraíso" estava separado do "inferno" por uma divisória. Colocava-se o menino no "paraíso", mas ele passava por cima do tabique e passava seus dias no "inferno". É a leitura dos livros maus que fez Lammenais perder-se, que o estragou ainda bem menino e lhe infiltrou na alma o veneno que o fez perecer mais tarde: a imoralidade.

-0-0-0-0-0-0-0-0-0-0-

CAPÍTULO DO DIA 19 DE OUTUBRO DE 1887

UNIÃO A DEUS

Acredito que seria bom retomar, este ano, a explicação do Diretório, pois é nele que deve consistir o fundo de toda a nossa vida. "Que toda a sua vida e esforço seja para unir-se a Deus, para ajudar - por meio de orações e bons exemplos - a Santa Igreja e a salvação do próximo; e para esse fim, não devem nada aspirar tanto, quanto que o bom odor de suas virtudes, agradáveis a Deus, se estenda nos corações dos fiéis." É evidente que a finalidade de toda a Igreja e de todas as Ordens religiosas, como também a dos Sacramentos, é a união com Deus. Entretanto, precisa-se reconhecer que a doutrina de São Francisco de Sales tem uma eficiência particular para alcançar esse fim. Ela visa a

união com Deus, não somente em certas circunstâncias, na oração, no sofrimento, mas uma união mais íntima, mais completa. Não se trata de uma união passageira, mas de uma constante, permanente, de nossa vida, de nossos atos, fiéis à graça de Deus. Esse meio especial de união não foi explorado por nenhum fundador de vida religiosa. Ainda que tendo em mira o mesmo fim, deixaram à liberdade humana uma parte mais ampla.

São Francisco de Sales foi o primeiro a avançar tanto no campo da liberdade. Precisava de uma grande fé, de muita confiança em Deus para ter a ousadia de levar adiante uma doutrina tão completa e tão universal. Não foi um achado da sua cabeça, fruto de seu cérebro, a doutrina que São Francisco de Sales encontrou. Foi-lhe inspirada pelo Espírito Santo. A Igreja, ao canonizar São Francisco de Sales, e sobretudo proclamando-o Doutor, não somente aprovou, mas também aceitou a doutrina dele e a assumiu como própria. É verdadeiramente a doutrina da Igreja Católica. Ela se nos impõe, não somente com a autoridade de uma doutrina particular, mas com a da própria Igreja. A certos espíritos isso poderá parecer uma sutileza, mas é a realidade. É a realização da palavra do Evangelho onde Jesus Cristo compara a sua Igreja com a videira: ele é o tronco, nós somos os ramos (cf Jo 15,15). Eu sou um só com o meu Pai (cf. Jo 10,30), nos diz ele; meu Pai opera e eu opero com ele (cf Jo 5,17). A união realizada pela doutrina de São Francisco de Sales é a tradução verbal da palavra de Nosso Senhor; é a realização do que foi expresso no Evangelho. Essa íntima união com Deus dá muitíssima força para vencer, para cumprir o dever próprio. Não se trata somente de uma união de pensamento, de vontade, mas é uma real união, efetiva; evidente, não se compara com a união hipostática, nem mesmo com a união sacramental, mas ela é quase igualmente completa, no sentido de que o nosso ser é entregue, confiado a Deus sem reservas, e de forma total.

Em nossos tempos, um grande número de almas têm necessidade dessa íntima união, dessa vida confiada a Deus. Muito freqüentemente, recebo cartas que são testemunho disso. É uma semente lançada, dizia a Boa Madre, para regenerar o mundo.

Não devemos considerar o nosso Diretório como um livrinho devocional, onde vamos procurar um bom pensamento; é um código sagrado, é uma legislação completa e total.

Essas coisas podem entender-se com a inteligência, mas só se podem captar de verdade com a graça de Deus, na Comunhão, na Santa Missa.

Compreendamos bem o Diretório, essas primeiras palavras particularmente. O Diretório é o livro lacrado com sete selos. São João lamenta que não há ninguém que seja digno de abri-lo. Eis o Cordeiro imolado após o início do mundo e ao qual foi dada a prerrogativa de abrir o livro selado. É através da imolação, do sacrifício, da renúncia que se abre o livro. Somente quem se imola na paz e no silêncio, como o Cordeiro, é digno de abrir o livro. É a realidade que aquele que se sacrifica e reza é que alcança a compreensão. Tomem os comentaristas da Sagrada Escritura: Bossuet, os Santos Padres..., comentaristas que aprofundaram esses textos; a luz salta de sua palavra, entre eles a mínima coisa se amplia, se aprofunda, fica radiante pela luz do Espírito Santo. Por quê? Porque eles eram santos.

Peçam ao bom Deus que possam compreender o Diretório; peçam-no, à hora da Santa Comunhão, na Santa Missa. Peçam que entendam bem o que é essa vida que deve haver entre nós. Que nós possamos reproduzir bem o que a Boa Madre fazia. Sem dúvida, chegar a esse grau de união com Deus não está ao alcance do homem. Mas Deus ajudar-nos-á e fará tudo. Devemos empenhar-nos de verdade, e não mais ou menos, a trouxe-mouxe. Avancemos com toda a fidelidade. Observem o que a fidelidade da Boa Madre produziu. Li de novo a carta de aprovação, da parte de Dom Quimper, que acaba de morrer: Meu caro Padre, disse ele, é muito lindo, mas será que a Boa Madre realmente pôde fazer isso?... Sim, ela o fez; ou melhor, Deus o fez nela.

Será que essa união consiste em pensar continuamente em Deus? Não, seria um trabalho cansativo e impossível; trata-se de uma disposição habitual de espírito que quer obedecer e agradar a Deus em tudo, e para tanto pratica fielmente o Diretório. Tenham a determinação da vontade de agir sempre com Deus, com o auxílio de sua graça e da sua luz; esforcem-se por ter com Deus essa comunicação, em todas as suas ações: isso, pouco a pouco, formará nos Senhores o hábito de fazê-lo. Isso não se realizará no primeiro dia, leva tempo para acontecer; mas intentemos, empenhemo-nos por chegar lá; é isso o que devemos procurar realizar. É isso o que nos fará religiosos.

Como seremos bons religiosos? O que haverá para nós de essencial, de especial? Será a oração, a piedade? A piedade é uma coisa boa, útil, especialmente para o religioso. Mas não é isso o que nos diferenciará dos outros. A piedade, porém, é um sabor espiritual que leva a al-

ma a amar as coisas de Deus, a procurar Deus. Se nós ficarmos sem essa sensação, sem esse gosto, sem essa preferência de Deus?... Será necessário, ainda assim, que sejamos religiosos e o seremos aderindo a ele com nossa vontade, tanto na aridez e na tentação, como no auge do fervor.

Peçamos a Deus, nesta semana, que nos revele o sentido deste pequeno capítulo do Diretório; só ele pode dar a luz.

-0-0-0-0-0-0-0-0-0-0-

CAPÍTULO DO DIA 26 DE OUTUBRO DE 1887

O VÍNCULO DA CARIDADE

"Não temos outro laço senão o vínculo do amor que é o vínculo da perfeição, pois o afeto é forte como o inferno. Como poderia, portanto, haver laços mais fortes do que o vínculo do amor que é o vínculo da perfeição? A caridade de Jesus Cristo nos impulsiona:" Importa que tudo seja feito, antes de mais nada, por Deus e com Deus. Comprometamo-nos como por profissão de não fazer nada por nós, e para nós mesmos. Não façamos nada por nós, mas recorramos em tudo a Deus, confiando-nos à sua ajuda em tudo. Isso tem que ser a base de cada religioso em particular, e a base de toda a Congregação: seguir o Salvador, passo a passo, não pondo a nós mesmos à frente, e isso até nos mínimos detalhes, o Professor em sua aula, o Irmão que se dedica a seus trabalhos manuais. Nunca devemos confiar em nós mesmos. Isso não significa que se deva rejeitar absolutamente tudo o que provém do homem, não mas o Diretório quer que o homem venha só depois de Deus, e não atue a não ser por meio de Deus. Então fazemos essas coisas humanas tanto melhor, as forças se nos centuplicam. Nosso Senhor promete o céntuplo aos que abandonam os bens da terra por motivo dele; mas será que ele não dá também o céntuplo aos que abandonam seus bens pessoais mais íntimos, como a liberdade e a vontade? Estejamos certos de que todas as vezes que agirmos por Deus, tudo sairá melhor, mais perfeito, mais completo e mais bem-sucedido. É necessário que nos seja impossível agir, a não ser por meio de

Deus; tudo o que fizermos fora disso, vem abaixo, sejam castelos de cartas, seja algum palácio magnífico. É impossível que o humano subsista: isso não aconteceu ainda e não sucederá jamais. Que cada um, na sua atividade, reclame, pois, a ajuda de Deus e não estará sozinho no seu trabalho.

Que tudo também seja feito para Deus. Não procuremos nosso interesse pessoal, nossa satisfação ou até a de outrem, isso não seria suficiente, atuemos para Deus. Que ele seja o fim de todos os nossos esforços, de todas as nossas virtudes. Façamos tudo para Deus e em vista dele. Em toda a ação, purifiquemos bem a intenção. Se há alguma satisfação no que fazemos, tomemos cuidado; o bom Deus é sumamente delicado. Haverá, então, mais razão ainda para purificarmo-nos a intenção ou de impor-nos uma penitência, se tivermos agido para nós, sem pensar em Deus. Permitam-se alguma coisa, se quiserem, pagarão cem vezes mais caro. Se, dessa forma, procurarem uma satisfação no valor de dois tostões, terão depois o sofrimento de cem cruzados. Mais vale, dado o caso, apressar-se a pagar, de antemão, o valor de dois tostões.

Em segundo lugar, o vínculo da caridade com o próximo. "Mandatum novum do vobis," diz Nosso Senhor Jesus Cristo, "ut diligatis invicem sicut dilexi vos" (Jo 13,34) (Dou-vos um novo mandamento: amai-vos uns aos outros, como eu vos amei). Amemos a nosso próximo, não como se amava antes da vinda de Nosso Senhor, de maneira vaga, mas como se deve amá-lo na Nova Lei. Nosso Senhor elevou a caridade para com o próximo ao mesmo nível como o amor para com Deus. É um mandamento semelhante, como o afirma Nosso Senhor (cf. Mt 22,38.39). Eis a causa da grande revolução que o cristianismo trouxe ao mundo, eis uma base social nova para o tempo e para a eternidade. E há mais: "Mandatum meum", é o mandamento dele, ele dá-lhe maior importância, parece, do que o amor para com Deus. Seu mandamento como Deus é o amor de Deus, sim; mas como homem é o amor ao próximo, "mandatum meum" (meu mandamento). O mínimo ato de caridade para com o próximo é melhor, aos olhos dele, do que aquilo que se faz diretamente para Deus; é mais excelente, mais meritório. Vão ao fundo dessa doutrina, reparem o que os Santos Padres ensinam, o que os comentaristas afirmam... Evidente é algo mais santo comungar do que dar uma esmola aos pobres. Será que é mais meritório? Não, se fez a esmola "propter Dominum nostrum Jesum Christum" (por motivo de Nosso Senhor Jesus Cristo); de alguma forma, até sua esmola será

mais agradável a Deus do que sua Comunhão. Entendam bem, faço todas as reservas possíveis... Em si não há ato maior do que a Comunhão. Mas me refiro ao mérito pessoal. Pela caridade para com o próximo, corresponderemos mais à intenção do Salvador, faremos mais o que é próprio dele: ele é Redentor e Senhor, nós colaboramos na sua obra, ele nos estará agradecido e nos deve alguma coisa em troca.

O que diz o supremo Juiz no último dia? Venite benedicti? (Mt 25,34) (Vinde, benditos). Será porque comungaram, porque rezaram? Não. Não é isso que está no primeiro plano. Mas porque os Senhores praticaram a caridade para com seus irmãos.

Essa é a idéia do próprio São Francisco de Sales. Ele queria fundar uma Ordem nova, baseada sobre a caridade para com o próximo. Foi esse o fundamento. Assumamos sua idéia. Façamos o que é a especialidade de Nosso Senhor, o que mais lhe toca o coração, o que é a verdadeira doutrina do Evangelho. Que essa seja a grande doutrina propriamente nossa.

Observem a Boa Madre Maria de Sales; durante toda a vida dela nunca houve uma palavra, ou outra coisa qualquer, contrária à caridade. Ela parecia ainda mais perfeita em sua caridade para com o próximo do que no seu amor de Deus. Eis porque o Salvador tanto a amou.

Repito afirmando: a caridade para com o próximo corresponde mais ao Coração do Salvador do que o amor para com o próprio Deus. Pensaremos nisso nas nossas meditações, durante os exames de consciência. Quem é o nosso próximo? Todos os homens. As criancinhas são o nosso próximo. O professor em sua aula, os que têm o cargo de orientar os jovens, os irmãozinhos, empenar-se-ão por praticar essa virtude nas suas atividades. Não será uma caridade açucarada, mas verdadeira.

Façamos a Comunhão, pedindo ao Salvador a graça, a luz; depois agiremos em consequência do que recebermos. Faço questão especial do que foi dito esta manhã. Precisa-se anotar isso e mandá-lo a nossos Padres. Que se o releia muitas vezes, talvez todos os meses...

CAPÍTULO DO DIA 9 DE NOVEMBRO DE 1887

UNIÃO COM DEUS - MEMENTOS - POBREZA

Independentemente do grande contrato pelo qual a vida religiosa é ligada a Deus, e que é comum a todas as Ordens, pode haver certas formas especiais de afeto, de amor, determinados meios de ir a Deus que são próprios de cada Ordem. Nosso estilo de vida é certamente preferível a todas as outras, no sentido de que conduz a uma união de todos os momentos com Deus. Nós começamos onde os outros terminam: nós entramos imediata e naturalmente no caminho da perfeição. Esse caminho, por conseguinte, deve ser muito querido ao Coração do divino Salvador, pois não veio para outra coisa senão para trazer o fogo do divino amor. (cf. Lc 12,49).

"Ó Deus verdadeiro, quem me fará tanta graça, que o Todo-poderoso escute meu desejo e que Ele mesmo escreva este livro, a fim de que eu o leve nos ombros, e o use como uma coroa, e que eu o pronuncie a cada passo, e que Lhe ofereça como a um príncipe?" O nosso Santo Fundador se encontra face às almas que querem avançar no caminho que mencionamos. Sua alegria, sua admiração exprimem-se em palavras tão fortes, tão tocantes, tão amáveis que ele traduz numa aspiração muito notável. É também o voto e o desejo do Salvador que nós cumprimos e para ele também é uma alegria indizível, alegria que repercute em nossos corações. Tenho recebido uma quantidade de cartas de sacerdotes, de pessoas do mundo que testemunham que o espírito, que a graça do Boa Madre estão atuando neles, conduzindo-os a Deus, de forma vitoriosa. Tudo o que Deus colocou nela agora encontra sua aplicação vital. Não é seguindo o rastro da fantasia da gente que se entra nesse caminho, mas é uma realidade imponente; é o ato soberano do amor de Deus que toma a alma e a faz entrar nos cantos recônditos do seu Coração. É algo de grandioso o dom desta vocação e não se deve corresponder a ela, ao deus-dará. É uma coisa muito profunda que nos une intimamente a Deus, e isso por um meio muito simples e que será muito eficaz, se o praticarmos fielmente. Mantenhamo-nos em todos os nossos atos na dependência de Deus e na submissão ao Senhor; isso por um olhar simples, confiante, generoso

e constante. Os que tiverem boa vontade terão a compreensão dessas coisas e o benefício inerente à prática delas.

Repito: o nosso Santo Fundador vê essa vocação tão grande e tão especial, ele a considera tão originária da caridade divina que seu coração se comove e que entoa um cântico de alegria e regozijo. Isso não é um palavreado vazio; é o nosso fundo, nosso espírito; é tudo para nós.

Escutem o que dizia a Boa Madre: Que bonito será, ver-se-á o Salvador caminhar sobre a terra! Bem gostaria de presenciar isso, mas o que prefiro mesmo é o agrado divino. E ela não se enganava e não se fazia ilusões. É uma coisa lindíssima essa vocação.

Sobre isso é que estamos fundados, penetremos bem nisso, é o nosso centro, a nossa vida. A vossa vida aparecerá, dizia o Apóstolo. (cf. Fl 4,5). A ação de Deus far-se-á sentir em nós e, da nossa parte, será compreendida.

Quero ser claro. A graça de nossa vocação, elogiada aqui por nosso Santo Fundador, é inefável, incomparável. O meio para chegar lá é a fidelidade ao Livrinho, que nos será explicado.

O voto final é muito tocante: Que os que tiverem gravado seu nome no livro desse caminho, permaneçam todos perto de Deus, na graça divina; que avancem aí com todo o fervor espiritual; que ninguém, por não corresponder a sua vocação, se afaste de todos os demais que Deus ali reuniu.

Eu acrescento que o tempo, à medida que avançar, manifeste cada vez mais a veracidade absoluta de tudo o que a Boa Madre prometeu e que todos o consigam que a isso se entregam inteiramente.

A Boa Madre pedia que a gente desse atenção aos familiares que estivessem no purgatório. É preciso socorrê-los. De sua parte, eles nos ajudam e nos ajudarão neste particular, o de caminhar nesse caminho; ajudar-nos-ão a superar as dificuldades.

Recomendo às orações da comunidade diversas pessoas que pediram rezarmos pela sua saúde ou por conversão, casos que não tenho tempo de enumerar aqui. Desejaria muito que cada um de nós fizesse algumas Comunhões, alguns mementos na Santa Missa, para que não se faça inutilmente apelo às nossas orações.

Há uma recomendação para eu fazer ao Capítulo sobre o voto da pobreza. A pobreza deve ser observada rigorosamente ou surgirá uma situação catastrófica. As comunidades que não a observam, ou já não existem mais ou, se ainda continuam a existir, experimentam os piores dissabores. Importa observarmos a pobreza de maneira mais estrita e mais rigorosa.

Ninguém disporá seja do que for, nem espórtulas de Missas, nem cõngruas, nem de doações. Retiro todas as permissões dadas até agora. Cada um entregará tudo o que tem ou tudo o que receber, conforme todo o rigor da Regra, e não guardará nada para não importa que fim. O motivo é sério. É o meu dever fazer observar a pobreza e eu sou responsável disso perante Deus. Minha consciência não me permite, de forma alguma, que continuem as coisas assim como estão. Aproveitaremos as espórtulas das Missas, os donativos feitos a cada religioso, para o pagamento da casa que acabamos de destinar para o noviciado. Isso é de interesse de toda a Congregação e toda a Congregação deve contribuir para tanto. Não teríamos condições de pagar a casa sem esses recursos.

Retiro as licenças dadas até hoje para a utilização das espórtulas de Missas ou do que se poderia obter daqui ou dali. Se alguém precisa de uma importância de dinheiro que ele emprega com licença, seja para ajudar seus pais, seja para outra coisa, que me fale de novo; eu não desfarei nada daquilo que concedi, mas essa quantia será tirada de outra fonte. As cõngruas serão destinadas exclusivamente para a finalidade que mencionei.

Procurem, à medida do conveniente, fazer render os bens da Congregação e ampliar seus recursos; faço disso um dever para cada um.

Eu trabalho dia e noite; só durmo três ou quatro horas; ajudem-me. E façamos com que o nosso trabalho sirva à comunidade.

CAPÍTULO DO DIA 16 DE NOVEMBRO DE 1887

UNIÃO A DEUS - VIVÊNCIA DA POBREZA

O desejo, à imitação daquela de São Paulo.

"Portanto, meus caríssimos irmãos, meus filhos muito queridos, minha alegria e minha coroa, continuem, meus bem-amados, assim firmes no Senhor." O nosso Santo Fundador expressa o desejo de que estejamos todos unidos a Nosso Senhor; que a nossa vida dependa inteiramente de Deus e que cada ato da vontade e toda a aspiração da alma nos aproxime de Deus e que façamos tudo com ele. É essa a razão por que nos fundou e esse o voto que ele formulou para nós. Aí se encontra a nossa base, é esse o nosso âmago; de acordo com isso é que devemos proceder; é daí que devemos receber impulso, e não de outra parte. Observem o movimento das estrelas, como tudo é ordenado, como tudo parte de um ponto central, como tudo se move em harmonia. Não é que cada um tenha seu rumo individual ou sua rota até em sentido contrário à das outras; se um desses corpos começasse um movimento fora do curso geral, seria desastroso. Para nós também, isso não é somente um conselho, um ponto de vista; é assunto propriamente nosso, é incumbência nossa.

Ó filhos de colóquios celestes! O nosso proceder "sit in caelis" (esteja no céu) (Fl 3,20). Que nossos pensamentos, nossos desejos, nossas reflexões, que tudo que se passa no íntimo de nossa alma, seja celestial. Devemos sempre pensar, diz Santo Efrém, e que seja sempre numa coisa boa, nunca em algo mau ou vazio. Nosso espírito está sempre em atividade, que seja sempre "in caelis" (nos céus) (Fl 3,20). De saída, isso não é tão fácil de realizar. O exercício do Diretório leva a isso. E depois de ter chegado a esse estado, através da prática habitual do Diretório, a gente se tornou verdadeiramente instrumento de Deus, seu apóstolo, seu amigo. O contato com Deus é contínuo; tudo o que se faz, se torna coisa santa: os deveres cotidianos, o trabalho manual. As coisas se tornam mais santas do que a própria meditação feita nessa hora, pois a alma está fazendo naquele momento o que Deus dela deseja. Todos os nossos atos, portanto, são como colóquios celestes, feitos em união com Deus, com empenho do nosso coração e do nosso amor. Vivemos em plena sintonia com Deus; ele

vive conosco e ajuda-nos em nosso labor e em nossas tarefas. Quanto maior for o nosso amor, tanto mais completa será a união.

"Eu vos peço e até vos conjuro que tenhais todos um mesmo amor e vivais todos a mesma unanimidade dessa vocação, em Jesus Cristo, Nosso Senhor..." Os religiosos são a família de Nosso Senhor, seu exército, sua irradiação.

"... e em sua Mãe, Nossa Senhora." Ela está junto de Nosso Senhor; ela tem direito a toda a veneração e à nossa devoção.

Essas poucas linhas nos lembram de que a nossa vida não deve ter outro centro de convergência, outro empenho a não ser a união com Deus, união essa que se realiza pelos atos externos de nossa vida, em consequência da íntima união de nossa vontade e de nosso amor com a Vontade de Deus. O trabalho material é para nós, enquanto estando em harmonia com a Regra, um ato de amor que merece o céu; claro, isso não pelos méritos pessoais, mas pelo mérito que Nosso Senhor associa a nosso esforço. Dessa união a Deus procede necessariamente a união entre nós; o amor de Deus, dominando tudo, faz com que cada um se encontre na paz e na caridade.

Falei, recentemente, sobre o voto de Pobreza. Quero fazer ainda algumas observações a respeito. Quanto ao gás, encarrego todos de cuidar disso. Quando, por exemplo, à noite, o especialmente responsável se esquecer de abaixar ou apagar o gás, caberá a quem o perceber fazê-lo. Incumbo cada um, na abrangência do seu trabalho, de que cuide de o gás não queimar à toa, seja nos corredores, no pátio, ou nos dormitórios...

Sabem da decisão, feita pública em Capítulo, no que diz respeito às espórtulas: que se a execute. Repito o que já disse, que aqueles Padres nossos que tinham permissão de utilizar essa soma, ou parte dela, deverão entrar em contato comigo. Ser-lhes-á designada, de forma mais discreta possível, uma compensação tirada de outro lugar; mas as ofertas da Missa são destinadas exclusivamente para amortizar a dívida do noviciado.

Essa decisão tomei sobretudo em vista do voto da Pobreza que devemos observar com absoluta integridade. Facilitar nesse ponto seria expor-nos a todas as espécies de catástrofes. Deus exige a observação integral desse voto e recompensa o fiel cumprimento. É o voto da comunidade, aquele que conserva a comunidade. A prosperidade material e espiritual é a recompensa desta observância. Pelo contrário, e disto co-

nheci muitos exemplos, quando se quer viver desrespeitando esse espírito de pobreza, surgem dificuldades de todos os lados, inúmeros problemas intransponíveis, particularmente a impossibilidade de conservar o espírito religioso. Roma, a Congregação dos Bispos e Regulares, procuram fazer com que se observe esse voto estritamente. Nos "Analecta" os Senhores podem ver as coisas muito fortes que expressam a vontade do Santo Padre a esse respeito. Faremos, pois, os sacrifícios necessários. Aqueles, aos quais prometi alguma coisa, a terão; mas só estará disponível no momento de empregá-la, para que ninguém tenha dinheiro consigo. É contrário ao espírito e à letra da Regra; é o ecônomo o depositário. O que cada um recebe, deve ser posto em comum, como manda a Regra e como estou lhes mandando por obediência. Mais uma vez, toda a espécie de provações caem sobre as casas onde não se observa a pobreza. Essas casas são moradias de amargura.

Recomendo aos jovens Professos que não abandonem os exercícios religiosos, que não abandonem, sobretudo, a meditação da manhã. Carreguemos de boa vontade o jugo do Senhor. Quanto mais dependentes formos, menos livres seremos e mais facilmente estaremos unidos a Deus.

Que se guarde também o silêncio, isso é, fora do recreio. Digam uma palavra, se for necessária, mas não por isso façam recreio. Em toda a comunidade, na capela, no refeitório, na sala da comunidade, o silêncio é mais rigoroso do que em outros lugares e não pode ser violado a não ser por outros motivos sérios. É uma lei sagrada, sem a qual não pode haver espírito religioso numa comunidade.

CAPÍTULO DO DIA 30 DE NOVEMBRO DE 1887

A MEDITAÇÃO:

FILOTÉIA - TRATADO DO AMOR DE DEUS
DIRETÓRIO - PALESTRAS ÍNTIMAS E O.

"Em primeiro lugar, ao despertarem, os Oblatos devem lançar a alma inteiramente em Deus por algum pensamento piedoso..."

Temos que seguir bem os ensinamentos do nosso Santo Fundador, particularmente os que dá na Introdução à Vida Devota. Pelo menos uma vez, precisamos ler a Introdução e dela compenetrar-nos. Que seja um dos nossos livros de cabeceira. Leiamos-lo, um pouco cada vez, para assimilá-lo bem. Que seja como nosso "Imitação de Cristo". Será o código de que nos serviremos na direção espiritual. É preciso que lhe absorvamos o espírito, até a própria linguagem. Os Senhores todos conhecem os elogios por parte dos próprios Protestantes a respeito desse livro. Com certeza, quando apareceu, causou uma revolução, uma reviravolta quase completa no ensinamento da piedade e da perfeição; achava-se que era bem a mesma doutrina dos Santos Padres, de São Bernardo particularmente, doutrina que, mais ou menos, se tinha deixado de lado e esquecido naqueles tempos. Os Padres Jesuítas tinham alguma coisa parecida, mas não era tão completa. É na Introdução que São Francisco de Sales começou a ensinar esta doutrina que ia ser a base do seu Diretório Espiritual. Este deve ser, portanto, a nossa Suma Teológica. Leiamos-la. Não se precisa de uma edição de luxo; basta uma de estilo da época; é indispensável. Há outras que são mais espécies de tradução, tanto mais deploráveis, quanto desfiguram, muitas vezes, a idéia do Santo, alterando-lhe as expressões.

O Tratado do Amor de Deus, é, sem dúvida, o tratado da caridade mais completo e mais acabado que existe. Os outros autores dos séculos XV e XVI, que escreveram sobre esse assunto, são muito menos completos e muito menos perfeitos do que São Francisco de Sales. É uma obra-prima de filosofia e de teologia; é tudo o que há de mais verídico; é obra de um Doutor da Igreja, como, além disso, o é tudo o que saiu da pluma dele. É deplorável que os nossos trabalhos não nos permitam iden-

tificar-nos tanto, quanto eu desejaria com essas obras-primas que são verdadeiras maravilhas. As citações que São Francisco de Sales faz em seus escritos provam uma imensa erudição. Ele se manifesta não somente como o homem da teologia afetiva, mas também como um sólido dialético e o teólogo mais cotado. São as primeiras Madres da Visitação que encontramos na origem desse livro e que ajudaram a fazê-lo, transcrevendo as cópias, até dando, às vezes, suas idéias, como o próprio autor afirma.

A leitura do Tratado do Amor de Deus pode não ser conveniente, talvez, a todo o mundo. Os primeiros livros são um pouco elevados; mas com algo de reflexão e de estudo, são fáceis de ser compreendidos. Uma idéia geral surge da leitura de todo esse tratado: para fazê-lo tão bem, era necessário que o autor estivesse bem penetrado do seu assunto. Este se originava tanto de sua doutrina como de sua ação, como fundamento de sua obra.

Portanto, que se leia também o Tratado do Amor de Deus. Se nem todos puderem compreender tudo, terão pelo menos sempre alguma coisa a aproveitar. Isso nos ajudará a enriquecer a mente e a encher o coração, preparando-o à meditação.

É essa a razão por que o Diretório afirma: "Eles se formarão para a meditação segundo os ensinamentos da Introdução à Vida Devota, do Tratado do Amor de Deus..." Mas entre todos os escritos de São Francisco de Sales é do Diretório que mais devemos penetrar-nos. Nosso Diretório, temo-lo continuamente em mãos: seja ele como o nosso Evangelho. Tudo se deriva dele; para nós, tudo deve partir daí. O que há de mais simples do que o Evangelho? No entanto, analogamente, há nele, em resumo, todos os Doutores e muito mais do que os Doutores! O Padre Clemente, Beneditino, secretário de Dom Mermillod, dizia-me: O Diretório contém a estratégia mais hábil que eu conheço para chegar à perfeição da alma.

Recomendo-lhes muito a Introdução à Vida Devota. É necessário que todos a tenham para aí fazer sua leitura. Ler-se-á também o Tratado do Amor de Deus.

As "Palestras Íntimas" são conversações realizadas pelo nosso Santo Fundador sobre diversas virtudes. Não é bem a redação do Santo; isso se vê também. Mas é bem sua doutrina, enquanto não tanto seu estilo. Leiamos com atenção também esse livro e que seja como o Evangelho prático da nossa vida e de nossas virtudes religiosas e cristãs.

Há outros livros, escritos no mesmo espírito e que nos podem ser de alguma utilidade, quando os encontrarmos: Fénelon, por exemplo,

sobretudo quanto ao que escreveu sobre a meditação. Não se deve acreditar que aquilo que diz o nosso Santo Fundador não esteja baseado em alguma coisa. O que ele afirma é algo bem fundado, perfeito, bem trabalhado... É muito simples, muito natural e, ao mesmo tempo, extraordinariamente profundo. Tudo é dito tão despretensiosamente, no entanto é fruto de longos trabalhos. Esses trabalhos prolongados são os que permitiram ao Santo Doutor chegar a uma simplicidade de expressão tão perfeita. Em cada palavra encontramos uma mina, uma nascente abundante de idéias e de sentimentos piedosos.

"Eles farão a meditação," diz o Diretório, "particularmente seguindo a atração e a direção do Espírito Santo, e junto com a orientação que lhes será dada..." Sobre a meditação temos nossa doutrina muito completa, bem cabal e aprovada; na próxima vez, vamos falar sobre isso.

"... particularmente seguindo a atração e a direção do Espírito Santo..." Nem todos são conduzidos pelo mesmo caminho. O Espírito sopra onde ele quer (Jo 3,8) e quando ele quer. Sua ação não é a mesma em cada alma, e a atração de cada um não é idêntica e ele próprio não se manifesta sempre igual para cada um. Um se sentirá atraído para a mortificação; outro à exatidão na obediência; um terceiro para a contemplação deste ou daquele mistério de Nosso Senhor. Um fará a sua meditação de maneira afetuosa, dirigir-se-á de preferência à Eucaristia, ao Sagrado Coração, ou à Nossa Senhora. O Espírito de Deus é único, mas multiforme nas propensões que ele comunica às almas. Importa que essas inclinações sejam submissas ao Diretório: esse é o meio para discernir se elas vêm mesmo do Espírito de Deus.

Devemos ser pessoas meditativas, "*nostra conversatio in coelis est*" (nosso proceder está nos céus) (Fil 3,20).

Todas as vezes, certamente, que toparmos algo que nos toca, que nos faz bem, podemos aproveitá-lo para a meditação.

Peçamos muito o Espírito do bom Deus. Que ele nos instrua nesta arte da meditação. Que nos ensine a gostar da meditação; é a ciência dos religiosos, a ciência dos santos.

Sejam muito pontuais em fazer a sua meditação de manhã e à noite. Apliquem-se a isso de maneira particular durante esta semana.

CAPÍTULO DO DIA 14 DE DEZEMBRO DE 1887

A PREPARAÇÃO PARA O DIA

"Exercício de preparação do dia. Para formar-se na meditação os Oblatos darão preferência, acima de tudo, ao exercício da Preparação. Sendo a Preparação como um precursor de todas as nossas ações, ocupar-se-ão dela conforme a diversidade de ocorrências. Procurarão, por meio dela, preparar-se para atender e executar bem e louvavelmente seus afazeres." O negociante prepara o seu dia, suas compras e sua venda; o agricultor prepara suas ferramentas, seu cultivo; o jardineiro faz seus planos, prepara suas sementeiras e colheitas. Pedi ao jardineiro de frente que, em troca de pagamento, viesse ajudar André, o nosso jardineiro:

- Não posso, respondeu-me; se fizer isso, tenho medo... - Medo de mim?

- Não, mas tenho medo, medo de não dormir mais. Todas as noites, já passo parte do meu tempo preparando, de antemão, o que farei no meu jardim; se me ocupar também do vosso, não poderei dormir mais nada.

É o que nós devemos fazer durante o tempo da meditação: preparar o nosso dia. O que é o nosso dia? É a nossa santificação, é o céu; a vida se compõe só de dias. Vale a pena pensar nisso, que se observe o que se tem que fazer durante o dia, o que se precisa de evitar, quais as dificuldades que se terá de superar; numa palavra, o que se deverá fazer para conservar o santo amor de Deus no coração.

Esse exercício de preparação para o dia, sem dúvida alguma, pode interromper-se de vez em quando. Um dia de festa, de aniversário, um dia em que sentirmos uma atração especial, poderemos ficar com o pensamento que se nos impõe ou que nos requer a atenção. Mas o nosso Santo Fundador põe como fundamento o exercício de preparação, para que possamos pôr uma certa ordem e regularidade em todas as ações, e sejamos pessoas ordenadas, sem imitar os que cuidam só de uma parte de sua casa, entregando o resto à confusão, nem sendo tampouco como o comerciante que cuida bem de uma parte de seus negócios, mas descarta totalmente o restante. O exercício da preparação apresentar-nos-á o que vamos fazer durante o dia, os perigos que nos esperam, as dificuldades na aula, no trabalho diário, nas relações com os coirmãos, com o mundo.

"A primeira parte deste exercício é a invocação..." Certamente é um sujeitar-se, tomar esses pensamentos e essas palavras; mas essa sujeição dá liberdade. Sobretudo, nos momentos de aridez, de desânimo, de insatisfação, a gente, com o Diretório, tem com que nutrir a alma. Essas palavras são tiradas da Sagrada Escritura. O Espírito Santo reza em nós ao servirmo-nos das palavras da Bíblia. É um meio sumamente simples e eficaz de voltar ao fervor, proporcionando graças especiais. Esta é a Eucaristia da Palavra, como dizem os Santos Padres.

Depois dessas invocações, passamos à segunda parte. "A segunda parte é a imaginação. Não é outra coisa senão uma previsão ou uma consideração de tudo que possa acontecer no decorrer do dia. Com a graça de Nosso Senhor, portanto, irão, sabia e prudentemente, ao encontro das ocasiões que poderiam surpreendê-los."

"A terceira parte é o planejamento: Os Oblatos, com diligente consideração, procurarão os melhores meios para evitar os passos errôneos. Planejarão também e deliberarão interiormente o que lhes convém fazer." Devemos deter o pensamento no dia concreto à frente, nos deveres, nas faltas costumeiras; dou mal minha aula, por quê? Falto frequentemente à caridade, à cordialidade, por quê? Hoje devo fazer tal visita, atender tal ministério, mas é isto o que devo cuidar em tais circunstâncias e aquilo o que devo temer...

"A quarta parte é o propósito. Farão um firme propósito de obedecer à vontade de Deus, especialmente neste dia atual." Essas palavras: "Que os malvados façam contra mim o mal que puderem; o Senhor tem poder para subjugar a todos eles soberanamente; que o mundo ruja quanto quiser só contra mim, isso não me importa, pois Quem domina todos os espíritos é meu protetor," revelam o que se passava no coração do nosso Santo Fundador, no meio das maldades e das calúnias com que foi perseguido durante uma grande parte de sua vida. Essa citação extensa que ele faz a respeito é muito notável e nos manifesta quanto teve que sofrer nesse sentido.

"A quinta parte é a recomendação: Confiar-se-ão às mãos da Eterna Bondade com tudo o que deles depende. Suplicar-lhe-ão que se lembre sempre deles. Entregarão, incondicionalmente, a Deus o cuidado do que são e do que ele quer que sejam." Todo este exercício da preparação é uma grande obra-prima de estratégia espiritual e terrena. Mostra-nos como São Francisco de Sales costumava dirigir as almas. É um método simples e transparente. Olhem que humildade! Em que deposita sua confiança?

Em seus propósitos, em seus esforços? Emprega tudo isso, sem dúvida; aplica todas as forças de sua alma, para despertá-la, conservá-la alerta e pronta; e quando surge o momento, lança sua alma em Deus que, ele próprio, se encarrega do assunto. São Francisco não confia em si mesmo, mas somente em Deus. Joga-se completa e inteiramente em Deus. Eu não saberia recomendar-lhes suficientemente essa maneira de agir em todas as ações, mas seria certamente a mais proveitosa.

Dirijam as almas bem por esse caminho. Que se ensine a fazer bem a meditação dessa forma. Não creio que haverá muitas pessoas capazes de fazer meditação diferentemente. A meditação, dizia a Boa Madre, é o tempo no qual tratamos os nossos assuntos com Deus. Esses variam segundo as circunstâncias; essas situações variáveis, pois, deverão diversificar a nossa meditação.

-0-0-0-0-0-0-0-0-0-0-

CAPÍTULO DO DIA 21 DE DEZEMBRO DE 1887

A MEDITAÇÃO

O nosso Santo Fundador indica-nos, no capítulo da preparação para o dia, o método de meditação que devemos seguir e que devemos recomendar muito a todos os que desejam começar a meditar. É o método mais simples e mais proveitoso. Tomamos um por um os atos de nossa vida, através de uma previsão e então os oferecemos a Deus, santificando-os desde a manhã. É um método excelentíssimo; o nosso Santo Fundador o praticava desde a sua mais tenra idade, particularmente quando estudante em Pádua. É, pois, um bom método para ensinar aos jovens, mas com bastante discrição. Sendo que a meditação não está muito difundida, não é muito compreendida; precisa-se conduzir as almas pouco a pouco a isso. Deve-se fazer com que compreendam que é impossível salvar-se sem oração. Quem nunca tivesse rezado, certamente, não poderia ir para o céu; e a reza oral, a única que muitos compreendem, é boa só quando acompanhada da meditação. É de repetir muitas vezes, portanto, essa

recomendação. seja qual for o nome que se lhe der, ou a forma da que se a praticar, a meditação é absolutamente necessária. Um dia que inicia sem Deus, continua sem Deus. Façam com que se compreenda bem a necessidade de rezar. Hoje em dia, as orações na igreja são pouco frequentadas e as rezas particulares se tornam cada vez mais raras. É nosso dever, nossa vocação, não só rezar, mas também fazer os outros rezarem. Inculquem isso às crianças, na catequese. Que os Irmãos que têm os aspirantes consigo, lhes inspirem essa convicção e lhes ensinem, pouco a pouco, a assumir os pensamentos do Diretório e a ocupar-se com Deus. Notem bem isto: seja isso matéria do seu exame de consciência, observem se o cumprem bem.

Será que nossa meditação sempre deve consistir no exercício da preparação para o dia? Certamente não. Talvez sintamo-nos atraídos a contemplar algum mistério. É uma maneira muito boa de meditar. Um dia de festa, ou de aniversário, sentiremos uma preferência de ocupar-nos disso na meditação: esta também será uma maneira muito boa. Valer-nos-emos, então, das palavras do Evangelho, das boas leituras feitas, da lembrança de graças que Deus nos tiver concedido. É muito necessário fazer nossa meditação assim na ocasião das festas, para penetrar bem no espírito desses dias de graças. Façamos sempre assim as nossas meditações, sobretudo, antes das grandes solenidades. O tempo do Advento, que estamos passando, lembra os 4 mil anos de anelos dos Patriarcas, de desejos ardentes dos Profetas. Este era um tempo particularmente querido à Boa Madre, durante o qual ela parecia como transfigurada. Constantemente se mantinha alimentando os mesmos desejos desses santos Patriarcas, aguardando a vinda de Nosso Senhor na alma. Ele precisa chegar em cada um de nós. Sem dúvida, Nosso Senhor já realizou sua chegada: principalmente pela instituição dos Sacramentos. Mas que proveito teríamos, se não houvesse uma segunda vinda do Salvador em nosso coração por nossa fidelidade à graça? Quanta gente pobre não aproveitam a luz da fé que os circunda, porque não convidam o Salvador à sua alma! A esta festa de Natal, preparemo-nos bem, portanto, de maneira íntima, com todo o fervor de nossa fé.

Mas só experimento desgosto, cansa... Fiquem lá, perto do presépio, humildemente, como o último dos sacerdotes, o último dos religiosos e aguardem. Se o Senhor nem puder dizer que está aí, pense-o somente. Se passar uma meia hora de sofrimento, de aniquilamento, não haverá nada de mal nisso. Seja fiel: será um prestar serviço de guarda,

no silêncio, na humildade, na humilhação. Essa presença será agradável a Nosso Senhor e ele não esperará, talvez, até o fim do dia para devolver-lhe o cêntuplo. Porque se tiver passado assim todo o tempo da meditação, terá muito mérito, tanto para si, como para os outros. O Senhor levará a outros de sua plenitude, aos penitentes e alunos e todos que estão sob os cuidados dos Senhores.

No caso que o Senhor não conseguiu fazer a meditação de manhã, é preciso supri-la por maior fidelidade durante o dia. Se é de costume que não a pode realizar com a comunidade, considere-se comprometido durante o dia todo e substitua a ela através de breves momentos que puder lhe consagrar.

Tomem uma por uma as graças que Deus lhe tem dado; lembrem a caridade com que os tem rodeado; lembrem, outrossim, suas faltas; ou também detenham-se contemplando o mistério de Jesus na manjedoura. Se Deus usa de liberalidade em relação com o Senhor, aproveite-a. Se permanecer árido como uma lasca de lenha, diga como não me lembro qual santo: Senhor, eis-me aqui, feito cavaco, abraçai-o.

Quando os Judeus vêm procurar Nosso Senhor, antes da ressurreição de Lázaro, dizem-lhe: Marta o espera. Jesus fala com Marta e Lázaro não é ressuscitado. Madalena não diz nada: Jesus não lhe fala e ela, por suas lágrimas, e seu silêncio, obtém a ressurreição do seu irmão. (cf. Jo 11,20-33). Deve-se compreender bem isto: é o poder de Deus que opera e ela o faz de acordo com as nossas disposições.

Preparemo-nos bem, portanto, à festa do Natal, para que a vinda de Nosso Senhor traga grandes graças para a Congregação. Aproximando-se o Natal, na véspera da Imaculada Conceição, nos foi concedida a graça de nossa aprovação. Sendo agora uma parte do exército da Igreja, um corpo de leite, devemos esforçar-nos por desempenhar bem nosso dever, a ordem que nos é dada, realizando bem a nossa designação.

Imploremos muito a Boa Madre, para que nos dê um pouco do que ela tinha, sobretudo agora que essa solenidade de Natal se aproxima.

CAPÍTULO DO DIA 28 DE DEZEMBRO DE 1887

A MEDITAÇÃO - A RETA INTENÇÃO

Volto a falar sobre a meditação. Além do exercício da preparação para o dia de que falamos, dissemos que, em certas circunstâncias, ainda se podia fazer a meditação de contemplação, de afeição, de adoração, referente a algum mistério, a alguma verdade da fé, a uma festa determinada. Podemos fazer a nossa meditação com a mente toda imersa na comunicação com o Espírito Santo, com o Salvador, absorpta em toda a verdade e todo feito que nos leva a admirar mais, amar mais a Deus, a ser-lhe mais fiéis e a melhor cumprir os nossos deveres. É um bom método e deve ser praticado, como afirma São Francisco de Sales, nas várias ocasiões de festas e aniversários. Isso sempre se resume, claramente, na definição que já damos da oração: uma conversação com Deus sobre assuntos nossos. O método, para essa maneira de meditar, é o mesmo como para a preparação do dia. A gente se coloca na presença de Deus e o invoca; depois nos ocupamos numa conversação com Deus ou, então, na contemplação do mistério. Esse diálogo não se deixa definir; evidentemente não se sujeita a regras determinadas. Somente o Espírito do bom Deus o dirige e regula. Se nos encontramos desprovidos, sem mesmo sentimentos para oferecer, fiquemos perto de Deus, calmos, como indigentes, incapazes de qualquer coisa (cf. Lc 17,10). Esse exercício, às vezes, será mais proveitoso do que se fizéssemos uma bela meditação, com muita satisfação e fervor. Tenhamos pelo menos sempre muita boa vontade de ser fiéis, então teremos tudo o que podemos desejar a respeito de disposições para a nossa meditação; poderemos dar a Deus tudo o que a sua justiça reclama.

A meditação não deve ser muito difícil para nós. Ou temos alguma coisa para oferecer, ou não temos absolutamente nada. Tendo alguma coisa, está bem, agradeçamos a Deus; não tendo nada, muito humildemente adoremos a Vontade de Deus, seu Ser infinito que nos acabrunha. Uma meia hora dessa prostração é muito proveitosa. Não tendo nem isso, procuremos, pelo menos, recolher-nos o pensamento em Nosso Senhor; façamo-lo como exercício de ginástica espiritual. Os momentos passados assim, terão certamente seu mérito. Não é nunca o que fazemos, aquilo que

nos obtém a graça, mas é a disposição com a qual o fazemos. Nos Sacramentos não é assim. Pois eles mesmos são operantes. Nos outros assuntos da vida espiritual, todo o resultado depende da disposição, da boa vontade. Toda a nossa vida deve ser orientada nesse sentido. As graças concedidas por Deus estão em relação não com o que se faz, mas com a disposição da pessoa que atua. Aproveitemos bem essa doutrina na direção espiritual. Dessa forma é que meios diversos, empregados por pessoas distintas, poderão conduzi-las todas a Deus. A gente não se deve prender a este ou aquele sistema, a uma determinada maneira de agir especial. Deus se faz tudo para todos. Tentemos descobrir nas almas o que Deus quer delas e conduzamo-las não conforme as nossas idéias, mas segundo as de Deus.

A meditação é a base de nossa vida, de todo o nosso proceder. Devemos realizá-la não somente de manhã, mas durante toda a jornada, mantendo-nos na disposição habitual de manter contato com Deus. O grande motivo pelo qual o nosso Santo Fundador foi declarado Doutor da Igreja é este: sua doutrina, simples e ao alcance de todos, conduz as almas prontamente a fazer tudo com Deus, a viver continuamente na presença de Deus.

Artigo III - "Os Irmãos que quiserem prosperar e fazer progresso no caminho de Nosso Senhor hão de pedir-lhe a graça no começo de todos os seus atos, tanto interiores como exteriores, e oferecer à divina bondade tudo o que farão de bem, preparando-se assim a suportar todo o esforço e mortificação que encontrarem, com paz e serenidade espirituais. Aceita-los-ão como provindos da mão paterna do bom Deus e Salvador, cuja intenção é fazer com que alcancem méritos por esses meios e depois recompensá-los com a abundância do seu amor." Em cada momento, em cada exercício, é preciso renovar essa reta intenção. Sem dúvida, é uma sujeição, mas logo se adquire o costume que ajuda a fazer as coisas com mais facilidade e maior merecimento. O ato realizado por bom costume é mais meritório do que o voluntário, refletido. Aquele participa na natureza do voto que acrescenta uma graça especial a cada ato efetuado em consequência do voto. A prática da pobreza sem voto é menos meritória que o mesmo ato feito em virtude do voto. O costume também não diminui o mérito do ato; pelo contrário, o aumenta. O hábito tem alguma analogia com a graça habitual, que nos torna mais agradáveis a Deus - a nós e tudo o que fazemos - do que se fizéssemos uma série de atos refletidos, com o mesmo va-

lor intrínseco, mas sem essa graça. Observem como tudo se enlaça, se encadeia nesta doutrina.

Recomendo a reta intenção durante o tempo de férias. Na rotina normal, a gente forma facilmente o costume de fazê-la; quando se fica distraído por uma coisa ou por outra, o que acontece naturalmente durante as férias, a gente, muitas vezes, a esquece.

Será bom fazer freqüentemente o exercício da preparação da manhã sobre este ponto particular da reta intenção.

Esta foi praticada por todos os santos. São Vicente de Paulo, Santo Afonso de Liguori, por meio dela, se santificaram; ela constituía a base de suas vidas e os punha em contato habitual com Deus. Eles davam muitíssimo importância a esse exercício, como devemos fazer nós também. Tanto mais estamos nós obrigados a isso do que Roma a pronunciar-se, dando-nos a aprovação.